OBRAS DE JOÃO PENHA

EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDO

ELSA PEREIRA

VOL. IV
TOMO I – TEXTO CRÍTICO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FICHA TÉCNICA

Título: **Obras de João Penha. Edição crítica e estudo**
Vol. IV – Tomo I – Texto crítico

Autora: Elsa Pereira

Prefácio: Francisco Topa

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-8351-43-2

Depósito Legal: 403122/15

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Porto

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013 e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Contou ainda com o apoio de uma Bolsa de Investigação da FCT (referência SFRH/BD/41413/2007), financiada pelo POPH – QREN – Tipologia 4.1. – Formação Avançada, comparticipada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência.

A autora é bolseira de Pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/92155/2013), investigadora do CLUL e colaboradora do CITCEM, que acolheu e apoiou este projeto.

SUMÁRIO

Texto crítico 11

II – Prosas 13

1. Textos reunidos em livro 15

Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos 17

718. Prefacio 19

Por Montes e Valles 31

719. Prefacio 33

720. Rachel 46

721. Os nephelibatas 52

722. Uma estrophe de Victor Hugo 56

723. Chateaupers á la rescousse 59

724. Os parnasianos 64

725. Israël 71

726. Sylvia 74

727. Questão litteraria 83

I – Cerveja e alexandrinos 83

II – Alexandrinos e asclepiadêos 99

III – O paio e a emoção 110

728. As barbas de Carlos Magno 120

I – A canção de Roland 120

II – Trovistas e trovadores 131

III – A tragedia de Roncesvalles 140

729. A Orgia 146
I – Simões Dias, o glorioso cantor... 146
II – O assumpto principal d'este... 152
III – Na manhã seguinte, depois... 164
730. Mr. Le Symbole 167
731. Os visionarios 176

Novas Rimas 183
732. Prefacio 185

Echos do Passado 187
733. Prefacio 189
734. Colombina 191
735. Desceu, ha pouco, sobre nós, um decreto,... 200

Ultimas Rimas 209
736. Prefacio 211

O Canto do Cysne 215
737. Adeus, Manuel! 217
738. Um conde italiano 221
739. Dois livros 225
740. Poesia e arte 236
741. Os dois monumentos 245
742. Da Terra ao Sol 248
743. De Paris a Lisboa 252
744. Almôço campestre 260

2. Textos Esparsos 267

2.1. Prefácios em livros de outros autores 269
745. Prologo 271
746. Prefacio 276
747. Prefacio 284
748. Prefacio 289
749. Antes de subir o panno 292

2.2. Artigos 297

2.2.1. Dedicatórias e homenagens 299

750. Satanica em prosa 301

751. Satanica em prosa 302

752. O que pode consolar-nos... 303

753. Philosophando 304

754. A eterna alliança 306

755. Anthero 309

756. Os centenarios 311

757. Uma aventura nocturna 313

758. Se esta homenagem fosse 317

759. D. Zulmira de Mello 318

760. Luiz da Silva 325

761. Manuel Duarte d'Almeida 328

762. Visconde da Torre 335

763. Braulio 336

764. Oradores 338

765. Herculano 340

766. O nosso Luiz 342

767. Duas linhas 343

768. Una voce 346

769. O crime 347

2.2.2. Crónicas 351

770. Chronica 353

771. As soirées de Pindella 355

772. A Paizagem Portugueza de João Penha 358

3. Anexo 363

3.1. Editoriais e notas bibliográficas 365

773. Bibliographia 367

774. Preambulo 368

775. Expediente 371

776. Expediente 372
777. Expediente 373
778. Expediente 375
779. Expediente 378
780. Expediente 382
781. Expediente 384
782. Expediente 385
783. Expediente 386
784. Expediente 388
785. Expediente 391
786. Expediente 396
787. Expediente 397
788. Expediente 398
789. Expediente 399
790. Expediente 401
791. Expediente 403
792. Expediente 405
793. Expediente 408
794. Expediente 410
795. Preambulo 411
796. Expediente 413
797. Expediente 415
798. Expediente 418
799. Expediente 421
800. Expediente 424
801. Expediente 426
802. Expediente 429
803. Expediente 431
804. Expediente 433
805. Expediente 436
806. Expediente 438
807. Expediente 442
808. Preambulo 444

809. Expediente 446
810. Expediente 448
811. Expediente 450
812. Expediente 452
813. Expediente 454
814. Expediente 457
815. Expediente 459
816. Expediente 461
817. Expediente 466
818. Expediente 468
819. Preambulo 470
820. Expediente 472
821. Expediente 474
822. Expediente 476
823. Expediente 477
824. Expediente 480
825. Preambulo 482
826. Expediente 484
827. Expediente 486
828. Expediente 488
829. Expediente 491
830. Introdução 493
831. Ultimas linhas 496
832. Ultimas linhas 499
833. Ultimas linhas 503
834. A pharmacia 508
835. Luar empalhado 514

TEXTO CRÍTICO

II
PROSAS



1. Textos reunidos em livro



VIAGEM POR TERRA AO PAIZ DOS SONHOS

718

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 7-31.]

PREFACIO[I]

Em 1882 publiquei, debaixo do título de *Rimas*, uma primeira collecção de versos, dividida em quatro partes: *Vinho e fel, Onofre, Violão nocturno*, e *Lyra de Pangloss*. Sae agora esta, sob o titulo de *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*, titulo bastante comprido, mas que os meus leitores, se é que os tenho, poderão encurtar, lendo-o apenas até ao meio. Este volume contém, como aquelle primeiro, por symetria, tambem quatro partes: *A Musa que ri, Tancredo, As evocações* e *Arias modernas*. É natural que se imagine que as composições contidas neste meu segundo livro são posteriores ás colleccionadas naquelle primeiro; mas não é assim, porque, pelo contrario, a maior parte d'ellas não só são anteriores, mas até são das primeiras que compuz, sendo esta a principal razão porque substitui o titulo, primeiramente escolhido, de *Novas Rimas*,[II] por aquelle posteriormente adoptado.

A poesia intitulada *Epicurismo*[III] é, se bem me recordo, a primeira que publiquei: a *Eu e Elle*,[IV] inedita, é da mesma epocha. Estas duas poesias, se assim se lhes póde chamar, e ainda varias outras contidas na *Musa que ri*,[V] sem esta explicação, que me pareceu necessaria para elucidar os curiosos que se entregam a investigações de cousas insignifi-

---

I Para algumas reações suscitadas pelo prefácio, leia-se o Arquivo documental I, no Aparato Crítico.

II Este título seria posteriormente adotado no livro de 1904. Sobre os títulos ponderados pelo autor, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

III Vd. poema editado no n.º 68. Publicada em 1866, esta composição foi a primeira a receber o nome de João Penha, mas já em 1865 o autor dera a lume um folhetim anónimo, no âmbito da Questão Coimbrã (vd. poema editado no n.º 531).

IV Vd. poema editado no n.º 80.

V Trata-se da primeira parte da *Viagem por Terra ao Paiz do Sonhos* (vd. poemas editados nos n.os 65-80).

cantes, poderiam ser adduzidas como prova da minha decadencia, quando realmente não representam mais que o inicio da minha evolução artistica. Decadencia, se a ha, deve ser procurada nas duas composições, da mesma parte, o *Ultimo bohemio*,[VI] e a *Aventura*,[VII] e em todas as que constituem as *Arias modernas*.[VIII] São estas e algumas outras, unicamente, as que devem considerar-se posteriores ás *Rimas*, sem que se entenda, porém, que foram compostas durante o longo tempo que decorreu desde a publicação d'esse volume até agora, tempo de inercia artistica, forçada, empregado na luta ingloria pela existencia, – porque, bem ou mal, o foram ha mezes apenas. Os curiosos, pois, a que acima me referi, se porventura tiverem a phantasia de me lerem, e me quizerem ler com methodo, deverão principiar pela *Musa que ri*, excluidas aquellas duas poesias, e mais uma ou outra, e pelo *Tancredo*,[IX] o conto alegre da minha adolescencia artistica; passarão depois ás *Evocações*[X] e ás *Rimas*,[XI] e acabarão, se não adormecerem antes, pelas *Arias modernas*. Batendo nestas com o diapasão, e levando-o rapidamente ao ouvido, obterão a consonancia provavel das minhas futuras composições. Nas poesias antigas, que entram neste volume, e que são menos de metade das que poderia colleccionar se me fosse dado saber onde ellas param, não fiz alterações algumas, alterações que poderiam modificar-lhes a sua ingenua simplicidade artistica, quebrando ao mesmo tempo, quanto á fórma, a unidade sonora que, instinctivamente, lhes dei. Apenas substitui algumas palavras ou expressões que, por estudos posteriores da lingua, me pareceram de uma pureza mais que suspeita. A composição *Eu e elle*, a que já me referi, pela sua edade, deveria ser, na ordem da distribuição das materias, a primeira ou uma

VI Vd. poema editado no n.º 65.

VII Vd. poema editado no n.º 72.

VIII Trata-se da quarta parte da *Viagem por Terra ao Paiz do Sonhos* (vd. poemas editados nos n.os 82-97).

IX Vd. poema editado no n.º 81.

X Trata-se da terceira parte da *Viagem por Terra ao Paiz do Sonhos* (vd. poemas editados nos n.os 82-97).

XI Refere-se ao livro publicado em 1882.

das primeiras da *Musa que ri*; colloquei-a, porém, no fim, porque serve, por assim dizer, de introito ao *Tancredo*. *Elle* é o proprio Tancredo; *Eu* o outro personagem d'essa phantasia real. Para concluir estas explicações, direi ainda, quanto ao titulo: *Viagem por terra ao paiz dos sonhos* que, se o escolhi, foi porque me pareceu que nos meus versos, além do seu elemento real e essencialmente humano, havia tambem a projecção ideal d'esse mesmo elemento pelo sonho e pela phantasia.[XII]

***

Este prefacio não deveria conter senão isto, porque foi para dar estas explicações que me resolvi a escrevel-o; não obstante, como para prefacio ficaria demasiadamente anão, abalançar-me-ei, por vir a pêllo, a expor algumas ideas, talvez originaes, ácerca da arte poetica.

Defino a poesia: «a revelação harmoniosa do pensamento humano»; dou-lhe a mesma definição que á musica, sua irmã gemea e inseparavel. Nessa revelação «harmoniosa» é que consiste a arte poetica, immutavel em seus principios fundamentaes, como todas as outras artes, só variaveis quanto a circumstancias accidentaes ou secundarias. A existencia de escolas, mais ou menos distinctas umas das outras, tem origem neste facto, apenas. Na poesia ha, pois, segundo a minha definição, dous elementos: a idea e a fórma, nem até poderia deixar de ser assim, porque embora a idea possa existir amorpha, não se concebe o que seja uma fórma sem idea. Essa é comtudo a accusação que geralmente se faz aos chamados parnasianos. Apraz-me, porém, suppor que o que com essa accusação se quer dizer é que os parnasianos antepõem a fórma á idea. A este respeito, a questão resume-se em averiguar se a razão está do lado dos criticos, se do lado dos criticados. Ora, como isto prende com a definição que expuz, e que pretendo sustentar, direi algumas palavras ácerca d'esta materia, mas rapidas, porque isto é um simples prefacio, e não um curso de litteratura, e muito menos de psychologia ou physiologia.

57

XII A peculiaridade do título haveria de causar estranheza, entre os contendores da Questão Literária que se seguiu. A este propósito, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

Principiarei pela *idea*.

É sobremodo curioso o que a este respeito pensam e sustentam os physiologistas modernos. Quasi todos elles negam a existencia da alma porque, segundo dizem, nunca a viram, porque nas suas analyses nunca a encontraram. Sustentam uns que o homem não é mais que um simples composto de gazes: oxigenio, hydrogenio, azote e outros.

Não se comprehende bem como esses pobres gazes, combinados entre si de certa maneira, possam adquirir força de vontade, intelligencia e sensibilidade, e, revelando-se exteriormente, produzam poemas, estatuas, desenhos, operas e monumentos; é, porém assim, porque este phenomeno se observa, e, portanto, a consequencia logica d'aquelle principio ou antes d'aquella affirmação é que esses poemas, estatuas, pinturas, operas e monumentos não são realmente mais que productos chimicos, embora não classificados no diccionario do Wurtz.[XIII] Os *Lusiadas*, por exemplo, não são outra cousa mais que um composto de oxigenio, hydrogenio, azote, e vapor d'agua, porque Luiz de Camões outra cousa não era que um aggregado d'esses mesmos gazes.

Outros attribuem os phenomenos erradamente chamados psychologicos á substancia parda, existente no cerebro, e ultimamente Bombarda,[XIV] fazendo-se echo de physiologistas estrangeiros, modificando-os não obstante, declarou expressamente *urbi et orbe* que os actos, e portanto os pensamentos humanos, eram determinados, apenas, pelos neurones, e que o livre arbitrio não passava de uma phantasia da velha psychologia, que fazia rir a verdadeira sciencia. Todos os que ouviram o illustre conferente o applaudiram com uma prolongada salva de palmas, dizem as gazetas; parece-me, porém, que esses applausos pouco poderiam lisongeal-o, porque segundo a sua propria theoria, se elle fez aquella declaração categorica, é porque não podia deixar de a fazer, e se os que o escutaram o applaudiram,

XIII Refere-se ao *Dictionnaire de Chimie Pure et Appliquée*, do químico francês Charles Adolphe Wurtz (*1817 †1884).

XIV Alude ao determinismo radical do médico psiquiatra Miguel Augusto Bombarda (*1851 †1910), segundo o qual a consciência era ilusória.

palmeando-o, foi pela mesma razão, assente que não existe o livre-arbitrio: foram os neurones de uns a applaudir os neurones dos outros.

Realmente, nestas, como em muitas outras theorias dos modernos e dos antigos physiologistas, existe, como agora geralmente se diz á
107 franceza, «um fundo de verdade», – mas essa verdade é prejudicada por uma falsa orientação de principios, e por uma quasi incomprehensivel ignorancia de origens, determinadas por outras sciencias.

Como estas palavras envolvem uma accusação, accusação tanto mais grave quanto é certo que se dirige contra sabios que se repotreiam em suas cadeiras magistraes, parece-me que é do meu dever defendel-a.

Para mim, o homem não é o que elle suppõe. Suppõe elle, no seu orgulho incommensuravel, que é um sêr á parte, o rei da creação, um deus, e que este planeta, onde surgiu sem saber porque, nem para que, foi expressamente creado para lhe servir de pedestal: o sol foi acceso para o alumiar de dia, a lua foi creada para lhe servir de luminaria á noite.

Eu, apesar de pertencer ao genero, não o entendo assim: não vejo que haja differença sensivel entre o homem e o microbio, comparando a grandeza de um e outro com a d'este globo onde vivem. Suba-se a alguns kilometros de altura, n'um aerostato, e a maior agglomeração de homens parecerá, a quem de cima a observe, um simples formigueiro, d'ahi a pouco uma sombra, d'ahi a pouco, nada: Londres, com os seus quatro milhões de habitantes, desapparecerá n'um póro da terra: entre o homem e o microbio não haverá differença alguma: serão dous atomos do astro, fazendo ambos parte integrante d'elle, formados do mesmo barro, e sujeitos ás mesmas leis, ás mesmas forças que regem os mundos.

A Terra, pobre e insignificante planeta que nem luz propria tem, move-se á roda de si mesma, em vinte e quatro horas, com a velocidade da bala de canhão; girando assim sobre si mesma, move-se á roda do sol, em trezentos e sessenta e cinco dias, ou em trezentos e sessenta e seis, com a velocidade vertiginosa de 70 kilometros por segundo. A nebulosa,

ou conjuncto de soes, de que faz parte o nosso, com todos os seus planetas e satellites, gira sobre si mesma com uma velocidade inconcebivel, e essa mesma nebulosa, além d'este movimento de rotação, move-se ainda, conjunctamente com muitas outras constellações, á roda de um centro, que deve existir, ignorando-se aonde. Mas, não são só estes os movimentos dos astros: nebulosas, soes, planetas, e satellites, além d'aquelles movimentos de rotação e translação, caminham, no espaço, n'uma direcção que ninguem póde determinar, e, caminhando assim, não se movem, porque não se move quem tem sempre diante de si o mesmo espaço a percorrer: o infinito!

Quem assiste a este espectaculo, – porque isto vê-se até onde os olhos estupefactos da astronomia podem chegar – vê a Força, a Intelligencia, e a Sensibilidade Infinita em sua mysteriosa acção, ininterrupta, sem principio e sem fim: vê Deus.

Em meio d'esta massa estupenda de mundos, movendo-se vertiginosa, através do infinito, em sua mysteriosa evolução, quem poderá vêr a mónada,[XV] o chamado rei da creação? Ninguem.

A não ser elle proprio, cheio de orgulho: em Londres a foçar, de mangas arregaçadas, em bioplasmas; em outras moleculas do astro, a medir anfractuosidades de cerebro, bossas e fossas, a mexer em substancias pardas; e em Paris, resumindo todas as conclusões da sciencia physiologica, a mandar riscar de todos os livros escolares a palavra obsoleta: Deus!

Não obstante, e por mais que elle faça, diga, affirme ou negue, o que elle é realmente é um atomo ou pouco mais do globo em que vive, e do qual faz parte. Os agentes metereologicos actúam sobre elle, e principalmente sobre o seu systema nervoso, e sobre a parte liquida do seu organismo, como sobre todas as outras substancias terrestres: os phenomenos excepcionaes, como os terremotos e as erupções vulcanicas, que lançam na atmosphera os gazes represados no ventre do astro, produzem nelle, affectando-lhe todos os seus elementos physicos,

XV Assim é designado o Ser Supremo, em vários sistemas gnósticos.

perturbações manifestas que podem determinar um desequilibrio, mais ou menos intenso, em suas funcções vitaes. Agentes, porém, mais poderosos, como são os que provêm das attracções e repulsões astraes, os originados nas perturbações que produz, no nosso systema planetario, a passagem dos cometas, as alterações cosmicas produzidas na nossa nebulosa pela velhice, enfraquecimento ou morte de alguns dos soes que a compõem, a formação de outros, e sobretudo a aproximação ou afastamento d'essa nebulosa de outras que estão disseminadas no infinito, são os que, influindo mais ou menos directamente sobre a terra, e, portanto sobre o organismo do homem, o impellem, quasi automato, n'uma direcção que elle desconhece. Em qual? Na da propria evolução dos mundos. A evolução da humanidade que o homem, no seu nunca desmentido orgulho, attribue a si proprio, não é differente da dos astros: é a mesma, determinada por Deus, para um fim que só elle conhece.

Mas, dir-se-ha: essas conclusões longe de contrariarem as theorias dos materialistas antigos e modernos, manifestamente as confirmam, embora por outros fundamentos, e assim é; – as cousas, porém, mudarão de aspecto, logo que, admittida a existencia da alma, não como uma simples hypothese, mas como um facto, averiguado por todas as sciencias dignas d'este nome, e pelo estudo de nós mesmos, se determine a sua intervenção nos actos humanos.

Não vem para aqui a discussão de velhos themas, como o da união da alma com o corpo, o da sua natureza immortal ou transitoria, o da séde onde reside, e de muitos outros, e não vem para aqui, porque isto não é, como eu já disse, e não cesso de o repetir, um curso de philosophia, mas um simples prefacio de um livro de versos. Direi, porém, em poucas palavras, e como segunda premissa do argumento que estou desenvolvendo, quaes são as minhas ideas áquelle respeito.

Como profundamente se diz no *Genesis*, o homem foi feito á imagem e semelhança de Deus.[XVI] Em que sentido? No de que tem em si a força (voluntas), a intelligencia e a sensibilidade, não distinctas, mas

XVI Gn. 1: 26-27.

formando uma unidade indivisivel, a alma, e que são como que a imagem reflexa de Deus, que é a Força Infinita, infinitamente Intelligente e Sensivel.

Essa parcella divina está, a meu vêr, consubstanciada, não, por exemplo, na mónada genitriz, mas em todo o organismo do homem, como o calor n'um ferro em brasa, embora actue mais directamente sobre o encéphalo, centro d'onde irradia todo o systema nervoso. D'esta união, tão intima, resulta um mutuo amor, uma reciproca influencia, de modo que se a materia, pela sua superabundancia, pela sua força, ou por outras circumstancias accidentaes, domina a alma, a acção d'esta é neutralisada, e póde até ser aniquilada; se, pelo contrario, é a alma que predomina, e subjuga a materia, amando-a não obstante, o corpo obedece-lhe como um escravo submisso. D'aqui a repugnancia pelo estudo, a ignorancia, a sensualidade e a estupidez em uns; o amor pelo saber, a preferencia dos prazeres espirituaes sobre os mundanos, a sciencia, o genio e o talento, em outros.

Mas em que sentido será a acção mysteriosa da alma sobre o corpo?

No da evolução geral do universo, determinada por Deus, contra o qual a alma não póde estar em opposição, porque d'elle proveio, e é feita á sua imagem e semelhança. Serve, pois, de guia ao homem, e dirige-o, actuando directamente sobre a parte do seu organismo mais adequada á sua actividade, e sobre os materiaes que esse organismo lhe offerece, em ordem a encaminhal-o durante a sua trajectoria nesta vida.

Se a alma não cumpre esta missão ou se é dominada pela materia, ha rebeldia, aberração, loucura e morte: o homem não cumpre o seu destino e descerá talvez a mundos inferiores.

Entre os materiaes sobre que a alma exerce a sua actividade avultam as ideas. Transmittem-se na sua quasi totalidade, ao encéphalo, por meio dos sentidos, e ahi se fixam. É preciso não confundir ideas com juizos ou pensamentos, os quaes não podem formar-se sem a intervenção da intelligencia. As ideas, pelo contrario, podem existir, e existem, sem essa intervenção, e até, amorphas, podem determinar, automaticamente, movimentos sensitivos. A intelligencia apodera-se das

ideas, e trabalhando-as dá-lhes fórma de expressão, que póde permanecer latente, ou transmittir-se ao mundo exterior.

É d'esta ultima transmissão, e no mundo da arte, que eu passo a occupar-me, porque tudo o mais está fóra da these que eu me propuz defender, e que é: que a poesia é a revelação harmoniosa do pensamento, e que nessa revelação a fórma é o principal; a idea, materia prima da procreação artistica, uma cousa relativamente secundaria.

Como passo do mundo abstracto para o concreto, substituirei,
239 n'esta segunda parte da minha demonstração, a expressão *alma* pela de
240 *artista*, o homem cujos elementos psychicos sobrepujam os physiologicos.

Como deverá elle proceder na procreação de uma obra d'arte? Como procedem os grandes artistas.

Se não são erróneos os principios que acima expuz, e em que fundamento, ainda que o não pareça, toda a minha demonstração, – assim como o homem foi feito á imagem e semelhança de Deus, assim a obra d'arte deve ser feita á imagem e semelhança do artista que a procrie. Deve, pois, procurar entre os seus proprios pensamentos os que lhe pareçam mais adequados ao fim que se proponha, e não entre os pensamentos dos outros, porque só assim poderá ser original. Nessa escolha não deve preoccupar-se de quaes sejam as ideas do seculo, porque a evolução da humanidade, como a dos mundos, obedece, segundo os principios que expuz, a forças exteriores, que actuam sobre todos os seres, e os impelle ao seu destino; e assim, a não haver rebeldia contra essas forças, e, portanto, aberração, a sua obra, seja qual fôr a idea que para ella prefira, será do seu tempo, e seguirá, na mesma trajectoria, o movimento geral. Escolhida d'este modo a idea, sem preoccupações algumas, é preciso procreal-a, dar-lhe fórma exterior, em ordem a que possa ser admittida no mundo, a poucos accessivel, da arte.

Os principios que até aqui expuz são applicaveis á procreação de qualquer obra d'arte, mas agora fallarei só da poesia, porque é sobre ella que, realmente, versa este ligeiro estudo.

A fórma d'um pensamento poetico é o rythmo e a sonoridade musical. Não separo a poesia da musica, porque estas duas artes estão

tão intimamente ligadas, que uma não póde existir sem a outra: a differença que póde haver entre ellas é a de que na musica a melodia está no canto, e a harmonia no acompanhamento orchestral; e na poesia, a melodia está no pensamento, e a harmonia no verso.

O fundamento da musica está na producção, na mesma unidade de tempo, de um ou mais sons: maximas, minimas, colcheas, semi-colcheas, fusas e semi-fusas.[XVII] Cada unidade de tempo fórma um compasso, marcado, na musica escripta, pelas linhas verticaes áquellas em que se acham desenhadas as notas. Sem essas linhas, que indicam os compassos, nenhum musico poderia executar a composição, nenhum a comprehenderia. O verso obedece, em geral, a estes mesmos principios: cada verso é um compasso, differindo apenas dos musicaes em que póde comportar um maior numero de notas. Esse numero é, comtudo, limitado, e não póde exceder a doze sons, porque até ao duodecimo ainda chega a ondulação rythmica produzida pela vibração da primeira nota, e cessa depois, sendo necessario renoval-a. Ultrapassado aquelle limite, como ultimamente o têm ultrapassado, a capricho, alguns poetas nossos e estrangeiros, o verso é prosa, como uma musica sem compasso é charivari.[XVIII] No verso é, pois, necessaria uma medida regular, subordinada á unidade de tempo.

Mas, além d'isso, e ainda mais do que isso, é necessario o rythmo. Que deverá entender-se por esta palavra?

Disse eu, comparando, que um verso era um compasso musical: o rythmo é o compasso do verso: é o seu movimento cadenciado, a sua ondulação regular, a sua marcha harmoniosa. Na natureza todo o movimento é rythmico: o nosso planeta move-se no espaço, não como uma bola de marfim n'um taboleiro de bilhar, mas como um barco n'um mar tranquillo. Na sombra da terra, desenhada no

XVII Enumeram-se algumas unidades de tempo, na composição musical.

XVIII Assim se denomina uma música discordante.

disco da lua, por occasião de um eclipse, eu mesmo vi esse movimento cadenciado. Na voz e no canto de todos os animaes, no seu andar, nas vibrações produzidas pelo vento, na ondulação das aguas, na voz das florestas açoitadas pela tempestade, nas proprias tempestades, em tudo em fim em que ha movimento, ha harmonia e cadencia, ha rythmo.

Até aqui, não tenho feito citações algumas, por entender que não seria modesto citar-me a mim mesmo; com referencia, porém, ás ideas geraes que expuz, relativas ao rythmo, farei uma excepção, e nomearei Tindal,[XIX] como um dos escriptores que abundam nessas mesmas ideas.

No verso, o rythmo consiste em ondulações parciaes, fixadas, regularmente, pela vibração de uma nota mais accentuada, partindo da qual se inicia um novo movimento vibratorio. Entre os romanos, essa nota era sempre fixada na ultima syllaba de cada um dos pés em que o verso era dividido. Chega a não comprehender-se o trabalho artistico que deveria ter, por exemplo, Virgilio em combinar os vocabulos de todo o seu maravilhoso poema a *Eneida* em ordem a ser todo elle composto em pés dactylos e espondeos![XX]

Entre nós, só nos versos de nove ou mais notas: gregorianos,
311 decassylabos (heroicos ou saphicos) de arte maior e alexandrinos[XXI] é que a harmonia exige, fixada nas mesmas notas, aquella ondulação rythmica.

Como isto não é um tratado de versificação, abster-me-ei de dizer quaes são essas notas.

Nos outros versos ha tambem a mesma ondulação vibratoria, mas variavel de verso para verso, isto é, sem regularidade quanto ás notas em que deva fixar-se.

XIX Trata-se do inglês Matthew Tindal (*1657 †1733), um dos nomes influentes do pensamento iluminista.

XX Refere-se a duas unidades rítmicas do sistema métrico greco-latino: o espondeu (sequência de duas sílabas longas) e o dáctilo (com uma sílaba longa e duas breves).

XXI Refere-se a alguns tipos de verso da métrica portuguesa: o gregoriano anapéstico (verso de nove sílabas métricas, com acentuação na 3.ª, 6.ª e 9.ª), o decassílabo heroico (verso de dez sílabas métricas, com acentuação na 6.ª e 10.ª) ou sáfico (com acentuação na 4.ª e 8.ª) e o alexandrino (verso composto por dois hemistíquios de seis sílabas métricas).

A estructura mechanica do verso, porém, não exige só isto: exige que o conjuncto de sons que o constituem esteja em completa harmonia com o conjuncto de ideas que formam o pensamento. É este o trabalho mais complexo e mais difficultoso do artista. Os diversos vocabulos devem ser combinados de modo que o som que produzam, abstraido das ideas que elles contêm, formem um pensamento musical que se coadune com o d'essas ideas. Só d'esse modo poderá haver no verso intima união entre a harmonia e a melodia, isto é, arte. A rima, que é um valioso elemento do verso, deve subordinar-se a estes principios.

São estas, em geral, as minhas ideas sobre o assumpto. A definição que dei da poesia: revelação harmoniosa do pensamento, parece-me justificada, bem como me parece justificado, pelo confronto da formação quasi inconsciente e mechanica da idea, e o laborioso trabalho de lhe dar fórma externa, que esta, no mundo da arte, tem um valor incomparavelmente superior ao d'aquella, que, nesse mundo especial, não representa mais que a materia prima sobre que o artista exerce as suas aptidões intellectuaes: o valor de uma esculptura não está na materia de que é feita: marmore ou granito, bronze ou ferro, gesso ou barro: está na mão d'obra: na fórma correcta, na belleza de linhas que o estatuario lhe conseguiu dar.

Aquelle, porém, que conseguir unir uma bella idea a uma fórma absolutamente correcta, deverá ser contado entre o numero dos grandes artistas do seu tempo: *inter divos*.

***

Nos insignificantes versos que vão ler-se (não fallo dos da minha infancia artistica) esforcei-me por ir pondo em pratica os principios que deixo expostos: ignoro, porém, se o consegui. Em todo o caso esses versos são feitos á minha imagem e semelhança, e, tendo observado que eu era, como todo o homem, um animal que ri e chora, entendi que devia revelar-me debaixo d'esses dous aspectos, – sem me rir á gargalhada, por ser cousa de mau gôsto, e sem chorar como um recemnascido, por ser uma cousa feia, que faz mal aos nervos.

POR MONTES E VALLES

719

[Por Montes e Valles, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 5-20.]

PREFACIO
Antonio[I]

Antoine, um actor de Paris, que por sobrenome não perca, veio, haverá dous annos, a Lisboa,[II] e, convidado pelos principaes homens de letras a expôr as suas ideias ácerca da arte theatral nos tempos actuaes, subiu a um estrado, e, modestamente, declarou, num discurso substancioso, extrahido dos folhetins de Sarcey,[III] – que os principios reguladores da Arte, nas letras e na dicção, consistiam em escrever as cousas sem rhetorica, com simplicidade, e em dizel-as, do mesmo modo, sem artificios e sem declamações, como naturalmente se dizem. Antoine foi ruidosamente applaudido por todos os circumstantes, os quaes, no fim do discurso, o acompanharam, por deferencia e em prova de consideração, ao hotel onde se hospedara, e onde lhe offereceram um copo de champagne, aproveitando-se da occasião o redactor principal do *Echo do Globo* para brindar ao «cerebro do mundo» – Paris.

O Rei, decerto, o teria condecorado com a gran-cruz da ordem de S. Thiago, se a rainha D. Amelia lhe não dissesse:

16 – «Sire, Antoine est bien pauvre sire pour un si grand honneur. D'ailleurs, il n'a dit que des bêtises.»[IV]

I Em carta dirigida a Antero de Figueiredo, João Penha alude às ideais expressas neste texto (vd. Arquivo documental I, no Aparato Crítico).

II Refere-se ao encenador francês André Antoine (*1858 †1943), o fundador do Théâtre Libre, que veio a Lisboa, pela primeira vez, em 1896. Também por cá, o pai da encenação moderna, de afinidade naturalista, causou polémica, com a sua apologia à sobriedade da dicção em palco.

III Alude ao jornalista francês Francisque Sarcey (*1827 †1899), o implacável crítico teatral do "feuilleton" do jornal *Le Temps*.

IV O diálogo entre a rainha D.ª Amélia (*1865 †1951) e o rei D. Carlos (*1863 †1908) é concebido em Francês, por ser a língua nativa da Princesa de Orleães. Trad: "Senhor, Antoine é um senhor muito pobre para tão grande honra. Além disso, ele não disse mais do que asneiras".

Não sei bem se a augusta princeza disse esta ultima phrase, e por isso não posso affirmal-o, mas, se a não disse, então disse-a eu, e, em taes circumstancias, devo sustental-a, mesmo porque vejo que as suppostas ideias de Antonio são as de muitos criticos e homens de letras que, com mais ou menos distincção, occupam logares elevados no mundo das artes.

Neste proposito, e caminhando do simples para o composto, começarei pela analyse das ideias relativas á arte theatral. São: «que as cousas devem dizer-se sem artificios, e sem declamações, como naturalmente se dizem.»

Dizer isto e não dizer nada é uma e a mesma cousa. Se se quizesse assentar, como principio, que no theatro as cousas devem dizer-se com naturalidade, mas segundo os temperamentos ou os caracteres dos personagens, e segundo as circumstancias do thema que se desenvolve, esse principio seria verdadeiro; mas não é isso o que se pretende: o que se pretende é que tudo se diga sem movimentos de paixão, sem alterações na voz; que se falle como fallam os personagens da maior parte dos romances de uma certa escola moderna, personagens de que só se estuda a parte animal ou exterior, com exclusão absoluta d'aquillo que antigamente se chamava a alma.

Jason vê, de repente, estendidos no chão, seus filhos, assassinados por Medêa. Recúa, como diante de uma visão do inferno, e, desvairado, pergunta-lhe:

– «Quem os matou?

42 – Tu!» responde a rival de Creusa.[V]

***

– «Jasmim, quem foi a grande bêsta que me pôz estas botas enlameadas em cima da cama?

– Foi vossa excellencia. É que não reparou.»

V Alude ao mito grego, conforme encenado na tragédia de Eurípides. Segundo esta versão, Medeia matou os próprios filhos, para se vingar do esposo infiel (Jasão) e sua amante Creúsa.

Segundo Antonio, ou, antes, segundo os que seguem as ideias por elle indicadas, aquelle «Tu» que representa a synthese de uma tragedia de amôr e ciume, com o seu desenlace imprevisto, não deveria ser dito como a Ristori[VI] o dizia, sêcco, frio e cruel, penetrante como a ponta d'um florête, mas como elle proprio Antoine, no papel de Jasmim, proferia aquelle: «Foi vossa excellencia.»

A phrase de Mario, errante e fugitivo entre as ruinas de
53 Carthago;[VII] o dialogo da cotovia, de Romeu e Julieta;[VIII] o da prece
54 entre o mouro de Veneza e Desdémona;[IX] o monologo de Lady Macbeth;[X] o de Hamlet;[XI] as imprecações do rei Lear, sobrepujando os urros da mais terrivel das tempestades;[XII] a voz de Belisario, cego, pedindo esmola aos mercenarios que passam;[XIII] os terrores de Margarida na cathedral de Francfort,[XIV] tudo deve ser dito, sem gritos, sem lagrimas na voz, sem a rouquidão dos lances supremos, sem rugidos de colera ou de ciume, serenamente, como se todos aquelles personagens, e mil outros da historia, ou da tragedia antiga e da moderna, fossem simples burguezes, de guarda-chuva debaixo do braço,

---

VI Refere-se à atriz italiana Adelaide Ristori (*1822 †1906).

VII Alude à célebre resposta do cônsul Gaius Marius (*ca. 157 †86 a.C.) ao mensageiro de Sextílio, que em nome de Sila intimara o general a abandonar aquela província romana, durante o exílio: "Diz ao pretor que viste Marius fugitivo, sentado nas ruínas de Cartago".

VIII Remete para a Cena 5, no Ato III da tragédia de William Shakespeare *Romeo and Juliet* (ca. 1597), em que a cotovia, mensageira da manhã, separa os dois amantes.

IX No Ato V da tragédia de William Shakespeare *Othello, the Moor of Venice* (ca. 1603), o protagonista mata Desdémona, alheando-se às súplicas da esposa inocente.

X Alude ao monólogo arrependido de Lady Macbeth, no Ato III da tragédia de William Shakespeare *Macbeth* (ca. 1606).

XI Trata-se do angustiado monólogo do protagonista, na Cena 1, Ato III do *Hamlet*, de Shakespeare ("To be, or not to be: that is the question...").

XII Remete para a Cena II do Ato III da tragédia de Shakespeare *King Lear* (1608), em que o Rei exprobra as suas filhas, debaixo de uma violenta tempestade.

XIII Refere-se ao general bizantino Flavius Belisarius (*ca. 505 † 565), acusado de conspirar contra Justiniano. Segundo a lenda popularizada por Marmontel (1767), o imperador tê-lo-á mandado cegar, condenando o general a pedir esmola aos viandantes.

XIV Alude à conhecida cena, no *Faust* (1808) de Goethe, em que a jovem Margarete se recolhe na catedral, onde é atormentada por sentimentos de culpa.

coroneis reformados de bigodes hirsutos, dandys[XV] de monóculo fixo, damas nocturnas, ambulantes industriaes d'amor, ou jovens fim-de-
65 seculo, tão destras no jogo dos pedaes, como no do cricket ou do lawn-
66 tennis![XVI]

Se, porém, o que Antonio queria dizer era que no theatro, como acima ponderei, as cousas devem dizer-se *com naturalidade*, mas segundo os temperamentos e os caracteres dos personagens, a epoca da acção, e as circumstancias especiaes do enredo que se desenvolve, nesse caso disse uma cousa velha, ou, como se diz na lingua d'elle, uma enorme «banalidade» – porque sendo, em taes condições, a naturalidade variavel até ao infinito, não poderia estar subordinada a uma regra fixa.

Deixemos, pois, o theatro e o proprio Antonio, do qual me não tenho servido senão como de um môno de palha para sobre elle atirar as settas inoffensivas da minha critica, talvez errónea, e passemos ao livro.

O principio adoptado por muitos é o de que deve escrever-se com a maxima simplicidade, sem effeitos rhetoricos.

É preciso examinar-se isto um pouco detidamente.

E, em primeiro logar, o que deverá entender-se por simplicidade? Será cousa que exista na natureza? Viu-a alguem? Será uma realidade ou uma pura phantasia convencional?

É o que passo a averiguar, procurando-a e estudando-a na natureza, nos costumes e nas artes.

Na natureza, não a encontro. Ha, é verdade, segundo dizem todos os sabios, um pequeno numero de corpos a que elles chamam simples, mas essa simplicidade, ainda assim duvidosa, é só relativa á sua composição organica. Tudo mais que se observe é prodigiosamente composto, inextricavel, complexo, obscuro. Aquellas mesmas cousas que nos parecem «naturaes» não se nos afiguram assim, senão porque as vemos continuamente repetidas; mas se attentarmos bem nellas, não só as não poderemos explicar senão por umas razões de phantasia que, á

XV *Dandy* é uma palavra inglesa que refere o homem elegante ou janota.

XVI Refere-se a dois conhecidos jogos de origem inglesa, praticados pela alta sociedade: o críquete e o ténis na relva.

falta de cousa melhor, inventamos para nosso uso proprio, mas até concluiremos, se formos sinceros, que não ha uma só que não seja inexplicavel, mysteriosa e absurda.

Um dia procurei um sabio e perguntei-lhe a razão por que um pau lançado numa fornalha ardia, e uma pedra lançada na mesma fornalha não ardia.

O homem de sciencia, ao principio, olhou-me com surpreza; mas depois, encolhendo os hombros:

– Volte d'aqui a um mez, – me respondeu.

Quando, passado esse mez, o procurei de novo, entregou-me dois grossos volumes manuscriptos.

– «Ahi tem a minha resposta: leia, medite, e conclua.»

Li a obra com a attenção que merecia um trabalho especial de um dos primeiros sabios do mundo. O estudo era completo; os principios seguros; a argumentação rigorosamente conduzida; as citações innumeras; as conclusões parciaes logicamente condensadas para fundamentarem a conclusão final; illustrações a traços e uma tabella de corpos comburentes e não comburentes elucidavam e explicavam o texto; – era, emfim, a obra mais perfeita das que até ali tinham sido escriptas sobre aquella importante materia.

A conclusão final era:

«Um pau lançado numa fornalha, arde, porque arde; – uma pedra lançada na mesma fornalha, não arde, porque não arde.»

Quando, reconhecido, lhe fui restituir o precioso manuscripto, disse-lhe:

– Agora já sei a razão de muitas cousas que eu julgava mysteriosas, e que são extremamente simples.

– Por exemplo?

– Já sei, por exemplo, a razão porque as arvores não andam.

– E qual é? Por não terem pés?

E nos olhos do sabio vi desenhar-se uma expressão zombeteira.

– Não, porque as giboyas tambem os não têm, e andam.

– Então, por que?

– Porque não andam.

O sabio *retulit retro pedem*,[XVII] deu um passo atráz, e depois de me contemplar um momento, em silencio, voltou-me as costas.

Mas, a que proposito vem isto?

Ah! da simplicidade... na natureza. Em resumo: procurando-a ahi não a encontrei nem nas cousas, nem nos phenomenos ainda os mais vulgares e mais apparentemente simples.

Vejamos agora nos costumes.

Se nelles existiu nos tempos primitivos, ha já milhares de seculos que não existe. Nas epocas paradisiacas, e nas que se lhe seguiram, o homem levantava-se com a aurora, e sem se lavar e sem fazer a barba, devorava um resto de pá de javali que lhe ficára da vespera; em seguida ia á caça, e quando o sol tocava o seu zenith,[XVIII] jantava, comendo cru o rangifer ou o urso que conseguira matar; depois deitava-se entre as hervagens, resupino, a dormir a sesta ou a caçar as moscas. Á tarde dava o seu passeio de exploração em torno da caverna onde habitava. Á noitinha ceava, e logo em seguida deitava-se com a sua femea até ao dia seguinte.

Foi isto assim durante muitos seculos, e foram esses os unicos tempos que poderiam dizer-se de feliz innocencia ou de bestial simplicidade.

Depois, tudo se foi complicando pouco a pouco. Realmente o homem posterior, como o de hoje em dia, não faz, por fim de contas, senão aquillo mesmo que fazia o homem primevo: levanta-se, almoça, caça, isto é, trabalha para comer, janta, dorme a sesta, dá um passeio, recolhe a domicilio, ceia, deita-se com a sua femea, e dorme até ao dia seguinte. A civilisação, porém, inventada por elle para seu martyrio, complicou tudo isto, que era realmente simples, pelo menos na apparencia.

Pouco a pouco, e succesivamente, inventou o lavar-se, o pentear

---

XVII A expressão latina provém da fábula de Fedro "O leão e o ladrão" (Phaedrus, *Fabularum*, Liber II, fabula 1"Iuvencus, leo et praedator", v. 6). Trad.: "atrás recuou".

XVIII Este termo é comummente usado para referir o ponto mais alto que o sol atinge, na sua aparente órbita à volta da terra.

o cabello, o fazer a barba, o cortar as unhas, o vestir os membros nus. Inventou a escola, o exame de latim, os concursos. Substituiu a caça aos animaes pela caça ao freguez. Inventou a cozinha, ou a arte de envenenar o que se come; o casamento, ou a carne cozida conjugal; o parlamento, officina de leis, das quaes elle mesmo é a bêsta de carga; o fisco, um Moloch peor que os das epocas antigas;[XIX] o gamão e a bisca, para matar o tempo; a leitura, o theatro, o baile e a taberna, para castigar o corpo, preparando-o, ao mesmo tempo, para um somno reparador. Finalmente, inventou, para repousar, a cama, leito ou catre mais ou menos fôfo, collocado invariavelmente na parte mais recondita da gaiola, onde vive, gaiola em que ha umas aberturas, chamadas janellas, que elle fecha á noite para não entrarem os mosquitos, e por onde, de manhã, mette a cabeça para observar o estado da atmosphera, ou para vêr o que se passa na rua.

D'aqui, e de muitas outras cousas mais, a complexidade inextricavel dos costumes actuaes da humanidade.

É certo que, em diversas epocas, têm apparecido homens cheios de abnegação e de bons desejos que se têm esforçado por simplificar esses costumes, fazendo-os approximar, por uma evolução ás arrecuas, das epocas primitivas; mas os seus esforços têm sido baldados, porque, talvez por effeito de uma evolução em sentido contrario, tudo se vae complicando cada vez mais.

Ultimamente appareceram Kneipp e Kuhne,[XX] dous sabios que se completam um ao outro. Um queria que o homem vivesse na agua: agua por dentro e agua por fóra, de dia e de noute, são ou doente, deitado ou a dormir; queria, ao que parece, transformal-o em peixe. O outro queria que elle se alimentasse unicamente de vegetaes: de milho, herva, e de alguns farinaceos. D'estas duas combinações resultaria talvez, com o decorrer dos tempos, uma notavel transformação na fórma exterior do homem: de macaco passaria a uma especie de hippocampo, e

XIX Alude aos ritos sacrificiais dos amonitas apóstatas, que imolavam crianças ao deus Moloc (2 Rs. 16, 3-4; 23,10; Jr. 32,35).

XX Refere-se a dois grandes médicos alemães, que defenderam a causa naturopática: Sebastian Kneipp (*1821 †1897) e Louis Kuhne (*1844 †1907).

o seu viver seria realmente simples: ora nas aguas a nadar como um tritão, ora nos prados a pastar como um jumento.

Esta perspectiva, que simplificava realmente os costumes quanto a hygiene e regimen alimenticio, e que tinha a inapreciavel vantagem de, abreviando singularmente os dias da existencia, acabar mais cedo com os nossos soffrimentos neste valle de miserias, foi recebido, ao principio, com um enorme enthusiasmo pelas populações urbanas, que são as mais illustradas, mas em breve e depois dos primeiros ensaios, tudo voltou ao antigo estado; tal é a força do vicio, e dos habitos inveterados!

Com referencia ao vestuario, principalmente ao das senhoras, a luta pela simplicidade tem sido mais vigorosa e persistente, por parte de
197 certos paes de familia, porque prende com a questão da economia
198 domestica, e por parte de muitos escriptores e poetas, porque em sua imaginação viciosa e desregrada entendem que a simplificação do vestuario da mulher deverá ir, segundo as leis da natureza, até ao nú.

Não digo tanto; mas a simpleza nos trajos femininos seria realmente encantadora.

Imagine-se, – e é assim que os escriptores e poetas, a que me referi, a pintam, – uma joven senhora, vestida com um simples vestidinho branco, de cassa, ou de qualquer outro estofo semelhante; a golilha alta, para se encobrir castamente os seios; lisa e sem fólhos ou volantes, a saia, pendente como tunica de vestal sobre seus pés invisiveis. Penteiem-na á Linda de Chamonix,[XXI] com a risca ao meio; singelas as duas tranças, atadas com uma fitinha azul ou côr de rosa. Finalmente, colloquem-lhe nas mãos, sem luvas, um ramo campestre, isto é, de papoilas, rosas de todo o anno, ervilhas de cheiro e alecrim do norte.

Imaginem agora outra dama vestida segundo o systema antigo. O vestido, de custoso brocado de seda e ouro, deixa-lhe vêr nús os braços e o seio. A cauda forma-lhe uma onda, de reflexos luminosos, tão

XXI Refere-se à jovem campesina que protagoniza a ópera homónima de Gaetano Donizetti (1842).

ampla e pesada que é só a grande custo que um pequeno pagem, arabe de phantasia, vestido como um principe dos contos de fadas, a levanta e sustém. Na cabeça, penteada á moda das gregas da antiga Ionnia, scintilla um diadema de esmeraldas, cujos dentes invisiveis mordem, com voluptuosidade, a trama caprichosamente tecida dos seus cabellos d'oiro. O seu collo, de uma brancura que perturba, quasi que desapparece sob uma torrente de diamantes, cujos fulgores iriados como que se lhe communicam ao rosto encantador, transfigurando-o. Na mão, nua por um capricho infantil, agita voluptuosamente, revelando em seus movimentos incertos os pensamentos encontrados que a perturbam, um leque antigo, em que Wateau pintou, num jardim de phantasia, formado por pedras preciosas, o debate dos amores na ilha de Paphos.[XXII] Nos seus elegantes sapatinhos, de tacões altos á Luiz XIV,[XXIII] sobresahem, no peito do pé, dous laços maravilhosos, fixados por brilhantes e ornados de perolas.

Colloquem-lhe agora, ao lado, a outra, a do vestidinho de cassa e do ramilhete de flôres campestres, e então, comparando-as, verão como a da simplicidade vence, em adorações enthusiasticas, a dos deslumbrantes atavios.

Poderia deter-me ainda, durante longas paginas, no estudo da simplicidade nos costumes debaixo de muitos outros aspectos, mas do que deixo exposto já poderá concluir-se que essa simplicidade não passa de uma invenção de pobres de espirito e de pobres de meios, sempre repellida como contraria dos bons costumes, pela bem entendida vaidade da especie humana.

Mas, existirá ella, ou deverá existir nas bellas-artes? Existe ou deverá existir nas letras?

Sobre este ultimo ponto é que me deterei mais um pouco, visto já termos a esse respeito a sentença de Antonio, o tubo emissor das idei-

---

XXII Refere-se às conhecidas cenas galantes do pintor francês Jean-Antoine Watteau (*1684 †1721), nomeadamente o quadro *L'Embarquement pour Cythère* (1717).

XXIII Alude às modas extravagantes, usadas na corte francesa do Rei-Sol, Louis XIV (*1638 †1715).

as incertas de Lemaître e de Sarcey,[XXIV] sentença que me propuz analysar.

A meu vêr, na architectura, a simplicidade seria, por exemplo, em logar dos Jeronymos,[XXV] um edificio com quatro faces lisas, de pedra de esquadria: em cima um cóne de telha nacional. Na esculptura, seria, não o nú, contrario aos bons costumes, de que tanto se tem abusado; mas o nú decente e encantador de singeleza: o homem em ceroulas, a mulher em camisa, sem folhos ou bordados. Na pintura seria a tela monócroma: tudo de uma só côr; verde, por exemplo, mas em varios tons, como alguns pintores impressionistas, que naturalmente usavam de oculos verdes, já o ensaiaram.[XXVI]

Finalmente, na musica, não sei bem o que seria: talvez a repetição comedida da gamma chromatica, ora para cima ora para baixo, com simples acompanhamento de violão, sem outras complicações orchestraes.

E nas letras?

Ahi, a simplicidade já não é uma hypothese, uma cousa futura: é já um facto real. Constitue, sob os principios enunciados por Antonio, uma verdadeira escola com numerosos adeptos.

Analysal-os-ei e á sua escola, debaixo de todos os aspectos.

E, em primeiro logar, suppor-se-ha talvez que esses escriptores, devendo ser coherentes comsigo mesmos, são, nos seus habitos e no seu teôr de vida, de uma simplicidade de meninas de collegio.

Não é, porém, assim. Conheço-os muito bem por tradição. Comem, em geral, á franceza, bebem como anglo-saxonicos, e vestem á ultima moda.

Ostensivamente, verdadeiros comparsas fim-de-seculo, namoram á moderna. Nos seus colloquios com as jovens da mesma

---

XXIV Refere-se aos críticos franceses François Élie Jules Lemaître (*1853 †1914) e Francisque Sarcey (*1827 †1899).

XXV Trata-se de um dos maiores monumentos nacionais: o imponente mosteiro mandado edificar por D. Manuel I.

XXVI Alude aos mestres do movimento artístico fundado em Paris em 1874, cujas obras sobressaíam pela claridade das cores da Natureza.

escola, fallam de tudo menos de amor: fallam das ultimas partidas do
275 criket e do lawn-tennis, do baile da marqueza de tal, do tiro aos pombos, da proxima tourada de fidalgos, de records e de mil outras cousas da mesma importancia; – mas em segredo e ás escondidas amam á antiga, não uma d'essas jovens, mas certa dama mysteriosa, a quem, segundo as circumstancias, chamam anjo ou demonio, e a quem enviam cartas em
280 prosa ou em verso, tão exuberantes de rhetorica, que poderiam ser addicionadas ao antigo *Secretario dos amantes*.[XXVII]

Nos seus escriptos, porém, a cousa é outra. Nenhum d'elles ousaria escrever uma palavra que não andasse na bocca de todos, de sorte que os diccionarios da lingua não são para elles senão repositorios inuteis de vocabulos obsoletos. São como os avarentos, que tendo os seus cofres repletos de oiro e pedrarias, vivem como mendigos, vestem-se em algibebes obscuros, comem em pratos de estanho, e mandam ir o jantar das Cozinhas Economicas.[XXVIII] São ainda peores, porque esses avarentos, ao menos, altas horas da noite, e bem aferrolhadas as portas, abrem os seus cofres, e se extasiam, embriagados, na contemplação das suas enormes riquezas; e elles, nem sequer abrem um diccionario com
291 medo que alguma palavra que não seja chatamente commum e vulgar se lhes apegue aos bicos da penna.

D'ahi a sua pobreza de ideias – porque não ha palavras que as não contenham – ; a seccura pretenciosa do seu estylo, a exiguidade dos seus quadros, sem horizontes largos, a rachitêz esqueletica de toda a sua obra. Mas, não é só isto.

Não conhecemos o Ser, debaixo das suas quasi infinitas manifestações, ou, como se diz nas grammaticas, não conhecemos o substantivo senão pelas suas qualidades, isto é, pelos adjectivos.

Assim, uma arvore, por exemplo, pode ser copada, frondosa,

XXVII O *Secretário dos Amantes, Contendo Muitos e Diferentes Modelos de Cartas* (1842) foi uma publicação oitocentista de grande êxito entre os amorosos, que a ela recorriam para redigir cartas de amor.
XXVIII Alude aos refeitórios da Sociedade Protetora das Cozinhas Económicas, fundada em 1893 para fornecer refeições acessíveis às classes operárias e menos abastadas.

esteril, silvestre, espinhosa, espêssa, ramalhuda, vigorosa, secca, florida, rugosa, sombria, inculta, viçosa, torta, esguia, viridente, velha, caduca,
303 baixa, alta, fructifera, et caetra.

Um pintor que, segundo as exigencias do quadro que concebera, tenha de pintar uma arvore, não lhe dá unicamente um ou dous d'aquelles predicados: por meio do desenho, e da combinação das côres, dá-lhe tantos quantos sejam necessarios para transmittir a quem veja a tela, a impressão que elle mesmo sentira, quando viu em qualquer parte uma arvore semelhante.

Um escriptor que tenha de transmittir aos seus leitores a mesma impressão, não tendo os recursos do desenhista, tem de empregar um maior numero de adjectivos para produzir o mesmo effeito, e, sendo artista, d'essa mesma necessidade se aproveitará para, por meio de uma sabia collocação de vocabulos, produzir effeitos musicaes que tornem o seu escripto, alem de util ao espirito, agradavel ao ouvido.

Ora, é isto exactamente o que os retesados escriptores, de que me estou occupando, não podem tolerar. Adjectivos toleram, quando muito, um para cada substantivo, e isso nem sempre, mas só quando seja absolutamente indispensavel. Por um imperio, por todos os thesouros do mundo, pela flôr que adornara os cabellos da Gatatêa[XXIX] que elle amasse, por um beijo d'ella, nenhum d'elles se sujeitaria a unir dous adjectivos ao mesmo nome. Seria ajaezal-o á maneira de macho de almocreve andaduz, seria «fazer rhetorica» – como se um macho adornado á hespanhola não fosse mais agradavel á vista que um jumento nú, ou ataviado com uma simples albarda; – como se a rhetorica, a irmã gemea da grammatica, mas educada por mestres de mais alto saber, não fosse o mesmo que Arte, quando a arte se applica á litteratura e á eloquencia.

A monomania, porém, da simplicidade não pára aqui: revela-se ainda em seus escriptos debaixo de muitos outros aspectos. Assim, a construcção invertida das orações, tão elegante e tão propria da nossa

XXIX Galateia é uma das Nereides, também conhecida como a amada do Ciclope Polifemo.

lingua, como o era da latina, é cousa que debalde se procurará nesses escriptos: as palavras vão sempre na sua ordem dirécta, as subordinantes primeiro que as subordinadas, as regentes primeiro que as regidas, de sorte que parece que se está a vêr uma enfiada de carros de bois, que vão seguindo uns atráz dos outros, na mesma ordem, e com o mesmo aspecto, bem ensebados nos eixos das rodas, para não chiarem. O chiar quebraria a doce monotonia da simpleza, seria talvez uma figura de rhetorica!

Mas, sobretudo, o que d'ahi é cuidadosamente expungido é tudo que possa revelar que o autor do escripto leu ou estudou fosse o que fosse: nem a reproducção de uma phrase antiga, nem a citação de um nome consagrado pela posteridade. Nisto, porém, são realmente logicos, porque não são philosophos, artistas ou inventores de phantasias, mas simplesmente reproductores do que observam dentro da orbita das cousas communs; e, alem de logicos, prudentes, porque d'esse modo se esquivam a que algum critico mordaz lhes chame pedantes, ou lhes applique a phrase das *Preciosas*:

349 *Ils savent tout sans avoir rien appris.*[XXX]

A simplicidade nas letras, segundo a theoria de Antonio, revela-se, pela fórma que deixo exposta: é, a meu vêr, uma simplicidade postiça e convencional, contraria aos principios em que assentam as artes, aos nossos habitos e costumes, e ás proprias leis da natureza.

Por isso, ninguem a procure nos meus escriptos. O meu systema é o antigo – em termos habeis: é o systema dos escriptores que me foram mestres, subordinado aos caprichos do meu temperamento, e á evolução real dos tempos de agora.

XXX Alude a uma fala de Mascarille, na cena IX da comédia de Molière *Les Précieuses Ridicules* (1659): "Les gens de qualité savent tout sans avoir jamais rien appris". Trad.: "Eles sabem tudo, sem ter aprendido nada".

720

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 23-29.]

RACHEL[I]

I

Eram as duas mais deliciosas creanças que eu tenho visto, mesmo em sonhos. A mais velha, alta e de uma suprema elegancia, revelava os traços caracteristicos do typo judaico, em toda a sua pureza. O cabello, abundante e negro, ondeava-lhe, realçando-a, sobre a brancura marmórea das faces. Os olhos, tambem negros, mas dôces e quebrados, esmoreciam entre a curva graciosa dos supercilios e a sombra permanente das olheiras: tinham a expressão ingenua de uns olhos de creança. O nariz, ligeiramente curvo, como o de todas as mulheres orientaes, e de linhas accentuadas e já definidas, dava-lhe ao rosto um tom grave e quasi varonil, que a meiguice dos olhos e a curva infantil dos labios attenuavam. Era a Rachel.

A outra, a irmã, era tambem alta e franzina. Os seus cabellos, amplos e sempre artisticamente ennastrados, eram loiros. Os olhos, de um azul profundo, tinham uma expressão indefinida, que perturbava. Era mais attrahente que a Rachel: a sua formosura era mais humana, e não causava, como a d'aquella, medo.

Se me fosse licito fazer uma comparação á antiga, diria que se um esculptor quizesse representar uma das mulheres da Biblia, Esther,[II] por exemplo, tomaria por modelo a primeira; se um Julio Romano[III] quizesse representar a primavera ou uma fada, copiaria a segunda.

I Sobre este texto, vd. o Arquivo Documental I, no Aparato Crítico. Raquel Augusta Duarte Nazaré era uma formosa jovem coimbrã, que sucumbiu à turberculose. João de Deus dedicou-lhe uma "Oração" (*Revista Académica*, 15 de junho de 1855), onde rogava pela sua vida, mas a menina acabaria por falecer a 9 de fevereiro de 1859, logo seguida pela mãe desgostosa. Foi esta tragédia que inspirou a João de Deus duas outras elegias: "A Vida" (citada neste texto) e uma outra que saiu n'*O Atheneo* (a 31 de outubro de 1859), dedicada à irmã sobrevivente, D.ª Maria Cândida Duarte Branco Nazaré.

II Alude à jovem judia que, segundo as Escrituras, se tornou rainha da Pérsia (Est., 2).

III Refere-se ao discípulo de Raffaello, o pintor italiano Giulio Pippi, mais conhecido por Giulio Romano (*ca. 1492 †1546).

Todas as tardes, a Academia, em massa tumultuosa e confusa, descia apressadamente á Sophia,[IV] onde as duas irmãs, serenamente postas á sua varanda, se deixavam, generosamente, contemplar.

Todos, desde o estudante ainda imberbe (e assim eu era naquelles tempos felizes) até ao mais hirsuto veterano; desde o algarvio, de movimentos exagerados, até ao bisonho indigena dos matagaes transmontanos; desde o indio das partes do Oriente, até ao principe africano, tres vezes retinto, todos, ao passarem defronte, como os heliotropos de flôr dourada se voltam para o sol radioso, se voltavam para ellas, implorando submissos a esmola de um olhar, ou talvez de um sorriso.

João de Deus, mais que nenhum outro, amava a Rachel.

O seu amor era profundo e sincero.

Correspondia ella a esse affecto?

Correspondia; mas os amores originaes d'aquellas duas almas de selecção nunca transpuzeram os limites da mais ingenua e espiritual simplicidade.

Um dia, João de Deus viu entrar no seu quarto um amigo officioso que lhe entregou um album.

– «É o album da Rachel, disse, para ahi escreveres qualquer cousa. É ella quem te faz o pedido.»

Aquelles que já amaram imaginem a alegria concentrada, a felicidade incommensuravel do enamorado poeta! Tinha ali, no seu quarto, pela primeira vez, inesperadamente, um objecto d'ella, o seu livro intimo!

Naquellas paginas tinham-se fixado demoradamente os seus grandes olhos tranquillos; naquellas folhas tinham passado as suas mãos delicadas!

E fôra ella propria quem, expontaneamente, lhe enviára a preciosa reliquia! Ventura suprema!

Mas que escrever?

IV Refere-se à Rua da Sofia, na cidade alta de Coimbra, junto à Universidade.

Uma poesia trivial?

Não podia ser.

Uma poesia em que lhe revelasse o amor que por ella sentia?

Tambem não: seria uma espeie de abuso de confiança que repugnava á sua alma delicada.

Que faria? Um desenho symbolico que mysteriosamente revelasse o seu martyrio: representaria um martyr do antigo christianismo. Mas, qual? Nenhum. Representaria o Christo, o martyr supremo.

E fixado neste pensamento, lançou, com mão segura, os primeiros traços geraes do desenho.

Mas, em breve, parou: é que já vagamente presentia que nunca, ou só tarde, muito tarde, teria a coragem de se separar do inestimavel thesouro. Era, pois, indispensavel um pretexto para protrahir indefinidamente o momento fatal.

Não lhe tocou mais, portanto, e todas as vezes que o amigo intermediario lhe vinha pedir o album, a resposta era sempre a mesma: – «Ainda não está prompto».

Como, porém, se passassem mezes e mezes, sem que a resposta variasse, a Rachel, julgando-se até certo ponto desconsiderada, mandou-lhe pedir, debaixo de um pretexto, delicado comtudo, que lhe mandasse o album no estado em que se achasse.

O poeta, dolorosamente surprehendido com esta quasi ordem peremptoria, mas reconhecendo que se a não cumprisse immediatamente, mais tarde a não cumpriria, entregou o álbum, e partiu como um doudo para o Penedo da Saudade.[V]

Quando voltou, lá estava de novo o album: a Rachel gostara tanto do desenho que instantemente lhe pedia que o concluisse, e que o concluisse quando quizesse.

– «De sorte que, pensou o poeta, o que ella deseja é a obra e não uma recordação do artista!»

V Trata-se do conhecido miradouro na cidade de Coimbra, indelevelmente ligado à cultura académica.

E com mão nervosa fez desapparecer o Christo, substituindo-o pelo conhecido:

Resurrexit, non est hic! [VI]

Foi uma ligeira borrasca no ceu azul d'aquelles singelos amores.

Um dia a Rachel morreu.

De quê?

Muitas vezes a doença physica não faz mais que completar a
89 obra da destruição iniciada por uma doença moral. A pobre creança morreu d'amor.

91 Assim, – como diz Espronceda:

«Morreu d'amor a desditosa Elvira!»[VII]

93 João de Deus não blasphemou: soltou apenas um gemido, o lamento resignado dos moribundos:

95 «E, Deus, tu és piedoso!
96 Senhor! és Deus e pae!
E ao filho desditoso
Não ouves pois um ai!
Estrellas déste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo déste a flôr,
Frescura dás ás fontes,
O lirio dás aos montes,
E tiras-ma, Senhor!»[VIII]

Pouco depois expirou: João de Deus já não existe ha muito.

VI Alude ao mistério pascal, anunciado pelos anjos em Lc. 24: 6. Trad. da expressão latina: "Não está aqui; ressuscitou!".

VII Cita-se o v. 343 do poema "El estudiante de Salamanca", incluído nas *Poesías de D. José de Espronceda* (1840). Doña Elvira de Pastrana é a amorosa vítima do sedutor Don Félix de Montemar, que enlouquece e morre, ao ser abandonada pelo amante.

VIII Esta passagem é retirada do poema "A vida", que João de Deus compôs sob a impressão da morte de Raquel. Publicou-se no *Atheneo*, em novembro de 1859, antes de entrar nas *Flores do Campo* (vd. Arquivo documental II, no Aparato Crítico).

II

A pouca distancia de Coimbra, ao nascente, existe um pequeno burgo, sobranceiro a um valle profundo: é Santo Antonio dos Olivaes. A capella do santo está situada num plano mais alto, d'onde se goza um panorama surprehendente. Ao norte, o horizonte é interceptado por uma cordilheira de montes sombrios, que vão entroncar na serra da Louzã. Ao poente, inclinado sobre o abysmo, ergue-se o Penedo da Meditação.[IX] Pelo fundo do valle, corre, por entre salgueiros, um riacho que tangendo azenhas, e murmurando melancolicamente, vae perder-se nas aguas mais tumultuosas do Mondego distante.

É uma paizagem profundamente triste, mas serena e consoladora.

Ao norte, a seguir á capella, vê-se um pequeno recinto, apenas separado do adro, sempre deserto e silencioso, por um tosco parapeito. É o cemiterio, mas um cemiterio como não ha outro: sem cruzes, sem mausoleus, sem campas que avultem. É uma especie de jardim inextricavel de plantas e de flôres, confusamente entrelaçadas umas ás outras, felizes por viverem sós longe do bulicio do mundo.

É ali que ella repousa.

«E comtudo (pensava eu, quando numa tarde de estio, ao pôr do sol, estanceava junto áquelle poetico jardim) nunca ella em vida chegou a ouvir, porque as inspirou de além da campa, as mais sentidas e immortaes estrophes do seu poeta! Porque não as ouvirá agora?»

E logo commovido:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

IX Refere-se a um conhecido miradouro de Coimbra, junto a Santo António dos Olivais, que inspirou várias gerações de poetas.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de todo anuveava;
Despertava ella apenas, despertava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céo (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que ainda em vida não choraram![X]

Caso estranho! Não soprava a mais ligeira viração, e no entanto todas aquellas flôres, desde que principiei a dizer a melancolica elegia até que a conclui, não cessaram um só momento de se agitar, fazendo ouvir um tenue sussurro, em que havia umas vibrações vagas de uma musica distante.

Era a alma d'ella, transformada na alma d'aquellas flôres, que estremecia e chorava, ao ouvir as queixas sem esperança do poeta que tanto amára!

Já de noute, seguia eu, meditabundo, estrada fóra, em direcção á cidade, quando, a meio do caminho, me pareceu ouvir um ruido inexplicavel e mysterioso.

Voltando-me de repente, hirto o cabello, vi ainda a escoar-se no arvorêdo uma sombra ligeira, envôlta numa estringe de luar!

Era ella, era ella com certeza, que me seguia para ouvir ainda outra vez as immorredoiras estrophes do principe dos poetas lyricos do seu tempo.

X Esta passagem é retirada do poema "A vida", de João de Deus (vd. Arquivo documental II, no Aparato Crítico).

721

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 33-36.]

OS NEPHELIBATAS[I]

Todos sabem que a Poesia é, desde ha muito, comprehendida entre as Bellas-Artes ou Artes Liberaes. Ella e a musica são as duas *artes dos sons*, e de tal modo unidas que uma não pode existir sem a outra. Nas obras musicaes dos grandes compositores, como nas dos maestros anonymos; nas vibrações mais ou menos artisticas do arrabil do cego, da «cornemuse» do pastor alpino, e da guitarra lamuriante do trovador nocturno, em todas transparece um pensamento poetico que se transmitte vagamente do espirito do artista á alma de quem o escuta. Do mesmo modo, em toda a composição poetica é indispensavel o elemento musical; sem este elemento, essa composição, embora rhythmada e rimada, não transpõe os dominios da prosa.

Desenvolverei as minhas idéas a este respeito.

Tanto o prosador, como o poeta, trabalham a mesma materia prima: o pensamento; o primeiro, porém, é apenas uma especie de artifice mechanico: extrahe da pedreira cerebral e transporta para o livro as idéas que ahi se lhe formam: executa.

O trabalho do segundo é mais elevado e complexo: o poeta cria. Como?

Assim como nem toda a pedra é adequada e serve para a estatua que um Buonarotti[II] se propunha fazer, assim nem todo o pensamento pode ser objecto de um poema. O artista, sem o procurar, escolhe, entre os que espontaneamente lhe germinam no intellecto, aquelle que o seu

I Originalmente, este texto integra-se num inquérito que o jornal *Novidades* empreendeu junto de vários escritores consagrados, questionando-os acerca da nova geração literária. A este propósito, vd., no Aparato Crítico, o Arquivo documental II e III, onde se reproduz também a nota explicativa que acompanha o texto.

II Refere-se ao grande mestre da pintura renascentista, Michelangelo Buonarroti (*1475 †1564).

espirito de selecção prefere; expurga-o das impurezas da vulgaridade, que lhe empanem a originalidade nativa, e depois reveste-o, por meio de processos extremamente complicados, da fórma que o tornam visivel no mundo exterior.

Esses processos não consistem unicamente na escôlha das palavras, ou de locuções, e na regularidade do rhythmo e da consonancia; consistem, sobretudo, na escôlha dos sons que essas palavras devem produzir combinadas umas com as outras, em ordem a que a composição musical, que d'ahi resulte, esteja de harmonia com o pensamento que o conjunto das mesmas palavras contém, isto é, a tacitura e a notação melódica dos vocabulos, abstraindo-se das idéas que nelles estão incluidas, devem revelar, embora vagamente, o conjunto d'essas mesmas idéas.

Os tres grandes poetas romanos, sobretudo Horacio, attingiram esta perfeição da fórma. Leia-se uma ode d'aquelle poeta a um individuo que ignore absolutamente a lingua latina, a um professor d'essa lingua, por exemplo, e elle, só pela harmonia mysteriosa das estrophes, indicará o assumpto de que o poeta se occupou. Meyerbeer, Beethoven e Mozart[III] collaboraram na obra de Hugo, de Musset e Lamartine.[IV] Um exemplo tornará mais clara esta minha theoria. Victor Hugo lêra a historia de D. Rodrigo, e vê-o percorrendo a Hespanha em procura do assassino dos infantes de Lara. Metrificando esta hypothese, diz que elle

«Arrastando a cimitarra,
Percorrera a Hespanha inteira,
De Setubal á Figueira,
Em procura de Mudarra.»[V]

III Refere-se a três compositores da viragem do século XVIII-XIX: Giacomo Meyerbeer (*1791 †1864), Ludwig van Beethoven (*1770 †1827) e Wolfgang Amadeus Mozart (*1756 †1791).

IV Alude a três poetas emblemáticos do Romantismo europeu: Victor Hugo (*1802 †1885), Alfred de Musset (*1810 †1857) e Alphonse de Lamartine (*1790 †1869).

V Estamos perante uma tradução do "Romance mauresque", onde Victor Hugo recupera a lenda dos Infantes de Lara, pertencente ao Romanceiro português e espanhol. A este propósito, vd. o Arquivo documental IV, no Aparato Crítico.

O elemento original d'esta soberba estrophe consiste na collocação geographica da Peninsula Iberica entre a Figueira da Foz, ao norte, e Setubal, ao sul: a notação vigorosa dos versos dá-nos a idéa de alguem, que, arrastando o ruidoso alfange por paus e por pedras, percorre montes e valles, em procura de uma especie de phantasma, que se lhe escapa, e a quem pretende trucidar.

São estes, em geral, quanto a mim, os principios de esthetica applicaveis á primeira, e á mais difficil de todas as artes.

Ora, afigura-se-me que aos modernos poetas decadentes não são estranhos estes principios. Mallarmé,[VI] o pontifice maximo da nova escola, ainda não revelou aos profanos os principios em que ella se funda. O que se tem observado é que o mysterioso poeta, bem como todos os seus sectarios, fallam, comem e bebem como toda a gente; – no entanto, os principios, que acima expuz, podem explicar satisfatoriamente o seu cantar sybillino. O pensamento, isto é, o que a poesia póde ter de vulgar pela sua origem, desapparece nas brumas indecisas do symbolo, mas tudo o que por esse lado se perde avulta na fórma musical dos poemas. Sons, que pelo desenho graphico parecem á primeira vista palavras, mas que o não são porque não conteem idéas que sejam conhecidas, unidos aos outros sons, produzidos pelos antigos vocabulos, produzem uma musica estranha que, por se não sujeitar ás regras geraes do rhythmo, do compasso, e do contra-ponto, teem grande affinidade com a musica do futuro. Os effeitos, que essa musica produz, variam segundo os temperamentos, mas quasi sempre se revelam pelas contracções spasmodicas do diaphragma, que se resolvem em ruidosas manifestações de contentamento: é uma musica essencialmente nervosa.

Os themas, embora, como eu já ponderei, se envolvam nas nebulosidades incoerciveis do symbolismo, são os mesmos que os da velha poesia.

Ahi avultam a Mulher e os sentimentos que ella inspira, mas essa mulher não é a «Carne» dos poetas parnasianos: é a Noiva Imma-

VI Trata-se do poeta francês Stéphane Mallarmé (*1842 †1898), principal mentor da escola simbolista.

culada dos mysticos amores.[VII] Os poetas instrumentistas não hesitam em propôr-lhe, adorabundos, o enlace matrimonial, não para realizarem o acto para o qual, segundo a periphrase do cardeal de Osti,[VIII] Deus permittiu o casamento, mas para que, num estado de pureza absoluta, vivam na contemplação dos astros radiosos, e na esperança de outras venturas em outros mundos melhores.

Entendem, como o Conde Léon Tolstoï, na *Sonata a Kreutzer*[IX] que, tendo a humanidade de acabar, melhor será que acabe pela virgindade geral, do que pela libertinagem. Sob este aspecto, e sob muitos outros, a poesia decadente é essencialmente moral, e é de prever que, por essa influencia, os homens em breve voltarão ás epocas paradisiacas anteriores ao peccado original. Epocas felizes! *plus de feuilles de vigne, plus d'alicornes entre nous!*[X] Por estas razões, que resumidamente expuz, applaudo enthusiasmado a nova escola, aos representantes da qual, entre nós, ninguem, de certo, negará muito talento, e muita coragem.

VII Alude à Virgem Maria e à Imaculada Conceição.

VIII Refere-se a São Pedro Damião, Doutor da Igreja, Cardeal de Óstia e autor do *Liber Gomorrhianus* (1050), tratado que denunciava a licenciosidade do clero e a sexualidade imoral.

IX Trata-se da conhecida novela que Lev Tolstói publicou em 1889. *Kreutzerova Sonata* explora as tensões do ciúme no protagonista Pózdnishev, que ao longo da narrativa faz uma longa apologia da abstinência sexual.

X Alude à castidade (simbolizada pelo unicórnio) e ao pudor da iconografia católica (encorajado pelo Papa Pio IX), ao cobrir os órgãos sexuais com folhas de videira. Trad. do Francês: "Não mais folhas de parra, não mais alicórnios entre nós".

722

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 41-43.]

UMA ESTROPHE DE VICTOR HUGO[I]

A quadra:

Arrastando a cimitarra,
Percorrera a Hespanha inteira,
De Setubal á Figueira,
Em procura de Mudarra,

que eu traduzi do *Romance Mourisco*, de Victor Hugo, suscitou a Pinheiro Chagas uns amaveis reparos, a que eu respondi, defendendo-me,[II] da maneira seguinte:

«Quem traduz não deve unicamente traduzir palavras; deve, sobretudo, traduzir pensamentos. É o que eu fiz quando me abalancei a trasladar para a nossa lingua os inimitaveis versos do divino mestre.

D. Rodrigo de Lara, em contrario aos costumes d'aquellas epocas e das actuaes, partira para a caça completamente desarmado. É o que o poeta nos revela logo nos dous primeiros versos da ballada:

«D. Rodrigo fôra á caça
Sem espada e sem couraça.»

Nem mesmo levava um simples bordão, que lhe poderia servir de arma de investida contra javardos e corças, e de defesa contra mouros e

I Este texto responde às críticas suscitadas pelo artigo anterior. A este propósito, vd. o Arquivo documental IV do n.º 721, onde se reproduz a crítica de Pinheiro Chagas, no *Correio da Manhã*, bem como o poema de Victor Hugo que está na base da tradução. Leia-se também a nota explicativa do autor, no Aparato Crítico deste texto.

II Trata-se da réplica no jornal *Novidades*, onde este texto originalmente foi publicado (vd. Notícia dos testemunhos, no Aparato Crítico).

sicarios, porque quando d'ahi a pouco se encontra, face a face, com o filho da renegada, que, de punhal em punho, para elle crescia, exclama:

«Não vibres, sobrinho, a adaga!
A Virgem Santa me valha!
Espera ao menos que eu traga
Minhas armas de batalha.»

Quando, porém, o collossal autor da *Lenda dos Seculos*[III] nos diz que D. Rodrigo, para se encontrar com Mudarra, percorrera a Hespanha *de Figuère à Sétuval*, não o podia imaginar, nem o imaginou, senão com o alfange dos atrozes morticinios ao lado. O verso:

«Arrastando a cimitarra»

chegou a existir no seu pensamento, mas não logrou ter vida exterior, porque as exigencias metricas da estructura monumental da estrophe a isso o obrigaram. Foi d'esse pensamento que eu o traduzi, removendo os obstaculos que as mesmas exigencias me oppunham. Assim fica explicado aquelle meu primeiro verso que, aos olhos do vulgo, não existe no texto original.

No resto da traducção, tambem, segundo me parece, não attentei contra o respeito que o mundo inteiro ainda ha pouco tributava ao poeta maximo do seculo XIX.

Quando li o verso: *De Figuère à Sétuval*, hesitei realmente, duvidando se o poeta se referia á Figueira da Foz ou a qualquer outra cidade da peninsula. Depois de minuciosas investigações, verifiquei que na Catalunha existia outro burgo, chamado *Figueras*, mas logo me convenci que não era o de que o poeta fallava, porque *Figueras*, em

III Refere-se à obra que Victor Hugo publicou entre 1859 e 1883.

francez, sempre se escreveu *Figuières*, como pode ver-se no Larousse e no Bescherelle ainé.[IV]

Demais, ainda que a collocação da Hespanha entre Figueras e Setubal fosse geographicamente original, mais original o seria entre a nossa Figueira e a cidade das margens do Sado, e entre estas duas originalidades, no caso de duvida, deveriamos escolher, como eu escolhi, a maior, porque Victor Hugo é o maior de todos os poetas. Todos o sabem: a vida dos poetas, e sobretudo dos nephelibatas, é um sonho continuado, que só finda quando seus espiritos radiosos se lhes desprendem dos invólucros terrenos, e partem, impellidos pelas leis mysteriosas da evolução da vida através do Universo, para outros mundos talvez mais felizes.

No sonho em que vivem, as coisas reaes da existencia, todos os factos, e todas as sciencias, revestem aspectos insolitos, que o vulgo não comprehende.

Não é, pois, de admirar que Victor Hugo collocasse a Peninsula entre a Figueira da Foz e Setubal, como não seria de estranhar que a collocasse entre Freixo de Espada-á-Cinta e Fornos de Algôdres.

IV Alude ao reputado dicionário enciclopédico de Pierre Larousse (*1817 †1875) e ao *Dictionnaire Universel de la Langue Française*, de Louis-Nicolas Bescherelle (*1802 †1883), mais conhecido como Bescherelle aîné.

723

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 47-53.]

CHATEAUPERS Á LA RESCOUSSE[I]

A mesma quadra mereceu ainda as censuras de outro escriptor. Havia, nos meus tempos, em Coimbra, um Shylock[II] de baixa esphera, que, segundo elle mesmo declarava, não se levava por argumentos, nem o convenciam razões. O escriptor, a que me refiro, pertence, ao que parece, á escola d'aquelle mestre, que eu suppunha sem discipulos, pois que o não convenceram as solidas razões, que em prol da minha interpretação adduzi num diario de Lisboa, razões tão solidas e convincentes que Pinheiro Chagas, o mestre preopinante, a ellas tacitamente se submetteu: *qui tacet consentire videtur*.[III] Poderia, pois, dar por finda a questiuncula, mas para que se me não applique aquella mesma regra, desfarei a sombra de argumento com que o dito censor encoberto me pretende atacar de estoque e de talho, e juntarei novas razões ás que adduzi em defesa da minha interpretação.

Diz o supra não citado autor que, se Victor Hugo se referisse á Figueira da Foz, diria uma tolice, o que seria inadmissivel á face do proprio texto da estrophe de que se trata, porque só da Figueira a Setubal não é *atravessar a Hespanha*.

Este argumento, como se diz nas escolas, no parlamento, e nos livros de controversia, não colhe. Tolices, ou por outra, asneiras (palavra que desde Montaigne tem fóros de palaciana) asneiras toda a gente as

---

I Esta expressão francesa corresponde ao título do capítulo VII, livro X, do romance de Victor Hugo, *Notre Dame de Paris* (1831). Trad.: "Chateaupers vem em socorro". No romance, a personagem representa o antagonista sem escrúpulos; neste caso, Penha alude ao crítico anónimo que viera a público reforçar as censuras de Pinheiro Chagas. O texto integra-se, pois, na polémica suscitada pelos artigos n.os 721 e 722. A este propósito, vd. o Arquivo documental III do n.º 722, onde se reproduz a crítica do *Correio da Manhã*, bem como o poema de Victor Hugo que está na base da tradução de João Penha.

II Shylock é um agiota judeu, na tragédia de Shakespeare *Othello, the Moor of Venice*.

III Trad. da expressão latina: "quem cala consente".

diz: sabios e ignorantes não dizem outra cousa: a differença que existe entre uns e outros, quanto ao modo de as dizer, consiste unicamente em que aquelles as dizem de maneira que parece que o não são, e estes como espontaneamente lhes surgem no intellecto.

São o unico fruto da arvore da sciencia humana, e já assim o pensava aquelle philosopho moralista, quando, no seu francez de outra eras, dizia: «Qui fagotteroit *suffisamment un amas des asneries de l'humaine sápience, il diroit merveille.*»[IV]

Esta regra não tem excepção alguma: a Asneira impéra, como um genio absoluto, em todo este globo sublunar, de um pólo a outro pólo; existe em toda a parte em que a procuram; existe, principiando de baixo para cima, neste meu escripto, existe nas poesias inimitaveis de Victor Hugo, o poeta absoluto; existe nos productos chimico-litterarios dos poetas materialistas, como Richepin e Gomes Leal,[V] existe finalmente nos versos incoerciveis dos vates nephelibatas, versos que sempre defenderei como os primeiros entre todos, sob o aspecto que vou tratando, apesar de o que já d'elles Molière dizia, antecipadamente, no seculo XVII, pela bôcca de Alceste:

«Hors qu'un commandement exprès du roi me vienne,
De trouver bons les vers dont on se met en peine,
Je soutiendrai toujours, morbleu! qu'ils sont mauvais,
Et qu'un homme est pendable après les avoir faits.»[VI]

Do que deixo exposto conclue-se que, do facto de ser tolice a collocação da Hespanha entre a Figueira da Foz e Setubal, não se segue

IV Cita-se uma passagem dos *Essais* de Montaigne (Tome II, Chapitre. XIII, p. 344). Trad. do francês: "Quem juntara convenientemente um monte de asneiras, filhas da humana sapiência, diria algo maravilhoso".

V Refere-se ao escritor francês Jean Richepin (*1849 †1926) e ao português António Duarte Gomes Leal (*1848 †1921).

VI A citação de Molière é retirada da fala de Alceste, no Ato II, Cena 6, de *Le Misanthrope* (1666). Trad.: "A menos que el-rei dê mandados rigorosos/ De achar os versos bons, quando eles são penosos,/ Sempre sustentarei, ó céus!, que não têm jeito,/ E que era de enforcar quem os tivesse feito" (Molière: 2007, p. 115).

que Victor Hugo a não pensasse, dissesse ou escrevesse, e isto com tanta mais razão quanto é certo que tolice tambem seria, mas sem a grandeza propria do genio, a da collocação da Peninsula entre a Figueras da Catalunha e a cidade das margens do Sado. Já demonstrei este assêrto e sustentei que, no caso de duvida sobre qual d'estas hypotheses (chamêmos-lhes assim) seria a imaginada pelo Mestre, deveriamos, sem hesitar, optar pela maior, porque sendo elle tambem o maior de todos os poetas, melhor do que qualquer outro de inferior pujança a poderia sustentar sobre a larga envergadura de suas azas de condôr.

Demais, por qualquer lado que se encare o ponto controvertido, verificar-se-á, como conclusão final, que a minha interpretação é a única logica, verdadeira, e admissivel.

Apresentarei mais um argumento. De ordinario, tanto poetas como prosadores, limitam regiões, paizes e continentes, fixando dous pontos unicos, mais ou menos geologicos que os comprehendam.

É assim que, escolhendo dous rios oppostos, dizem, por exemplo: Do Ebro ao Guadalquivir; dous cabos ou promontorios: do cabo de Finisterra ao cabo da Roca; ou duas cordilheiras: dos Alpes aos Pyreneus.

Outras vezes, porém, os pontos extremos são escolhidos em ordem a que, entre elles, isto é, entre os logares em que a acção se desdobra e a scena que se descreve, haja uma natural connexão. Foi a este velho preceito da arte que Victor Hugo, rhetorico como todos os poetas que querem chegar á posteridade, manifestamente obedeceu. Mudarra, segundo elle diz, era capitão de uma fragata do rei mouro Alitar. Sendo homem do mar, seria absurdo que D. Rodrigo o fosse procurar no interior das terras, e ainda mais absurdo nos pincaros escarpados dos Pyreneus, numa praça de guerra, Figueras, edificada alguns seculos depois da epoca provavel em que os personagens da ballada poderiam ter vivido. O poeta, portanto, suppoz que o irmão de D. Sancha, se quizesse procurar o bastardo, o procuraria nos portos do Atlantico ou do Mediterraneo, e por isso escolheu como pontos extremos duas cidades maritimas: Setubal, que elle escreve constantemente Setuval, e Figueira. Ora, como, com este nome só ha

duas cidades na Peninsula, e uma d'ellas, a de Catalunha, não é porto de mar, aquella a que o poeta se quiz referir foi evidentemente a outra: a nossa Figeira da Foz.

Esta mesma conclusão destroe, pelos seus fundamentos, a suspeita ultrajante, maliciosamente insinuada pelo nephelibata anonymo, que não ousa encarar o defensor do poeta face a face, ou de vizeira levantada, de que *Setuval* foi introduzida por elle na estrophe por causa da rima, e *Figuère*, por causa da estructura do verso.

Por causa da rima, por causa da estructura do verso!

Pois não podia o prodigioso artista substituir facilmente aquella estrophe por outra? Ha ahi alguem que o negue? Se o ha, a esse direi: podia, e substituiu-a por esta, variante encontrada por Jeanne Hugo, entre os papeis velhos do avô:

«Pour le trouver en campagne
Il traverserait l'Espagne
De Tarragone à Vraga.
L'un des deux mourrais sans doute.
En ce moment sur la route
Un homme à cheval passa...»[VII]

Preferiu, porém, a primeira, naturalmente pelas mesmas razões que acima expuz, e por mais adequada ao assumpto da ballada.

A segunda observação do Encoberto, que veio espontaneamente em soccorro de Chagas, o qual de nenhum soccorro precisava, refere-se ao verso que traduzi do pensamento de Victor Hugo, e que se não vê no texto original:

«Arrastando a cimitarra.»

VII Apresenta uma variante do texto publicado no "Romance mauresque" (vd. Arquivo documental III do n.º 721). Trad. do Francês: "Para o encontrar em campo, ele atravessaria a Espanha, de Tarragona a Braga. Um deles haveria de morrer. Nesse momento, pela rua, passou um homem a cavalo".

Diz que, sendo D. Rodrigo christão, não podia usar d'aquella arma.

E por que não? Bastava para que elle a usasse que Victor Hugo e eu (que, quanto áquelle verso, fui seu collaborador) assim o quizessemos. Demais, prosa e verso têm balizas: no verso não se exige que as palavras tenham a sua significação rigorosa. Cimitarra, ali, significa o mesmo que espada: curta ou comprida, curva ou direita, de um ou de dous gumes, goda ou arabe.

Esta liberdade de expressão foi sempre reconhecida, desde os tempos mais antigos, a poetas e pintores, e d'essa liberdade usou amplamente o nosso poeta, collocando na cabeça de Alitar, que poderia ser um emir, ou quando muito, o califa, uma corôa de rei; pondo na mão de Mudarra, um arabe, a adaga, arma dos visigodos, e na boca de um mahometano, que não poderia invocar senão a Allah, uma invocação a Deus.

«Deus te guie pela mão!»

diz Mudarra a D. Rodrigo, que estava a dormir á sombra de um sycómoro.

Demais, na epoca provavel da acção da lenda, já os costumes, as leis, e a linguagem dos dous povos, o invadido e o invasor, se achavam mais ou menos confundidos, e até confundidas as raças: o proprio Mudarra, filho de D. Sancha e de pae incognito arabe, era um producto d'esta confusão, agradavel, sob este aspecto, e util sob muitos outros. Póde, pois, affirmar-se, com bons fundamentos, que os visigodos, por aquella epoca, já desde ha muito usavam, em substituição das antigas e pesadas armas de seus avós, das dos vencedores, mais ligeiras, mais flexiveis, melhor temperadas, e artisticamente trabalhadas nas cutelarias persas de Damasco, e nas de Tolêdo. D. Rodrigo, portanto, não usava, ou não podia usar, senão de cimitarra, e de cimitarras deveriamos nós tambem usar, porque este abençoado e original paiz continua a ser, como sempre foi, e sobretudo agora, sob a dominação nephelibata, um paiz das Arabias.

724

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 57-65.]

OS PARNASIANOS

Em 1865, alguns poetas que se achavam reunidos no cubiculo interior da modesta livraria de um editor de Paris, resolveram, depois de animada discussão *inter pocula*,[I] publicar um periodico de versos.

Esses poetas eram: François Coppée, André Lemoyne, Paul Verlaine, Léon Dierx, e José Maria de Heredia; o editor era Lemerre.

Ha um proverbio francez que diz que não ha ninguem que, uma vez na vida, não encontre a occasião de se enriquecer: tudo depende de a não deixar fugir.

Para Lemerre o momento psychologico, de que mysteriosamente dependia a sua fortuna, foi aquelle.

Viu a Occasião, agarrou-a pelos cabellos, e no mez de janeiro do anno seguinte dava á luz o primeiro numero do periodico, que fôra intitulado: *Parnasse Contemporain*. Era mensal, e d'elle ha publicadas tres series, actualmente muito raras: a primeira abrange o anno de 1866, a segunda, principiada em 1869, e interrompida pela guerra franco-prussiana, concluiu em 1871; a terceira e ultima saiu em 1876.

O exito d'esta publicação foi enorme: a edição esgotou-se, e Lemerre, que a encetara pobre mas em dias de bons auspicios, ganhou alentos e é actualmente um dos mais faustosos editores da grande cidade.

Do titulo do periodico adveio para os seus numerosos collaboradores a denominação de *poetas parnasianos*.

Catulle Mendès dá-lhe outra origem, no seu livro *La Legende des Parnasiens*, mas a real é a que deixo indicada: estas cousas vêem-se

I Trad. da expressão latina: "entre copos".

melhor de longe que de perto.

Já ha muito saía em Coimbra a *Folha*,[II] quando Eça de Queiroz me assignalou, enthusiasticamente, o novo periodico, incitando-me a implantar entre nós a que elle chamava de poesia do futuro.[III]

Acostumado á leitura exclusiva dos cinco ou seis poetas que, por aquella epoca, se liam e discutiam em Coimbra, surprehendeu-me a nova publicação, não tanto pela novidade que poderia notar-se no seu elemento poetico propriamente dito, mas, principalmente, pela correcção quasi scientifica da fórma.

Pode affirmar-se que foi ahi que, em França, teve principio a moderna evolução do verso, evolução que eu e outros, absolutamente desconhecedores d'aquelle movimento, tambem tinhamos iniciado na *Folha*.

Este phenomeno poderia explicar-se por uma das leis de Vico.[IV]

Disse eu que no *Parnaso* não havia innovação no elemento poetico, e realmente, a não ser a exclusão de alguns dos velhos assumptos convencionaes, o que se observava era que os novos poetas (não me refiro á sua edade segundo os reportorios) continuavam como até ali a poetar, de harmonia com os seus temperamentos, segundo a sua propria originalidade. Via-se que os não unia nem communhão de ideas ou de sentimentos e tradições, nem até um mesmo systema ou methodo de execução: unia-os apenas um principio, que manifestamente haviam adoptado por influencia de Th. Gautier e de Banville: o de que poesia sem arte não é poesia: é prosa, sem outro valor que não seja o dos pensamentos que contenha.

Para esses parnasianos, portanto, que são os que actualmente constituem a mais gloriosa constellação de poetas do seculo XIX, isto é, para Baudelaire, F. Coppée, Sully-Prudhomme, Soulary, Leconte de

---

II Trata-se da revista literária que João Penha dirigiu em Coimbra, entre 1868 e 1873.

III Leia-se a transcrição da carta de Eça de Queirós, no Arquivo documental I do Aparato Crítico.

IV Alude às leis fundamentais da História, formuladas por Giambattista Vico (*1668 †1744), na *Ciência Nova*. Segundo este filósofo, todos os povos, independentemente da sua origem étnica ou geográfica, percorrem os mesmos caminhos históricos.

Lisle, André Lemoyne, Glatigny, Catulle Mendès, Armand Silvestre, Th. de Banville, Léon Valade, Paul Verlaine, Léon Dierx, José Maria de Heredia, Em. des Essarts, e para muitos outros, não ha arte onde o verso não é absolutamente correcto.

Mas, a evolução da fórma consistirá só nisso? parará ahi?

Sustento que não.

Aquelle principio, adoptado pelos parnasianos, não é realmente novo; os grandes poetas latinos sempre o seguiram, e foi na *Epistola ad Pisones*, conhecida vulgarmente por *Arte poetica de Horacio*, que o Tasso, Camões, Ariosto e outros, o encontraram, adoptando-o.

O conhecimento amplissimo da lingua, tão necessario para quem faz um poema, como o da combinação das cores na paleta para quem pinta um quadro, e a sciencia da revelação do pensamento pela forma mais nitida, mais perfeita, e mais adequada a esse pensamento, são as duas bases em que assenta aquelle principio.

O primeiro d'estes elementos de construcção e de composição technica estuda-se nos classicos; o segundo nas obras dos grandes escriptores. Este, porém, deve sobretudo estudal-o o poeta comsigo mesmo, porque um mesmo pensamento não só pode ser apresentado, sem alteração alguma, por palavras diversas, mas tambem pelas mesmas palavras combinadas entre si de maneiras differentes.

Já o *Mestre de Philosophia* o indicava na comedia de Molière, ao *Burguez Gentilhomem*:[V]

Mr. Jourdain, esse burguez, sentira-se enamorado de uma dama da sociedade elegante, e queria escrever-lhe qualquer cousa num bilhetinho, que lhe deixaria cair aos pés.

A este respeito abriu-se com o seu Mestre de Philosophia.

– «É em verso que lhe quer escrever? – perguntou este.

– Não; nada de verso.

– Então quer tudo em prosa?

V Traduz-se, em seguida, uma passagem da Cena 4, no Ato II da comédia de Molière, *Le Bourgeois Gentilhomme* (1670). A este propósito, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

– Não; não quero nem prosa, nem verso.

– Ha de ser uma ou outra cousa.

– Porque?

– Por uma razão muito simples: porque para nos exprimirmos não ha senão a prosa, ou os versos.

– Não ha senão a prosa ou os versos?

– Não. Tudo que não é prosa é verso, e tudo que não é verso é prosa.

– E, quando eu fallo, isso que é?

– É prosa.

– Como! quando eu digo: ó José, traz-me os meus sapatos, e dá-me o meu barrete de dormir, isto é prosa?

– É.

– É boa! Ha quarenta annos que faço prosa sem o saber! Muito obrigado pelas suas instrucções. O que eu queria pôr no bilhete era: *Bella marqueza, seus bellos olhos fazem-me morrer d'amor*; mas queria que isto fosse feito de uma maneira galante, torneado com elegancia.

– Pôr: que o fogo dos seus olhos lhe reduz o coração a cinzas, que soffre dia e noite as violencias d'um...

– Nada, nada, nada. Não quero nada d'isso. Não quero senão o que lhe disse: *Bella marqueza, seus bellos olhos fazem-me morrer d'amor*.

– Comtudo, sempre é necessario estender isso um pouco mais.

– Não, repito. Não quero senão essas unicas palavras no bilhete, mas torneadas á moda, arranjadas como o devem ser. Obsequeia-me, dizendo, para eu vêr, as diversas maneiras de as pôr.

– Primeiramente pódem pôr-se da maneira que disse: *Bella marqueza, seus bellos olhos fazem-me morrer d'amor*. Ou então: *D'amor morrer me fazem, bella marqueza, seus bellos olhos*. Ou então: *Seus olhos bellos,d'amor me fazem, bella marqueza, morrer*. Ou então: *Morrer seus bellos olhos, bella marqueza, d'amor me fazem*. Ou então: *Me fazem, seus olhos bellos, morrer, bella marqueza, d'amor*.

– Mas, de todas essas maneiras qual é a melhor?

– A sua: *Bella marqueza, seus bellos olhos fazem-me morrer d'amor*.

– E comtudo não tive estudos; fiz isso logo á primeira! Muitissimo obrigado!»

A resposta final do Mestre de Philosophia, se o caso não fosse de puro gracejo, não poderia ser applicada, sem restricções, ao verso, não só porque das diversas formulas de qualquer pensamento deve ser escolhida a que fôr melhor segundo as circumstancias, mas tambem porque, como diz um poeta obscuro:

«Prosa e verso têm balizas».[VI]

Tudo isto, porém: conhecimento cabal da lingua, e sciencia technica da construcção, não passa do que é estrictamente rudimental na composição poetica.

A evolução moderna do verso, iniciada, como eu já disse, pelos parnasianos, tende, no seu movimento ascencional para a perfeição artistica, a pôr de accôrdo o pensamento e a fórma, a idéa e o som, a melodia e a harmonia.

Não dou aqui maior desenvolvimento a esta materia quanto á sua parte doutrinal e theorica, por já a ter amplamente tratado no artigo intitulado *Nephelibatas*, e no prefacio da *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*;[VII] e ainda em outros escriptos.

Accrescentarei, porém, agora, que os fundamentos da theoria, ahi sustentada, para muitos imaginaria e inexequivel, assentam em factos experimentaes.

Observe-se uma joven doente. As palavras que instinctivamente emprega para exprimir a tristeza da sua alma e os soffrimentos de que se queixa, são adequadas ao seu estado, não só pelo tom lugubre e pelos pensamentos que encerram, mas tambem pela inflexão lamuriante e

VI Alude a um verso do sonetilho "A um renegado", que João Penha dedicou a Guilherme de Azevedo (vd. poema n.º 53).

VII Vd. textos editados nos n.os 721 e 718.

chorosa que lhes imprime. Observe-se, pelo contrario, um homem feliz e contente: se falla, se conta as suas aventuras, ha na sua voz a vibração das notas claras, estridentes e sonorosamente agudas: entre os seus
146 pensamentos e a parte musical que os reveste ha uma harmonia completa, embora inconsciente.

É, pois, na conjuncção d'estes dous elementos que deverá consistir o arduo e difficultoso trabalho do poeta moderno: se o realizar, a sua obra occupará um logar perduravel entre os monumentos artisticos da sua época; se o não conseguir, ver-se-á collocado, quando muito, entre a ephemera cohorte dos operarios da prosa, e por mais que diga, por mais que se contorsa, por mais que recheie a sua obra de assombros
154 de pensamento, de bonitos de phrase e de floripondios de estylo, como diria sua excellencia o bispo de Bethsaida,[VIII] ainda em vida a verá sepultada nos abysmos insondaveis d'um eterno esquecimento.

157 É no sentido que deixo esboçado que, em França, os antigos
158 parnasianos, e uma phalange de poetas mais novos, trabalham os seus poemas, sobresahindo entre elles pela sua mais perfeita comprehensão do elemento musical, no *La Nature*, Maurice Rollinat, o compositor das *Nevroses*.[IX]

162 As suas poesias são tão musicaes que podem ser cantadas, e elle mesmo, ainda ha pouco, com uma entoação estridente e angustiosa, que produziu uma sensação inexprimivel nos que o ouviam, cantou uma d'ellas, o rondó *Les yeux morts*:

«De ses grands yeux, chastes et fous,
Il ne reste pas un vestige.
Ses yeux, qui donnaint le vertige
Sont allés oû nous irons tous.

VIII Refere-se a D. António Ayres de Gouveia, que foi Bispo de Betsaida e Arcebispo da Calcedónia, bem como lente da Universidade de Coimbra, Ministro da Justiça e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, nos reinados de D. Luís e D. Carlos.

IX Alude a duas obras maiores do poeta francês Maurice Rollinat (*1846 †1903): *La Nature* (1892) e *Les Névroses* (1883), particularmente o poema "Les yeux morts", citado adiante.

En vain ils êtaient frais et doux,
Comme deux bluets sur leur tige;
De ses yeux, chastes et fous,
Il ne reste plus un vestige.

Quelque fois, par les minuits roux,
Pleins de mystères et de prestige
La morte autour de moi voltige...
Mais je ne vois plus que les trous
De ses grands yeux chastes et fous!»

Entre nós, o movimento evolutivo, a que me tenho referido, fôra, como já disse, iniciado expontaneamente em Coimbra por uma geração de poetas que, com os seus adeptos, formam actualmente uma pleiade de artistas que só tem por egual a pleiade dos poetas francezes.

Eram e são os que o douto professor do Curso Superior de Letras, Theophilo Braga, o Linneu[X] da nossa litteratura, classifica, na sua ultima obra, com o desdem olympico de um metrificador de cyclos, da maneira seguinte: *poetas que tratam unicamente da forma!*[XI]

Comtudo, em que pése ao illustre e glorioso cathedratico, para esses, excluido um, já ha muito fulgura, no templo da Arte, o antigo *fas vobis limina divuum*.[XII]

X Alude ao cientista sueco Carolus Linnaeus (*1707 †1778), considerado o pai da taxonomia moderna.
XI Refere-se ao livro *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, onde Teófilo Braga inclui João Penha no grupo dos "Parnasianos, cultivando exclusivamente a fórma" (1892, vol. II, p. 13).
XII Cita-se parcialmente o v. 333 do Liber IV das *Georgicae*, de Vergilio. Trad. do Latim: "Tendes direito a pisar os umbrais dos deuses".

725

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 69-71.]

ISRAËL

Uma das cousas que mais me assombram, nestes fins do seculo das luzes, é a perseguição que nos paizes que se dizem mais civilisados se faz contra os judeus. Na Russia, o paiz do knout[I] e das deportações para a Siberia, onde o Czar se considera ainda, a serio, ungido pelo Padre Eterno antes de nascer, para governar e dirigir os seus vassallos, como um almocreve de Traz-os-Montes governa e dirige as suas bêstas de carga, foram ainda ha pouco expulsos todos os judeus, como um bando de leprosos. Na Austria e na Allemanha, o odio contra a raça semitica revela-se todos os dias por actos e violencias em que as tribulações dos perseguidos deixam a perder de vista as do judeu de York, no *Ivanh*ôe, de Walter Scott.

Em Paris, Drumont,[II] novo Godofredo de Bouillon,[III] com os narizes repletos de tabaco ultramontano, levanta, com a *France Juive*, o lábaro de guerra[IV] a todo o transe contra os infelizes hebreus. Á roda d'esse lábaro, que é ao mesmo tempo o lenço vermelho a que se assôa, observa-se um numeroso grupo degladiante de escriptores do mesmo cothurno. Para elles a raça judaica pretende assenhorear-se do mundo: nessa raça encarnou o antigo Belzebuth da lenda obsoleta, e ameaça destruir pelos alicerces o templo de Roma, como outr'ora foi destruido o de Jerusalem: templo por templo, ôlho por ôlho, dente por dente, como se diz na Biblia.[V]

I Knout era um tipo de chicote, usado na Rússia para castigar os criminosos.

II Trata-se do escritor e polemista francês Édouard Drumont (*1844 †1917), conhecido pelas posições antissemitas, radicalmente expressas em *La France Juive* (1886).

III Refere-se ao líder da Primeira Cruzada, Godefroy de Bouillon (*1058 †1100).

IV Alude ao cristograma usado pelo exército do Imperador Constantino.

V Remete para a passagem bíblica Ex. 21: 24.

Esta guerra sem treguas, que, no estado agudo a que ultimamente chegou, faz prevêr uma nova *Saint-Barthélemy*,[VI] não se explica, a meu vêr, senão pela estupidez dos que a fazem, e pelo atrazo real em que se acha a supposta civilisação moderna; porque a verdade irrecusavel é, e as proprias sciencias cosmogónicas o demonstram, que este nosso globo, e portanto a humanidade que sobre elle se agita, estão ainda nos primeiros tempos da sua infancia. D'aqui a cinco mil annos, por exemplo, a guerra, a luta de povos contra povos, será negada pelos historiadores d'essas epocas como um facto absurdo e inacreditavel.

Para mim, se ha povo realmente sympathico é o israelita. Ao contrario do que diz a lenda, nunca deixou de existir como nação: disperso por sobre o globo, conserva-se ainda unido pelas suas tradições, pela sua religião e pelas suas leis moraes.

Os homens são laboriosos, tenazes e philosophicamente submissos ás leis dos paizes em que vivem.

Nos fastos dos crimes célebres não se encontra um nome de judeu, e se alguns foram queimados nas fogueiras catholicas, não é porque fossem criminosos: criminosos até á ignominia foram os Torquemadas[VII] que os queimaram, como são os que actualmente os repellem.

As suas mulheres, as judias, além de encantadoras, são esposas honestas, e deliciosamente recatadas como violetas: são ainda, sob todos os aspectos, as Judiths, as Déboras, as Racheis dos tempos primitivos.[VIII]

Porque os repellem, portanto, porque pedem que os crucifiquem?

Não vejo outra razão senão a que expuz.

Melhor seria, comtudo, que, se se insiste em que este seculo é o das luzes, os modernos Drumonts, lembrando-se de que o, pelo menos,

---

VI Alude ao Massacre ocorrido na Noite da Saint-Barthélemy (de 23 para 24 de agosto de 1572), quando cerca de dez mil huguenotes foram assassinados em Paris, no contexto das perseguições religiosas.

VII Refere-se ao inquisidor-geral dos reinos de Castela e Aragão, Tomás de Torquemada (*1420 †1498).

VIII Remete para as personagens bíblicas do Antigo Testamento.

primeiro moralista do mundo, o primeiro legislador da humanidade, o primeiro sabio dos tempo antigos, o primeiro poeta das epocas historicas, e o primeiro philosopho dos tempos modernos, isto é, Christo, Moysés, Salomão, David e Spinosa, eram judeus, pozessem termo a uma perseguição que os deshonra, e não usassem dos seus lenços de panninho vermelho senão para assoarem seus tão respeitaveis como catholicos narizes.

726

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 75-87.]

SYLVIA[I]

Os vegetaes, em contrario ao que dizem todos os livros de sciencia, são animaes. Nascem, crescem, alimentam-se, reproduzem-se, adoecem ou envelhecem, e morrem. Vivem, pois, mas passivamente, dizem esses livros. Eu, porém, vou mais longe: estudos reiterados sobre esses entes da creação, e factos passados commigo mesmo, collocam-me na posição de poder declarar, – e essa declaração faço-a ao seculo XX – que elles têm vida activa, consciente; têm alma e paixões; percebem o mundo exterior como nós mesmos o percebemos, e os outros animaes o percebem. Nesses estudos não me guiei pelos principios de qualquer das philosophias geralmente reconhecidas como officiaes, mas pelos de uma minha propria, principios segundo os quaes o que exactamente não existe é o Inconsciente: tudo tem consciencia, em tudo ha força, intelligencia e sensibilidade.

Em logar dos argumentos, que eu poderia adduzir a favor d'este meu assêrto, narrarei antes um caso, passado commigo, que muitos julgarão absurdo, ou, pelo menos, extraordinario, mas que eu julgo natural, segundo aquelles principios que summariamente expuz.

Esse caso succedeu em Coimbra, a cidade mais poetica do mundo – do mundo meu conhecido.

Era no mez de junho, e a academia, na sua quasi totalidade, fechadas as aulas, partira em debandada para longes terras, deixando-me só. Por que não partira eu tambem? Exactamente por aquillo; porque, para mim, Coimbra era a cidade mais poetica do mundo.

Todos os dias, ao cair da tarde, seguia eu pela ponte fóra: no O[II]

I Sobre o título deste conto, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

II Refere-se a uma espécie de cruzamento que a antiga ponte manuelina apresentava junto à margem esquerda do Mondego, para permitir a passagem de dois carros. Era aí que os transeuntes costumavam parar, apreciando a paisagem.

detinha-me um pouco a ver as pernas das raparigas que, de saias levantadas, entravam no Mondego a encher as suas bilhas; – depois seguia para além, e sentando-me sempre no mesmo logar, isto é, na extremidade do paredão, do lado esquerdo, d'ahi contemplava, no seu poente, o sol que se ia escondendo por detraz do Choupal,[III] levando no ouro do seu esplendor as linhas e a côr accentuada das cousas, a visão clara e distincta da paizagem. Pelo rio, para áquem da ponte de ferro, subiam, silenciosos, alguns barcos á vela, e no arvorêdo das margens os rouxinoes, innúmeros naquellas regiões, davam principio aos seus concêrtos nocturnos. Espectaculo unico no mundo, de uma satisfação intima, serena e consoladora!

Uma tarde, em que eu assim contemplava o pôr-do-sol, vi, reparando por acaso, que a folhagem de um salgueiro, plantado do outro lado na insua fronteira, junto ao angulo formado pelo paredão da ponte e o da estrada do Almegre,[IV] se movia como se corresse vento, o que me surprehendeu de um modo extraordinario, porque nem a mais ténue aragem se sentia, e a calma, terrivel, era absoluta. Suppuz, ao principio, segundo umas idéas vagas que eu tinha de estudos meteorologicos, que o phenomeno seria devido a alguma corrente de ar que por ali passasse, mas esse pensamento abandonei-o desde logo, porque nenhumas das outras arvores que estavam na mesma linha para além, ou na mesma direcção para áquem do sitio onde eu me achava, se moviam: as suas folhas pareciam de metal. Desistindo de explicar o caso mysterioso, levantei-me e segui em direcção á cidade. No O parei, e, voltando-me, observei que a folhagem do joven salgueiro ainda se agitava, mas quasi insensivelmente.

Na tarde seguinte puz-me a caminho para Santa Clara com o firme proposito de estudar mais detida e profundamente o phenomeno, se elle se repetisse. A meio da ponte, e inclinando-me sobre o parapeito da direita, principiei a observar a arvore e vi que ella, como todas as

III Refere-se à mata do Choupal, nas margens do rio Mondego.

IV A Estrada do Almegue, na Ladeira da Mondorel, pertence à freguesia de Santa Clara.

outras, se conservava immovel; ao chegar, porém, ao O já a sua folhagem se agitava sensivelmente, e, ao sentar-me no meu logar predilecto, depois da ligeira contemplação de pernas, a que acima me referi, vi-a no seu movimento da tarde anterior. Esse movimento produzia um sussuro harmonioso, ténue como o som de uma harpa esmorecido pela distancia.

Preoccupado com este acontecimento, que despertava em mim umas certas idéas que eu não revelara ainda a pessoa alguma, com mêdo que me julgassem doudo, entrei no rocio onde morava o Doutor Cesario, o mesmo que, averiguando que o poeta Soares de Passos lhe namorava a mulher, – musa do seu livro, – o attraira capciosamente, altas horas da noite, ao interior do domicilio conjugal, e o mimoseara com uma duzia de palmatoadas valentes, a elle, a um poeta que ia ali para receber outra cousa: o premio inestimavel das suas canções divinas!

Não foi, porém, para estudar o feroz castigador de tangedores de lyra que entrei ali, mas para estudar as numerosas arvores que ensombravam aquelle recinto. Nem uma unica se movia.

– Anda aos ninhos? inquiriu curioso, o Brandão, dono de uma horta ali situada; parece-me um pouco taludo para esse divertimento.

– Não, infelizmente, amigo Brandão: é que ando em botanica, e o Doutor Julio Henriques encarregou-me de fazer uma classificação geral das arvores do valle do Mondego.

Dada esta explicação que, se não surprehendeu o digno taberneiro, me surprehendeu com certeza a mim, porque a não esperava, – subi a ladeira do convento de S. Francisco, e entrei no alto de Santa Clara. O meu intuito era o de estudar as correntes de ar.

Ahi, vendo uma encantadora Rosina, do meu conhecimento, a coser á janella, pedi-lhe um fio de linha.

– Para que? perguntou ella surprehendida. Caíu-lhe algum botão? Se quer eu côso-lh'o.

– Ainda mesmo que seja nas calças?

– Conforme o logar.

– Não, Rosina, não é para isso.

– Então para que é? diga.

– É para fazer um feitiço com que te hei-de prender.

– Então hei-de dar lenha para me queimar? Não importa: ahi vae o fio, que eu não sou rapariga que me arreceie de feitiçarias.

– De sorte que... não consigo nada?

– Mesmo nada.

Os seus bonitos olhos, porém, diziam exactamente o contrario.

O fio era uma especie de catavento subtil, de que eu me queria servir para observar as correntes atmosphericas. Andei por todos os sitios, subi a todas as alturas, e o fio parecia um fio de prumo: nem o mais ligeiro sôpro o fizera mover.

Desci então rapidamente a encosta, e, mesmo antes de chegar ao meu logar do costume, vi a folhagem do salgueiro na sua agitação harmoniosa, mais alegre e expansiva que no dia anterior.

As minhas idéas fixaram-se desde esse momento: a joven arvore apaixonara-se por mim!

«Mais uma para a minha lista, pensava eu, repleto de vaidade: ser amado por uma mulher, que vulgaridade! mas, por uma arvore, por um salgueiro! Se eu revelasse este caso, se o communicasse á Academia Real das Sciencias, todos os sabios, todos aquelles que não ousam transpor os limites das observações communs, o negariam por absurdo, por contrario á natureza das cousas!»

Comtudo, resolvi fazer uma nova experiencia no dia seguinte.

De noute, vi-a em sonhos, mas nesse meu sonhar incoherente e agitado havia uma confusão desagradavel entre ella e um academico, chamado Salgueiro, calvo, mas de longas barbas. Por isso, e porque salgueiro é um nome de macho, dei-lhe, ao acordar, o de Sylvia, tão amado dos poetas antigos.

Ao fim da tarde, encontrando á entrada da ponte o poeta Eduardo, que ahi estava numa contemplação egual á que eu, de passagem, costumava fazer no O, pedi-lhe que me acompanhasse.

A meio da ponte, disse-lhe, apontando-lhe para a extremidade opposta:

– Que vês além?

– Vejo, á porta do ferrador, um vulto que me parece de jumento.

– Tambem assim me parece, e tanto que, se não fosses aqui ao meu lado, julgaria que eras tu. Ora, repara bem: vae adiante, e pára acolá mesmo onde está o vulto, de que fallaste; volta-lhe as costas, sem ceremonia, e não cesses de olhar um só momento para a arvore fronteira, que está no angulo da estrada do Almegre: é Sylvia. Observa-lhe attentamente o movimento das folhas até que eu chegue.

O poeta Eduardo, ao principio, hesitou julgando-me doudo, mas vendo no meu olhar imperioso, não um pedido, mas uma ordem peremptoria, resolveu-se, e seguiu rapidamente para o logar que eu lhe designara. Ahi parou.

Quando lá cheguei, perguntei-lhe:

– Então, que observaste?

– Uma cousa esquisita. A arvore é aquella?

– É.

– Quando cheguei não se movia: estava exactamente como todas as outras; mas, haverá talvez dois minutos, virias tu no O, que a sua folhagem principiou a agitar-se suavemente, como ainda agora se agita.

– E como explicas tu esse phenomeno?

– Eu, francamente, não o sei explicar, porque não vejo que sópre a mais ligeira viração.

Neste comenos, o jumento que estacionava á porta do ferrador, erguendo a fronte scismadora, lançou um tão subitáneo e poderoso ornear ao infinito, que fez descrever ao poeta uma volta não menos subitánea, o que me deu ensejo a que, sem ser por elle observado, lançasse, com um gesto de elegancia á Directorio, a Sylvia, um beijo amoroso na ponta dos dêdos.

Seguiu-se depois, durante semanas, com todas as suas phases usuaes, o namôro, o mais delicioso passatempo, se assim se lhe póde chamar, de quantos o homem inventou de harmonia com as leis da natureza.

A breve trecho, lia em Sylvia como num livro aberto. Os seus affectos para commigo não eram unicamente revelados pelo movimento das folhas. Esse mesmo movimento tinha cambiantes que correspondiam

a outros tantos sentimentos ou estados da alma da amorosa. Assim, logo que me via, o movimento era suave, mas alegremente tumultuoso,
158 revelando d'esse modo o contentamento que sentia ao vêr que eu ia ali por causa d'ella, que a não esquecia, que correspondia aos seus affectos. Numa tarde em que, por acaso, me encostara a outra arvore, vi que lhe causara uma sensação penosa: o movimento das folhas não cessara, mas tornou-se mais lento, como que dolorosamente nervoso, e até, nessa occasião, me pareceu vêr, na sua côr transmudada, a pallidez do ciume. Os beijos á Directorio, que eu lhe enviava quando as circumstancias o permittiam, causavam-lhe uma sensação profunda: as suas folhas distendiam-se como retesadas pelo espasmo da suprema ventura, e o seu tronco elegante, inclinando-se ligeiramente para o meu lado, indicava nella um desejo vehemente de se arrancar da terra que a prendia, e de se lançar nos meus braços.

Este ultimo facto suggeriu-me uma idéa, que controverti no meu espirito durante muito tempo. «Um amor platonico, pensava eu, tolera-
172 se durante um certo periodo, nos primeiros tempos, mas por fim, mais cedo ou mais tarde, deve cessar, tornando-se mais real em obediencia ás leis da natureza. Demais, eu não quero de maneira alguma que Sylvia me tome por um José do Egypto,[V] e devo por isso manifestar-lhe, por meio de actos positivos, a violencia da minha paixão.» Mas, como?

«E se eu lhe désse um abraço?»

178 Foi esta a idéa em que me fixei.

Entrei, porém, em grande hesitação sobre se a devia pôr em
180 execução de dia, ou de noute. De dia, seria preferivel para melhor
181 observar as sensações que produziria em Sylvia, que nunca me tinha visto ao pé de si, mas as evoluções suspeitas a que eu me entregava ha muito naquelles logares, tinham chamado a attenção dos vizinhos, e
184 sobretudo do Doutor Cesario, o qual eu por vezes surprehendera a observar-me através dos seus grandes oculos, de áros de prata, quer de traz de um muro esboroado, quer meio escondido entre as arvores do seu

V Refere-se à personagem bíblica, que fugiu à mulher de Putifar, quando esta o tentara seduzir (Gn. 39: 7-20).

rocio, quer detraz das cortinas da janella do seu quarto de dormir. O homem, que era lente de medicina, diagnosticara-me talvez poeta, e, naturalmente, concebera a idéa de me applicar o remedio que, em
190 tempos idos, applicara traiçoeiramente ao vate do *Noivado do Sepulcro*.[VI]

Decidi-me, pois, a realizar o meu projecto de noite, e quando a lua fosse alta, porque assim evitaria indiscrições, e realçaria o acto com aquelle mysterio vago, que é um dos encantos dos episodios do amor.

195 Numa certa noute, portanto, puz-me a caminho, e atravessando corajosamente a ponte solitaria, subi, de um salto, ao parapeito da ínsua, junto ao qual estava plantada a minha Sylvia. A distancia entre ella e o parapeito era maior que a que ao principio se me afigurava; comtudo, inclinando-me com geito, consegui lançar-lhe, voluptuosamente, os
200 braços á roda da cintura. Ora succedeu que, não vindo ella a mim, fui eu a ella; em virtude d'esse movimento, os pés saltaram-me para fóra do paredão, e faltando-me assim todo o apoio, escorreguei por ella abaixo
203 até ao fundo da ínsua, onde caí. Levantando-me, attónito pela surpreza, e pela rapidez do facto inesperado, ergui os olhos, e pareceu-me então vêr que Sylvia, impellida talvez por um esforço sobrenatural, se inclinava para mim, e me estendia os braços, para me chamar a si, e me estreitar,
207 em violento amplexo de amor, contra o seio palpitante.

208 Seria effeito do luar? Seria allucinação do espirito? Talvez, mas na duvida, parti em fugida vertiginosa pela insua fóra, conseguindo mais tarde, depois de improbos trabalhos, saltar para a estrada do Almegre.
211 Na ponte, passei de largo, desconfiado, e só a grande distancia é que lhe enviei o beijo á Directorio na ponta dos dedos: foi o ultimo que lhe dei, foi o ultimo que ella recebeu em vida.

Dias depois parti para outras regiões, e d'ahi a pouco, arrastado no turbilhão ruidoso de uma vida agitada e feliz, da pobre Sylvia não me restava a mais ligeira memoria. É assim a natureza do coração humano: se ella me não amasse talvez a não esquecesse.

VI Trata-se do poeta António Augusto Soares de Passos (*1826 †1860), referido acima.

Na volta a Coimbra cessaram por completo, com os mezes frios, os meus passeios a além-ponte; mas veio a primavera, e numa bella tarde de fins d'abril, iniciando as minhas digressões bucolicas, puz-me a caminho para Santa Clara. Ia sem companheiros. Ao chegar ao O da ponte lembrei-me, pela primeira vez depois de tantos mezes de ausencia, da pobre Sylvia, que eu abandonara tão cruelmente; mas, de subito, parei estupefacto. Sylvia não estava lá: a pobre rapariga tinha desapparecido!

Impressionado com este acontecimento inesperado, corri ao Brandão, com quem entabolei conversa em ordem a obter esclarecimentos ácerca do facto que me preoccupava.

– Vejo, amigo Brandão, lhe disse eu, que não ha por aqui mudança alguma: só me parece que falta acolá uma arvore, que eu me recordo ter visto quando, por incumbencia do Dr. Julio Henriques, andei por aqui a fazer uma classificação geral das arvores do valle do Mondego.

– Falta, é verdade: está já ha muito feita em palitos.

– Como! em palitos! exclamei eu estupefacto.

– Ahi por julho principiou a dar-lhe o mal: o tronco foi-se-lhe myrrhando pouco a pouco, as folhas amarelleceram e cairam, e por fim morreu. O dono vendeu-a quasi de graça.

Bebi uma garrafa de Porto, e parti como um doudo não sei para onde.

Quando voltei a mim, ia alta a lua.

Como um allucinado, dizia, com vozes intercortadas por suspiros: «Fui eu que te matei, minha pobre Sylvia! Tinhas pôsto na correspondencia ao louco amor que sentias por mim a tua felicidade na terra. Só d'essa felicidade vivias, nem outra sonhavas melhor. De repente o sonho escureceu-se: transformou-se na mais cruel realidade. O teu escolhido partira, abandonando-te sem remorsos, e sem piedade. Viste-o talvez, na sombra da tua tristeza infinita, nos braços de outra. Não podeste resistir a essa dôr cruel e morreste! Oh! desditosa, desditosa Sylvia!»

Eram altas horas quando voltei ao sitio onde ella existira. Um môcho sinistro piava na velha torre do mosteiro abandonado. Queria, de

joelhos, pedir-te o perdão da minha impiedade, – mas, ao chegar, parei de subito, hirtos os cabellos. Caso estranho e sobrenatural! Pareceu-me vêl-a que me apparecia, não com a sua fórma antiga, mas com a de uma joven, envolvida numa tunica de luar. Tinha as mãos cruzadas no peito, os olhos baixos, o rôsto macerado. Olhou-me, por um momento, com piedosa tristeza, e, assim como o lirio cae se a tempestade o impelle, assim a vi a ella cair, pouco a pouco, num esquife tambem de luar, em que entes invisiveis pegaram. Nesse momento principiei a ouvir dentro d'alma a *Marcha Funebre* de Chopin. O movimento era vagaroso e cadenciado. O rufo sinistro do tambor coberto de crepe marcava esse movimento lugubremente compassado. Gritos lancinantes de mulheres lacrimosas, clamores angustiosos, intercortados por suspiros abafados, cruzavam-se no ar, e uniam-se a todos os sons que representam a suprema dôr humana. Pouco a pouco, foi-se distanciando o funebre sahimento, até que desappareceu nas brumas indecisas de horisontes mysteriosos.

De subito voltei a mim. Chamara-me á realidade uma idéa sinistra.

Côrro, como um louco, e bato á porta do homem da taberna.

– Quem é?

– Desculpe-me, Brandão: quem é o paliteiro a quem foi vendida a minha Sylvia?

– Que Sylvia? perguntou elle estupefacto.

Caí em mim.

– É um nome scientifico: refiro-me ao salgueiro de que ha pouco fallamos.

– Ah! bem sei, respondeu elle de mau humor, julgando-se, com razão, victima de alguma brincadeira de mau gosto: foi lá ao seu visinho Christovão.

O meu paliteiro!

«Oh! minha pobre Sylvia, exclamei eu, prostrado por este ultimo golpe; matei-te sem piedade, e não contente com isto, ha já uns poucos de mezes... que me escabicho os dentes comtigo!»

727

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 91-108.]

QUESTÃO LITTERARIA[I]

I
CERVEJA E ALEXANDRINOS

Um distincto prosador escreveu num jornal de Lisboa, a *Mala da Europa*, um substancioso e bem elaborado juizo critico ácerca da minha *Viagem por terra ao paiz dos Sonhos*.[II] As conclusões a que chegou podem resumir-se no seguinte: 1.º que os versos d'esse livro têm cabellos brancos, e ainda são inferiores aos das *Rimas*, livro secundario que está longe de ser uma obra prima; e 2.º que o autor d'essas duas mediocres collecções de versos é tão pouco original que, sem comtudo plagiar ninguem, se plagia a si mesmo. Estas conclusões surprehenderam-me, mas agradavelmente, porque o que é certo é que eu proprio nas mesmas idéas abundo.

Nesse escripto ha, porém, duas asserções que me parecem injustas, por não assentarem em factos rigorosamente verdadeiros.

Talvez se julgue que me refiro áquella parte do escripto em que o judicioso analysta põe em relevo o meu hespanholismo, ou antes o meu exuberante amor por andaluzas e sevilhanas, dizendo que essa mania vae tão longe que chego a rimar *cômas* com *pômas*. Não é, porém, isso o que eu acho injusto, porque o facto é verdadeiro, havendo até, quanto ás rimas indicadas pelo douto escriptor, uma deploravel superfluidade, poisque tanto as duas pômas das hespanholas, como as das portuguezas,

I Este conjunto de textos insere-se numa longa polémica, originalmente travada na imprensa periódica. A este propósito, vd. os Arquivos documentais (no Aparato Crítico), onde se reproduz também a nota explicativa do autor.

II Refere-se à recensão que Delfim de Brito Guimarães publicou na *Mala da Europa*, a 15 de novembro de 1897 (vd. texto reproduzido no Arquivo documental II do n.º 718).

rimam, naturalmente, uma com a outra.

Penso até que o illustre prosador não quiz dizer que eu deveria circumscrever-me, quanto ao assumpto ou objecto dos meus versos, a cousas nossas, ou a personagens d'este prosaico jardim da Europa á beira-mar plantado,[III] porque sendo elle, segundo me dizem, poeta, muito bem sabe que todos os artistas, dignos d'este nome, têm um horror profundo a tudo o que os cérca, porque isso que os cérca é a realidade núa e crúa, e em toda a obra artistica deve haver o quer que seja de ideal, de longinquo, vago e indefinido.

As mulheres de Shakespeare, o maior genio, o mais assombroso poeta dos que têm saído do ventre da terra, se exceptuarmos as da historia da Inglaterra, são de outros paizes: Julieta e Desdémona são italianas, Ophelia é dinamarqueza, Lady Macbeth, da antiga Escossia; – nem estas maravilhosas creações, e muitas outras, como Cymbelina e Titania,[IV] se comprehenderiam de Londres ou de Southampton. A acção das suas vastas tragedias e dos seus dramas desenvolve-se quasi sempre em terras e paizes que o poeta nunca vira senão em sonhos: na Alexandria, em Athenas, em Roma, Veneza, Verôna, e em regiões vagas, não definidas. Schiller, sem sair da Allemanha, parte para a Hespanha, para a Italia, Escossia, França e Suissa, e ahi colloca a acção das suas principaes tragedias: *D. Carlos, A conspiração de Fieschi, a Noiva de Messina, Maria Stuart, Joanna d'Arc*, e *Guilherme Tell*.[V]

Hugo é, pelo menos, tão francez como estrangeiro, e vêmol-o preambulante em toda a face da terra, e, a nado, sobre as ondas do mar. Musset é essencialmente hespanhol e italiano: a sua collecção de versos intitula-se: *Nuits d'Espagne et d'Italie*. Theophilo Gautier desadora as

III Alude ao v. 17 do poema "A Portugal", no *D. Jaime* (1862), de Thomaz Ribeiro.

IV Refere-se às protagonistas amorosas de algumas tragédias de William Shakespeare: *Romeo and Juliet* (1597), *Othello* (ca. 1603), *Hamlet* (ca. 1600), *Macbeth* (ca. 1607), *Cymbeline* (ca. 1611) e *A Midsummer Night's Dream* (ca. 1596).

V Menciona algumas tragédias do alemão Friedrich Schiller: *Don Karlos, Infante von Spanien* (1787), *Die Verschwörung des Fiesco zu Genua* (1783), *Die Braut von Messina* (1803), *Maria Stuart* (1800), *Die Jungfrau von Orleans* (1801) e *Wilhelm Tell* (1804).

francezas, excepto para os fins a que ellas são naturalmente destinadas, e mostra uma inclinação das mais accentuadas pela Italia e pela Hespanha, os dois paizes mais poeticos do mundo.[VI] Na pintura observa-se o mesmo phenomeno. Worms e Vibert, por exemplo, dous soberbos artistas francezes, não pintam senão mulheres ou scenas de Hespanha, e como esses muitos outros.[VII] Finalmente, entre os grandes compositores, oberva-se essa mesma tendencia, essa mesma affeição pelas coisas d'aquelles dous paizes luminosos. Citarei apenas, indo buscar o exemplo áquelle paiz longinquo onde Ovidio morreu de tristeza, *mærore extinctus est*,[VIII] Wadteufel, o delicioso compositor de valsas e barcarolas que, deixando os gêlos das regiões onde vive, abriu tenda artistica em Cadix e Granada, onde nos embala nas ondas sonoras da sua musica caracteristicamente andaluza.[IX]

Demais, se eu nos meus versos manifesto, como aquelles grandes artistas, e como muitos outros que poderia citar, uma irresistivel inclinação pelas hespanholas, inclinação que, por todos os meios praticos ao meu alcance, sempre me esforcei por tornar effectiva, ninguem me poderá accusar de falta de patriotismo, porque a mulher portugueza ahi tem, nesses mesmos versos, um largo quinhão, e ahi a pinto como a vejo: quasi sempre sem azas.

Vê-se, pois, que ácerca de toda esta materia não ha, realmente, nem accusação de uma parte, nem defesa da outra: ha apenas a indicação de um facto que eu reconheço de verdadeiro, e que explico pela fórma que deixo exposta.

Vamos, pois, á primeira das accusações que me perturbaram.

VI Refere-se a três eminentes poetas franceses: Victor Hugo (*1802 †1885), Alfred de Musset (*1810 †1857) e Théophile Gautier (*1811 †1872).

VII Remete para a obra dos pintores franceses Jules Worms (*1832 †1914) e Jehan Georges Vibert (*1840 †1902).

VIII Alude ao exílio do poeta romano Publius Ovidius Naso (*43 a.C. † ca. 18 d.C.), em Tomis (atual Roménia). Trad. da expressão latina: "morreu de tristeza".

IX Refere-se ao compositor francês Émile Waldteufel (*1837 †1915), especialmente conhecido pelas suas valsas e polcas.

Indica-a o illustre escriptor nestas graves palavras: «mas como se fosse pouco o afinar continuamente a lyra para honrar as bellezas do visinho reino, o poeta tece um cantico dos canticos a favor da cerveja allemã.»

Isso nunca: tudo menos isso!

Nunca li as *Rimas* desde que saíram á luz: o unico exemplar que possuo, e que é o offerecido pelos editores, está ainda por cortar; – mas posso affirmar que ahi, como na *Viagem*, nunca fiz poesia alguma á cerveja allemã, nem mesmo á ingleza, a essa loira encantadora, como lhe chama Richepin na sua *Chanson des Gueux*.[X]

D'esse facto, porém, não deve concluir-se que nunca a achei digna dos meus canticos, poisque além de lhe dever, particularmente, assignalados favores, metade do globo lhe rende o mais fervoroso preito. Waterloo, segundo se lê na *Grande Encyclopedia*, de Larousse, o mais vasto repositorio de asneiras do seculo XIX, outra cousa não representa que a luta suprema entre a cerveja e o vinho, e este, apesar da sua heroica resistencia, foi o que mordeu o pó das batalhas, como antigamente se dizia.

O vinho, comtudo, apesar de vencido, ficou de pé, e como o mythologico Anteu, em breve se achou de novo em condições de poder continuar, com brio, a luta em que ha seculos anda empenhado.

A sua importancia é enorme: póde affirmar-se que nenhum grande feito, d'esses que a historia regista nos seus códices, se realizou sem a sua poderosa e efficaz intervenção. Todos os poetas antigos o cantaram em odes e dithyrambos, e no Livro dos Livros é elle o indicado como o grande consolador dos tristes: *«Date vinum moerentibus et lætabunt.»*[XI]

X Refere-se ao poema "Pâle et blonde", incluído no livro que Jean Richepin (*1849 †1926) publicou em 1876.

XI Alude à passagem bíblica Pr. 31: 6. Trad. do Latim: "Dai vinho aos tristes e eles alegrar-se-ão".

É verdade que Mahomet, no seu *Al Koran* o repelle com insistencia, mas, reconhecendo que as suas vozes não teriam echo entre a grei do crescente sem uma futura compensação, não hesitou em revelar que um dos quatro rios do paraiso era de vinho.[XII]

A cerveja, porém, vae ganhando terreno, e tendo já dominado completamente os povos saxonios, escandinavos, e outros das raças frias, já caminha ovante entre os povos latinos. É que é mais poetica e delicada que o seu velho antagonista, e a arte, como o estomago publico, acceita-a com benigna sombra.

Poderá um artista pintar, por exemplo, a rainha Victoria, a Carmen Sylvia,[XIII] uma nympha moderna, ou mesmo uma joven pedalista fim-de-seculo, de caneca em punho, ou a emborcarem o ôdre pando das lendas fradescas?

Não, por certo: mas poderá pintal-as de labios, mais ou menos côr de rosa, collados ao cyatho onde espuma, como ouro liquido, essa moderna ambrosia, – droga que o mencionado Mahomet, ao que parece, desconhecia, porque, de contrario, um dos seus quatro rios paradisiacos, que são: um de leite, outro de hydromel, outro de vinho, e outro de agua, seria substituido por um de birra, como á cerveja chama o nosso Filinto Elysio, e esse seria naturalmente o de agua, porque esta droga é só propria de irracionaes, especie que não tem entrada em paraiso algum:

«Vina bibunt homines, animalia coetra fontes.»[XIV]

A accusação, portanto, que me faz o benévolo escriptor que me occupa, não tem, realmente, fundamento algum, porque, resumindo o

---

XII Alude a duas passagens do Alcorão. Em S. 5: 90, os muçulmanos são aconselhados a evitarem o vinho, durante as suas vidas, mas em S. 47: 15, o Paraíso é descrito com "rios de água, nunca malcheirosa, e rios de leite, cujo sabor não se altera, e rios de vinho, deleitoso para quem o bebe, e rios de mel purificado".

XIII Refere-se à célebre monarca do Reino Unido, Victoria (*1819 †1901), e à rainha consorte da Roménia, Elisabeth zu Wied (*1843 †1916), que no mundo literário usou o pseudónimo Carmen Sylvia.

XIV Este aforismo é retirado do poema medieval *Regimen Sanitatis Salernitanum*. Trad. do Latim: "Bebam vinho os homens; os demais animais água".

que fica exposto, nunca ergui cantico algum á cerveja, e porque, ainda quando assim não fosse, como supponho que é, seria isso motivo para encomios, cortezanias e rapapés, e não para censuras.

Sobre esta importante materia nada mais é necessario accrescentar, e assim passo a expôr o que se me offerece ácerca da segunda das accusações graves que me perturbaram.

Consiste nestas palavras do sabio critico:

«Pena é que o poeta, seguindo os *novos* não consagrasse á factura dos *alexandrinos* o cuidado que as boas regras poeticas recommendam.»

Esta materia precisa de um ligeiro introito.

O meu querido companheiro e collega em lides profissionaes e litterarias, Candido de Figueiredo, num seu escripto, publicado no *Reporter*, ácerca da *Viagem por terra*, deu a entender que alguns dos versos do soneto a *Moribunda* estavam errados, dizendo que eu fizera esse soneto em alexandrinos para mostrar que os sabia fazer.[XV] D'ahi um *tolle* geral, de que se fez echo, como não podia deixar de ser, o conspicuo e illustrado critico, de que me estou occupando; *tolle* que mais se accentuou pelo facto (imaginario) de que eu, depois de algumas explicações trocadas entre mim e aquelle meu erudito confrade, concordara no êrro, e emendara o soneto, o qual, effectivamente, saiu num numero posterior do *Reporter*[XVI] da maneira seguinte:

No grande leito ebúrneo, emmagrecida a face,
Acurvada ao seu mal, e já sem movimento,
Esperava infeliz, de momento a momento,
O golpe derradeiro, o triste desenlace.

XV Alude à recensão que Cândido de Figueiredo publicou n' *O Reporter*, a 26 de outubro de 1897 (vd. Arquivo documental III do poema n.º 124).

XVI Trata-se da versão alterada ao poema "Moribunda", que João Penha fez publicar n' *O Reporter*, a 10 de novembro de 1897 (vd. Arquivo documental III do n.º 124).

Era como uma flôr que a brisa ao chão lançasse,
E naquelle profundo e mésto abatimento,
De olhos fechados sempre, e muda, e sem alento,
Não respondera a Deus, se Deus a interrogasse.

Cheguei-me compungido, e então lhe disse: «Quando
Déres entrada além, no ethéreo azul profundo,
E nos astros ideaes tu resurgires voando,

Os anjos te dirão: «Oh! ceus, que rosto lindo!»
E viverás feliz, mais que na terra, amando.»
Então vi-a chorar, – mas expirou sorrindo.

D'este facto, porém, isto é, da ligeira e quasi imperceptivel transformação por que fiz passar este soneto, não deve concluir-se de maneira alguma que reconheci que havia, ou que reconheço que ha na primitiva *Moribunda* a mais insignificante irregularidade: transformei-o apenas por condescendencia, e para dar gôsto ao meu irrequieto amigo.

Os versos de doze syllabas pódem ser construidos á franceza, e chamam-se alexandrinos, ou á grega e á romana, e então chamam-se asclepiadêos.

Na *Moribunda* foram estes os que preferi, e isto pelas razões que passo a expôr.[XVII]

No citado repositorio de asneiras, a que acima me referi,[XVIII] lê-se o seguinte:

«Pied, chaque syllabe d'un vers.»

E accrescenta, como exemplo, esta phrase:

«Vers de douze pieds.»

XVII Refere-se à *Encyclopédie*, de Larousse.

XVIII Sobre o modelo versificatório adotado em "Cosmogonia" e "Moribunda", vd. o Arquivo documental II do n.º 89.

Este verso de doze pés, se podesse existir na natureza, o menor numero de syllabas metricas que poderia ter seriam 24, e em muitos casos, 30 e 40!

Effectivamente, uma cousa é syllaba, outra cousa pé.

O pé, entre os gregos e os latinos, nunca podia ter menos de duas syllabas (chorêo, spondêo, e jambo) – e podia ter tres (dactylo), quatro (choriambo) e mais.

O maior verso latino e grego, o mais accommodado á magniloquencia, como antigamente se dizia, e ainda hoje se póde dizer, era o hexametro, isto é, o de seis pés, como são todos os da *Eneida*, das *Georgicas*, e das *Bucolicas*.[XIX]

Segundo o Larousse e outros quejandos diccionaristas e expositores, este conhecido verso da *Eneida*, que eu quereria ter feito:

«Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum»,[XX]

teria apenas meia duzia de syllabas!

D'esta cousa esquisita nasceu outra não menos extraordinaria, não só lá, isto é, em França, mas tambem cá, e é ella a de se dizer, como tenho lido, que o verso de doze syllabas é composto de dous hexametros justapostos, ou engonçados um no outro, pela fórma indicada pelo fallecido Visconde de Castilho na sua *Versificação*.[XXI]

Imagine-se um verso duplo do que acima indiquei, de Virgilio!

Que vinha para os amadores do verso livre: um verso, não sesquipedal, mas de kilometro e meio!

Mas, vamos á questão em si.

O asclepiadêo latino (ou grego) isto é, o de doze syllabas era, em regra, composto de quatro pés: o 1.º de duas syllabas: spondêo ou chorêo; o 2.º de dous de quatro syllabas: choriambos, pés que têm as

XIX Refere-se às obras-primas do poeta latino Vergilio (*70 †19 a.C.).

XX Este verso, composto por 5 dáctilos e 1 espondeu, pertence à *Eneida*, de Vergilio (VIII, v. 596). Trad.: "o casco sonoro dos quadrúpedes abala a planície poeirenta".

XXI Remete para o *Tratado de Metrificação Portuguesa* (1851), de António Feliciano de Castilho.

duas syllabas extremas longas, e as duas centraes, breves; e 3.º de um de duas syllabas: um jambo, pé que tem a primeira longa e a segunda breve.

É o que eu vejo, por exemplo, logo na primeira ode de Horacio: *Ad Mæcenatem*.

Nesta especie de versos, a qual ainda assim não era adorada pelos romanos, cujas preferencias eram todas pelo jambo – verso em que predominavam os pés d'este nome, – e pelo hexametro, os principios de ondulação rhytmica eram exactamente os mesmos que os applicados aos outros versos, principios que assentavam na divisão regular e harmonica do verso em pés, e nas suas cesuras.

O trovista Alexandre de Paris,[XXII] que lia á franceza o latim, julgou vêr que os asclepiadêos eram divididos em dous hemistíchios, devido isso a terem esses versos de ordinario, mas não sempre – no centro, dous choriambos, os quaes, como já fiz notar, acabam sempre por syllaba longa, e imbuido nessas idéas erróneas, transformou-os em versos de dous de seis syllabas, jungidos dous a dous, ou grudados um ao outro. Tal é, a meu ver, o genesis do alexandrino francez, ou luso-francez.

Como a lingua franceza não tem esdruxulos, e a grande maioria dos seus vocabulos é de agudos, esse verso, lá, póde tolerar-se, embora os poetas francezes sejam os primeiros a achal-o mau, sêcco e monótono. Michelet, que era um poeta, escreveu os seus poemas em prosa, como Edgar Quinet escreveu o seu maravilhoso *Ashaverus*,[XXIII] por não poderem tolerar semelhantes versos, em montões dos quaes, *magna indigesta que molles*,[XXIV]Victor Hugo, o da decadencia, jaz eternamente sepulto.

XXII Uma das teorias correntes associa a origem dos versos dodecassilábicos ao poeta normando do séc. XII, Alexandre de Bernay.

XXIII Refere-se a algumas obras de Jules Michelet (*1798 †1874) e ao longo poema em prosa *Ahasuerus*, que Edgar Quinet (*1803 †1875) publicou em 1833

XXIV Alude a uma passagem das *Metamorfoses* de Ovídio (I, 7). Trad. do Latim: "massa grande e confusa".

Entre nós, como entre os italianos e os hespanhoes, isto é, nos paizes cujas linguas abundam em esdruxulos, e em vocabulos graves, o alexandrino, construido á franceza, não pode tolerar-se: faz mal aos nervos, e sobretudo, aos auditivos.

Como o 1.º hemistichio ha de necessariamente acabar em syllaba aguda, ou em grave, sempre no singular, mas de modo que possa fundir-se na 1.ª syllaba do 2.º hemistichio, syllaba que, neste caso, não pode deixar de principiar por uma vogal, o poeta tem de andar em procura, para o meio do verso, de palavras nessas condições, o que peia e embaraça o desenvolvimento do pensamento, e só isto bastaria para tornar os alexandrinos improprios para o assumpto largo.

Isto, porém, não é o peor: o peor é que nesses versos a ondulação rhythmica não póde existir senão como esboço, como não existe nos versos de seis syllabas, ou de metro inferior, porque embora se inicie nas primeiras syllabas do 1.º hemistichio, não pode estender-se até ao 2.º, por encontrar no meio um barranco que lhe quebra a vibração musical.

Em resumo: um poema escripto em parelhas de alexandrinos á franceza outra cousa não é que um poema escripto em quadrinhas de seis syllabas, com dous versos rimados, e dous brancos!

Por estas razões, e porque ainda até hoje não descobri a necessidade do desengonçamento dos dous hemistichios, podendo até affirmar-se que nunca pessoa alguma neste mundo se lembrou de os desengonçar, foi sempre minha opinião que essa fórma de verso deve ser repellida de entre nós, construindo-se os versos de doze syllabas como os construi na *Moribunda*, isto é, exactamente como os decasyllabos, só com a differença de que, em logar de dez, devem ter doze.

D'est'arte, o verso portuguez de doze syllabas, aproximando-se pela sua factura do dos latinos e grêgos, será um verso magnifico (mas ainda assim inferior ao classico decasyllabo), não só para um amplo desenvolvimento da idéa, mas tambem do pensamento musical.

Explicadas d'este modo as minhas idéas sobre o assumpto, volto a toda a pressa ao meu estimavel critico.

Diz elle que eu, construindo mal os alexandrinos, *segui os novos*.

Supponho que se refere aos poetas vulgarmente conhecidos por nephelibatas. Eu nunca os segui, como tambem nunca segui os parnasianos, ou outros quaesquer metrificadores de pensamentos. Tenho-me seguido a mim mesmo, não por orgulho, mas porque nunca me senti com tendencias para andar na rectaguarda de pessoa alguma. Como Musset, e guardadas as devidas distancias, posso dizer:

«Mon verre est bien petit, mais je bois dans mon verre.»[XXV]

Demais, não me parece razoavel que se diga, por que um poeta faz maus versos, que elle segue os nephelibatas, porque isso importa o mesmo que dizer que estes apreciaveis instrumentistas não sabem tocar os instrumentos invisiveis de que usam, – o que não é exacto. Entre nós ha, por exemplo, Eugenio de Castro e Antonio Nobre, dous soberbos poetas; em França, havia o Verlaine, um autor difficil, como dizia o Mendès, cujas producções dos ultimos tempos têm o quer que seja do vago indecifravel das canções do Bobo do *Rei Lear*;[XXVI] havia o Mallarmé, no corpo do qual encarnara, para castigo dos seus peccados, a alma de Edgar Pöe; ha o Moréas, o Kahn, e, emfim, a brilhante coelheira da *Revue Blanche* e do *Mercure de France*.[XXVII]

Todos estes poetas obedecem a principios de esthetica que ainda se não acham claramente definidos, mas que existem, e isso é o quanto basta para que as suas producções devam ser, senão admiradas como cousas prodigiosas, pelo menos respeitadas como obras de pêso.

É neste sentido que eu respeito estes estimaveis collegas da symbolica, sem comtudo os seguir em cousa alguma, do mesmo modo

XXV Esta citação de Alfred de Musset (*1810 †1857) é retirada de *La Coupe et les Lèvres* (1832). Trad. do Francês: "Meu copo é bem pequeno, mas bebo apenas nele".

XXVI Refere-se à personagem da tragédia que William Shakespeare trouxe a público em 1606.

XXVII Estas duas importantes revistas estão ligadas ao movimento simbolista francês. A primeira publicou-se entre 1889 e 1903; a segunda foi retomada em 1890 (depois de uma longa história editorial, que remonta ao séc. XVII).

que não sigo, como já ponderei, os meus collegas do Parnaso.

Como talvez esta ultima phrase cause surpreza aos que, naturalmente por alcunha, me chamam parnasiano, não me parece deslocada aqui uma ligeira explicação a este respeito.

A esthetica dos parnasianos resume-se em que toda a producção poetica deve ser uma obra d'arte. Quanto ao mais, não vejo entre elles o mais insignificante ponto de contacto.

A esthetica que sigo é realmente aquella, mas com modificações que, se me não engano, são minhas proprias, sendo uma d'ellas a de que entre as palavras, como som, e as palavras, como pensamento, deve haver uma perfeita harmonia, e isto porque não me parece razoavel que, quando, por exemplo, o pensamento chora, o verso toque zabumba.

Para mais clara comprehensão d'esta materia, apresentarei um exemplo, tirado de casa, e tiro-o de casa não só para aquelle effeito, mas tambem para que os respeitaveis artistas graphicos que me compõem, e que naturalmente são os unicos que me lêem, formem uma idéa aproximada do modo como procedo, metrificando.

Seja uma producção qualquer: seja, por exemplo, o *Beijo*.[XXVIII]

É assim:

Por que me vistes, senhora,
Dar um beijo em vossa aia,
Será justo que em mim cáia
Vossa ira esmagadôra?

Uma dama encantadora,
Como sois, da vossa laia,
Ter zêlos d'uma lacaia,
Vós, a minha vencedora!

E demais, eu nunca minto;
Foi ella que o deu a mim:
Trazia o peito faminto,

XXVIII Vd. poema editado do n.º 121.

E demais, eu nunca minto;
Foi ella que o deu a mim:
Trazia o peito faminto,

Ella, o casto serafim!
Deu-mo, dei-lho, por instincto,
Nos seus labios de carmim.

A scena que se relata nesta composição é conhecida de todos: todos por ella passaram. Um ditoso, mas um pouco voluvel amante, é encontrado, súbita e inesperadamente, pela dama dos seus pensamentos, em flagrante delicto de beijo numa fresca e provocante Lisette. O lance é temeroso: a dama, com um gesto á Ristori,[XXIX] aponta para a porta de saída. O delinquente quer explicar-se, mas perdida a tramontana, não sabe o que ha de dizer que o desculpe: a voz é baixa e submissa, e as palavras, sem nexo e entrecortadas, sáem-lhe a custo, e como puxadas por um sacatrapos.

Para dar uma fórma artistica a este quadro, segundo as minhas idéas, adoptei, nas quadras, o tom menor, com notas cobertas, e para indicar a hesitação da voz, estabeleci hiatos, que difficultam a leitura das estrophes.

De subito, uma idéa luminosa, uma desculpa satisfatoria vem arrancar-me áquelle transe deploravel (e digo arrancar-me, porque eu costumo encarnar nos meus personagens) a de dizer que fôra a joven aia quem praticara o delicto. Mudo, portanto, logo, se não de andamento, pelo menos de tom: passo para o maior, atacando as notas com sustenidos, notas claras, abertas e precisas, e fecho a estrophe com uma nota aguda, victoriosa.

Dir-se-á, porém: esses requintes artisticos, além de pueris, passam desapercebidos, e são, por isso, inuteis.

XXIX Refere-se à atriz italiana Adelaide Ristori (*1822 †1906) e à densidade das suas interpretações dramáticas.

Respondo: não é tanto assim: quando o leitor depara uma poesia artisticamente trabalhada, sente, ao lêl-a, uma cousa mysteriosa que o prende, o arrasta; que o seduz; uma cousa que elle não sabe explicar, uma musica que o embala e o acompanha como uma serenata distante, de que apenas se ouvem uns sons vagos, voluptuosos e dispersos: essa cousa mysteriosa é a Arte.

E fóra d'ella não ha salvação possivel. A Arte, eis o que fica, eis o que é eterno!

Dir-se-á ainda, e o meu notavel critico (a quem não perdôo o terme obrigado a praticar a má acção d'este interminavel arrazoado) assim o dá a entender: «é necessario que os assumptos ou «os motivos» – como se diz á franceza, estejam á altura da fórma artistica que o poeta lhe possa dar.»

Respondo com uma pergunta: que philosophia, que grandiosidade ha, por exemplo, na *Ronda Nocturna* de Rembrandt, ou nos *Bebedores* de Velasquez,[XXX] dous dos cinco deuses da pintura, duas das mais prodigiosas telas do mundo?

Eu não vejo ahi nada: nem uma cousa nem outra: vejo apenas duas scenas vulgares, communs, e a arte elevada ao seu mais alto fastigio.

Não obstante, no meu proximo livro de versos, para satisfazer ás sabias indicações do illustrado critico, mudarei de rumo, e dando de mão a assumptos triviaes como os do meu ultimo livro, nú sobre o Pégaso[XXXI] de crinas aos quatro ventos, entrarei no mundo da Grande Arte.

Ahi, metrificarei as grandes phrases prudhommescas, como a do Homem dos Destinos: *Soldados, do alto d'estas pyramides, quarenta seculos vos contemplam!*[XXXII] as gravemente sentenciosas, como as do

XXX Alude a duas obras-primas da pintura seiscentista: *De Nachtwacht* (1642), do holandês Rembrandt, e *Los Bebedores* (1629), do espanhol Diego Velázquez.

XXXI Pégaso é o cavalo alado, cujo coice, segundo o mito grego, fez brotar no monte Hélicon a fonte inspiradora da poesia.

XXXII O imperador Napoléon Bonaparte terá proferido esta frase, durante a campanha do Egito (1798).

grande tribuno da Revolução: *Le silence des peuples c'est la leçon des rois!*,[XXXIII] e muitas outras. Depois, humanitario, desenharei o grupo das loiras creancinhas, lembrando as palavras do Divino Mestre: *Sinite parvulos venire ad me:*[XXXIV] e empunhando a tiorba do poeta santo cantarei as tres virtudes theologaes: a Fé, a Esperança e a Caridade. De subito, e mudando de aspecto, erguer-me-ei até aos astros triumphaes, e, symbolico, reproduzirei, em tercetos dantescos, os dialogos das constellações e os soliloquios da Ursa Maior. Ahi, nessas alturas, ladeado de Anthero de Quental e de Léon Dierx,[XXXV] interrogarei a Deus, e Deus responder-me-á o mesmo que eu respondo aos innúmeros microbios que dentro em mim existem, e que me interrogam, uns dúbios, outros ironicos. Depois, no segundo canto, mudarei ainda de aspecto: será o canto da desesperança, lugubremente satanico; como introito, farei ouvir o ranger dos dentes nas trevas exteriores, e preambulando sinistro nas cryptas desertas, metreficarei o riso silencioso dos craneos insepultos: seres estranhos, com narizes como os dos personagens do *Rei Peste*,[XXXVI] seguir-me-ão, como sombras. Hirto o cabello, penetrarei então no Além, e transpondo o ádito onde se lê o *Lasciate ogni speranza*,[XXXVII] ouvirei de novo o beijo de Paulo Malatesta e Francesca de Rimini.[XXXVIII] Nas azas d'esse beijo voluptuoso, voltarei illéso ao mundo, e desenganado a final da inanidade das cousas d'esta vida, tomarei ordens, e fecharei o poema com um hymnário a Nossa Senhora, debaixo das suas diversas invocações, no genero unctuoso e sinceramente catholico dos poetas instrumentistas.

XXXIII Proferida originalmente pelo Bispo de Senez, na oração fúnebre de Louis XV, esta frase foi recuperada pelo parlamentar francês Honoré Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau, na chegada de Louis XVI à Assembleia Constituinte de 15 de julho de 1789.

XXXIV Alude à passagem bíblica Mc. 10: 14. Trad.: "Deixai vir a mim os pequeninos".

XXXV Refere-se ao poeta português Antero de Quental (*1842 †1891) e ao parnasiano francês Léon Dierx (*1838 †1912).

XXXVI Alude ao conto que Edgar Allen Poe publicou anonimamente, em 1835.

XXXVII Trata-se da legenda que encima a porta do Inferno, na *Commedia*, de Dante Alighieri ("Inferno", Canto III, v. 9).

XXXVIII Os amantes Paolo Malatesta e Francesca da Rimini foram surpreendidos em flagrante pelo marido desta e imediatamente assassinados. Dante condena-os ao Inferno, na sua *Commedia* ("Inferno", Canto V).

D'este modo farei a Grande Arte, e, como diz o estimavel critico, que me tem occupado – um livro que fique.

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 108-121.]

II
ALEXANDRINOS E ASCLEPIADÊOS

Intitulo – Questão litteraria[I] – este ligeiro escripto, não só porque li em diversos jornaes que pendia em litigio uma questão litteraria, por mim provocada, mas tambem porque não descobri titulo mais adequado ou melhor a que o podesse subordinar.

O que não me parece de todo o ponto exacto é que eu lançasse o guante ás faces de quem quer que fosse; – comtudo, como sou um pouco philosopho, acceito os factos como elles se me apresentam, e dando por válido o supposto desafio, aqui me apresento, armado em guerra, para esgrimir, cortezmente, com quem me dá, ou me quizer dar, as honras do combate.

Lançando os olhos em volta de mim, só vejo inscriptos, por emquanto, tres campeões: o do *Popular*, o da *Tarde*, ambos de viseira calada, e o da *Mala da Europa*, de viseira erguida.[II] A elles, pois, me vou, com o denodo e brio que o objecto da pugna, e a qualidade dos combatentes requerem.

Qual é esse objecto? Não está bem definido ainda, mas isso pouco importa, porque talvez no decurso da peleja o que é obscuro se esclareça, e o pômo da discordia se nos mostre sem folhas.

Principiarei pelo Encoberto do *Popular*, obedecendo assim á ordem logica da prioridade da investida.

Não traz armas proprias, e apenas refere uma anecdota com a qual pretende mostrar que o velho Castilho, em conversa particular com o Imperador D. Pedro, lhe demonstrara a excellencia dos versos alexandrinos.

I Refere-se ao título original, na versão publicada pelo *Jornal do Commercio* (vd. Aparato genético). Sobre as repercussões deste texto, vd. Arquivo documental do fragmento III.

II Vejam-se os textos reproduzidos no Arquivo documental II do fragmento anterior.

O principe do sceptro dissera: – «Por fim de contas tanto vale fazer um alexandrino como dous versos de seis syllabas.»

Ao que o principe da lyra respondeu:

– «Perdão! Quando Vossa Magestade arde com sêde, que é que mais o satisfaz: beber dous copinhos d'agua, ou pôr á bôcca um copazio de palmo e pico?»

Diz o da anecdota que o Imperador, rindo, se deu por convencido.

Eu, se o caso fosse commigo, não dava, porque só costumo convencer-me com razões que sejam dignas d'este nome. D. Pedro disse a verdade: tanto vale um alexandrino como dous versos de seis syllabas, e com isto concordou aquelle Daguèrre do parnasianismo,[III] porque não o negou, nem podia negar.

Quiz, porém, justificar a junção dos dous hemistichios, e não justificou outra cousa senão que quem não tem melhores razões aproveita-se das primeiras que lhe occorrem, ainda que sejam razões de cabo de esquadra.

Vejamos.

E, em primeiro logar, desde já farei notar que, para a questão que se debate, a comparação de Castilho não serve de nada, não resolve cousa alguma, por que tão grande é o alexandrino francez, como o asclepiadêo, ou dodecasyllabo portuguez. Comparando-os a um liquido qualquer, a agua chilra, por exemplo, comparação bem adequada áquelle, os cangirões para os conter hão-de ter exactamente a mesma capacidade.

Analysemos agora a comparação em si, debaixo do seu aspecto rhetorico. É má.

Castilho parte do principio de que póde haver neste mundo alguem que tenha sêde, já não digo de alexandrinos, mas de versos, e esse principio é falso, porque o que está averiguado é que toda a gente sente uma quasi invencivel repugnancia por esse antigo manjar dos

III Alude ao célebre inventor francês Louis Jacques Mandé Daguerre (*1787 †1851), para metaforicamente se referir ao poeta António Feliciano de Castilho (*1800 †1875), enquanto *inventor* ou *precursor* de um Parnasianismo *avant la lettre*.

deuses, não tanto porque elle seja de uma natureza contraria aos condimentos naturaes e communs do espirito humano, mas pelo descrédito em que ha muito caiu pela impericia dos respectivos cozinheiros. Taes ha que não tendo as habilitações necessarias para fazerem um recheio de prosa, se mettem a preparar aquella delicada iguaria. Mesmo quando o mestre é de fama, nem por isso deixa de haver, por parte do freguez, uma certa desconfiança instinctiva, que se resolve em subitáneo fastio, se logo ás primeiras dentadas, se não certifica de que o artista ainda não perdeu a mão, e de que não querem impingir-lhe gato por lebre.

Suppunhamos, porém, que possa existir na natureza um ente que tenha sêde de versos, e comparemos o seu mal ao do homem que a tem de agua.

Nessa hypothese, de duas uma: ou esse infeliz tem um paladar delicado, e nesse caso preferirá beber a droga pouco a pouco, golle a golle, como se bebe um calix de Xerez antigo, ou de Porto, do da fundação da Companhia,[IV] porque d'esse modo, satisfazendo a sensação do gosto, prolongará a delicia do apagar da sêde; ou não, e nesse caso referirá, realmente, ingerir a droga de uma só vez; – d'ahi, porém, o que unicamente poderá concluir-se é que, como o burro com fome, o alarve, com sêde de versos, até alexandrinos é capaz de beber – a longos tragos, – para d'ahi ficar mais depressa arrumado.

Assim, não provando realmente nada a deploravel comparação de Castilho, nem colhendo o argumento que d'ahi se pretende tirar a favor da superioridade dos alexandrinos, subsisto na opinião que a esse respeito emitti, e que se resume em que esses versos são maus e artificiaes, ao passo que os asclepiadêos, ou dodecasyllabos portuguezes são excellentes, por artisticos, e aptos para um assumpto largo e desenvolvido.

Além das razões que já expuz na primeira parte d'este escripto, e que subsistem de pé, porque ainda até agora não vi outras que as

IV Refere-se a dois afamados vinhos fortificados: o de Jerez de la Frontera e o da região demarcada do Douro, produzido desde 1756 pela Real Companhia Velha.

contrabalançassem ou destruissem (não levando em linha de conta o que
87 a tal respeito expoz, no seu ultimo folhetim, o estimavel critico da *Mala*,
88 visto revelar, por esse escripto, que ignora absolutamente o que seja a
89 cesura dos versos portuguezes, que confunde com a dos versos latinos,
90 sendo cousas muito diversas) – além d'essas razões, digo, outras
91 adduzirei a favor do meu assêrto, acima exposto, e que é, repito, que o
92 verso alexandrino francez é um verso artificial, e que, pelo contrario, o
93 alexandrino lusitano, ou dodecasyllabo, é um verso essencialmente
artistico.

95 Para a nova demonstração chamo a terreiro: o fallecido Antonio
96 Feliciano de Castilho, Thomaz Ribeiro, Candido de Figueiredo e Guerra
Junqueiro, isto é, os mais importantes e numerosos alexandrinistas
d'estes reinos, não para os desafiar, porque de desafios estou eu cheio
99 até aos narizes, mas para que dando uma fórma mais pittoresca a esta
materia, me respondam ás perguntas que, de tricornio debaixo do braço,
mas de pantorrilha têsa, lhes vou fazer.

102 Leiam, na *Viagem por terra*, o primeiro verso da *Moribunda*,[V]
composição que, ao que parece, foi engendrada em dias de maus
104 auspicios, como se diz no *Asno d'oiro*, de Apolêo,[VI] e leiam depois esse
105 mesmo verso, como mais tarde saiu no *Reporter*.

São assim:

107 «No grande leito eburneo, macilenta a face...»
108 «No grande leito eburneo, emmagrecida a face.»

109 O 1.º é um dodecasyllabo portuguez; o 2.º um alexandrino á
franceza.

V Vd. poema n.º 124, confrontando a redação do livro com a versão alterada que Penha fez depois publicar n' *O Reporter*, a 10 de novembro de 1897. A este propósito, leia-se especialmente o Arquivo documental III do n.º 124.

VI Alude aos *Metamorphoseon Libri XI*, de Lucius Apuleius (*ca. 125 † ca. 180), onde se narram as nefastas consequências da curiosidade de Lúcio pelo universo da magia. Em particular, refere-se ao encontro com a feiticeira Larissa, sob a influência de maus augúrios (2.21.3)

Agora as perguntas:

– Quantas notas ou syllabas metricas tem aquelle primeiro verso?

Respondo por aquelles caudilhos do metro francez, e respondo por elles, não só porque os vejo silenciosos, *les lèvres clôses*,[VII] mas tambem porque não podem responder-me outra cousa:

– Tem doze.

– Quantas syllabas metricas tem aquelle segundo verso?

– Egualmente doze.

– Em que syllaba recae, no primeiro verso, a cesura ou pausa que o divide em duas partes?

– Na sexta.

– No segundo?

– Na mesma sexta.

Agora leiam bem os dous versos, um em seguida ao outro: appliquem bem o ouvido:

– Acham-lhes alguma differença na modulação rythmica?

– Não.

– Então, porque é que tendo ambos o mesmo numero de syllabas, as cesuras no mesmo logar, e o andamento rythmico exactamente o mesmo, se ousa dizer que o primeiro está errado, e o segundo não?

A resposta é só esta:

– Porque, se se quizer desengonçar, no segundo verso, isto é, no alexandrino, o segundo hemestichio do primeiro, pode isso fazer-se, e no primeiro, não.

Ora, como esse desengonçamento, cuja necessidade se ignora, é uma bugiganga de creanças, – e a Arte nada tem que vêr com bugigangas d'essa natureza, a razão contida naquella ultima resposta para justificar a accusação que se me faça de que aquelle primeiro verso da *Moribunda* está errado, como o estarão todos os dodecasyllabos que

VII Alude ao título do livro que o parnasiano Léon Dierx publicou em 1867. Trad. do Francês: "os lábios cerrados".

não sejam feitos pelo systema francez, é uma razão que, salvo o respeito devido áquelles primazes das letras portuguezas, eu não posso classificar senão – de cabo de esquadra, – e por isso não a acceito.

Dir-se-á, porém:

Se os dous versos são eguaes, segundo a comparação acima feita, porque não hão-de fazer-se todos alexandrinos?

Poderia responder com esta pergunta: e porque não hão-de fazer-se á portugueza?

Não respondo, porém, assim. Respondo: faça-os á franceza quem gostar de versos artificiaes, mas faça-os dodecasyllabos (é assim que eu baptiso os versos de doze syllabas portuguezes, para os distinguir dos á franceza, e para me desembaraçar do grego asclepiadêo, nome bastante arrevezado) faça-os dodecasyllabos quem quizer fazer versos artisticos, isto é, faça-os de doze syllabas, sem a preoccupação pueril e irrisoria do desengonçamento, a que me tenho referido.

O alexandrinista, embora por vezes e por acaso faça alguns versos toleraveis, e até excellentes, faz todos os outros maus, não só porque não tem ao seu dispôr o amplo vocabulario que tem o dodecasyllibista, mas tambem porque, preoccupado com a ingenhoca média do verso, não cura do rythmo, o qual, além d'isso, e pelas razões que já desenvolvi na primeira parte d'este capitulo, não póde ter nos versos d'essa especie o desenvolvimento seguido de um compasso ou andamento musical.

Assim, o leitor que, por um infortunio que talvez não mereça, se veja na necessidade de lêr um comprido trecho de alexandrinos, sente, no seu espirito atribulado, sensações esquisitas, que podem comparar-se, physicamente, umas vezes ás que, em velhas diligencias de molas retêsas, sente um viajante, quando a roda da machina entra num barranco; outras ás que sente quando a mesma roda sóbe a um cúmulo inesperado, que o automedonte não poude evitar; outras, e agora a comparação é relativa a um viajante pedestre, ás que elle sente quando, por fraqueza de pernas, ou por qualquer outro motivo, lhe parece que alguem lhe puxa pelas ábas do casaco, e o segura, obstando que siga para diante, desembaraçadamente; e outras finalmente, quando, pelo

contrario, um pé de vento, impellindo-o pelas trazeiras, o faz caminhar com a rapidez subitánea d'um moderno pedalista. São estas, comparando, e muitas outras, as sensações estranhas que sentem os que, á falta de melhor droga, se sujeitam á leitura dos taes alexandrinos.

Faça-os, pois, assim quem quizer, e não perderá o seu tempo, porque sempre em vida irá preparando os pedregulhos que, em fórma de monumento pyramidal, lhe hão-de assignalar a jazida aos viandantes futuros, que passem, para que prudentemente se façam ao largo.

Como não ha musica nos intervallos e o meu querido antagonista do *Popular* já dorme, por ter imprudentemente ingerido, antes de entrar na refrega, um copazio e pico dos sobreditos alexandrinos, passo, sem mais demora, ao segundo campeão, o da *Tarde*.

Apresenta-se com armas proprias: um pequeno florete de senhora, com lámina e cópos de folha de flandres.

Transcreve a quadra á morte do poeta Fogaça, e a eterna *Moribunda*,[VIII] sublinhando os versos que, no seu entendêr, não são alexandrinos.

Transcreverei tambem o soneto, porque assim é necessario. Vae como saiu na *Viagem*, de sorte que os meus selectos e pios leitores, o ficarão conhecendo debaixo das suas duas fórmas:

No grande leito eburneo, macilenta a face,
Acurvada ao seu mal, e já sem movimento,
Esperava infeliz, de momento a momento,
O golpe derradeiro, o triste desenlace.

Era como uma flôr que a brisa ao chão lançasse,
E naquelle profundo e mésto abatimento,
Sempre de olhos fechados, muda e sem alento,
Não respondera a Deus, se Deus a interrogasse.

VIII Trata-se dos poemas n.os 89 e 124.

Cheguei-me compungido, e então lhe disse: «Quando
Déres entrada além, no ethéreo azul infindo,
E entre os anjos ditosos resurgires, voando,

Extaticos dirão: «Oh! ceus! que rosto lindo!
E viverás feliz, mais que na terra, amando.»
Então abriu os olhos e expirou sorrindo.

O da *Tarde*, depois da transcripção, accrescenta: «Em dezoito versos o poeta compôz treze alexandrinos, *verso intoleravel que faz mal aos nervos, sobretudo aos auditivos*, e cinco asclepiadêos. Não sabemos o que dará a discussão. A votação é contra elle, que tem apenas cinco votos contra treze.»

Quem lêr isto, e ignorar as regras mais vulgares da versificação portugueza, ha de suppôr que aquelle soneto é uma especie de *mayonnaise* de versos de differente medida, e de diversa contextura. Mas, não é assim.

Todos elles têm doze syllabas ou notas: todos a cesura na mesma sexta syllaba, e todos obedecem aos principios geraes do rhythmo, e aos que eu supponho (sem o poder affirmar) de minha propria invenção.

Todos elles são, ao contrario do que pretende o meu occulto adversario, asclepiadêos, já agora baptisados dodecasyllabos.

O seu engano provém, talvez, de não ter ainda fixado os pontos de paridade e de differença que existem entre os dous versos.

Eu já os indiquei, se bem me recordo, mas vou repetil-os de um modo mais claro.

Os alexandrinos têm sempre doze syllabas.

Os dodecasyllabos têm exactamente o mesmo numero d'ellas.

Aquelles têm sempre a cesura na sexta syllaba, como do mesmo modo a têm estes.

Finalmente, os alexandrinos têm dous hemistíchios de seis syllabas cada um, exactamente como os dodecasyllabos á portugueza.

A differença está apenas em que, nestes, os hemistíchios são metricos, sem que, em regra, se possam separar um do outro, e naquelles não: hão de poder desengonçar-se, sempre, de modo que possam formar, não se sabe para que fim, dous versos distinctos.

D'estes factos resulta: 1.º que todos os alexandrinos são realmente asclepiadêos, e erra todo aquelle que diga que nunca fez versos desta especie, tendo-os feito d'aquella; e 2.º que uma composição em versos dodecasyllabos portuguezes não exclue os alexandrinos, feitos não obstante sem a preoccupação do desengonçamento dos dous hemistíchios, e obedecendo, por isso, ao andamento musical do rhythmo. No bello poema dramatico, de Eugenio de Castro, o *Rei Galaôr*,[IX] embora a maioria dos versos seja de alexandrinos, muitos d'elles são asclepiadêos, e não são dos menos sonorosos. É mais um passo d'este brilhante poeta para os bons principios da arte maravilhosa que todos nós professamos.

Dir-se-á, porém, repetindo-se, por outras palavras, a mesma pergunta que já se me fez: se os asclepiadêos não excluem os alexandrinos, porque não hão de fazer-se todos d'esta especie?

Nada mais tenho que accrescentar ao que a este respeito ponderei. Já com o necessario desenvolvimento mostrei a grande superioridade de uns sobre os outros, isto é, dos dodecasyllabos portuguezes sobre os construidos á franceza. O verso não póde fazer excepção aos principios geraes da evolução das cousas: não póde ficar estacionario emquanto tudo se move, progressivamente, para um estado melhor e mais perfeito. Já um distincto escriptor me chamou conservador (e não colloco um ponto de admiração neste logar, por me parecer uma cousa absolutamente desnecessaria) por eu ter dito que o verso não podia ter mais de doze syllabas, concluindo eu d'ahi que, segundo esse escriptor, a evolução do verso não póde consistir senão em o irem tornando cada vez mais longo.

IX Trata-se do longo poema dramático que Eugénio de Castro publicou em 1897.

Se assim fosse, poderia affirmar-se que, d'aqui a um ou dous seculos, os versos seriam pelo menos tão compridos como os pêllos da barba de Carlos Magno, o Imperador da barba intonsa ou da barba florida, como pittorescamente traduz Theophilo Braga o *á la barbe fleurie*;[X] a qual barba, segundo a lenda, lhe dava tres voltas á roda da cinta.

As minhas idéas, porém, são outras: o verso não deve ter mais de doze syllabas, não só pelas razões que apresentei no prefacio da *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*,[XI] mas tambem porque, sendo elle naturalmente feito para ser cantado, ou pelo menos recitado, se tiver mais de doze syllabas, de duas uma: ou o recitador ha de interromper a lenga-lenga para encher de ar os pulmões, e ficará suspenso e interrompido o andamento musical do verso, ou seguirá para além, como que esfalfado, e poderá soffrer perturbações physicas que o impossibilitem de continuar, ou que, finda a leitura do poema, o façam recolher á cama.

Não; a evolução do verso não póde consistir em o tornar maior que o maior dos que actualmente existem: consiste, a meu vêr, e consistirá durante muito tempo, em o ir aperfeiçoando no sentido de, pela escolha e collocação das palavras entre si, harmonisar o som que ellas produzam com o pensamento que revelem, em harmonisar os dous rythmos: o da idéa e o da fórma.

O dodecasyllabo á portugueza é um verso perfeitamente adequado a este effeito: é um verso que dá largas ensanchas ao poeta para o desenvolvimento das suas aptidões artisticas; o que de maneira alguma poderá dizer-se dos alexandrinos, – versos artificiaes, rebeldes, por maior talento que tenha o manufactor, a uma composição que se harmonise com os principios que acima expuz, e em que assenta a evolução da arte poetica moderna.

X Remete para um verso de Teófilo Braga, no capítulo XLIX de *A Ondina do Lago* (1866). Esta passagem, em concreto, desencadeará nova polémica, como se documenta no n.º 728.

XI Veja-se o texto n.º 718.

Faça-os, porém, quem quizer, repito; mas esse que os fizer não diga que ninguem os pode fazer de outra maneira; não diga que, porque elle, ou um numero, mais ou menos consideravel de pessoas, embora classificadas, fazem um verso por um determinado systema, ninguem mais o pode fazer por um systema diverso. Em arte não ha pontifices que decretem leis ás quaes os povos tenham de obedecer de cabeça baixa; e querer isto, e affirmar aquillo, o mesmo seria que querer estabelecer uma especie de magistratura por direito divino, com travamento da roda vertiginosa do progresso; seria attentar contra a propria liberdade do pensamento e da sua expressão, quasi illimitada.

Em arte, repito, não ha sentenças: ha opiniões: faça-os pois quem quizer, mas diga as razões por que os faz, ou por que os julga superiores aos outros, e eu aqui me fico a esperar por ellas, para as combater se forem más, ou para a ellas me submetter, se forem boas.

Tendo d'este modo respondido ao meu estimavel antagonista da *Tarde*, passo agora ao da *Mala*, o qual, ao que me parece, já desde ha muito boceja de impaciencia. A questão litteraria, porém, está finda.

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 121-132.]

III
O PAIO E A EMOÇÃO[I]

É outra cousa o de que vae tratar-se, com mudança completa de scenario.

Para esclarecimento da materia, farei, como um lente da Universidade antes da sua prelecção, uma succinta razão d'ordem.

O distincto escriptor, que tem a seu cargo, naquelle importante hebdomadario lisbonense os juizos criticos das obras que a esse hebdomadario são offerecidas, publicou ahi um muito sensato e bem fundamentado juizo a respeito da minha *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*, como já referi.[II] As idéas ahi expendidas, respeitei-as, não por que fôsse um dever meu respeital-as, pois que a todos é licito defenderem-se contra quem os aggrida, mas por que entendo, e assim o entende toda a gente de senso, que, se uma obra é má, uma critica favoravel não a transforma em boa ou excellente; se é boa, um juizo desfavoravel, por mais torcido que seja o nariz do criticante, não lhe tira os merecimentos que tenha.

Vi, porém, no alludido escrípto affirmados dous factos gravissimos, que não eram verdadeiros, e por isso saí a campo para os rectificar: unicamente para isso.

Esses factos eram o de que eu erguera um cantico dos canticos á cerveja allemã, e de que seguira os novos não fazendo os alexandrinos segundo as boas regras da composição poetica.

I Este fragmento é a continuação do anterior. Originalmente, publicaram-se no *Jornal do Commercio* como uma única réplica, intitulada "Questão litteraria" (vd. Aparato Crítico). Sobre as repercussões do texto, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

II Refere-se à recensão que Delfim de Brito Guimarães publicou na *Mala da Europa*, a 15 de novembro de 1897 (vd. texto reproduzido no Arquivo documental II do n.º 718).

Vim, pois, á imprensa para mostrar que essas accusações eram falsas,[III] e fui tão sincero que, tendo sido tambem accusado, pelo douto escriptor, de uma exagerada affeição pelas hespanholas, confessei o facto, explicando-o não obstante, impenitente.

Com grande surpresa minha, porém, vi-o surgir de novo no mesmo hebdomadario,[IV] armado até aos dentes, com um guarda-chuva, como o sire de Framboisy,[V] a sustentar as suas opiniões anteriores, o que era inutil em face do meu silencio approvativo, e a affirmar novos factos que eu não reputo, como os primeiros, de todo o ponto verdadeiros.

É para os rectificar, portanto, e só para isso, que eu passo a analysar, nos pontos competentes, o novo escripto do estimavel prosador.

Principia elle por dizer que o seu escripto me magoara, e me offendera «no meu orgulho indomavel de cantor do paio de Lamego».

Ha nestas palavras uma affirmação que se me antolha grave, e que póde prejudicar-me aos olhos das pessoas que me não conheçam de perto: a «de que sou indomavelmente orgulhoso».

É, pois, necessario mostrar que essa affirmação não é exacta.

Mas, como?

Não vejo outro meio senão o de, saíndo fóra do quadro que me tracei, extrahir um trecho do juizo critico do abalizado escriptor, e contar depois uma historia.

O trecho é este:

O intelligente homem de letras declara que não encontrara justificação ao titulo de *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*, que eu dera ao meu ultimo livro; transcreve depois, em italico, o que eu a tal respeito dissera, e que é: «se o escolhi (aquelle titulo) foi por que me pareceu que nos meus versos, além do seu elemento real e essencialmente humano, havia tambem a projecção ideal d'esse mesmo

III Vd. texto editado no fragmento I deste número.

IV Vd. Arquivo documental do fragmento I.

V Alude ao protagonista da canção francesa que Ernest Bourget e Laurent de Rillé compuseram em 1855. Sire Framboisy partiu para a guerra, deixando para trás a jovem mulher.

elemento pelo sonho e pela phantasia» – e conclue por dizer: «que havia nisto uma imagem symbolista que a sua intelligencia não alcançava.»[VI]

Agora, o conto.

Quem por uma bella manhã de abril do anno da graça de 1887 estacionasse no pequeno *square* que defronta o hospital d'aquella antiga cidade do norte que foi côrte dos reis suevos,[VII] veria desembocar de uma rua proxima um homem, acompanhado e seguido de outros, os quaes a passos rapidos atravessaram o largo, e transpozeram o portico d'aquelle edificio.

Quem eram esses homens, e que iam fazer áquella mansão de torturas?

O corpo judicial d'aquella região, o qual para ali se dirigia, não para fazer uma operação cirurgica, mas outra mais propria das suas attribuições.

D'esse corpo fazia eu parte.

Depois de atravessarmos, de chapeu na cabeça, diversas galerias, démos entrada numa ampla enfermaria, tão espaçosa que nella se poderia dar um baile.

Essa enfermaria fazia angulo recto com outra, não menos espaçosa. Abancados a uma mesa, collocada exactamente onde as duas linhas se cruzavam, démos immediatamente principio ao episodio que ali nos levava, aproveitando eu os tempos de espera dos preliminares, em observar o que em roda de mim se passava. A primeira cousa que me surprehendeu foi a tranquilidade em que todos os doentes se achavam. Todos, e não eram menos de sessenta nas duas enfermarias, se achavam de barriga para o ar, muito serenos, com os olhos fitos no tecto, como que a pensar nos seus negocios. Febre não a havia ali, ao que me pareceu.

De repente, a minha attenção fixou-se numa joven enferma que, a pouca distancia, jazia como prostrada no seu pequeno leito de ferro. Teria, quando muito, dezoito annos, e era a creança mais encantadora

VI Veja-se o texto reproduzido no Arquivo documental do n.º 718.

VII Refere-se a Braga.

das que eu, até áquelle dia, tinha visto. A attenção geral, provocada talvez pela insistencia com que eu a olhava, convergira tambem para ella, e até o velho scriba, com a penna erguida, a contemplava, suspenso de admiração e piedade. Tinha os olhos fechados, embora se visse que não dormia. A côr do rosto e a das mãos, finas e delicadas, não era a terrosa, tão propria dos doentes, nem a do jaspe sem vida; era talvez a da flôr da magnolia, em que ha o reflexo d'um luar silencioso.

O seu amplo cabello negro, desennastrado, descia-lhe em ondas opulentas por sobre os lençoes de linho até ao chão, onde formava uma onda maior. Immovel, e sempre de olhos fechados, tinha no rosto a expressão tragica de um intimo soffrimento.

Que mal seria o d'ella?

Qual a razão d'aquella sinistra immobilidade?

Seria a prostração comatôsa que antecede a ultima agonia?

Pensava eu nisto, meditabundo, quando vi surgir da outra enfermaria, da que formava angulo, uma irmã da caridade, a qual trazia numa bandeja um caldo, uma aza de gallinha, dois biscoitos, e um calix de vinho. Quando passou por mim, e senti o agradavel odôr que aquelle singelo repasto exhalava, senti um desejo immoderado de o tomar e comer, desejo que desappareceu, reprovando-o, logo que vi que esse repasto era exactamente para a minha pobre doente. Ás primeiras instancias da enfermeira – «para que comesse alguma coisinha» – não respondeu, conservando-se sempre na mais sinistra immobilidade; mas, como ella insistisse, fez então um quasi imperceptivel gesto de negação, sem que abrisse os olhos, sem que descerrasse os labios, onde se desenhava, levemente, o rictus das maguas para as quaes não ha consolações nesta vida.

No entanto, o episodio immundo, que ali nos levara, seguia os seus termos regulares, quando, reparando melhor, me pareceu vêr que ella, por vezes, estremecia ligeiramente. Como eu a visse com um hombro descoberto, e essa fôsse talvez a causa d'aquelles estremecimentos, levantei-me de subito, e com grande surpresa do corpo judicial de que eu fazia parte, aproximei-me d'ella, compungido: puxei-lhe os lençoes para a nuca, e afastei-lhe da testa os amplos cabellos

revôltos.

Nesse momento, do mesmo modo que eu tinha sentido um immoderado desejo de lhe comer o pequeno repasto, senti outro, mais immoderado ainda: o de a beijar, como se beija uma irmã: talvez.

Pouco depois ultimou-se o episodio a que me tenho referido, e nem quando o corpo judicial, de chapeu na cabeça, saiu tumultuosamente, atravessando a enfermaria a passos largos, ella, a encantadora e mysteriosa enferma, despertou da sua lethargia, ou saiu, por um só momento, da sua funesta immobilidade.

Esta simples historia, absolutamente real, é a que eu metrifiquei na *Moribunda*,[VIII] e lá se encontra até á parte em que digo que me cheguei compungido ao leito onde a enferma jazia.

Como não fosse poetico o facto occorrido depois, fiz a *projecção ideal* da parte real, pelo modo que pode ler-se na parte final da composição.

«Porque me pareceu, digo eu explicando o titulo da *Viagem*,[IX] que nos meus versos, *além do seu elemento real*, e essencialmente humano, havia tambem a *projecção ideal d'esse mesmo elemento pelo sonho e pela phantasia*.»

Agora, com este exemplo, já o illustrado critico da *Mala* comprehenderá aquella explicação, e já a julga, como toda a gente, clara e singela.

É certo, porém, que a não comprehendeu, – repetindo-o até duas vezes: – respondi-lhe, não obstante, e... chama-me orgulhoso!

Allons donc! [X]

***

Fechado este parenthesis, que contém materia que não era realmente do quadro que eu me traçara, passo sem perda de tempo á rectificação dos factos inexactos, a que já me referi, se bem me recordo.

O illustre prosador, rabuscando nos quatro mil versos que

VIII Vd. poema n.º 124.

IX Veja-se o texto editado n.º 718.

X Trad. do Francês: "Adiante!".

formam o bôjo das *Rimas* e da *Viagem*, encontrou ahi apenas cinco referencias á cerveja, sendo duas directas, e tres indirectas, isto é, a Bass.

Viu-se, pois, na dura necessidade de reconhecer «que isso não constituia realmente um cantico dos canticos á cerveja allemã» – mas, não querendo dar o braço a torcer, substituiu o cantico pela abundancia, e sem ver que era peor a emenda que o soneto, não hesitou, tendo feito as transcripções, em affirmar que ella abundava nas minhas poesias!

No entanto, sempre entendeu que devia mudar de rumo, e agarrou-se ao paio, como o naufrago á palha que o pode salvar, baptizando-o de Lamego, como baptizara a cerveja de allemã. Em todo o seu ultimo escripto tudo são paios e presuntos.

Um critico superficial talvez dissesse que esses respeitaveis comestiveis representam nos meus versos, symbolicamente, as cousas prosaicas d'esta vida. Elle, não: esses paios e presuntos são reaes, são os das cozinhas. D'ahi a profundeza do seu intellecto.

Em todo o caso, essa materia é já velha, e coisas velhas não ficam bem nos labios de carmim dos poetas novos. E se não veja-se Guilherme de Azevedo, o glorioso artista das *Radiações Nocturnas*:[XI]

«Socega: não troquei a lyra da Vingança
Pelo doce arrabil dos velhos trovadores;
Em nada eu justifico, eu penso, os teus furores,
Saudando uma mulher, beijando uma creança.

Courbet, que tem pintado as corrupções da França,
Não sabes o que faz? desenha, ás vezes, flores,
E o retratista audaz, cruel, dos *Britadores*,
Na tela diminuta o braço então descança!

XI Transcreve, a seguir, o poema "Um bote", que Guilherme de Azevedo (*1840 †1882) dedicou a João Penha, no n.º 1 da *Republica das Letras* (1875). A este propósito, vd. o Arquivo documental do poema editado no n.º 53.

Oh! não conheces bem quanto sou generoso!
Entrega-te uma vez ao momentaneo gôso
D'um creme perfumado e um calix de madeira;

Que não te accusarei, João, de apostasia!
Tu és sempre o cantor que poz salchicharia
Mas que um momento esquece a musa salchicheira!

D'este modo, espiritualmente, tolera-se e applaude-se, – embora em alexandrinos. Essa empada, como a preparou o illustre cozinheiro da *Mala*, só avestruzes a poderão digerir. Eu desisto da empreza e passo adiante.

Mas... que mais ha? Mais nada.

Ah! perdão: ha ainda um douto ensinamento: o de que seja a *Arte*. «É, diz elle, a *emoção*. O poeta que produziu a obra d'arte trabalhou-a com todo o amor, emprestou-lhe o fogo do seu genio, poz nella toda a sua alma: em summa, *fez arte*. O leitor que lh'a admira, subjugado pela arte do poeta, sentiu uma *emoção*, tanto mais forte, quanto mais intensa foi a producção artistica.»

É isso mesmo.

Mas, entre parenthesis, seja-me licito consignar aqui a minha surpresa, ao vêr o bisonho inimigo das cousas estrangeiras, tão inimigo d'ellas que nem as pobres hespanholas tolera, ir ao bello paiz de França buscar, para uso proprio e de seus discipulos, ao numero dos quaes eu me honro de pertencer, aquella *emoção*.

Dir-me-á, porém, talvez que a não foi buscar a França, mas a Roma, desentranhando-a do bôjo do adjectivo *emotus* ou do verbo *emovere*, o que muito bem póde ser, porque tudo me leva a crêr que já anda em latim. Esses vocabulos, porém, nunca tiveram antre os romanos outra significação que não fosse a da mudança de uma cousa de um logar para outro, quer no sentido proprio, quer no translato, como em Ovidio:

«Totum jam sol emoverat orbem.»[XII]

No sentido de *commoção* não vejo bem como ahi se possa filiar.

Dir-se-á talvez ainda, citando uma autoridade, que Bernardino Machado emprega por vezes aquella palavra nas suas preciosas *Notas de um pae*.[XIII] Deve, porém, attender-se a que a emprega por necessidade scientifica, e em sentido approximado do d'aquelles vocabulos latinos.

Insisto, pois, em que o inimigo das cousas estrangeiras, não o é tanto, nem tão logico comsigo mesmo, que não vá buscar além das raias cousas desnecessarias, com a circumstancia aggravante de as ter cá muito melhores.

Isto, porém, não tem importancia alguma, e não passa de um simples reparo, talvez sem fundamento sólido; – o que importa é a *emoção*.

A emoção é a Arte. Isto é aquillo. A emoção existe no poeta; o poeta communica-a á obra, e a obra communica-a ao leitor.

Assim se faça arte, assim a faça o douto poetastro que me occupa, – e chamo-lhe poetastro, não por que realmente o seja, mas por que elle proprio assim se designa modestamente, e não quero offendel-o na sua interessante modestia.

Encha, encha os seus poemas de muitas, muitas cousas emocionantes. Encha-os de ais, suspiros e angustias.

Armado de um ferro agudo, trespasse, para a direita e para a esquerda, corações ardentes em pyras fumegantes. Depois, ululante, como lobo cerval, caminhe vertiginoso por montes e valles, a fugir ao ôlho de Hugo,[XIV] que o segue por toda a parte: o quadro do remorso. Um dia, porém, revolte-se, e, como Ajax, mostre o punho aos ceus, impre-

XII Remete para o verso de Ovídio (*Fasti*, III, v. 367). Trad.: "O sol já desapareceu por completo no horizonte".

XIII Trata-se do livro que o antigo companheiro de Coimbra publicou em 1897.

XIV Refere-se ao "olho do espírito", ou consciência, de que falava Victor Hugo, no romance *Les Misérables* (1862).

cando os deuses immortaes.[XV] Empunhe o florete de Lancioto, e de uma só floretada atravesse os dous corações unidos de Paulo e Francesca, uivando, em voz rouca, o grito estrangulado da vingança marital.[XVI]

Tripudie. Como a filha de Lear ao conde de Kent, arranque os olhos a alguem que passe,[XVII] e pize-os aos pés, fazendo ouvir o som tragico de uma barata que o borzeguim do viajôr esmaga inconsciente. Depois, noutro poema, cante a sua bella: emperle-a, liliale-a; diga-lhe muitas cousas, muitas, muitas: diga-lhe que as azas d'ella, como as da Luz, de Garrett, são brancas, brancas, brancas.[XVIII] Chame-lhe Nossa Senhora do Leite, e sentando-se-lhe no regaço, com a mão esquerda pegue no pé, como quando tinha um anno, e peça-lhe mama: o quadro emocionante da simpleza amorosa! Depois, mude ainda de clave: afine a tiorba para um canto ainda mais dôce e penetrante. Chame-lhe a sua Fada: compare-se corajosamente a um sapo immundo: diga-lhe que o toque com a vara amorosa da sua divina graça, esconjurando os fados, e transformando-o em Principe Diamante.[XIX] Peça-lhe isto com insistencia, com a voz infantil e chorosa de um joven doente de amor, e ella então, emocionada, responderá:

– «Pois, sim, senhor poetastro, mas primeiro é necessario que alcance o logar que pretende nos Proprios Nacionaes.»[XX]

Então, indignado, e olhando em róda a vêr se eu o não escuto:

«Senhor, meu Deus! que paio de mulher!»

XV Alude à tragédia de Sófocles *Ájax Furioso* e à atitude ímpia do herói, que afronta os deuses.

XVI No Canto V da *Commedia* de Dante, descreve-se o assassinato dos amantes Paolo Malatesta e Francesca da Rimini, apunhalados pelo marido desta.

XVII Confunde-se aqui a referência à tragédia de William Shakespeare. Em *King Lear*, é o duque da Cornualha (marido de Regen) quem arranca os olhos ao Conde de Gloucester, no Ato III, Cena 7.

XVIII Alude ao poema "As minhas asas", que Almeida Garrett incluiu nas suas *Flores sem Fruto* (1845).

XIX Refere-se ao protagonista de um conhecido conto tradicional português.

XX Esta expressão é usada para referir o Património, que desde 1852 era administrado pela Direcção-Geral dos Próprios Nacionais.

Assim fará arte, e verá a «emoção» que produz neste fim de seculo que passa.

Eu, fal-a-ei tambem: desde hoje em diante não farei outra cousa: farei emoção.

728

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 135-147.]

AS BARBAS DE CARLOS MAGNO[I]

I
A CANÇÃO DE ROLAND

Se alguem teve a coragem de ler o capitulo anterior, intitulado a capricho: *Uma questão litteraria*, talvez ahi notasse uma leve referencia á barba intonsa de Carlos Magno.[II] No *Jornal do Commercio*, onde esse escripto saiu, em logar de barba intonsa, appareceu barba intensa. Como essa transformação me parecesse exquisita de mais, entendi que devia, sob um pretexto qualquer, pôr as cousas no seu logar, e assim o fiz, imaginando, como provocada por um leitor imaginario, uma duvida ácerca da traducção da phrase «barbe fleurie», por Theophilo Braga traduzida: barba florîda.

Mas, coincidencia notavel! quando eu me dispunha a enviar ao *Jornal do Commercio* as linhas que escrevera no sentido que deixo exposto, e que abaixo vão transcriptas, vi apparecer na *Tarde* um *Alumno do Curso Superior de Letras*, o qual numa carta ahi publicada, levantava, precisamente, uma questão áquelle respeito.[III]

Foi isto o que deu origem aos artigos que seguem.

———

I Este conjunto de textos surge na sequência do número anterior; integra-se numa polémica mais vasta, que João Penha travou na imprensa periódica. Concretamente, responde à carta de Um Estudante do Curso Superior de Letras, já reproduzida no Arquivo documental II no fragmento III do n.º 727.

II Refere-se ao fragmento II do n.º 727.

III Veja-se o Arquivo documental II no fragmento III do n.º 727. O jovem em causa era filho de Júlio de Vilhena e frequentara o curso, anos antes.

«No ultimo folhetim de J. P. – publicado neste diario (o *Jornal do Commercio*) ha uma referencia, talvez maliciosa, á traducção, feita por Theophilo Braga, da expressão: *l'Empereur à la barbe fleurie*, por o *Imperador da barba florîda*, e parece que entende que essa phrase deve trasladar-se para portuguez d'esta maneira: «O Imperador da barba intonsa» (e não intensa como por lapso saiu naquelle folhetim). Será, porém, essa phrase a mais apropriada ao phenomeno? Eis a nova questão que se suscita, e para a qual chamamos a attenção da Academia Real das Sciencias, e de todos os homens eruditos do paiz.

Entre nós temos: *barba toda*, e *barba longa*, mas estas duas expressões não representam precisamente a idéa de uma barba que nunca foi aparada ou cortada, isto é, virgem, como a do filho de Pepino.[IV]

A questão tem importancia, porque as barbas d'esta especie ainda existem nos Abruzzos, e, entre nós, no Berço da Monarchia,[V] como se vê d'esta quadra popular:

Se vires um homem, de barba comprida,
Chapeu d'aba larga, cacête e gabão,
Esconde-lhe as filhas, e toma sentido,
Que é um homem do Berço, feroz D. João.

Quadra que Victor Hugo traduziu assim, em magnificos alexandrinos:

Si tu vois un jeune homme, á la barbe fleurie,
Le feutre á larges bords, le manteau d'un autre âge,
Mère, méfie-toi, si ta fille est jolie:
C'est un homme retors, un D. Juan de village.

IV O Imperador Carlos Magno (*ca. 742 †814) era filho do rei Pepino III.

V Refere-se à região itálica e à cidade portuguesa de Guimarães.

E assim, por François Coppée:

Si tu vois un jeune homme, á la barbe fleurie,
Le chapeau sur le nez, lui cachant le visage,
Garde bien ta maison, ton enfant si chérie:
C'est un loup en maraude, un D. Juan de village.[VI]

A expressão de Theophilo – barba florîda – é realmente poetica. Compara elle, ao que parece, as faces e o queixo de Carlos Magno a uma especie de hôrto por desbravar, em que os pêllos, isto é, os respectivos vegetaes, brotaram e floresceram sem intervenção dos utensilios do hortelão. Essa phrase, porém, admissivel em verso, em que tudo se admitte, como, por exemplo, em J. Autran, da Academía franceza, o vinho da Madeira, num banquete dado pelo sobredito Carlos Magno, uns oito seculos antes do descobrimento d'essa ilha,[VII] essa phrase, dizemos, não póde acceitar-se para o uso commum.

Realmente, a de J. P. afigura-se-nos preferivel, embora alatinada e pouco usual. Qual será a melhor? Qual outra exprimirá melhor a idéa?

Eis o que perguntamos a todos os que entre nós se entregam a estudos philologicos, e as columnas d'este jornal receberão com prazer as opiniões e sentenças que nos forem enviadas ácerca d'este momentoso assumpto.»

———

A transcripção d'estas linhas faço-a apenas para que se veja que eu mesmo quiz provocar entre homens doutos fim-de-seculo uma discussão para que definitivamente se fixasse o verdadeiro sentido do *à la barbe fleurie*, e, portanto, a melhor traducção d'essa phrase.

VI As três quadras são da autoria do próprio João Penha. A este propósito, vd. o Arquivo documental I, no Aparato Crítico, onde se reproduz uma carta onde o poeta admite que todo o episódio é da sua invenção. Também aí se registam algumas variantes das várias quadras.

VII Deverá referir-se ao poema "La légende des paladins", do francês Joseph Antoine Autran (*1813 †1877).

Apresentei duas: a litteral de Theophilo Braga, que li, se bem me recordo, na *Ondina do Lago*: o *Imperador da barba florîda*,[VIII] e a translata, por mim indicada: o *Imperador da barba intonsa*.

O *Alumno do Curso Superior de Letras*, a que já me referi, e que mais parece um mestre que um simples estudante, rejeita-as a ambas, e opina que a traducção deve ser esta: Carlos Magno, o *Imperador da barba branca*.

Basea-se: nas opiniões de Gaston Paris e de Clédat;[IX] em textos, que transcreve, da *Chanson de Roland*, e num argumento, por comparação, entre a florescencia das arvores de fruto, e o cabello e a barba do homem.

Dos argumentos, porém, em que se funda, um não tem valor algum no campo da logica; outro, é contra-producente, e o ultimo não colhe.

É o que rapidamente passo a demonstrar.

E, em primeiro logar, direi que ainda quando, a final, se averiguasse que a barba de Carlos Magno era branca, nem por isso deveria considerar-se impropria, ou absolutamente errónea a minha interpretação, porque uma barba póde ser negra como a do Saladino, branca como a de Príamo, roxa como a de Khaïr-Eddyn, ou azul como a do Barba d'este nome, e ser ao mesmo tempo longa e intonsa, como a do filho de Pepino, ou como a de Frederico Barbaroxa.[X]

Não é, porém, sobre este ponto que versa a grave questão, que se controverte, e por isso passo a desenvolver a these que acima enunciei.

Funda-se o joven alumno, em primeiro logar, nas opiniões de Gaston de Paris e de Clédat; mas homens, apesar da autoridade de que elles gozem, não são argumentos.

VIII Trata-se de um verso pertencente ao capítulo XLIX de *A Ondina do Lago* (1866).

IX Refere-se aos dois eruditos franceses que o Estudante do Curso Superior de Letras citara na sua réplica (vd. texto reproduzido no Arquivo documental II do fragmento III, no n.º 727).

X São enumeradas algumas figuras célebres, associadas ao uso de barba: o sultão muçulmano do séc. II, o último rei de Troia, o comandante otomano do séc. XV, a personagem de Charles Perrault, o Imperador francês do séc. VIII e o Imperador germânico do séc. XII.

Dizer-se que uma cousa é assim, porque o sabio Fulano de Tal o disse, é razão que não pode admittir-se em boa dialectica. O argumento *ad hominem*[XI] está excluido desde ha muito tempo das discussões, e isto porque o que póde dar valor a uma opinião é, não a qualidade ou o nome da pessoa que a emitte, mas as razões em que a funda.

Deixemos, portanto, nomes, e vamos aos argumentos.

O primeiro é o que se pretende extrahir d'estes dous versos do trovista:

«Molt longes terres de vos avrai conquises
Que Charles tient qui la barbe at *floride*»

que o distincto alumno do Curso traduz assim:

«Comvosco terei conquistado muito longes terras
Que Carlos possue, que tem a barba branca.»

Mas, quem o autorisou a traduzir *floride* por branca? Pois não é isso o que se controverte?

Poderá, porventura, acceitar-se este argumento: *Floride* é branca, porque eu assim o traduzi? Não, – porque seria ainda inferior ao da autoridade; e por isso passo abaixo.

Diz ainda Thérould (por hypothese – porque ainda não está averiguado quem seja realmente o autor da *Chanson de Roland*):

«La siet lineis quî dolce France tient;
Blanche at la barbe, et tot *florit* lo chief.»

versos que o alumno traduz assim:

«Ali reside o rei que governa a doce França,
Branca tem a barba, e toda branca a cabeça.»

XI Esta falácia argumentativa consiste em negar determinada proposição, atacando o seu autor em vez do conteúdo expresso.

Não posso, porém, admittir esta versão, não tanto por
119 cacophonica, mas porque é evidentemente opposta á exegese do texto.

Effectivamente, se o *florit* (*florie*) significasse o mesmo que o adjectivo *blanche*, por que motivo não repetiria o trovista este vocabulo, como o fez o traductor?

123 Não ficaria o verso mais poetico, e egualmente certo?

Com certeza, e, portanto, o que deve concluir-se é que o poeta
125 quiz marcar uma differença, accentuando-a pela differença dos dous vocabulos.

127 Suppoz (e digo – suppoz – porque o trovista da *Chanson* não
128 podia ser contemporaneo de Carlos Magno) que elle devia ter a barba branca, e assim a pintou (apparentemente) e pintou-o de cabeça florîda, isto é, amplamente encabellada, porque um merovingio, o ultimo dos
131 reis crinitos (rois chevelus) não podia, decentemente, ser pintado
132 careca.

133 O segundo argumento, portanto, que se me oppõe, baseado numa interpretação duvidosa dos textos, não é concludente, não colhe, e até, a meu ver, assim o entenderam os proprios interpretes francezes, em que o douto alumno se estriba, pois que tentaram robustecel-o por meio de uma comparação deploravel, e tão deploravel que o destroe pela base.

138 Dizem: que o verbo *florir* pode traduzir-se por «estar branco»
139 (applicado ao cabello, ou á barba) porque as arvores de fruto, quando
140 florescem tambem o estão!

141 É um phenomeno vegetal que ninguem observou ainda.

142 O fruto apparece depois da flôr, e a folha da arvore ou do
143 arbusto só mais tarde, depois que elle cae ou é colhido, é que amarellece, definha e morre. Entre a florescencia, que é a juventude
145 annual da arvore, e o caír da folha que é a sua velhice, ha o estio e o outomno, a grande época viril, comparando, da vida dos vegetaes.

Assim, arvores florîdas são as que estão em plena actividade do seu desenvolvimento annual, ascendente a seiva, exhuberantes de vida, repletas de flores.

Ora, pergunto eu: que analogia pode haver entre a vida e a morte, entre a florescencia, a vitalidade, representadas pela flor e pelo

fruto, e a decadencia e a velhice, representadas pelas cans e pela calvicie?

Absolutamente nenhuma, e, portanto, sendo falsa e tôla a comparação dos interpretes a que o alumno do Curso se refere, o argumento, que nella quizeram architectar, não só não colhe, mas até é contraproducente, e é sabido que um argumento contraproducente prova a favor da parte contraria.

Pelas razões, até agora adduzidas em prol da traducção de *à la barbe fleurie*, por «da barba branca» essa traducção não pode admittir-se.

Ficam, pois, de pé: a versão de Theophilo e a minha traducção.

Qual d'ellas é a melhor?

É do meu dever sustentar que é a minha, e, sustentando-a, como vou sustentar, farei ainda sobresaír o absurdo da dos interpretes estrangeiros.

Neste proposito, direi, em primeiro logar, que o rei dos francos, que nos occupa, na epoca da acção da *Chanson de Roland*, não podia ter a barba branca. Quando este paladino falleceu em Roncesvalles,[XII] isto é, em 778, Carlos Magno, seu tio, tinha apenas 36 annos, e nessa edade, mesmo nesta epoca de decadencia viril, ninguem tem a barba branca, e se alguma pessoa a tem, pinta-a – para se illudir, ou, se é artista, para em si mesmo applicar os principios da arte pictorica em que se basêa a combinação harmonica das côres.

Naquella epoca, elle, que só ao almoço comia uma pá inteira de boi ou de porco montez, estava em todo o esplendor da sua exuberante mocidade: a sua barba era mais que de bode; os seus musculos eram de ferro.

A propria tragedia de Ronceveaux o demonstra claramente.

Carlos Magno, á frente do seu numeroso exercito, cercado dos seus pares, os primeiros barões da christandade, de nobres cavalleiros e

XII Refere-se ao sobrinho do Imperador Carlos Magno (o Conde Roland), que segundo a lenda terá perecido na batalha de Roncesvales, em 778.

menestreis, seguia alegremente, por accidentados caminhos, para o reino de Aquitania.

Ao seu lado, Ruy de Borgonha contava-lhe uma historia de caça ao javali: achando-se subitamente desarmado, arrancara uma das defesas do animal, e transformando-a em punhal, com um só golpe o estendera sem vida.

De repente, e quando o fogoso barão se dispunha a imitar o grunhido que a fera exhalara ao morrer, um som estranho, lamentoso como uma voz de agonia, prolongado e sinistro, atravessa o espaço, e faz parar de subito a ruidosa cavalgata.

– «Ouvis?» disse o rei sofreando as redeas do seu impetuoso corsel.

– «A Olifanta!» respondeu d'Armagnac.

E na face de todos se desenhou a expressão do maior espanto, da mais profunda inquietação.

– «A trompa de Roland! Roland a pedir soccorro! exclamou o rei; corramos, voemos a salval-o!»

Viu-se então um espectaculo que, desde a invasão de Attila, Flagello de Deus, na Gallia,[XIII] ninguem ainda, attonito de pavor, tornara a presencear.

O rei ia na frente, seguindo-o de perto os principes, duques e barões que o acompanhavam. Era uma tromba, caminhando com a velocidade dos ventos do inferno. O som quadrupedante dos corseis, o bater das maças nas armaduras dos cavallos, os gritos de incitamento dos homens de guerra, e o clangor das trompas, produziam um concerto tão horrivel, que os martellos dos cyclopes nas încudes, forjando as armas para o combate contra os deuses, nem de longe imitariam. E a longa barba do rei, sacudida pela impetuosidade da carreira e pela fuga dos ventos, ondeante, como um penacho de fumo; por sobre os elmos dos cavalleiros, produzia uma vibração aguda, que se casava ao crocitar

XIII O último rei dos Hunos (*406 †453) era também conhecido como *Flagelo de Deus*, pela crueldade das suas investidas.

dos corvos, os quaes, em numerosos bandos, se dirigiam para os mesmos lados: as montanhas do Este.

Assim, – na *Salambô*, os pés de Marthos, montado na azêmola selvagem, que Flaubert lhe mettera entre as pernas, produziam, passando por entre as hervas da planicie, *un sifflement aigu*, um silvo agudo, como o de uma locomotiva.[XIV]

Quando chegaram a Roncesvalles já era tarde. O grande paladino jazia estendido entre montões de cadaveres. Ao seu lado via-se ainda, torcida como um saca-rolhas, a sua famosa Durandal.

Assim acabara, ingloriosamente, a embates dos montanhezes da Helvecia, o mais valente dos paladinos dos tempos medievaes![XV]

– Vingança! gritou Carlos Magno.

Mas, olhando em roda, não viu ninguem: os vencedores do leão, haviam-se prudentemente recolhido aos antros onde habitavam. Então, para que ao menos ficasse assignalado o logar onde caira o grande paladino, pegando no seu montante a duas mãos, vibrou uma espadeirada tão violenta ao enorme rochedo a que Roland, para se defender, se acostara, que o abriu de alto a baixo, fazendo ahi a brecha que ainda hoje, por erro, se designa: a *brecha de Roldão*.

Ora, um homem assim, valente, collossal, destemido, com musculos d'aço, e no vigor da edade, não podia, de maneira alguma, ter a barba branca.

Tinha-a, como eu indiquei: de tres metros de comprido e intonsa, e tinha-a assim... porque a não tinha.

Effectivamente, a grande verdade, – com tristeza o digo, – é que elle não usava de barba. É o que nos diz Eginhard,[XVI] e o que o poeta da *Chanson de Roland* talvez quizesse revelar naquellas suas palavras: *blanche la barbe*. *La barbe* estaria ali por *menton*, como entre nós e á

XIV Alude ao romance *La Salammbô* (1862), de Gustave Flaubert, cujo herói (Mathô) é inspirado na personagem Herodutus, da *Chanson de Roland*.

XV Esta incorreção será retificada no fragmento III.

XVI Refere-se ao conselheiro de Carlos Magno, Eginhard (*770 †840), e à sua biografia do imperador: a *Vita Karoli*.

romana, o continente pelo conteudo; *blanche* por barbeado, sem pello algum, como *page blanche*, aquella em que não ha caracteres, em que não ha nada.

– Mas, dir-me-á, ingenuamente, o joven alumno do Curso Superior de Letras, esfregando as mãos de contente, se não a tinha, como é que a podia ter longa e intonsa, isto é, não cortada, virgem, nunca tosqueada?

– Tinha-a assim, repito, exactamente porque a não tinha.

Effectivamente, é preciso distinguir entre o Carlos Magno da historia, e o Carlos Magno da lenda. Nada temos com o primeiro, com o que, segundo todas as probabilidades, se barbeava todos os dias, não sendo de crer que prohibisse, por um edito, o uso da barba, e a usasse. O nosso heroe, porém, não é esse: é o da lenda, e em lendas não ha barbas feitas, nem barbas encanecidas. Como imaginarem-se, por exemplo, o Rei Artur, os cavalleiros da Tavola Redonda, o Palmeirim d'Inglaterra, o Cid d'Andaluzia, Lancelote do Lago, Carlos Magno e os doze pares de França,[XVII] os vencedores de gigantes e dragões, e muitos outros heroes das chronicas medievaes, e dos poemas de façanhas, duas vezes barbeados por dia, como um dandy fim-de-seculo, ou de bigodes brancos, como um general reformado?

Impossivel: ninguem até ao dia de hoje se lembrou de os descrever com esse aspecto, e assim, a consequencia logica de tudo quanto deixo exposto é que effectivamente Carlos Magno, não tendo realmente barba, tinha a da lenda, a que lhe dava tres voltas á roda da cinta, virgem de thesoura, enorme, *intonsa*.

Concluindo, pois, temos:

1.º – que a interpretação do joven alumno do Curso Superior de Letras é de caír de batecú a rir, como diria o Filinto, salvo o respeito devido á memoria dos sabios em que se basea;

2.º – que a versão de Theophilo, á letra, egual á dos traductores francezes, modernos, da *Chanson de Roland*, é, em todo o caso, melhor;

XVII Alude aos cavaleiros lendários que inspiraram algumas das principais canções de gesta.

271 E, 3.º, finalmente, que a minha é a unica acceitavel, e sob todos os aspectos, correcta.

Por ser cousa inutil, não cito agora um proverbio popular, applicavel a esta ultima conclusão.

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 147-157.]

II
TROVISTAS E TROVADORES

Versou o estudo anterior sobre qual o verdadeiro sentido da expressão à barbe fleurie, usada por Victor Hugo na *Lenda dos Seculos*.[I]

Como acaba de ver-se, as conclusões a que cheguei foram: que a interpretação do Alumno do Curso Superior: *barba branca*, era de caír de batecú a rir; que a versão de Theophilo: *barba florîda*, era, em todo o caso, melhor, e que a minha: *barba intonsa*, era, sob todos os aspectos, a menos defeituosa.

Para chegar a esta conclusão, não analysei o unico argumento que o joven alumno adduzira a favor da sua interpretação, e que era: que *barbe fleurie* era *barba branca* porque Clédat e Gaston Paris assim o tinham dito; analysei, porém, destruindo-o, o supposto argumento por analogia com que os citados interpretes pretenderam justificar a sua opinião; – mostrei á face da exegese dos versos da *Chanson de Roland*, que foram citados, que essa opinião era errónea, e adduzindo em seguida diversos argumentos a favor da minha interpretação, conclui, logicamente, pela forma que acima indiquei, isto é: que *barbe fleurie* não podia, nem devia traduzir-se senão por *barba intonsa*, barba em forma de leque, virgem, nunca aparada.

Suppuz que o joven alumno do Curso, convencido, se metteria prudentemente nas encôlhas, guardando um bem entendido e amavel silencio; enganei-me, porém, porque o vejo apparecer de novo em scena, com o seu mesmo e unico argumento:[II] o de que *barbe fleurie* é barba

I Veja-se o v. 1 do fragmento III ("Aymerillot") de "Le cycle héroïque chrétien", em *La Légende des Siècles* (1859), de Victor Hugo.

II Vd. texto reproduzido no Arquivo documental do fragmento anterior.

branca, porque Du Cange, Littré, e outros assim o disseram. Não é isto argumentar, é tocar sanfona.

Comtudo, como toda a musica me serve, mesmo a de cegos, ou d'um gaiteiro de Compostella, ouvirei, com benigna condescendencia o infantil virtuose, esperando, a meu turno, deleital-o com dous ou tres accórdes do instrumento de que uso nas horas vagas: a rabeca, o instrumento dos prosadores, segundo Trindade Coelho.

Em 1891, dizia eu num diario de Lisboa: «Tolices, ou por outra, asneiras (palavra que, desde Montaigne tem fóros de palaciana) asneiras toda a gente as diz: sabios e ignorantes não dizem outra cousa: a differença que existe entre uns e outros, quanto ao modo de as dizer, consiste unicamente em que aquelles as dizem de maneira que parece que o não são, e estes como espontaneamente lhes surgem no intellecto: são o unico fruto da arvore da sciencia humana.»[III]

Nestas mesmas idéas abunda o tão douto como benigno alumno do Curso Superior: «Disparates (diz elle no seu ultimo artigo) toda a gente os diz e os faz, o que é peor. A unica differença que existe entre uma pessoa de talento e um tolo é que o primeiro só por excepção diz disparates, emquanto que o outro os diz habitualmente.»

Ora, sendo assim, sendo estas as suas idéas, deveria ter pensado que, não podendo os individuos por elle citados fazer excepção á regra geral, poderiam, traduzindo *barbe fleurie* por barba branca, ter errado, e assim, para não ser contraditorio comsigo mesmo, deveria, não cital-os unicamente, mas exhibir os argumentos em que elles se fundaram, desenvolvendo-os, sustentando-os, e até robustecendo-os com razões suas proprias, para que mostrasse que era alguem no mundo das letras.

Não fez nada d'isso, porém; e não respondendo a nenhum dos meus argumentos, os quaes não chegou a comprehender, chama-me, com palaciana cortezania, ignorante, e collocando-se, pelo menos por comparação, entre os sabios seus collegas Gaston Paris, Clédat, Du

III Veja-se o texto editado no n.º 723.

Cange e Littré, encolhe os hombros, crespo de orgulho, lança um olhar de intelligencia aos seus pares, que o applaudem, sobe ao poleiro, põe a crista real, de reflexos sanguineos, colloca os esporões, alonga o bico, abre-o, e canta de gallo.

É um systema velho não só entre nós, mas tambem em todos os outros paizes. Uma das fórmas mais vulgares da asneira humana é o preconceito. A sua origem perde-se na noite dos tempos. Alguem, orneando, creou-o; outros, encontrando-o, adoptaram-no *more pecudum*,[IV] sem o discutir; com o tempo foi ganhando credito e bôjo, e, a breve trecho, eil-o ahi transformado em dogma ou lei, a que todos se curvam adorabundos, como bonzos diante de um deus omnipotente extrahido do tronco de uma arvore qualquer.

Um dia, um iconoclasta, de pensamentos livres, reconhece de falsa a divindade e atira-lhe pedras: ataca-a por todos os lados e lança-a por terra: essas pedras são argumentos fundados no senso commum, em principios verdadeiros e irrefutaveis. Para logo, surgem de toda a parte os defensores; tentam sustentar o seu idolo com asneiras, porque asneiras só com asneiras se sustentam: ficam boquiabertos diante dos argumentos da parte contraria, argumentos a que não sabem, nem podem responder, e, retirando-se afinal para as suas tendas, vão dizendo uns para os outros, com sorrisos victoriosos: «Que homem original! ainda que esteja do mau lado, não é capaz de dar o braço a torcer!»

Será esta a phrase com que findará esta questiuncula, e isto porque o Preceito-asneira é como o Anteu da mythologia:[V] lançado por terra, surge de novo em pé, ainda mais forte que antes da queda, mais pujante e mais gordo.

Não obstante, proseguirei na minha agradavel tarefa, para meu recreio proprio, e de alguns amigos particulares, que, se não abundam precisamente nas mesmas idéas, não fazem em todo o caso parte da cohorte de bonzos a que acima alludi.

IV Trad. da expressão latina: "segundo o costume da manada".

V De acordo com o mito grego, este gigante era invulnerável, enquanto permanecesse em contacto com a terra.

Vamos, pois, ás barbas, que a questão é momentosa e o tempo urge.

E, em primeiro logar, direi, entrando em materia, que o joven Alumno do Curso Superior collocou a questão num campo onde ninguem o autorisou a collocal-a.

Quiz exhibir em publico a sabença que um mestre, talvez distincto, lhe ensinou a capricho á face de livros escolares; suppôz que a phrase: *Empereur à la barbe fleurie*, que segundo Roquette no seu estimado *Vocabulario dos principaes idiotismos e proverbios da lingua franceza*,[VI] se deveria traduzir: o *Imperador devoto de Baccho*, fôra extrahido do poema de gestos ou feitos heroicos a *Canção de Roland*, onde essa phrase não existe, e ahi architectou, com materiaes estrangeiros, o castello dentro do qual se fechou, julgando-o de bronze e inexpugnavel. Enganou-se, porém, redondamente. A phrase que Theophilo verteu, e que eu traduzi, é, como já disse, de Victor Hugo, no *Aymerillot*, da *Lenda dos seculos*:

«Charle-magne, empereur à la barbe fleurie,
Revient d'Espagne; il a le coeur triste, il s'ecrie:
– Ronceveaux! Ronceveaux! ô traître Ganélon!
Car son neveu Roland est mort dans ce vallon
Avec les douze pairs et toute son armée.»

Este Carlos Magno do grande poeta não é um ancião macrobio, de barbas encanecidas: é o Cesar da edade media, em todo o vigor da sua edade: o homem que com uma só catanada da sua terrivel Joyeuse,[VII] vibrada ao êlmo d'um cavalleiro montado num corsel recoberto da sua armadura, o abria de alto a baixo, não ao êlmo só, mas ao cavalleiro e ao

VI Refere-se à *Gramatica Elementar da Língua Franceza e Arte de Traduzir o Idioma Francez em Portuguez: com Um Vocabulário mui Completo de Idiotismos e Provérbios*, publicada por J. I. Roquete em 1858.

VII Por este nome é conhecida a mítica espada do Imperador Carlos Magno.

seu corsel tambem: era o guerreiro tremebundo que tinha na voz os ribombos do trovão:

«Ainsi Charles de France, appellé Charlemagne,
Exarque de Ravenne, empereur d'Allemagne,
Parlait dans la montagne avec sa grande voix:
Et les pâtres lointains, épars au fond des bois,
Croyaient en l'entendant que c'était le tonerre.»

Estavam longe, bem longe esses pastores: uns tocavam pifaros, outros gaitas talvez de folles. Alguns dormiam resupinos á sombra de arvores frondosas, numa quietação patriarchal. De repente um som estranho atravessa os espaços: parecia a ronca de trovão medonho, interrupto por vezes, e acompanhado de um cicîo continuo, que a uns parecia o sussuro de chuva sobre folhas resequidas, a outros o bulicio de canaveaes agitados pela briza. O ceu estava azul, e sem a mais ligeira nuvem.

Que seria? Os pastores, attónitos, olhavam uns para os outros, e debalde procuravam explicar tão extraordinario acontecimento. O som mysterioso vinha, segundo se lhes afigurava, do lado do oeste. Um d'elles, Oedic, o ruivo, subiu, com a agilidade de um gato selvagem, ao mais alto dos pinheiros da montanha, e estendeu os olhos ao longe. Era realmente do oeste, do lado de Narbona, que vinha o ribombo, vendo-se tambem para esse lado o fuzilar dos relampagos. O ceu, porém, estava azul, e a briza perpassava tranquilla por entre os giestaes em flôr. Que mysterio seria aquelle? Oedic, resolvido a esclarecel-o, desceu da arvore: apertou as cordas lassas que lhe seguravam as sandalias de buffalo; pôz o gôrro de pelle de urso, empunhou o bordão ferrado; metteu dous dedos na bôcca e fez ouvir um silvo agudo, chamando o seu cão de lobo, escondido, pelo terror, nos antros de uma caverna, e fazendo o signo da cruz, partiu a largos passos na direcção de Narbona. A meio caminho porém do logar da partida, parou de subito, porque já não podia supportar a ronca do trovão, e tambem porque d'esse logar já

via distinctamente a causa do mysterio. O trovão era a voz de Carlos, rei dos francos, o qual, montádo no seu ginete de guerra, increpava com doçura a Garin,[VIII] o mesmo que achando-se um bello dia em Veneza, pegou ás costas num dos leões de S. Marcos, leões que ainda então não existiam: o cicîo, que similhava o da briza por entre os canaveaes, era o produzido pela sua longa barba intonsa, ondulando horizontal, á mercê dos ventos, por entre as lanças dos cavalleiros, que o cercavam; o fuzílar dos relampagos era a scintillação produzida pelos raios do sol nascente nas armaduras dos soldados.

Assim, na *Lenda dos Seculos*, nos *Poemas Barbaros*, de Conte de Lisle, na *Lenda dos Paladinos*, de J. Autran,[IX] Carlos Magno, rei dos francos, ou Karl, imperador da Allemanha, é um homem hercúleo, em todo o vigor da edade, de barbas ruivo-germanicas, tres vezes mais compridas que a sua espada, a Joyeuse, enormes, intonsas e virgens; e é nesse sentido que elles, e outros poetas, empregam o vocabulo *fleurie*, derivado do verbo *fleurir*, uma das significações do qual é *pousser la barbe*, deitar a barba.

O autor da *Bacchante*,[X] que é um dos nossos principaes escriptores, lido como poucos em codices antigos e modernos, interpretou esse vocabulo como esses poetas: verteu-o apenas; – eu, interpretei-o no mesmo sentido, mas em logar de o verter, traduzi-o. A differença é só esta.

Demais, no campo em que o alumno do Curso Superior collocou, indevidamente, a questão, as conclusões a que elle suppôz que chegara, além de assentarem em alicerces dubios, são realmente erróneas, como já demonstrei no primeiro capitulo d'esta cousa. Accrescentarei, porém, ainda algumas palavras ao que então disse.

VIII Garin de Monglane é uma personagem lendária do segundo ciclo de canções de gesta.

IX Enumeram-se algumas obras tributárias da Matéria de França: *La Légende des Siècles* (1859), de Victor Hugo, *Poèmes Barbares* (1862), de Leconte de Lisle, e *La Légende des Paladins*, de Joseph Antoine Autran (1875).

X Refere-se a Teófilo Braga, autor da tradução já enunciada.

Os interpretes, a que elle se refere, maus interpretes como o são todos os philologos, que só curam da investigação de origens, pondo totalmente de parte todos os outros meios de investigação, aconselhados pela hermeneutica, – tinham de lutar contra graves difficuldades, sendo uma d'ellas a ignorancia absoluta da origem de milhares de palavras que se usavam no vasto imperio de Carlos Magno, na epoca em que principiou a formar-se com certa regularidade a lingua franceza actual. A lingua, que então predominava, era a d'oc (langue d'oc) formada principalmente por vocabulos gregos, latinos, neo-latinos e arabes. Depois da invasão dos normandos, essa lingua, que era a lingua em que os trovadores (troubadours) escreviam os seus poemas, foi pouco a pouco substituida pela formada pelos dialectos dos invasores, mas em que ainda ficaram subsistindo muitos dos antigos vocabulos.

Foi nessa lingua, chamada *d'oil* (langue d'oil), lingua essencialmente popular, em que abundavam aos milhares vocabulos e locuções de origem desconhecida, que os trovistas (trouvères) escreveram as suas canções, as quaes, por isso mesmo, se tornaram rapidamente populares.

Essa lingua primitiva nenhum philologo consciencioso póde affirmar que a sabe, e os suspeitos, como os citados pelo joven alumno, são, em face de innumeros dos seus vocabulos, como Champollion em face dos hieroglyphicos do Egypto,[XI] mas sem os resultados por elle obtidos.

As affirmações d'esses taes, portanto, não deviam ser recebidas como o supracitado alumno as recebeu, de bôcca aberta e prosternado, – mas com uma bem entendida reserva: são muitas vezes affirmações baseadas em hypotheses, que não passam de puras phantasias.

Mas, não é só isto: não só a *Chanson de Roland*, mas tambem toda a vasta epopeia do romance de Carlos Magno, epopeia de mais de sessenta mil versos em que se conta a vida do heroe e dos seus doze paladinos, são verdadeiras rapsodias, em que trabalharam poetas

XI Ao linguista francês Jean-François Champollion (*1790 †1832) deve-se a decifração dos hieróglifos egípcios.

diversos, muitos dos quaes desconhecidos, de sorte que os textos d'esses poemas, em que não ha unidade de estylo nem de linguagem, – alterados, e modificados por gerações successivas de poetas, e sobretudo por copistas ignorantes, não offerecem authenticidade alguma.

Nestas circumstancias, e como a ninguem é licito interpretar um autor em ordem a collocal-o na classe dos irracionaes (e nessa ficaria o poeta que, a sério, comparasse as cãs da senectude ás flores da primavera) os interpretes, a que acima me referi, se fossem verdadeiros interpretes, dignos d'este nome, e respeitassem as regras mais vulgares da velha hermeneutica, deveriam ter declarado apocriphos versos como estes:

«Blanche at la barbe ensement come flor,
Blanche at la barbe come flor en avril.»

E poderiam adduzir a favor d'essa opinião, entre outros, os seguintes argumentos: o de que sendo a *Chanson de Roland* escripta, na sua generalidade, na lingua d'oil, todas as palavras d'aquelles versos pertencem á lingua d'óc, a avoenga do moderno provençal; e o de que, se realmente no francez primitivo, o verbo *florir*, applicado á barba e ao cabello, significasse *encanecer*, desnecessario seria ao poeta explicar essa significação no seu poema, intercalando ahi versos lyricos, mal cabidos numa epopêa heroica.

Depois, analysando mais detidamente os textos, na parte em que se falla em barbas e cabeça, veriam, se tivessem senso commum, que embora o trovista as adjectivasse umas vezes de brancas, outras de floridas, não quiz dar a esses adjectivos a mesma significação, porque em alguns dos seus versos os ajunta ao mesmo nome, como neste:

«Ja estis vos vielz et floriz et blans».

Se o *florîdo* e *branco* significassem a mesma cousa, este verso representaria um dislate grammatical, que uma figura de rhetorica não desculparia, em vista das duas copulativas que os precedem.

Concluiriam, pois, logicamente, aproveitando a significação
229 geral, translata, do verbo *florir*, que quando o trovista emprega o
230 *blanche*, se refere á côr da barba, e quando emprega o *florie*, se refere á sua abundancia, e esta interpretação seria sensata e logica, porque um homem pode ser barbicano, e ao mesmo tempo barbilongo.

233 Não concluiram, porém, assim; e concluindo pelo modo que
234 sabemos, isto é, que o *florir* antigo significava, applicado ao cabello,
235 embranquecer, porque as arvores de fruto tambem embranquecem,
236 quando florescem, – collocaram-se entre o numero dos animaes em que, pela sua interpretação, quizeram collocar o autor ou os autores da *Chanson de Roland*.

238 Fique-se, pois, o alumno com elles, que eu, pela minha parte, mantendo em absoluto as conclusões a que cheguei no meu primeiro artigo, me ficarei com Hugo, a quem segui.

E com estas solemnes palavras dou por definitivamente concluida esta questão.

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 158-164.]

III
A TRAGEDIA DE RONCESVALLES

Agora uma rectificação. Disse eu no capitulo anterior que Roland morrera a golpes dos montanhezes da Helvecia.[I] Foi um lapso grave, mas ainda assim desculpavel. O exercito de Carlos o Temerario, cuja mãe era portugueza, é o que foi destruido pelos suissos; o de Carlos Magno foi-o, não pelos sarracenos, como diz Michelet,[II] mas pelos antigos montanhezes vasconços, em Roncesvalles, num desfiladeiro dos Pyreneus.

Ruy Dias de Bivar, o cid d'Andaluzia, o diz pela bôcca de Victor Hugo, ao rei D. Sancho:[III]

«Ne va pas aux Pyrenées
Ne va pas á Roncevaux.

Hercule y vint. Tout recule
Dans ces monts ou fuit l'isard.
Roi, César après Hercule,
Charlemagne après César,

Ont crié miséricorde
Devant ces pâtres jaloux,
Chaussés de souliers de corde,
Et vetus de peaux de loups.

I Veja-se o final do fragmento I.

II Remete para o primeiro volume da *Histoire de France* (1833), de Jules Michelet.

III O poema corresponde a uma versão truncada do fragmento X ("Le Roi Couard") de "Le Romancero du Cid", em *La Légende des Siècles* (1859), de Victor Hugo.

Dieu, caché dans le feuillage,
Prit ce noir pays vaillant,
Pour faire naître Pélage,
Pour faire mourir Roland.»

Segundo Michelet, porém, o grande paladino não foi morto pelos sarracenos (é assim que elle designa os montanhezes, de sapato de liga, a que o poeta se refere); morreu de tocar trompa.

«Il crie (diz o sabio historiador) il sonne du cor que l'on entend de Toulouse á Sarragosse; il sonne, et le traître Gaméléon de Mayence, et l'insouciant Charlemagne ne veulent point entendre. Il sonne, et la chrétienté, pour laquelle il meurt, s'obstine à ne pas répondre. Alors il brise son épée, et veut mourir, mais il ne mourra ni du fer, ni du Sarrasin, ni de ses propres armes. Il enfle le son accusateur, les veines de son col se gonflent, elles crévent, son noble sang coule, il meurt de son indignation, de l'injuste abandon du monde, et il meurt en lui jetant l'infamie.»[IV]

Reconstruamos o quadro segundo estas idéas do autor da *Historia de França* e da *Biblia da Humanidade*.[V]

Diverge profundamente do por mim esboçado no meu primeiro artigo.

Ganélon, um ónagro selvagem do Taunus, transformado por Satanaz, para exicio dos christãos, em nigromante, sob o aspecto de um barão de Moguncia, attrahira, com discursos fallazes, os pares de França, dos quaes se fizera companheiro, e o exercito que elles commandavam, a um desfiladeiro dos Pyreneus, em Navarra. Esse

IV Cita-se um excerto do primeiro volume da *Histoire de France* (1833), de Jules Michelet. Trad. do Francês: "Ele grita, toca a trompa que se ouve de Toulouse a Saragoça; toca, e o traidor Ganéléon de Mainz e o desatento Carlos Magno não querem ouvir. Toca, e a cristandade, por que ele morreu, teimosamente não responde. Em seguida, quebra a sua espada e quer morrer, mas ele não vai ser morto nem pelo ferro, nem pelos sarracenos, nem pelas suas próprias armas. Cresce o acusador, as veias do pescoço inflam-se, rebentam, o seu nobre sangue vaza; ele morreu de indignação, do injusto abandono do mundo, e morreu blasfemando contra ele".

V Refere-se ao historiador francês Jules Michelet (*1798 †1874), autor de *Histoire de France* (1833-1844) e *Bible de l'Humanité* (1864).

desfiladeiro fôra aberto por Hercules, filho de Jupiter, quando chegara áquellas regiões, de passagem, para roubar os pômos d'ouro do jardim das Hespérides, e separar o Calpe do Abyla. Deparando diante de si a mole colossal dos Pyreneus, e tendo de os transpôr para realizar aquellas suas façanhas, resolveu abril-os de alto a baixo, porque, sendo muito pesado, por membrudo, quando subia, bufava.

Abriu-os, pois, a embates da sua clava, mas encontrando do outro lado os montanhezes de sapato de corda, a que Victor Hugo se refere, recuou espavorido, e preferiu ladear a cordilheira, a ter de arcar com tão ferozes adversarios.

É ao que o poeta allude naquelles versos, rigorosamente historicos:

«Hercule y vint. Tout recule
Dans ces monts ou fuit l'isard.»[VI]

Assim, o desfiladeiro, por onde se aventurara o exercito de Carlos Magno, chamado pelos încolas cismontanos Roncesvalles, e pelos trasmontanos Ronceveaux, aberto apenas, como dito fica, para dar passagem ao heroe dos doze trabalhos, era, apesar de longo, tão estreito, e formado por tão altas penedias, abruptas e escarpadas, que ainda quando o ceu era azul, e o sol esplendente, a luz era ali crepuscular, o dia uma quasi noite caliginosa.

As tropas, aquellas legiões de guerreiros, que haviam subjugado tantos povos, e dilatado o imperio dos francos desde o Vistula até ao Ebro, caminhavam em silencio, como que dominadas por um presentimento funesto. Já o sol decinava para o occidente, quando os esculcas batedores, que iam na dianteira do exercito, foram apercebidos a retroceder em desordenada fuga, e, soltando vozes de terror, communicaram que a saîda do desfiladeiro estava completamente

VI Estes versos são retirados do fragmento X ("Le Roi Couard") de "Le Romancero du Cid", em *La Légende des Siècles* (1859), de Victor Hugo.

interceptada por enormes penedos, tão collosaes que só o pulso dos
74 antigos gigantes de um só olho os poderia ter arrastado para ali.

Ao assombro que esta noticia causou, seguiu-se uma confusão
76 geral, e a palavra traição principiou a ser ouvida por toda a parte.
77 Deliberavam os pares ácerca de tão inesperado acontecimento, quando uma pedra certeira, vibrada por um fundibulario invisivel, fez
79 voar da cabeça de Rinaldo o elmo de Mambrino, que o tornava invulneravel.

Foi esse o signal da horrivel hecatombe. De toda a altura das penedias que formavam os lados do desfiladeiro, tão altas que as suas cristas topetavam com as nuvens, principiaram, logo em seguida áquelle estranho acontecimento, a ser lançadas rochas enormes, que, resultando de anfractuosidade em anfractuosidade, caiam, com horrido fragor, sobre as legiões espavoridas, ao mesmo tempo que montanhezes e archeiros, occultos em cavidades absconditas das penedias, faziam chover sobre os que desordenadamente tentavam fugir á morte, frechas,
89 atiradas com mão segura, dardos e outras armas de arremêsso, troncos inflammados de arvores resinosas, e pellouros de silex.

91 As scenas de horror e sangue que se passaram não ha pincel que as pinte, nem penna que as descreva. Soldados, com os rins partidos, pediam com vozes angustiosas, a outros que fugiam, que lhes acabassem com a vida; outros, preferindo morrer pelo ferro, a morrerem esmagados, fincavam os copos das espadas no solo, e dirigindo as pontas ao coração, nellas se cravavam; muitos esperavam de joelhos, como os antigos martyres do christianismo, o momento do resgate; outros, loucos de terror, blasphemavam, erguendo ao alto os punhos cerrados, que saccudiam vertiginosamente.

De repente, sobrepujando o concento horrivel que saîa d'aquelle valle funesto, concento formado pela gamma dos sons que representam
102 toda a dor humana, desde o gemido das creanças até ao estertor dos moribundos e ao rugido dos blasphemos, principiou a ouvir-se uma gargalhada sem nome, saccudida, contínua, penetrante como agulha d'aço em corações palpitantes, sinistra como o ranger dos dentes nas

trevas exteriores: era uma gargalhada sobrehumana, o supremo ultraje do vencedor sobre os cadaveres dos vencidos.

Quem era esse que assim ousava rir naquelle momento de tragica angustia, em meio d'aquella scena de destruição e morte?

Era elle! Era Ganélon, que, debruçado numa saliencia da alta penedia, como no adarve de castello rouqueiro, assistia, contente e feliz, ao desenlace da sua obra.

«Ò traître Ganélon!»[VII]

Era elle? Não: era o proprio Satanaz, que nelle encarnara, quando no Taunus o transformara em nigromante para exicio das legiões christãs.

Foi então que Roland, vendo mortos todos os seus companheiros, e aniquilado o exercito do grande Imperador da barba intonsa, quebrou, dobrando-a na pua da joelheira, a sua fiel Durandal, e murmurando, como ultimo adeus á vida, o nome da sua Auda, embocou a terrivel Olifanta, e lançou o grande som de appêllo á humanidade.

Comparado esse som ao da trompa d'Astolpho, que sobrepujava em horror e intensidade o rugido das vagas furiosas, e as roncas subterraneas dos vulcões, pareceria o som doce e flebil da tibia pastoril dos antigos árcades.

O som terrivel, galgando por montes e quebradas, chegou, ululante de estampidos, a Tolosa, mas d'ahi, rodando talvez com o vento para o quadrante do oeste, deixou a doce França pela Hespanha, e passando por cima de montes e valles, cidades, burgos e aldeas, deu entrada em Sarragôssa. Ahi, parou. Porque?

Voltemos a Roncesvalles.

Roland, desde que embocara a horrivel trompa, não cessara um só momento de a tocar.

VII Cita o v. 3 do fragmento III ("Aymerillot") de "Le cycle héroïque chrétien", em *La Légende des Siècles* (1859), de Victor Hugo.

A breve trecho, e pelo esforço sobrehumano que fazia, os olhos, saltando-lhe das orbitas, caíram-lhe pendentes a meio das faces. O pescoço, desmedidamente dilatado, confundira-se com o rôsto, e a sua côr poderia comparar-se á do nariz de Bordolpho, o companheiro de Falstaff, nariz tão rubicundo que, de noite, nas sinuosidades de uma floresta, poderia servir de lanterna.[VIII]

O desenlace fatal não se fez esperar. O sangue, invadindo impetuoso as regiões superiores do seu organismo, rompera veias e arterias, e o grande paladino caía por terra, fulminado pela apoplexia da indignação.

Ao cair, bateu com a sua nobre cabeça nas penedias fronteiras, abrindo ahi a brecha, que ainda hoje se chama a *brecha de Roland*.

Assim, morreu, – segundo o evangelho do symbolista francez, esclarecido pelos factos que me revelou a fada Melusina,[IX] por mim evocada, e que debalde se procurarão na chronica attribuida ao bispo Turpin,[X] ou nos códices manuscriptos d'aquelles tempos obscuros, – Roland, filho de Bertha, sobrinho do Papa Adriano e de Carlos Magno, o Imperador da barba intonsa.

VIII Alude à particularidade do nariz de Bardolph, personagem de *Henry IV*, de William Shakespeare, que se compara a um fogo-fátuo errante ou rastilho de pólvora.

IX Melusina é uma personagem céltica do imaginário medieval, habitualmente representada como fada.

X Refere-se ao Codex Calixtinus, também conhecido como Crónica Pseudo-Turpin, por ter sido atribuída ao bispo de Reims. No livro quarto deste manuscrito narram-se os feitos heroicos de Carlos Magno e Rolando, em terras de Hispania.

729

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 167-173.]

A ORGIA

I

Simões Dias, o glorioso cantor das *Peninsulares*,[I] nunca, nos seus tempos de Coimbra, pertenceu á classe de estudantes que o vulgo litterario designa, actualmente, por bohemios; muitas vezes, porém, os acompanhava em suas divagações nocturnas.

As suas tendencias foram sempre para as cousas graves e sensatas, mas, por condescendencia e por bondade, nunca deixou de dizer que sim a qualquer pedido que se lhe fizesse, por mais opposto que fosse ás suas idéas pacatas.

D'essa bondade nativa muitos abusaram largamente, quasi sem queixumes por parte da victima, a qual, muitas vezes, era a primeira a rir do episodio, se elle, por qualquer lado, podesse dar azo a commentarios alegres.

Num livro que preparo, e que se intitulará *Memorias de um estudante de Coimbra*,[II] relatarei muitos casos d'essa natureza, os quaes, de certo, serão havidos por phantasticos, mas que o não são, como não o é o que passo a referir.

Z. Bruno era, por aquelles tempos, um dos estudantes mais conhecidos em Coimbra pelo seu bom humor, e pela especialidade de imitar, com a sua voz extensa e poderosa, os homens que, de caixa de lata ás costas, apregoam papel fino de escrever.

I O poeta José Simões Dias (*1844 †1899) foi companheiro de João Penha na Universidade, cursando Teologia entre 1863 e 1868. Em Coimbra, residiu na rua da Trindade, n.º 42.

II Embora anunciado na contracapa de *Por Montes e Valles*, este livro nunca chegou a concretizar-se.

Era um rapaz alto, de faces gôrdas, bem coloridas; de olhos azues, melancolicos por estudo. No seu andar havia a ondulação solemne de quem se move com a panturrilha têsa. Donjuanesco, mas platonico nos seus amores de todos os dias, era, pelo contrario, de um realismo absoluto e semceremonioso para com todos os do seu sexo que elle distinguia com a sua amizade, e com a sua alegre convivencia.

Um dia, Simões Dias, que vivia num velho convento da rua da Trindade,[III] viu-o entrar evidentemente preoccupado, mas ao mesmo tempo com o aspecto de quem havia tomado uma resolução inabalavel.

– Então já sabes a grande noticia? disse elle ao poeta, que com os olhos o interrogava.

– Qual noticia?

– Meu pae chega aqui um d'estes dias, para assistir aos festejos da Rainha Santa![IV]

– É realmente uma noticia importante... para ti; mas, francamente, que tenho eu com isso?

– Mais do que pensas, como vaes ver. Mas, e em primeiro logar, sabes tu quem é meu pae?

– Supponho que é o autor de teus dias.

– Isso mesmo. É um bom provinciano, dos do antigo regimen, muito agradavel e cortez. Suppõe elle, – porque assim lh'o tenho dito em ferias, para lhe avivar o fogo dos seus paternaes affectos, – que vivo aqui com certa grandeza, e que, pelo meu saber, e applicação aos estudos superiores, tenho casa de alumnos, em que lecciono varias disciplinas. Ora, vê tu que desastre, se elle chega e me vê miseravelmente alojado no meu exiguo quarto da Couraça dos Apóstolos, onde não cabem duas pessoas, sem baixela, sem alfaias, e sem alumnos, Job![V] Não será de recear a maldição paterna de que fallam os livros santos, que nunca li? Atribulado, eu que já ha muito não entro numa egreja por atheismo de convenção embora nunca me deite

III O extinto Colégio da Santíssima Trindade fora então arrendado a alguns estudantes.

IV As festas em honra da padroeira de Coimbra ocorrem a 4 de julho e prolongam-se por vários dias.

V Refere-se à personagem bíblica, amaldiçoada pela lepra maligna de Satan (Jb. 2: 7).

sem fazer o signal da cruz, entrei na Sé Velha, para, de joelhos em terra, pedir a Nossa Senhora dos Afflictos, me fizesse a graça de uma idéa salvadora. Fez ella o milagre? Fez, guiando meus passos vacillantes para estes logares. Ao passar defronte d'este convento, lembrei-me de ti: «Simões Dias!... exclamei, batendo na testa, eis a minha tábua de salvação! E haverá alguem que não acredite em milagres? Haverá alguem que não acredite que S. Diniz, depois de lhe cortarem a cabeça, pegou nella, e com ella nas mãos se foi de passeio até á capital do bello paiz de França?[VI] Haverá alguem que não acredite que S. Simão Stylita vivesse vinte annos, nú, e pôsto num só pé em cima de uma columna, alimentado apenas pelos cibos que as aves, ao passarem, lhe deixavam caír na bôcca?[VII] Haverá alguem que não acredite que Santa Luzia, dizendo-lhe um que a encontrou: «Bella muchacha, que lindos olhos que tens!» – ao chegar a casa os não arrancou, mandando-lhos depois, num prato, com estas palavras, por ella mesma escriptas: «Já que tanto gósta d'elles, ahi lhos mando».[VIII] Haverá alguem...

– Basta! exclamou Simões Dias. Deixa-me em paz com o *Flos Sanctorum*[IX] em que és lido, ao que parece, e explica-me a tua idéa, porque, francamente, tenho mais que fazer.

– Pois ainda a não percebeste? Eis o que não é proprio da tua habitual perspicacia! Ora, vê: esta casa em que vives, é, pelas suas dimensões, um verdadeiro palacio; tens ahi uns rapazes que não sei se são teus discipulos, se teus companheiros; por uns dias, e nota que serão

VI Trata-se do bispo e padroeiro de Paris, que foi decapitado em 258. Na iconografia católica, surge representado como um bispo de cabeça ao colo, pois, segundo a lenda, este mártir, já degolado, terá conseguido caminhar alguns metros, em direção à igreja.

VII Simeão Estilita, o Velho (*389 †459), foi o primeiro asceta que, no Império Bizantino, subiu a um pilar, e lá permaneceu em contemplação, durante trinta e sete anos.

VIII Refere-se a Lúcia de Siracusa (*ca. 283 † ca. 304), venerada entre os católicos como Santa Luzia, a virgem mártir que teve os olhos arrancados, após declinar casamento com um pagão.

IX *Flos Sanctorum em Lingoage Portugues* é a tradução da mais importante coletânea hagiográfica (a *Legenda Sanctorum*, de Iacopo da Varazze), impressa em Lisboa em 1513.

apenas tres ou quatro, – cedes-me o teu logar: serei eu o dono da casa, os teus rapazes serão os meus leccionados, e tu mesmo o professor adjunto ou o prefeito do collegio. Que me dizes a esta idéa miraculosa? Cedes,
77 ou não? Salvas-me ou vou ao fundo do abysmo?

Simões Dias hesitou um bocado, porque o episodio lhe parecia de entremez, mas por fim, e segundo o seu costume, cedeu.

Z. Bruno, depois dos mais expansivos agradecimentos, simulou o que no theatro se chama uma saída falsa, e voltando atraz:

– Ceus! disse elle, com o gesto de S. Paulo no caminho de Damasco,[X] outro milagre, outra idéa maravilhosa, complementar da primeira.

– Ainda outra! disse Simões aterrado.

– Sei que tens um fato novo a fazer no Barata. Fazenda magnifica, ingleza; padrão discreto, mas do mais fino gôsto. Dou-te os meus parabens pela excellente escolha que fizeste.

– Eu não escolhi nada: o gôsto é o do proprio Barata. Bem vês que não me sobra tempo para lêr jornaes de modas, nem para analysar figurinos. Mas, continúa.

– Esse fato, depois de algumas instrucções que darei ao Barata, ficar-me-á como uma luva. Se m'o emprestasses, tambem por alguns dias? Mataria dous coelhos de uma só cajadada: assombraria meu pae, e subjugaria por completo a minha Idiobalda.

Idiobalda, cujo nome real era o de Gertrudes, era naquelle tempo o namôro de Z. Bruno.

– Imagina, meu José Simões, continuou elle, a impressão profunda que lhe causarei quando ella me vir assomar, inesperadamente, dos lados da Calçada, vestido como um Principe Diamante,[XI] de fato á ingleza e luva amarella (porque tu de certo não deixas de comprar luvas amarellas)! Poderá ella, a pobre creança, poderá outra qualquer dama da

X Segundo os Atos do Apóstolos, a conversão de S. Paulo deu-se na estrada para Damasco, onde teve uma visão de Cristo, envolto em luz, que o prostrou, deixando temporariamente cego (Act. 9: 3-6; 22: 6-11; 26: 12-18).

XI Alude ao protagonista de um dos contos narrados por Xerazade, nas *Mil e Uma Noites*.

sociedade elegante, seja ella a Rosa Damasceno, a Maria Pia, ou a rainha de Inglaterra,[XII] resistir-me um só momento, vendo-me assim ataviado?

– Com certeza que não, disse o Simões, já resolvido a acceder a tudo, para mais depressa se vêr livre de tão exuberante verbosidade; – mas... chapeu? por que os meus não te servem; tens, em tudo, a cabeça maior que a minha.

Z. Bruno caiu de repente na mais profunda meditação.

– É verdade! Eis um grave problema a resolver.

– E se levasses o de teu pae?

– E sabes tu quem é meu pae?

– Supponho que é o autor de teus dias.

– É, mas ao mesmo tempo é um jarrêta, que anda vestido á moda de 1815. Demais, para que eu levasse o d'elle, seria necessario que elle saisse de gôrro, isto é, que saisse em cabeça, porque essa parte do vestuario academico é cousa que nunca tive. Emfim, é mais uma noite de insomnia, a cogitar no modo como poderei resolver esse grave problema! Quanto ao mais?

– Vá lá! mas só por tres dias, porque depois dos festejos é necessario que tudo entre no seu andamento habitual.

O pae de Z. Bruno, na occasião solemne em que este lhe apresentou o José Simões, disse-lhe:

– Senhor Dias, os amigos de meu filho, são os meus proprios amigos. Sei que vale muito, e sei tambem que não é homem de ceremonias; eu tambem não, e por isso não altere em cousa alguma os
127 seus habitos: supponha que está em sua propria casa.

Simões Dias cedeu-lhe o seu quarto, que era o melhor do convento. Foi o que mais lhe custou, porque era lá que tinha, se não todos, pelo menos uma grande parte dos seus livros.

– É o meu quarto, disse Z. Bruno ao pae.

E como este se quedasse admirado diante de tantos livros:

XII Alude a algumas mulheres da sociedade elegante da altura: a atriz portuense Rosa Damasceno (*1849 †1904), D.ª Maria Pia (*1847 †1911), consorte de D. Luís I, e a rainha Victoria, de Inglaterra (*1819 †1901).

– É no que eu gasto as minhas pequenas economias, e parece-me que não faço mal, porque, por fim de contas, meu pae, sem isto – e pôz o dedo indicador na lombada d'um Calepino,[XIII] – isto não vale nada, – e elevou o mesmo dêdo á região frontal.

As scenas mais interessantes eram as que se passavam á mesa. O passadio habitual da casa fôra melhorado a instancias de Z. Bruno, havendo sempre á sobremesa duas garrafas de vinho do Porto, o café e o kummel.[XIV]

– Depois faremos contas, dissera Z. Bruno a Simões Dias.

«O que mais me custava, dizia-me o poeta contando-me este episodio, era o estar constrangido á minha propria mesa, abstendo-me ás vezes de comer o que mais desejava, ou quanto queria: e ouvir o pai de Z. Bruno, repotreado na minha cadeira, dizer-me, por exemplo: «Vamos, sr. Simões Dias: nada de ceremonias: mais uma azinha d'este frango, que está excellente», – e o frango era pago por mim!»

O pae de Z. Bruno, achando-se bem, demorou-se mais alguns dias, alem dos dos festejos, mas por fim, a instancias do proprio filho, sempre se resolveu a partir para as terras da Beira, d'onde era oriundo.

O fato á ingleza é que custou mais a vir, porque Idiobalda «se acostumara a ver o seu Bruno assim vestido, e de certo cairia na mais profunda tristeza se o visse de novo com os seus negros trajes academicos.»

Como este ha muitos outros episodios na vida academica do grande poeta, mas como estão fóra do meu quadro, ficam para as *Memorias*, a que já me referi.

XIII Refere-se a um dicionário, por alusão ao lexicógrafo italiano Ambrogio dei Conti di Caleppio (*1440 †1510).

XIV Kümmel é um licôr de origem holandesa, aromatizado com cominho e normalmente servido à sobremesa.

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 174-186.]

II

O assumpto principal d'este capitulo é de outra natureza.

Uma noite, seguia eu pela rua da Trindade acima quando, vendo luz em casa de José Simões, entrei.

– Vem d'ahi cear commigo, lhe disse; ha hoje um sável delicioso na tia Maria.[I]

– O peor, respondeu elle hesitante, é que neste mesmo momento acabo de cear, e bem.

Effectivamente, entre os labios via-se-lhe, não um charuto, mas um palito.

– E hei-de eu cear sem um unico companheiro? Demais, isso não é razão: basta que supponhas que a nova ceia não é mais que a continuação da anterior: será um repasto mais lauto, e bem sabes que *quod abundat non nocet*.[II]

– Essa razão latina convence-me.

Pôz o chapeu e fomos.

Uns atraz outros, foram chegando diversos companheiros, de sorte que, em breve, na classica taberna da mais illustre artista culinaria do seu tempo, a animação era completa.

A discussão estabelecera-se sobre se os peixes tinham, ou não, voz, – porque as ceias eram sempre, para nós, o pretexto; a discussão, incoherente, descabellada e sem limites, o unico fim.

– Os peixes não têm voz, dizia um, porque ninguem ainda até hoje lh'a ouviu.

I A taberna da Tia Maria Camela, célebre entre os estudantes pela excelência do peixe frito, situava-se na velha alta coimbrã, numa esquina da Rua do Borralho com a Rua Larga.

II Tradução do provérbio latino: "O que abunda não faz mal".

– Essa razão não colhe, porque para que o homem, animal terrestre, o podesse affirmar, seria necessario que elle mesmo se introduzisse no interior dos mares e escutasse os seus habitantes, o que não póde fazer.

– Eu tambem digo, affirmava outro, que os peixes não têm voz, por uma razão contra a qual nada ha que oppor.

– Qual?

– Porque não têm lingua.

– Tambem o figle monstro[III] e o clarinete não têm lingua, e emittem vozes, aquelle a que semelha a d'um jumento nas epocas do cio, este a do sabio professor, cognominado o Gata-pellada.[IV]

– Demais, accrescentou outro, não é exacto que os peixes não tenham lingua: ha-os até que não tem outra cousa; ha-os até que não são mais que uma lingua animada.

– Quaes?

– Os linguados.

– Pela minha parte, disse o Manuel d'Assumpção,[V] sustento que os peixes não só têm voz, mas até fallam, e em prova d'este meu assêrto, apresento um facto, e contra factos não ha argumentos. Caminhava eu pela estrada da Beira, quando vi um joven animal que, pela sua configuração, me pareceu fêmea de homem. Enganei-me, porém, porque ouvi a uns que passavam, e que a seu turno o olhavam, estas palavras: «Que bonito peixe!» Óra, esse peixe falla, e até falla commigo.

– Tem importancia esse argumento, mas não colhe em absoluto. E a tua opinião, José Simões, homem infelizmente sabio, qual é? Para que lado te inclinas?

– Nem para um, nem para outro lado. A meu vêr, nos tempos primitivos em que este globo não era mais que um mar enorme, agitado

---

III Assim é popularmente conhecido o oficleide, instrumento de sopro da família dos metais.

IV Refere-se ao Doutor Luís Adelino da Rocha Dantas, professor da Universidade e escrivão da Misericórdia, também apodado pelos estudantes como o *Gata Pelada*.

V Oriundo de Vila Real, este condiscípulo de João Penha cursou Direito entre 1865 e 1871.

por terriveis cyclones, o que o *Vetus Testamentum* explica naquellas
53 palavras: «*et espiritus dei ferebatur super aquas*»,[VI] os peixes tinham lingua e podiam fallar, mas em meio dos urros constantes do monstro dentro do qual viviam, a que se casavam os das ventanias exteriores, perderam a esperança de se fazer ouvir uns aos outros, e desistiram de fallar. Pelo decurso dos seculos, e pelo não uso, as linguas com que a natureza os dotára, foram diminuindo pouco a pouco de volume, até que desappareceram quasi por completo, e eis a razão porque os peixes actualmente não fallam. Em Darwin, que na sua *Origem das Especies*,[VII] explica satisfatoriamente, convencendo em quanto se lê, a formação e o desapparecimento de varios orgãos nos animaes das epocas genesiacas, me estribo. Demais, examine-se um peixe, e nelle se observará um rudimento de lingua.

– Tia Maria, um peixe vivo!

– Nem vivo, nem morto. O peixe acabou-se.

Estas palavras encerraram o debate, e todos, em onda tumultuosa, saíram pela porta fóra.

Na torre da Universidade batiam onze horas.

– Onze horas! disse um; é de um cêdo atroz. Que fazer?

– Vamos á baixa.

– Por onde?

– Pelo interior das terras, que é mais pittoresco.

Era uma noite de luar, fria. Áquella hora já todas as ruas se achavam desertas.

Caminhavamos intrepidos, mas silenciosos, embebidos num profundo meditar em cousa nenhuma.

Ao desembocarmos do Arco, junto á Sé Velha, Eça,[VIII] separando-se do grupo, pôz, com gesto solemne, a mão na vetusta porta

VI Tradução da passagem bíblica (Gn. 1: 2): "e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas".

VII Remete para o livro que o naturalista britânico Charles Darwin publicou em 1859, apresentando a Teoria da Evolução.

VIII José Maria de Eça de Queirós (*1845 †1900) cruzou-se com João Penha em Coimbra, onde cursou Direito entre 1861 e 1866. Leia-se o Arquivo documental I.

do templo, e virando-se para nós:

– Foi por esta porta que D. Sancho I...

De subito, interrompeu a phrase, e collou o ouvido á porta. Escutou um pouco e vimos que com a mão trémula nos chamava.

A lua illuminava de soslaio a massa negra do templo, e na torre sinistra uma coruja piava. Nesse momento sentimos pela espinha dorsal o arripio das cousas sobrenaturaes. Com o passo hesitante, abairamo-nos da porta fatal, e collocando ahi, a nosso turno, os ouvidos, sentimo-nos presos de um mysterio que nos fez humedecer as frontes com os calefrios do supremo horror. Ouviam-se lá dentro uns passos precipitados que pareciam de alguem que fugia sobre um tabuado ôcco. Esses passos ora se afastavam, ora se aproximavam, e quando o ente perseguido passava junto á porta, ouvia-se como que o arfar de um peito anciado.

– Fujamos! exclamei eu, hirtos os cabellos. É Satanaz que persegue uma joven defunta: quer possuil-a e ella resiste. Não ha ninguem que a salve! Só Deus! Fujamos!

No Arco de Almedina, Éça, trémulo e enfiado, parou.

– Voltemos! disse elle; tentemos salvar aquella pobre creança! Praticámos um acto de cobardia, que nos será um remorso doloroso nos tristes dias da senectude.

– Não, exclamei eu, imperioso; toda a luta redundaria em vergonha nossa: é que tu não sabes quem é Satanaz: é um individuo com pés de cabra, e chifres de bode. O rabo termina-lhe em ponta de setta, e quando falla saem-lhe da bôcca chamas como da cratera de um vulcão. Ora, com um personagem d'esta natureza não se luta.[IX]

– Tens razão. Mas... os nervos? Poderá algum de nós, depois d'aquelle mysterio diabolico, adormecer, se tiver a coragem de se deitar?

– Nesse caso, ao Paço do Conde![X]

E no Paço do Conde, ao escudeiro attencioso, de fronte calva:

IX Sobre esta passagem, leia-se o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

X A emblemática adega do Paço do Conde situa-se ainda hoje em plena baixa coimbrã.

– O bife inglez! Para tantas cabeças quantas são as que aqui se apresentam.

– Menos para uma, disse logo o Simões Dias.

– E porque?

– Porque já cêei duas vezes e o cear tem limites.

– A conclusão é verdadeira, mas os seus principios são falsos, disse eu. Effectivamente, a tua primeira ceia foi a ordinaria, a de todas as noites, e por isso não se conta; a segunda foi a do sável da tia Maria, mas o sável d'esta bemfeitora da humanidade é tão delicado, tão subtil e delicioso que não occupa o minimo espaço; foi como se o não tivesses comido. Esta, portanto, que vae realizar-se agora, será a tua primeira, embora o não pareça.

Simões, convencido, nada mais oppoz, de sorte que o escudeiro attencioso, de fronte calva, trouxe tantos bifes inglezes quantas eram as cabeças que ali se achavam reunidas.

Comtudo, o mysterioso episodio da Sé Velha preoccupava ainda todos os espiritos.

– Realmente, disse o cabisbaixo Eça, só Deus a póde salvar, e Deus deve estar lá.

– Está em toda a parte em que o procuram, disse o Simões, que era theólogo.

– E até onde o não procuram, accrescentei eu, porque sendo infinito, Deus está em tudo; em toda a parte, no espaço e fóra do espaço: tudo é Deus.

– De sorte que tu mesmo és Deus?

– Sou.

– E nós?

– Tambem, como os ultimos entes da creação; como o Pedro Penedo,[XI] como aquelle jumento que alem orneia.

– Se é uma these, defende-a.

XI Trata-se do Doutor Pedro Augusto Monteiro Castelo-Branco (*1822 †1903), lente de História e Princípios Gerais de Direito Português, cujo intelecto não conquistou a admiração dos estudantes, que o apodaram de Pedro Penedo da Rocha Calhau (vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 63).

– É facil. Deus, a existir, ha-de ser infinito, porque de contrario seria contingente.

– Acceitamos essa premissa. Continúa.

– Ora, se o mundo, ou antes, se a materia não fôsse Deus, Deus seria limitado por ella, não seria infinito, e, portanto, como isso não pode ser, a materia é Deus.

– A segunda premissa, e portanto, a conclusão d'esse tortuoso argumento, são falsas, gritou Marçal Pacheco,[XII] porque o espirito não occupa espaço: Deus póde existir, e existe infinito, independentemente da materia.

– É uma petição de principio, porque ainda nessa hypothese, Deus seria limitado pela materia, de sorte que ou elle não seria infinito, ou haveria dous deuses, porque a materia tambem é infinita. Demais, o êrro está em suppordes que existe materia. Não ha senão espirito: a materia não é mais que uma condição d'esse espirito, ou, para melhor me fazer comprehender por intelligencias obtusas, a materia é um estado, mais illusorio que real, do espirito infinito.

Aquellas palavras «para melhor me fazer comprehender por intelligencias obtusas» foi o rastilho que fez rebentar a mina. A discussão, generalizando-se, assumiu as proporções de um combate a todo o transe, de morte e sem misericordia. Ninguem fallava: vociferava. Sebastião de Seixas[XIII] que, logo que nasceu, argumentou com a têta da sua mãe, querendo dominar a situação, levantou-se, e fazendo da cadeira estribo, saltou para cima da mesa; o que sendo observado pelos outros, nenhum houve que o não imitasse, e ahi continuou a luta, mais temerosa ainda, faces contre faces, erguidos os punhos, injectados de sangue os olhos, roncas a tremulas de furor as vozes.

Com a ascenção tumultuosa dos combatentes áquelle novo campo da liça, duas das tres luzes que illuminavam a sala, cairam e

XII Natural de Loulé, Marçal de Azevedo Pacheco cursou Direito entre 1867 e 1872.

XIII Nascido em Bragança, Sebastião António de Seixas foi condiscípulo de João Penha, cursando Direito entre e 1868 e 1873.

apagaram-se: a terceira, salva miraculosamente pelo escudeiro attencioso, de fronte calva, foi por elle collocada numa mesa lateral.

A treva era quasi completa, e o horror da situação assumira proporções insólitas pelo ruido das louças que se partiam sob as botas dos arguentes, e pela queda constante de copos, garrafas e talheres.

Foi Eça quem pôz termo áquella scena infernal. Completamente alheio ao que se passava, não interviera na discussão, e sentado á parte, junto á mesa onde fôra collocado o ultimo castiçal, de fronte pendida sobre o peito, meditava sombrio.

De repente, accordando como de um sonho pela vozearia dos combatentes, e pelos ruidos estranhos que se confundiam com essa vozearia, receou uma luta physica braço a braço, e inspirado por um resto de senso commum, apagou a luz.

Á surpresa causada por este acontecimento inesperado, seguiram-se vozes de «luz, venha luz!» não para que a discussão podesse continuar, mas para que o descenso pelas cadeiras se podesse fazer com a segurança que a operação exigia.

Quando veio a luz já os animos estavam completamente serenados, e, pouco depois, na sala ha pouco tão ruidosa, só eu me achava para saldar as contas. A lista accusava o consumo de dezoito garrafas, de Porto e Bairrada.

Quando cheguei á rua, não vi ninguem. «Naturalmente foram para casa, pensei eu. Vou fazer o mesmo.»

Mas, o espaço a percorrer até á Couraça de Lisboa[XIV] era longo, e o que eu queria era deitar-me, immediatamente, fôsse onde fôsse: o proprio esterquilinio de Job[XV] seria para mim, naquelle momento, um leito de plumas. De repente, bati na testa, gesto que desde os tempos

XIV Era nesta rua da alta coimbrã que João Penha vivia, enquanto estudante.

XV Alude ao monturo de cinza sobre o qual Job foi obrigado a definhar, quando atingido pela lepra maligna (Jb. 2, 7-10).

antigos indica o apparecimento de uma idéa luminosa, e em logar de seguir para os lados do nascente, tomei para o lado opposto.

Grande, porém, foi a minha surpresa quando exactamente defronte do estabelecimento que procurava, vi, reunidos, todos os meus companheiros!

No momento em que eu chegava, abria-se uma janella do primeiro andar, e uma voz doce, algo motejadora, dizia lá do alto:

«Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem está hi?»

E um, debaixo, com uma voz estranha, e que parecia de quem fallava por um canudo:

«É Bernal francez, senhora;
Vossa porta a amor abri!»[XVI]

– São elles, são elles; são os nossos amores! disse a mesma voz para o interior. Abre, abre!

D'ahi a instantes, o ruido ligeiro de umas botinas que desciam precipitadamente a escada se fez ouvir, e o portico d'aquelle templo votado ao culto da deusa clandestina, e servido pelas mais frescas, bonitas e elegantes filhas de Eva d'aquellas regiões, foi aberto de par em ar.

Entramos um a um, tristes, pesados e cabisbaixos.

A Lola, ao vêr-nos, juntou as mãos.

– Oh! meu Deus, exclamou ella. Em que estado vindes! Quem vos pôz assim? Nem pareceis os mesmos!

Effectivamente, o nosso aspecto era, por um lado, grotesco, por outro, medonho.

XVI Evoca-se uma passagem do romance tradicional "Bernal-Francez", recolhido por Garrett em 1828 e mais tarde incluído no *Romanceiro*: "– 'Quem bate à minha porta,/ Quem bate, oh! quem 'stá ahi?'/ – 'Sou Bernal-Francez, senhora;/ Vossa porta, amor, abri'".

Guerra Junqueiro[XVII] e outros traziam as botas cheias de salada e de outros residuos da ceia anterior. Bernardino Machado,[XVIII] que teve sempre um medo horrivel ás constipações, atara um guardanapo á roda do pescoço, e outro á roda da cabeça; Crespo[XIX] puzera aos hombros um capote exquisito que pedira emprestado ao escudeiro attencioso, da fronte calva. Em algumas cabelleiras, desgrenhadas como se por ellas tivesse passado o simum do inferno, havia laminas de batata. Isto, e a desordem das roupas, onde se ostentavam caprichosos desenhos a estearina, faria rir, se não fosse a expressão tragica das physionomias.

– Quem vos poz assim? continuava a Lola com a voz compungida.

Manuel da Assumpção, de pé, no meio da sala, onde ficara como petrificado, erguendo a custo a palpebra inchada, e ainda mais a custo a mão, com que indicou as regiões supernas, respondeu com voz dubiamente solemne:

– Deus!

Éça que, contra o seu costume, – pois era sempre o mais irrequieto de todos nós em scenas d'aquella natureza, – se deixara caír num sofá, meditabundo, ao ouvir aquella palavra, como que despertou do entorpecimento em que jazia, e fallando para si mesmo:

– Sim! Só Deus a pode salvar! Pobre creança! E quem será ella? Talvez a joven D. Mecía Fufes da Annaya, que em 1371 morreu de amor no Mosteiro de Santa Clara, e que seu pae, o conde Arnulpho Eannes de Azurara, o matador feroz do moço D. Inígo Ansur, fizera transportar para os sacófagos subterraneos da velha cathedral. A pobre creança ainda agora, passados tantos seculos, se quer conservar fiel ao desditoso pagem! Deus a salve das garras do eterno Inimigo do genero humano!

XVII Oriundo de Freixo de Espada à Cinta, Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923) foi condiscípulo de João Penha na Universidade, cursando Teologia (1866-1868) e mais tarde Direito (1868-1873).

XVIII O futuro Presidente da República, Bernardino Luís Machado Guimarães (*1851 †1944), cursou Matemática (1866-1869) e mais tarde Filosofia (1869-1873).

XIX Natural do Rio de Janeiro, António Cândido Gonçalves Crespo (*1846 †1883) foi condiscípulo de João Penha, cursando Direito entre 1872 e 1877.

– Deus! repetiu como um echo o Manuel da Assumpção, apontando de novo para o tecto.

José Simões, logo que entrou, e era a primeira vez que entrava, segundo penso, em casas d'aquella ordem, sentou-se numa cadeira, e ahi se deixou ficar, sem movimento, e numa postura que fazia lembrar a dos monólithos, ou estatuas de Memnon, nas ruinas de Thebas.[XX] Apenas se lhe notava um menear de cabeça, como de acompanhamento a uma musica interior. Nos olhos tinha a expressão vaga de quem olha, não para as cousas que o cercam, mas para outras, longinquas, mysteriosas, desenhadas nas brumas indecisas d'uma visão distante.

No entanto, as alegres raparigas faziam quanto podiam para nos reanimar. Mas, debalde.

Rubêna, uma creança de 18 annos, que passava os dias a lêr romances, e a quem chamavam a Manuela Rey,[XXI] por se parecer muito com a actriz d'este nome, enlaçara-se, pondo-se nos bicos dos pés, ao pescoço de um de nós, de quem ha muito andava apaixonada, e com uma inflexão, em que havia o murmurio de uma supplica infantil, dizia-lhe:

– Não me tens amor nenhum, mesmo nenhum! mas, ao menos, diz-me o que tantas vezes me tens dito: que sou uma rapariga encantadora, que me adoras, que morres por mim; bem sei que tudo é mentira, mas é o mesmo: quero ouvil-o como a musica de um sonho.

– Pois sim, amanhã! balbuciou elle, olhando-a com a expressão vaga de quem não comprehende o que se lhe diz.

Rubêna, ouvindo estas palavras que, noutra occasião seriam crueis, olhou-o com uma profunda tristeza, e desatou os braços com que o prendia.

Depois, e sentada a um canto, pegou da guitarra, e com voz em que havia lagrimas, cantou:

XX Refere-se aos Colossos de Memnon, as duas estátuas gigantescas em que o faraó Amenófis III aparece sentado no trono, com as mãos pousadas sobre os joelhos.

XXI A atriz espanhola Manuela Rey (*1843 †1866) foi contratada pelo Teatro D.ª Maria II, mas sucumbiu à tuberculose antes de atingir os 23 anos de idade.

Que sorte! que vida!
Que triste penar!
Tão nova e perdida
Nas ondas do mar!

Se passa um navio
Bem quero chamar,
Que o tempo é sombrio
Nas ondas do mar.

Vae nelle a ventura,
Vão noivos a amar!
Ai! fica-te, impura,
Nas ondas do mar!

De noite bem sonho,
Mas sonho a chorar,
Que tudo é tristonho
Nas ondas do mar!

Oh! quem me redime
De tanto penar,
Da dôr que me opprime
Nas ondas do mar!

Ninguem! E perdida
Terei de acabar
Nas sombras da vida,
Nas ondas do mar!

Esta melopea, acompanhada dos accórdes plangentes da guitarra, foi, para nós já somnolentos, o golpe de misericordia. A invasão cataleptica[XXII] começou logo ás primeiras notas; as ultimas, perdido por completo o sentido das cousas exteriores, já ninguem as ouviu, e nenhum de nós, ao outro dia, poude lembrar-se de como aquellas ultimas horas de tão memoravel noite acabaram.

XXII O transe cataléptico corresponde a um sono profundo ou à suspensão dos movimentos voluntários, associada a estados hipnóticos.

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 187-189.]

III

Na manhã seguinte, depois da receita de Byron,[I] e de um largo passeio até Cellas,[II] entrei em casa de Simões.

– Então? Como passaste o resto da noite?

– Até certo ponto, ignoro-o. Parece que logo que cheguei me puz a escrever, mas isso que escrevi ainda o não pude classificar. Vê em cima da pasta.

Era uma folha de papel, cheia, por todos os lados, dos mais extravagantes desenhos: pareciam hieroglificos traçados a capricho pela mão de um epileptico.

– Será prosa ou verso?

– Ignoro-o: vou passar o dia a vêr se resolvo esse problema.

Á noute, e á mesma hora que na vespera, voltei lá.

– Vem d'ahi cear commigo, lhe disse: ha hoje um savel delicioso na tia Maria.

José Simões olhou-me com assombro.

– És um homem unico. A minha cea, ou antes o meu jantar vae ser uma aza e um caldo de gallinha.

– E o problema? Resolveste-o?

– A grande custo: era uma poesia.

– Deixa ver.

A poesia era esta: o mestre intitulara-a

I Alude a uma conhecida passagem, no canto II (estância 178) do *Don Juan* de Lord Byron (*1788 †1824): "Let us have wine and women, mirth and laughter/ Sermons and soda-water the day after" (Dê-nos vinho e mulheres, alegria e risadas/ Sermões e água gaseificada no dia seguinte).

II O bairro de Celas pertence à freguesia de Santo António dos Olivais, em Coimbra.

Alta comedia[III]

Por essa porta entrei, subi a escada,
Vim sem convite, mas faltar não falto!
Pouco dinheiro trago, um quasi nada,
Mas trago luva branca, e chapeu alto!

Eis o que tenho; agora, anjos captivos,
Em cujo olhar um falso amor se ateia,
Figurae-me de novo, em quadros vivos,
Do amor pagão a lúbrica epopeia!

É bem de ver que o travo da cicuta,
Que vós me propineis nos quentes beijos,
Calmar não póde a tormentosa luta
Dos meus crueis e indómitos desejos!

Mas faz-me bem, talvez, linda Consuelo,
Rolar a fronte pelo teu regaço,
Nas ondas mergulhar do teu cabello,
Cingir teu corpo num estreito abraço!

Quem sabe? Foi tão longa a caminhada
Para chegar aqui no dia de hoje!
Venho do fim do mundo, alma penada,
Atraz de um sonho, que se esvae, que foge!

Não te ponhas a rir, ólá, Rubêna,
Que tu não sabes que tormento é o meu!
Sabes acaso tu o que é ter pena
D'algum sincero amor que nos morreu?

III Este poema foi incluído, com ligeiras variantes, em *Peninsulares* (coleção de poesias publicada por J. Simões Dias, em 1870).

Disseste-me o outro dia: «A vida goza,
Que d'este mundo nada mais se leva.»
Talvez, talvez, se a vida é cor de rosa,
Mas, que illusão! se a vida é côr de treva!

Mas, agora me lembro: quanto custa
Neste mercado um beijo de mulher?
Vamos, dizei-mo: aqui tudo se ajusta;
Dinheiro á vista, e aluga-se o prazer!

Mas vós emmudeceis, visões funéreas
De um sol que se apagou; mas vós choraes!...
Bem vedes que eu só vim, Tenorio em ferias,
Assistir á comedia e nada mais!

730

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 193-203.]

MR. LE SYMBOLE

Assim chamavam os estudantes de Paris ao glorioso autor da *Biblia da Humanidade* e da *Historia da Revolução Franceza*, Michelet,[I] seu mestre.

«Seu mestre» é um modo de dizer, porque, realmente, os seus discipulos eram, não os que o poderiam ouvir no seu curso do collegio de França (Curso superior de letras), mas os que o liam, e esses pertenciam a todas as classes, a todos os paizes, e não tinham numero que se fixasse. Como era um professor benigno e pacato, todos os seus alumnos, logo ás primeiras palavras da prelecção, se iam esquivando, de sorte que, se não fôsse um que lá permanecia até ao fim, fallaria ás bancadas desertas. Esse, não tinha, realmente, nem a figura irrequieta de um estudante, nem a sua edade apparente: era um homem grave e maduro, que, desde que o mestre principiava a fallar, parecia escutar com o mais vivo interesse tudo quanto elle dizia. Nunca, porém, tirava o lapis e a carteira, para tomar nota de uma phrase, para fixar um pensamento.

Era a elle, seu unico ouvinte, que Michelet explicava o symbolo das cousas, das pessoas, dos imperios, das civilizações, das humanidades, dos mundos e dos deuses. Elle mesmo Michelet se explicou, um dia, como um symbolo: o da humanidade que ensina, e d'ahi a transformação do alludido escolastico em symbolo tambem: o da humanidade ignorante que quer saber.

Um dia, o Mestre, no fim da prelecção, e ao sair, quiz saber quem era o seu attento e sympathico alumno, e, cumprimentando-o benigno, perguntou-lh'o.

I Refere-se ao historiador francês Jules Michelet (*1798 †1874), autor de *Bible de l'Humanité* (1864) e *Histoire de la Révolution Française* (1847-1853).

– Vejo que me faz uma pergunta, respondeu o alumno, mas como sou inteiramente surdo, pedia-lhe o obsequio de m'a fazer por escripto.

Michelet, pela primeira vez na sua vida, praticou uma acção menos distincta: voltou-lhe irreverentemente as costas, e murmurando o

«Nos canimus surdis»[II]

do poeta romano, foi pensando, ao recolher-se a casa, no symbolo que poderia extrahir d'aquelle facto inesperado.

O supposto ouvinte era o frequentador de um restaurante proximo que, por acaso, descobrira aquelle refugio contra o frio, e o escolhera para, em dôce aconchêgo, esperar a hora de jantar.

Li isto, pouco mais ou menos, num livro, de cujo titulo me não recordo, e ahi se affirmava que a anecdota era absolutamente verdadeira.

———

O symbolismo de Michelet não é o rhetorico ou o dos poetas: é o dos philosophos e historiadores que, desprezando narrações de factos secundarios e analyses minuciosas, consubstanciam numa acção, ou num personagem, real ou phantastico, a synthese das idéas de uma epoca, ou de uma civilização. Esse symbolismo, creado talvez por Edgar Quinet no seu *Ashaverus*,[III] um dos livros mais bellos d'este seculo, tem os defeitos que lhe provieram da origem mórbida e atávica do romantismo.

Como isto talvez pareça obscuro, passo a desenvolvel-o, em duas palavras.

Os homens da Revolução[IV] viviam num estado, anormal e continuo, de sobrexcitação nervosa, pelos espectaculos terriveis que

II A citação é de Petrarca, no livro I da sua *De Vita Solitaria*. Trad. do Latim: "Cantamos para o surdo".
III Trata-se do longo poema em prosa *Ahasuerus*, que Edgar Quinet (*1803 †1875) publicou em 1833.
IV Refere-se à Revolução Francesa (1789), que aboliu as estruturas feudais da monarquia.

presenceavam todos os dias; pela sua intervenção, voluntaria ou obrigatoria, na luta em que andavam empenhados; pelos sobresaltos em que todos viviam; pelo terror, e pela visão constante da morte.

Este estado anormal e doentio do povo francez durou annos, e acabou por uma phrase de uma pequenita no estrado da guilhotina:

– *Je suis bien ainsi, monsieur le bourreau?*

Chamava-se, se bem me recordo, Bonchamps, e vira cair, successivamente, cincoenta e nove cabeças, porque era a ultima da lista d'aquelle dia. Quando chegou a sua vez, subiu ella mesma, sem ajuda de pessoa alguma, os degraus da guilhotina: compôz honestamente as sainhas, e collocando o pescoço onde o vira collocar ás outras victimas, pronunciou com voz doce e tranquilla, mas que, em meio do silencio que então se fizera, se ouviram distinctamente, aquellas commovedoras palavras:

– «Estou bem assim, sr. carrasco?»

A sua loira cabeça caiu, e ao vel-a cair, os mais illacrymaveis choraram. O arrepio da suprema indignação passou por todas as epidermes; vozes de «abaixo os matadores de creanças» principiaram a ouvir-se por toda a parte, e se a guilhotina não foi despedaçada naquelle momento é porque estava na mente de todos que ella ainda devia servir para alguem: para os ultimos redemptores da humanidade.

Effectivamente, passados dias, Robespierre, seguido de Saint-Just[V] preso por uma corda ao pescoço, como um cão, subia os degraus do patibulo, e a sua cabeça, e a do homem que primeiro pedira a morte de Luiz XVI, caíam a seu turno no cêsto ensanguentado, onde tinham feito caír milhares de outras.

Diz a rhetorica d'aquelles tempos, que, ao caír a de Robespierre, o Incorruptivel, o mundo tremera nos seus eixos.

V Refere-se a dois dos principais líderes do Terror Jacobino, que acabaram depois guilhotinados pela fação moderada dos girondinos: Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (*1758 †1794) e Louis Antoine Léon de Saint-Just (*1767 †1794).

Á Revolução seguiu-se o Directorio, e ao Directorio o Imperio. A convulsão continuou, mas mudou de aspecto e deslocou-se: transformou-se na luta exterior, a ferro e fogo, contra os inimigos das novas idéas.

Mas... a que proposito vem isto?

Ah! a proposito da origem do romantismo.

O atavismo, todos o sabem, é um phenomeno reconhecido pela sciencia, mas que a sciencia não explica satisfatoriamente. Os netos apparecem, quasi sempre, não só com as feições caracteristicas de seus avós, mas tambem com uma accentuada tendencia para os mesmos habitos e idéas, e este phenomeno estranho verifica-o a sciencia não só no homem, mas até nas plantas, porque as plantas tambem tem habitos e feições, e, a meu vêr, alma.

Ora, os homens de 1830 eram os netos dos da Revolução, e, portanto, em virtude d'aquelle phenomeno hereditario, reproduziu-se nelles, como um reflexo, o estado de excitação nervosa de seus avós, os proclamadores dos direitos do Homem. Nestes, esse estado era uma realidade produzida por um facto transitorio; naquelles, um sonho permanente, originado na organização nativa do seu systema nervoso.

Sonho e realidade são duas cousas oppostas, e o romantismo que tinha o seu fundamento naquelle, afastou-se d'esta, idealizando as cousas da vida: o natural foi substituido pelo ficticio, e a doença encantadora, como uma vaga impetuosa, alastrou por meia face da terra: doença atávica nuns, transmittiu-se, pelo contagio, aos que a não tinham herdado: de Paris passou ás provincias, e das provincias, transpostas as raias, aos paizes estrangeiros. Tudo, e em toda a parte era exageradamente romantico: os costumes, as artes, o amor, e até a politica; todos viviam no horror das cousas vulgares e communs, e até os actos mais indispensaveis e secretos da vida humana eram praticados de modo que um anjo, – e nessa epoca os anjos abundavam, – os poderia presencear, sem que tivesse de encobrir as faces sob suas azas de plumas brancas.

Até o crime, ou antes, até os que d'elle viviam!

Assim, e apresentarei este unico exemplo, Lacenaire, um assassino atávico, que matara uma pobre velhinha, para a roubar, condemnado á morte, e já na Roquette, fazia na vespera do dia em que foi guilhotinado a seguinte poesia,[VI] por elle intitulada:

A FADA

Ente divino, oh casta formosura,
Sonho em que vivo desde a tenra infancia,
Espirito gentil, ou creatura,
Escuta os sons da derradeira estancia!
Tu me foste no pélago da vida
A luz que me guiava entre escarceus:
Já vejo o porto, e a alma embebecida
Vae demandar-te no esplendor dos ceus.

Procurei-te nos porticos brilhantes,
Onde a turba dos aulicos impera;
Procurei-te nas choças vacillantes,
E só vi uma sombra, uma chimera:
Quem sabe se o esplendor da tua aurora
Me offuscaria em sua luz ideal!
Vela por mim, oh tu, que esta alma adora,
Espera-me nos ceus, fada immortal.

Sonhava-te na gruta dos rochedos,
Quando o vento gemia sibilante;
Sonhava-te no bosque, entre arvoredos,
Aos accórdes da cithara vibrante.
É que tu eras a visão suprema,

VI Estamos perante uma tradução de "La sylphide", do poeta e criminoso francês Pierre-François Lacenaire (*1803 †1836). Veja-se esta mesma tradução e o respetivo original no n.º 567.

De um coração doente a filha ideal!
Vou emfim decifrar esse problema,
Espera-me nos ceus, fada immortal!

Sonhei-te no verdor da minha edade,
Fulgurante de luz, radiosa estrella;
Pobre e triste, nas sombras da saudade,
Sonhava-te a chorar, inda mais bella;
Mas, da morte já ouço a voz sombria,
Eis desfeita a visão angelical:
Já nada ha que me prenda á terra fria:
Espera-me nos ceus, fada immortal!

Este exemplar, que Lombroso,[VII] e os que o seguem, classificariam actualmente de criminoso irresponsavel e que inspirou a Hégésippe Moreau, no seu *Le Myosotis* a magnifica ode, soberba de ironia e indignação, por elle intitulada: *Lacenaire poete*,[VIII] explica-o satisfactoriamente a theoria que acima expuz ácerca do romantismo atávico, do primeiro periodo.

Mas, atemos o fio do discurso.

A esse do primeiro periodo, seguiu-se outro: o que se tem prolongado até nós, e que nos ultimos tempos, tem sido vigorosamente combatido pelo naturalismo, e pelo realismo, seus inimigos figadaes.

Neste segundo periodo, o da sua plenitude vital, a doença, de epidemica passou a endemica, de aguda a chronica; sabios e criticos estudaram-na profundamente, e submettida a um regimen salutar e methodico, em logar de produzir resultados funestos, produziu a obra que este seculo que finda ha de apresentar com orgulho, como um titulo de gloria, aos seculos futuros.

VII O médico italiano Cesare Lombroso (*1835 †1909) é autor de vários estudos na área da antropologia criminal, nomeadamente *L'Uomo Delinquente* (1876).

VIII O poeta francês Hégésippe Moreau (*1810 †1838) é autor deste poema, publicado em *Le Myosotis, Petits Contes et Petits Vers* (1838).

São estas, a meu ver, as origens, naturalmente contestaveis, do romantismo.

A obra symbolica de Michelet pertence ao segundo periodo, a que me referi, mas prende evidentemente com o periodo anterior, o do romantismo atávico e mórbido.

Como a *Lenda dos Seculos*[IX] nasceu da *Biblia da Humanidade*, assim esta, a meu vêr, nasceu do *Ashaverus* de Quinet.

O *Ashaverus* é o modelo typico, a primeira e mais esplendorosa obra do genero. Diz o proprio autor que essa obra comprehende «a historia do mundo, a de Deus no mundo, e a da duvida no mundo.»

Parece-me, porém, que o maravilhoso poeta (poeta, embora o livro seja escripto em prosa) não definiu bem o seu poema. É antes: a Historia da Humanidade, desde as suas origens antes do tempo, até além da sua extincção no seculo, escripta por um vidente e um propheta.

Nessa tragedia são tres os personagens principaes: Ashaverus, o symbolo da humanidade que sem repouso caminha em procura de um ideal que nunca chega a alcançar; Rachel, o da Esperança e do Amor, anjo expulso do ceu e condemnado a viver na terra, em casa da velha Mob.

É em Worms que Ashaverus as encontra, e nunca mais se separam. Mob é o symbolo da morte. Nada póde contra o vagabundo eterno; não póde destruir-lhe a existencia, mas tudo mais lhe destroe: destroe-lhe todos os sonhos, todas as crenças: de tudo ri e escarnece sem piedade: da religião, do amor, da poesia, da sciencia, e de todas as outras invenções humanas.

Rachel, porém, o anjo transformado em mulher, acompanha-o sempre, consola-o e reanima-o, quando o infortunio o prostra nos tortuosos e ásperos caminhos da vida. É a mais poetica figura d'aquella vasta epopêa.

Assim, por exemplo, quando a terra já não é mais que um vasto deserto, sem agua, sem vida, árido e nú, – ella, a doce amorosa, ao vêr o

IX Refere-se ao livro que Victor Hugo publicou em 1859.

seu Ashaverus extenuado e quasi moribundo, chora, para que elle lhe beba as lagrimas, e assim mitigue a sede que o devora. O poema termina no julgamento final: Christo perdôa a Ashaverus, e abençôa-o como peregrino e novo Adão de outros mundos por crear.

O elemento mórbido e falso d'este livro prodigioso está em que o mundo é ahi pintado como um valle de miserias: tudo ahi é horror, insensatez, destruição e morte; e isto não me parece rigorosamente exacto, porque embora este mundo não seja, como diz Leibniz, o melhor dos mundos possiveis,[X] podem nelle passar-se, agradavel e até deliciosamente, algumas centenas de annos. Bastariam as Racheis que o povoam para o tornarem uma estancia encantadora, e se alguns o julgam mau e até horrivel, como Schopenhauer,[XI] e outros pessimistas que padeciam do figado, é porque o vêem atravez do prisma escuro dos seus achaques.

Michelet inspirou-se na «Primeira Jornada» do *Ashaverus*, para fazer, uns trinta annos depois, a sua *Biblia da Humanidade*, onde, de cyclo em cyclo, aponta os episodios capitaes da lenda da humanidade, desde as primeiras civilizações até á Revolução franceza. O methodo que elle adoptou é differente do de Quinet, que, naquella primeira jornada, abusando da prosopopêa, dá voz ao Oceano, ao Leviathan, de que falla Job,[XII] á Serpente, ao Ibis de bico d'oiro, e a outros animaes, na sua maior parte fabulosos; a Ninive, a Thebas, a Babylonia, e a outras cidades extinctas do velho Oriente. Michelet é menos poeta, e alliando a philosophia á historia, manifestamente romantizada, conclue, da sua longa peregrinação pelo passado, «que os tempos eram chegados em que esse passado: a sombra, fulminado por uma luz enorme e terrivel, a da Eterna Justiça, cederia o passo ás duas irmãs: a Sciencia e a Consciencia.»

X Alude ao conceito dos "mundos possíveis", forjado pelo filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (*1646 †1716), em *Essais de Théodicée sur la Bonté de Dieu, la Liberté de l'Homme et l'Origine du Mal* (1710).

XI O filósofo alemão Arthur Schopenhauer (*1788 †1860) distinguiu-se por uma visão pessimista da condição humana.

XII Alude ao monstro marinho descrito em Jb. 41.

Esta conclusão não me parece realmente logica, porque nem
224 tudo é sombra no passado, e até segundo o proprio Michelet, ha ahi pelo
225 menos tanta luz como sombra; e não me parece veridica a profecia do remate, porque a respeito de «Justiça eterna, dominando todas as
227 edades» – a unica que, por emquanto se vê, é a que é ministrada aos povos em papel sellado, segundo a sciencia dubia, e a consciencia dos nossos modernos legisladores.

Este livro, no entanto, inferior ao de Quinet, é um dos melhores do grande escriptor, e elle, só, bastaria para que a posteridade o collocasse entre o numero dos deuses.

Os seus livros historicos: *Histoire de France*, *Histoire de la Révolution française*, e *Histoire romaine*,[XIII] seriam perfeitos, se o vicio romantico, e um estylo exageradamente artistico, proprio, em geral, da epoca em que foram escriptos, mas pouco adequado a obras d'essa natureza, obras que requerem um estylo sóbrio e corrente, lhes não attenuassem o brilho.

Os seus outros livros, como *La Mer*, *L'Oiseau*, *L'Insecte*,[XIV] são
240 de somenos importancia, segundo se me afigura. O estylo d'esses livros, menos rhetorico que o d'aquelles, embora cuidadosamente trabalhado, é de uma simplicidade encantadora.

Parecem livros escriptos, com uma penna molhada em
244 lambedor, por uma avó, para instrucção e recreio de suas netas.

Comtudo, fosse eu quem os tivesse escripto! poderia exclamar como o poeta das margens do Sado:

247 «Posteridade, és minha!»[XV]

XIII Refere algumas obras históricas de Michelet: *Histoire de France* (1833), *Histoire de la Révolution Française* (1847-1853) e *Histoire Romaine* (1839).

XIV Remete para os livros que Jules Michelet (*1798 †1874) publicou em 1861, 1856 e 1858, respetivamente.

XV Cita o verso final de uma conhecida ode que Bocage dedicou a Filinto Elisio.

731

[*Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 207-215.]

OS VISIONARIOS

Quem por acaso lêsse o capitulo anterior, talvez supposesse que, segundo as minhas idéas, tanto o romantismo, como o symbolismo, são fórmas litterarias modernas, creadas neste seculo por alguns dos escriptores, a que me referi, e por outros não menos conhecidos. Não é, porém, assim; nem eu que, no dia do julgamento, quando o Padre Eterno, inquirindo dos actos que poderão servir de attenuantes a minhas culpas e a meus horriveis peccados, me perguntar:

– Que lêste?

responderei, modestamente:

– Tudo quanto tem produzido o espirito humano e alguma cousa mais – poderia, a sério, affirmar isso.

A origem do romantismo e do symbolismo, irmãos gemeos, perde-se nas nebulosidades da infancia das letras. O *Velho Testamento*, os *Vedas*, a *Odyssea*, a *Iliada*, a *Eneida*, a *Divina Comedia*, os *Niebelungen*, os *Cantos* de Ossian, a *Jerusalem libertada*, os *Lusiadas*, o *Orlando furioso*, o *Paraiso Perdido*,[I] e outros, são poemas, uns de historia ou de lendas romantizadas; outros, romanticos de phantasia; outros, symbolicos puros. Naquelles mesmos o elemento symbolico abunda, quer distincto, quer confundido com o historico, como no poema de Dante; com o da lenda, como no de Milton, ou com o romantico, como no de Tasso.

I Alude a algumas das obras-primas da literatura universal: as escrituras sagradas do Judaísmo/Cristianismo e Hinduísmo, as epopeias de Homero, Vergilio, Dante, Tasso, Camões, Ariosto e Milton, bem como os poemas anónimos da Idade Média alemã e da tradição escocesa (recolhida por Macpherson).

Essas duas fórmas litterarias, porém, conservando-se as mesmas na sua essencia fundamental, têm soffrido com o decorrer dos tempos, em virtude das proprias leis que regem o espirito humano, modificações variadas nos seus elementos secundarios ou decorativos, e é a uma d'essas modificações, originada, a meu ver, nos factos que expuz no escripto antecedente, que é devido o romantismo especial e o symbolismo que têm predominado nas letras e nas artes durante quasi todo este seculo que finda.

O realismo e o naturalismo representam actualmente uma nova modificação d'aquellas duas eternas fórmas artisticas. Procure-se bem nas obras dos sectarios d'essas escólas, e em todas ellas se encontrará, embora atenuado ou disfarçado, o antigo elemento ideal, e claro e patente, embora debaixo de uma fórma mais synthetica, o outro. Nessas obras, os personagens não são realmente simples individuos, como á primeira vista poderá parecer, mas typos que representam uma generalidade de pessoas, estudadas nas mesmas condições de existencia, de meio, e de temperamento, ou de organização physiologica.

Contra esta já um pouco madura escola, que tem entre nós sectarios mais que distinctos, como Eça e Teixeira de Queiroz,[II] observa-se já em quasi todos os paizes, e sobretudo em França e na Italia, uma poderosa e insistente reacção, geralmente bem recebida por todos aquelles que entendem que a arte não é, nem póde ser, uma servil reproducção photographica das cousas vulgares e communs, que se vêem todos os dias, e que no homem ha alguma cousa que não é simplesmente materia: a alma, isso que em nós sonha, isso, por exemplo, que em mim faz versos. É a reacção da psychologia contra a physiologia.

Essa reacção, que tem apostolos exagerados, como são os nephelibatas ou decadentes, os quaes repellem tudo que seja real e positivo, e passeiam, a tanger os alaudes, em mundos imaginarios, onde

II José Maria de Eça de Queirós (*1845 †1900) e Francisco Teixeira de Queirós (*1848 †1919) – que no mundo literário usou o pseudónimo Bento Moreno – são dois dos principais nomes do Realismo/Naturalismo em Portugal.

se vêem passar, como sombras de linhas indecisas, entes parecidos com os d'este globo sublunar, não de carne grosseira, como a nossa, mas de carnes de luar, intangiveis, liliaes; – tem outros, sobretudo em prosa, que seguem outro rumo: não deixam totalmente as nuvens, que os outros nunca abandonam, mas não se dedignam de pôr, de vez em quando, o pé em terra. É até d'ahi que partem quasi sempre para os seus vôos ás regiões do mysterio. Partem, sacudindo philosophicamente o pó que se lhes apegara ás sandalias – porque o mundo, como elles o vêem, é uma cousa horrivel; e apontam aos que, pelo contrario, entendem que elle é uma cousa excellente, e que a passo largo caminham em busca do bife inglez de todos os dias, e do calice de madeira de todas as noites, como unico refugio contra os nossos males, – o sonho.

Entre nós ha apenas um unico representante d'esta interessante escola de visionarios, – visionarios só na escripta e no mundo das artes, porque fóra d'ahi, são vistos a caminhar a passo largo, como os outros miseros mortaes, em busca do bife inglez de todos os dias, e do calix de Madeira de todas as noites.

Refiro-me ao moço escriptor Anthero de Figueiredo.[III]

Publicara ha tempos dous volumes, que promettiam muito: o *Tristia* e o *Alem*; o anno passado publicou o *Partindo da terra*, livro que realizou a promessa.

É sempre com certa repugnancia que eu abro um livro dos nossos modernos prosadores, porque receio encontral-o escripto na linguagem vasconça adoptada por muitos: por uns, porque entendem que a qualquer é licito alterar a nossa lingua em seus elementos fundamentaes, mudando a capricho os subfixos dos vocabulos; estabelecendo, como caracter de estylo, construcções tortuosas e de phantasia, e sobretudo substituindo, a torto e a direito, a nossa tão ampla como flexivel phraseologia, por vocabulos e modos de dizer só proprios da lingua franceza; – e por outros, porque entendem que, caminhando

III Amigo íntimo de João Penha, Antero de Figueiredo (*1866 †1953) era autor dos livros *Tristia* (1893), *Além* (1895) e *Partindo da Terra* (1897), que este texto, na sua versão original (vd. Aparato Crítico), recenseava. Foi aliás Penha quem sugeriu o título desta última obra.

tudo actualmente a vapor, e sendo necessario acompanhar a humanidade na sua evolução vertiginosa, sem tempos de espera, os annos que se
84 gastassem com o estudo da grammatica, – que é ainda assim a primeira de todas as sciencias, – e com o da lingua, seriam annos perdidos, e por isso escrevem tambem a vapor. Realmente, a cousa assim é muito mais facil e commoda: sem o estudo mais ou menos profundo de grammaticas, sem o estudo, ainda que superficial da lingua, e adoptado, quanto aos poetas, o verso livre, qualquer pode escrever um livro ao sair da infancia; poderia até escrevel-o no ventre de sua mãe, se lá tivesse penna, tinta e papel.

Os livros d'esses taes escriptores serão talvez excellentes; serão,
93 porventura, os livros do futuro; não haverá, porém, forças humanas que me obriguem a lêl-os: leia-os quem quizer.

Eram de outro genero os receios que eu tinha quando me
96 dispunha a lêr o novo livro de Anthero de Figueiredo, porque já o
97 conhecia desde o apparecimento dos outros dous livros a que me referi:
98 o que eu receava era, não a decadencia, porque para isso ainda era cedo, mas uma prematura immobilidade. Esse receio, porém, desvaneceu-se
100 por completo desde que li, ininterrompidamente, os oito deliciosos
101 contos, de que se compõe o *Partindo da terra*. Uma segunda leitura mais demorada (porque este livro é d'aquelles que podem ler-se duas vezes) longe de attenuar as minhas primeiras impressões, fixou-as de
104 modo que não hesitarei em dizer que as nossas letras, tão minguadas em
105 bons prosadores, conta agora um novo artista, digno d'este nome, e, o
106 que mais é, unico no genero entre nós, e absolutamente original. É um
107 escriptor que prende, seduz e encanta.

Embora não possa dizer-se improficuo o eterno debate ácerca das theorias de arte, é certo que, por falta de nomeação prévia de juiz que resolva o pleito, a questão permanece, e permanecerá sempre no mesmo estado, sem prejuizo visivel para as artes, as quaes, sem se preoccuparem com a contenda, de que são objecto, seguem impávidas e triumphantes na sua mysteriosa evolução.

Uns e outros insistem nos seus principios. O esteril Brunetière e os seus sectarios entendem que um artista deve ver as cousas, como toda a gente as vê; Anatole France, o radioso poeta das *Noces Corinthiennes*,[IV] e muitos outros entendem exactamente o contrario: segundo as suas theorias, as paixões e a natureza devem ser reproduzidas por um modo especial: como o artista as observe, e não como as observa o commum dos mortaes: sem isto não haverá originalidade, dizem elles.

Nem uns, nem outros têm, a meu vêr, razão, porque embora me não pareça rigorosamente justo o pensamento de Proudhon de que «a arte é a propria liberdade, reconstruindo a seu modo, a phenomalidade das cousas, executando variações sobre o thema concreto da natureza»,[V] – é certo que é uma das manifestações da liberdade e do pensamento, e não deve, por isso, demarcar-se-lhe o campo em que exerça a sua actividade, nem aprisional-a num circuito de regras e principios que peiem e restrinjam a amplitude da sua expressão, tão larga e illimitada como a propria expressão de pensamento. É até indispensavel que haja diversas escolas, e theorias oppostas, porque, de contrario, a arte, se, num tempo mais ou menos remoto, não morresse de inanição e esgotamento, com certeza permaneceria num estado de apathia e immobilidade que a inutilizaria quasi por completo; seria uma excepção em meio da evolução geral das cousas.

Supponho que Anthero de Figueiredo abunda nestas idéas, porque no seu livro não encontro definidos nenhuns dos principios que separam as principaes escolas da actualidade, parecendo, não obstante que adoptou, embora não completamente, os da ultima escola a que me referi.

Effectivamente, em todos os seus contos observa-se, a par de um realismo perfeito, e definido, o sonho sob uma forma symbolica, mas

IV Refere-se a dois dos mais influentes escritores e críticos franceses: Ferdinand Brunetière (*1849 †1906) e Anatole France (*1844 †1924).

V Cita uma passagem do capítulo V de "Progrès et Décadence", do filósofo francês Pierre-Joseph Proudhon (*1809 †1865).

isto combinado de tal modo, e com tanta arte que o leitor passa da realidade para o idealismo, sem choques e sem violencias, insensivelmente. Nisto é que consiste a originalidade do moço escriptor, originalidade que encanta, como tudo que é novo, fóra do commum e bem feito.

Na parte real, Anthero de Figueiredo revela-se-nos um fino e consciencioso observador de costumes. Nas suas descripções não ha só deliciosas vinhetas, ha tambem quadros mais largos, verdadeiras telas, de grande valor artistico, em que ha pinceladas de mestre, sciencia de colorido, e verdade de desenho. As paizagens, porém, são prejudicadas pela superabundancia de traços. A penna é impotente para este genero de pintura: nas letras não ha Corots, ou Lorenos,[VI] e o que apenas se conseguirá é, com alguns traços, bem accentuados, mas sobrios, fazer recordar ao leitor uma paizagem que elle viu: só elle é quem poderá desenhal-a nitidamente no seu pensamento: o escriptor suggere-a apenas.

Não obstante, e mesmo nesta parte, o livro de Anthero póde, pelo menos, supportar confrontos com algumas das paginas de Theuriet,[VII] o que não é pouco.

Na parte ideal ou symbolica, ha ainda reminiscencias do *Tristia* e do *Alem*; predomina, porém, ahi uma philosophia mais doce e mais resignada: a das lagrimas das cousas: sonhos que nunca se realizam, ou que se se realizam, se esvaem, ou se transformam numa cruel realidade. O distincto escriptor, porém, apparentemente illacrimavel, e, por vezes, tenuemente ironico, expõe apenas o symbolo, esboça os factos que constituem a acção, e deixa ao leitor pensativo a resolução do problema.

Finalmente, e para que nada faltasse neste livro encantador, observa-se nelle um estylo elegante e simples, sem exageração; a linguagem é correcta, embora com alguns neologismos populares; os

VI Refere-se aos pintores paisagistas franceses Jean-Baptiste Camille Corot (*1796 †1875) e Claude Lorrain (nome artístico de Claude Gellée, *1600 †1682).

VII Trata-se do romancista francês Claude Adhémar André Theuriet (*1833 †1907), também conhecido pela singeleza com que descrevia cenas da vida campesina.

dialogos são correntes e naturaes, e os periodos, artisticamente trabalhados, embalam vagamente, com a sua modulação musical, os pensamentos que contêm.

Nas *Palavras de Agnelo*, volume publicado ha dias,[VIII] Anthero revela-se philosopho de mais largo fôlego, mas a sua philosophia é como a de quasi todos os da symbolica; a de um utopista que vê as cousas reaes da vida atravez de uma luneta de vidros esfumados. Increpa os que passam, e que vão em procura do prazer, ou d'aquillo com que elle se alcança, e mostrando-lhes a inanidade d'esse prazer, pelo qual anceiam, aconselha-lhes o remedio que elle mesmo, um vencido, para si tomou: o do sonho.

Bellas palavras, litterariamente fallando, mas soltas ao vento.

O sonho é uma bella cousa, mas sem a base solida de um presunto de Lamego, não vale nada.

Toda a sabedoria humana consiste, a meu vêr, em os equilibrar de modo que um não destrua o outro.

VIII Remete para o livro que Antero de Figueiredo publicou em 1899.


NOVAS RIMAS

732

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 5-8.]

PREFACIO

A moralização dos povos pela arte parece-me uma phantasia paradoxal como muitas outras, do mesmo genero, que sabios e philosophos de quando em quando inventam para recreio e passatempo da humanidade que se aborrece.

Moral, pura, conheço só uma: é a que consiste na obediencia ás leis e preceitos provenientes da Intelligencia Divina. A outra, a inventada por nós, e que muitas vezes está em opposição áquella, obedece a principios transitorios, e, como os costumes e as modas, varía de povo para povo, muda de seculo para seculo. Muitas vezes, e até quasi sempre, essa moral é immoral. Assim, na Grecia antiga, o berço da maior civilização dos seculos historicos, as jovens, por ordem dos magistrados, entravam nuas nos circos, onde, na arêna, se entregavam a jogos que faziam sobresahir a belleza das suas formas esculpturaes. Hoje em dia, uma joven que ousasse levantar as saias acima do tornozêlo seria acremente censurada como impudica, e se tivesse a phantasia de se apresentar nua em qualquer parte, seria mettida em ferros d'el-rei, incommunicavel. Homens austeros, educados na moral por elles mesmo inventada, pregam que o estado de virgindade é o mais perfeito na mulher, e ainda ha pouco um philosopho das margens do Volga quiz, pela bôca de um dos seus personagens, sustentar essa doutrina, propondo a salvação da humanidade pelo odio ao amor e pela virtude.[I] A meu ver, a moral estava do lado dos magistrados grêgos: o seu fim, ordenando que as bellas athenienses se mostrassem como os deuses as tinham feito, era provocarem, incitarem o homem a cumprir a lei primordial da vida, a do

I Refere-se a Lev Tolstói, que na *Kreutzerova Sonata* (1889) defendia, pela boca de Podzdnischeff, o estado superior da virgindade na mulher.

crescite et multiplicamini,[II] sem a qual a propria humanidade deixaria de existir. Immoral é a d'aquelles varões austeros, a d'aquelles philosophos de cerebros atrophiados, eremitas depois de macrobios: a Intelligencia Divina fez a mulher bella, e poz no amor a maior somma de voluptuosidades que é dado ao homem sentir n'esta vida, exactamente para que se cumprisse aquelle preceito divino.

Sob muitos outros aspectos, a supposta moral humana assenta em identicas aberrações, não passando de um conjunto de preconceitos, uns absurdos, outros irrisorios, que os homens de espirito largo não acceitam, mas que todos os outros, que se julgam reis da creação, sustentam com tenacidade: querem assim fazer acreditar que a humanidade, de que infelizmente fazem parte, é susceptivel de fazer obra superior á d'Aquelle que a plasmou na face do orbe.

Do que fica exposto não se conclua que regeito em absoluto essa moral de convenção: acceito-a, pelo contrario, e constantemente a tenho seguido em tudo quanto não seja abertamente opposto á primeira: á natural ou divina.

Assim, e como cada um entende a moral a seu modo, por isso mesmo que ella é variavel e não assenta, por convencional, em principios immutaveis e sólidos, a arte não póde ter por fim a moralização dos povos: se assim não fosse, muitas vezes succederia que um artista que, segundo as suas ideas, julgasse moralizar, desmoralizaria, e que outro, que se propozesse desmoralizar, moralizaria. Um fim, como um alvo, deve ser fixo e determinado.

Qual será, pois, o fim da arte?

A meu ver, a educação das almas pela representação do bello e do hediondo, debaixo dos seus multiplos aspectos.

As almas, por essa dupla representação, elevar-se-hão, purificando-se, idealizando-se: quererão ser bellas tambem.

Estas ideas explicam, sem mais amplo desenvolvimento, a moral e a esthetica das minhas obscuras producções litterarias.

II Trad. da passagem bíblica (Gn. 1: 22): "Crescei e multiplicai-vos".


ECHOS DO PASSADO

733

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 5-7.]

PREFACIO

As palavras de Taine: «Le *moi* c'est odieux»[I] seria melhor que elle as tivesse deixado nos livros do *Savoir vivre*,[II] onde de certo as encontrou. No mundo dos salões talvez essas palavras representem uma regra acceitavel; no mundo das artes, não, a meu vêr. A arte deve ser subjectiva; a objectiva, proclamada por aquelle critico e por muitos mais, não é arte: é fabrico ou manufactura. Mesmo na estatuária, em que, á primeira vista, a theoria do objectivismo poderia ter algum cabimento, se na sua obra creada faltar a alma, ou o *eu* do artista, isto é, o subjectivismo, apenas terá valor como mão d'obra, mas não como uma verdadeira obra d'arte.

Não desenvolvo esta these, porque a materia seria longa, e o lugar não é proprio. O que apenas farei notar, em ordem, a justificar as minhas ideas a este respeito, é a incongruencia dos defensores do assêrto de Taine, os quaes, ao passo que continuam a gritar que a obra deve ser impessoal, que os artistas não devem fallar de si, que não devem ser pessoaes, de joelhos lhes pedem as suas autobiographias, o que equivale ao mesmo que pedir-lhes que sejam odiosos, pois que ahi terão de fallar de suas pessoas, quasi que desde que nasceram, ahi terão de expor as suas ideias, de relatar os successos, mesmo os menos importantes, da sua existencia, de fazerem, emfim, a sua historia, ainda que a não tenham.

I Evoca as posições do crítico naturalista francês Hippolyte Adolphe Taine (*1828 †1893), através da conhecida citação de Pascal (*1623 †1662): "le *moi* est odieux". Trad.: "o *eu* é detestável".

II Refere-se aos manuais de etiqueta e boas maneiras, nomeadamente os de Baronne Staffe (Blanche Soyer, *1843 †1911), segundo os quais uma pessoa, em sociedade, não deveria falar de si mesma.

Mas, não é só isto: ainda depois de mortos, lhes vão revolver os papeis velhos e com os elementos que ahi encontrem, e com outros, exteriores, que laboriosamente consigam, – lhes dão á luz a correspondencia amorosa, profanação a que ninguem, de nome, actualmente escapa!

Isto destroe aquillo: os factos destroem o falso principio, ao qual, de mais a mais, nunca os maiores poetas dos tempos modernos se curvaram.

Todos, em suas composições, com um soberano menosprezo do tal odioso «moi» metrificaram os seus amores, todos deificaram as respectivas musas inspiradoras, e isto com manifesto prazer dos leitores, a quem de certo mais interessa saber o como, por exemplo, Alfred de Musset e Lamartine amaram,[III] do que saber isso mesmo a respeito de personagens de pura phantasia.

Pela minha parte e na minha obscura pequenez, assim tenho procedido, e não só pelas razões que acima resumidamente expuz, mas tambem porque me dou bem com a forma subjectiva, forma que adopto ainda quando os episodios, que relato, se não passaram realmente commigo.

N'este meu ultimo livrinho, não mudei de systema, nem tinha razões para o fazer, e se alguem achar estranho que eu, na minha actual mocidade,[IV] metrefique assumptos que talvez não sejam proprios d'ella, considere que eu, a exemplo de todos os artistas que realmente o são, quando trabalho, no que penso é na obra que me occupa, e não na idade que tenho.

Demais, se esta explicação não satisfizer por completo algum dos meus leitores que benigno não seja, esse, não terá mais que reparar no titulo do livro: *Echos do passado*, e então, de certo, se absterá de remoques ou censuras, com as quaes, em todo o caso, eu me não daria por offendido.

III Alude a dois poetas célebres do Romantismo francês: Alfred de Musset (*1810 †1857) e Alphonse de Lamartine (*1790 †1869).

IV João Penha contava 75 anos de idade, quando publicou o livro *Echos do Passado*. A este propósito, vd. tb. carta para Joaquim Araújo, no Arquivo documental II do texto n.º 740.

734

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 155-166.]

COLOMBINA[I]

É materia assente que os por nós impropriamente chamados irracionaes têm faculdades emotivas: amam, odeiam, têm antipathias e sympatias, alegrias e tristezas: são factos por todos observados, e até scientificamente verificados por todos os escriptores que, realmente sem elevação philosophica, se têm occupado da psychologia dos animaes.

Tambem é materia averiguada, que entre animaes de certa especie e os de outra, ha odios, anthipatias innatas, cujas causas determinantes são ainda hoje um mysterio. Assim, o gato odeia o cão: todo se arripia e encrespa, formando dorso de camêlo, cheio de horror, ao contempla-lo; o espadarte detesta a balea, e esqualo relativamente pequeno, não deixa esse enorme cetáceo sem o destruir; o tanjasno não pode ver o jumento: *rostro et unguibus*,[II] espicaça-o, morde-o, arranca-lhe o pêllo; e, finalmente, para não alongar demasiadamente este relatorio, a coruja odeia o homem: com os olhos accêsos em ira, bufa-nos, quer morder-nos, morde-nos. Do mesmo modo, como ha antipathias entre as especies, ha sympathias, e até profundo sentimento de amizade, como, por exemplo, entre o cão e o homem: o de Ulysses morre de alegria, segundo Homero, ao vel-o depois de vinte annos de ausencia,[III] e muitos se têm deixado morrer de fome e de tristeza junto ás campas que encerram aquelles de quem foram companheiros em vida.

O que, porém, ainda não foi discutido e estudado é se entre um animal de especie inferior e outro de especie superior póde existir um

I Sobre este conto, leiam-se os elementos recolhidos no Arquivo documental (Aparato Crítico).

II Trad. da expressão latina: "Com unhas e dentes".

III Na *Odisseia* de Homero, Ulisses, ao regressar a Ítaca, é reconhecido pelo velho cão Argos, que morre logo depois de rever o dono.

sentimento que, pela sua natureza especial, como a paixão do amor, não pode, á primeira vista, existir senão entre seres da mesma especie.

Poderá, por exemplo, uma gata ter por um homem um como que amor de mulher?

Póde, porque eu mesmo fui assim amado por nada menos de tres.

Referirei um só d'esses casos, absolutamente authentico, e presenceado por diversas pessoas.

Antes, porém, estabelecerei alguns principios, que esclarecerão toda a materia que vae ser objecto d'este ligeiro escripto.

Esses principios não são meus senão quanto á especialidade das suas conclusões: são os em que assenta a religião ou philosophia de Buddha.

Todo o homem tem de viver tantas existencias quantas sejam necessarias para que expie, pela dor, as faltas e peccados das existencias anteriores, e a sua alma, assim purificada, dispa os involucros materiaes, ascenda á vida eterna, ao Nirvana,[IV] e se consubstancie na Alma suprema, em Deus.

Esta philosophia, que está sendo adoptada por muitos espiritos superiores, não é, como á primeira vista poderá suppor-se, a da transmigração das almas: n'esta philosophia, a alma d'um ser que se extingue passa para outro já existente, o que não póde acceitar-se por absurdo; na do buddhismo já assim não succede: a alma livre do seu involucro carnal, aggrega a si, pela força, intelligencia e sensibilidade que a constituem, novas substancias rudimentares, que a collocam em condições de, quando o momento psychologico lhe chegue, segundo as determinações de Deus, entrar n'uma nova existencia orgánica.

Seria necessario que a nossa misérrima intelligencia fosse a propria Intelligencia infinita para que podessemos determinar e fixar a lei a que obedecem as transformações materiaes dos seres, quanto á sua forma exterior, inherentes á pena da expiação, e ás suas novas condições

IV No Budismo, Nirvana é o estado de libertação suprema e coincide com o último estágio na evolução espiritual do ser humano.

de vida. Não me parece, porêm, desarrazoado, e isto o apresento como simples postulado, ainda assim apoiado em factos experimentaes, assentar como lei divina das resurreições buddhistas, que, se um ser cumpre em absoluto a lei da expiação, morre, mas não torna a nascer, porque entra na vida espiritual eterna; se só a cumpre em parte, tem de soffrer uma nova existencia, mas sob uma forma mais perfeita, e talvez n'um mundo superior: é a ascenção aos ceus, de que falla Christo; se, finalmente, a não cumpre ou a nega, soffrerá ainda outra existencia, mas sob uma forma inferior, em que o soffrimento seja mais intenso, e talvez n'um mundo peor: é a descida aos infernos, *ad inferos*, de que falla o Velho Testamento.

Assim, e segundo estes principios, póde muito bem succeder, e realmente succede, que um ser que actualmente tem o aspecto d'um homem, fosse na sua anterior existencia um simples jumento que cumprisse a lei; e pelo contrario, que um jumento já tivesse attingido, anteriormente, a fórma, relativamente superior, do chamado rei da criação.

Factos estranhos, constantemente observados por sabios que olham ao largo e ao alto, mas que têm dado origem a systemas erróneos, como o de Darwin,[V] factos para elles obscuros, mas para os verdadeiros adeptos claros, levam-nos á conclusão de que para a nova forma dos seres passa o quer que seja da sua existencia anterior, não só quanto ao aspecto, mas tambem quanto a certas idiosyncrasias.

Assim, nada mais vulgar do que encontrarem-se animaes da nossa especie, com traços bem caracteristicos em suas figuras de animaes inferiores, como de corujas, chimpanzés, bull-dogs, fuinhas, e de muitos outros; e até com muitos dos seus hábitos. E porquê? porque o foram.

Assim, póde, por exemplo, affirmar-se que os que se entregam á arriscada profissão de gatunos, foram pêgas; os Tenorios,[VI] macacos; os

V O naturalista britânico Charles Darwin (*1809 †1882) é o autor da teoria da evolução das espécies.
VI O protagonista de José Zorrilla (1844) representa o protótipo do sedutor libertino.

oradores, papagaios; os poetas, rouxinoes, ou gralhas, segundo as circumstancias.

Eu, pelas observações que tenho feito recahir sobre a minha propria pessoa, pertenci, n'uma das minhas existencias anteriores, á raça felina: gato, tigre, leão? Do estranho acontecimento que passo a narrar, e a que já me referi, alguma cousa poderá concluir-se a este respeito.

Havia, e supponho que ainda ha, em Coimbra, um largo solitario, chamado das Olarias. Era ahi que o illustre Campos, o Homem do Gaz, tinha a já agora lendaria taberna.[VII] Este importante estabelecimento, onde unicamente se vendia o sumo da uva, sem vitualhas, estava dividido em duas partes distinctas e separadas. N'uma, vasta quadra, com uma mesa de castanho ao centro, e um bico de gaz por cima, só eram admittidos estudantes, quasi sempre os mesmos, porque, pela sua categoria academica, pelo seu renôme, e medo que inspiravam, affastavam os outros; – a exposição ao consumo publico era na outra, mas essa mesma era frequentada por homens distinctos ou conhecidos, como o Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*,[VIII] o Anastacio, do *Braz Tizana*,[IX] o Herculano Santa Barbara,[X] um dos primeiros tacos da provincia, o Galeão, que fazia a barba têsa ao Gargántua de Rabelais,[XI] o tenor Portugal[XII] que por vezes fazia ouvir algumas arias do seu reportorio, pouco selecto, e diversos outros. Estas duas secções nunca se communicavam, mas Campos, que todos estimavam pelas suas bellas qualidades, e respeitavam pela sua força hercúlea, permittia ás vezes á segunda, que pela entreaberta da alta porta

VII Sobre o Homem do Gaz, vd. o poema editado no n.º 713. Foi ainda nesta taberna que Penha travou o célebre duelo rimado com Guerra Junqueiro (n.os 706 a 710).

VIII O jornalista Joaquim Martins de Carvalho (*1822 †1898) colaborou em vários periódicos coimbrões, destancando-se entre estes *O Conimbricense* (fundado em 1854).

IX Este jornal publicou-se no Porto, entre 1851 e 1869.

X Herculano Santa Barbara era escriturário no Dispensatorio Farmacêutico da Universidade.

XI Alude ao grotesco gigante da novela homónima de François Rabelais (1534).

XII Refere-se a uma das principais figuras de cartaz no Teatro Baquet (Porto).

divisoria, ouvisse as terriveis discussões da primeira. Muitas vezes eu vi ali a luzirem os grandes oculos de prata de Martins de Carvalho.

Campos tinha uma bonita gata branca, de raça, chamada Colombina, e que elle tinha em grande apreço. Como gostei sempre de
112 gatos, pequenos tigres em miniatura, pelos seus distinctos habitos
113 independentes e nobremente egoistas, quando ella apparecia, punha-a em cima da mesa, acariciava-a, coçava-lhe a cabeça, e quando me
115 sentava para ler os jornaes, collocava-a no sofá dos meus joelhos. Ali, fazia o seu ninho, mas logo, inquieta, estendia-se-me pelo peito acima, e ficava-se a olhar-me com um olhar estranho, prescurtador. Para breve, certos movimentos, certas manifestações mysteriosas de Colombina chamaram todas as minhas attenções: passei a observal-a como philosopho. Logo que eu apparecia na vasta quadra, em que eu muitas
121 vezes era o unico conviva, apparecia ella, e quantas vezes eu andava d'um lado para o outro, costume proprio de doentes imaginarios,
123 segundo Moliére,[XIII] tantas vezes me seguia como um cão, miando, de quando em quando, com doçura. Se eu parava, roçava-se-me voluptuosamente pelas pernas, de cauda erguida, e como de ordinario, em gatos, este movimento representa um pedido de vitualhas, uma noite, em que ella assim se roçava por mim, chamei o Campos.

– Colombina quer comer.

129 – Qual! respondeu o colosso: tem o papo cheio: ainda ha pouco manducou uma boa sopa de leite.

– Então, que quer ella? Ora veja.

132 E puz-me a andar d'um lado para o outro.

– Parece um cão atraz do seu dono, ponderou o homem. É exquisito! O que é certo, continuou elle, é que nem de dia, nem de noite, a vejo; não sei onde se mette, mas logo que o senhor doutor apparece, surge ella, de repente, não sei d'onde, e ninguem a tira d'aqui. Naturalmente, concluiu o bom do homem, ganhou-lhe amizade, mas que amizade!

XIII Alude à última peça de Molière, *Le Malade Imaginaire* (1673).

Eu, porém, suspeitava outra cousa, e as minhas suspeitas em breve se transformaram, em resultado d'um estudo mais attento da enfêrma, n'uma irrecusavel certeza.

Quando eu, depois dos meus passeios de cá para lá, me sentava á larga mesa central, de que fallei, e ahi estendia, para o ler, o *Diario Popular*, logo Colombina, d'um salto, me surgia defronte, aninhava-se sobre o proprio jornal, e na postura da antiga Esphinge,[XIV] se embebia na contemplação do meu rosto.

Nos seus bellos olhos, d'um verde glauco, via eu uma expressão estranha: a d'um profundo amor feminil, expressão em que havia o quer que seja de vago, como a de quem olha para um passado longinquo, feliz. Que leria ella em meus olhos? Que mysterio tentaria decifrar?

Depois, como movida por um impulso interno, irresistivel, perdido todo o recato, todo o pudor feminil, formava de subido um pequeno salto, e roçava voluptuosa o seu delicado rosto pelo meu. Eu, longe de a repellir, acariciava-a, olhava-a compadecido, porque bem sabia o que se passava n'aquella pobre alma enamorada.

Colombina, porém, queria mais, e o modo como o revelou, causou-me uma extraordinaria surprêsa, porque, apesar das minhas ideas, que expuz no principio d'este rapido estudo psychologico, nunca tinha imaginado que em entes, apparentemente inferiores ao homem, a paixão do amor atingisse a intensidade de que até agora só se julgavam susceptiveis as nossas fêmeas, as grandes amorosas, como (além da infinidade das anonymas) Francesca de Rimini, Clarisse Harlowe, Heloisa, Cleópatra, a Alcoforado,[XV] e tantas outras de que resa a chronica e a lenda.

Ao fundo do vasto salão, porque assim se lhe podia chamar, havia uns caixotes vasios, sobrepostos, e que me chegavam á altura da

XIV Refere-se às célebres estátuas egípcias, nomeadamente a esfinge de Gizé.

XV Evoca algumas amorosas célebres: a amante de Paolo Malatesta (na *Commedia* de Dante), a vítima de Lovelace (no romance de Samuel Richardson), a discípula-amada de Abélard, a rainha do Egito que foi amante de Júlio César e a freira portuguesa a quem se atribuem as cartas dirigidas ao cavaleiro de Chamilly.

cinta. Quando eu, nos meus passeios de cá para lá, chegava até junto d'esses caixotes, Colombina, que me seguia, saltava rapidamente para cima, e soltando umas pequenas vozes como de quem soffre, e em que havia supplica, aninhava-se para que eu mais suavemente a acariciasse. Eu bem percebia os seus intimos desejos, mas, pela força maior das circumstancias, via-me na necessidade de representar o lamentoso papel de José do Egypto![XVI]

Repetia-se isto todas as noites, sem que ella uma só vez desanimasse, sem que desistisse do seu intento: o seu pensamento de todas as horas, o ideal, decerto, da sua alma apaixonada.

Mas, estava para breve o desenlace fatal d'este poema d'amor.

Foi n'uma noite aziaga. Cahira sobre a cidade uma terrivel tempestade. Os relampagos, quasi ininterruptos, dardejavam pelas frestas, e por baixo das portas uma luz branca, sinistra. Os trovões semelhavam, por vezes, o estrondo que faria a abobada celeste ruindo em estilhaços sobre os tectos das casas, e em meio d'esse tremendo cataclysmo, ouviam-se as vozes confusas da natureza agonizante: gemidos de moribundos, uivos de monstros longinquos, silvos de serpentes: todo o horror dos sons que, em noites funestas, sahem dos antros do inferno.

N'essa horrivel noite, em que não obstante e segundo o meu costume, eu me assentava para ler o *Diario Popular*, e em que Colombina, tambem segundo o seu costume, se aninhava irreverentemente sobre o artigo que eu me propunha ler, – sem reflectir, enervado, repelli-a brutalmente:

– Safa-te d'aqui!

Mas, logo me arrependi, indignado contra mim mesmo.

Tenho ainda impresso, em minha alma, o olhar que ella me deitou: havia n'elle a expressão d'uma dolorosa surprêza, de exprobação. Depois, vi apagar-se-lhe nos seus bellos olhos como que a luz interior que os animava.

XVI Alude ao escravo bíblico que fugiu à mulher de Putifar, quando esta o tentara seduzir (Gn. 39: 7-20).

Desceu da mesa, silenciosamente. Chamei-a, com doçura: «Colombina, Colombina!» – mas debalde.

Ao transpor a porta, ainda se voltou, olhando-me demoradamente. Depois, desappareceu.

Nunca mais a tornei a ver.

Passados tres dias, Campos irrompeu furioso:

– Não sabe? vociferou elle, mataram-me a Colombina!

– E quem a matou? perguntei eu, dolorosamente surprehendido.

– Os oleiros. Só elles seriam capazes se o fazer. Como os coelhos são caros, comem todos os gatos da visinhança. Ha tres dias que ella não apparece. Está morta, e bem morta. E comtudo eu tinha dito que se alguem a matasse não me sahiria vivo das mãos! Pobre Colombina!

Eu, porém, com o coração oppresso pelo remorso, pensava outra cousa. Não, Colombina não fora assassinada: suicidara-se na noite funesta em que indignamente a repelli. O seu olhar, ao transpor a porta, foi o seu ultimo adeus. Perto, corria o Mondego: foi ahi que ella, offendida nos seus brios, e perdida toda a esperança de ventura na terra, se lançou. Desditosa Colombina!

Durante tres dias examinei attentamente a margem do rio, para ver se descobria os vestigios dos seus passos, e, effectivamente os descobri, mais accentuados na terra humida, onde ella, para formar o salto mortal, se firmara.

O seu corpo, porém, esse, não appareceu. Queria piedosamente sepultal-o junto d'um arbusto florido, para que, emquanto a sua alma gentil esperasse nas sombras do infinito a hora da sua resurreição para uma nova existencia, purificada pela acção mysteriosa da natureza, desde logo entrasse na vida geral da creação, constituisse o involucro de mil outros seres.

A onda tranquilla do rio, porém, pouco avara do seu thesouro, a foi levando, nova Ophelia,[XVII] como n'um berço de espuma, para os abysmos do profundo mar, menos profundo que o seu amor.

XVII Alude ao suicídio de Ofélia, a amada de Hamlet que foi levada pelas águas, na tragédia de William Shakespeare (ca. 1600).

Colombina não cumpriu a lei da expiação, por que a sua paixão era mundana, mas, por esse mesmo amor, soffreu dores acerbas, e a dor resgata e redime. Deve, pois, soffrer ainda uma nova existencia, mas sob uma forma superior, a d'uma encantadora mulher.

E quantas vezes, em noites silenciosas de luar, meditando incerto sobre os problemas do universo, eu me fico a pensar se a alma de Lydia, tão mysteriosamente apaixonada, será a da desditosa Colombina!

Ella, uma vez, disse-me:

– «Tenho como que uma consciencia vaga de que já nos amamos n'uma existencia anterior.»

E mais tarde:

– «Tenho quasi a certeza!»

E, sem saber porquê, baixou honestamente os olhos, tingiram-se-lhe da côr ardente d'uma rosa as suas faces, brancas de neve.

Tambem as minhas assim se tingiram, ao lembrar-me de que Lydia, por uma pallida visão retrospectiva, poderia recordar-se, embora indecisa e vagamente, das scenas, em que, pela força maior das circumstancias, me vi na necessidade de representar o lamentoso papel de José do Egypto!

12-XI-1905.

735

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 167-173.]

Desceu, ha pouco, sobre nós, um decreto, emanado do Governo da Republica, que importa uma alteração profunda na orthographia da nossa lingua,[I] de modo que temos actualmente duas: uma, a etymologica, aquella em que Herculano, Garrett, Castilho, Rebello da Silva, Latino Coelho, Camillo, e muitos escriptores do seculo passado escreveram os seus livros; e outra, a phonetica, a official, aquella em que, desde ha muito, as nossas costureiras escreviam as suas cartas de namôro.[II]

Essa, a official, só é obrigatoria para certos amanuenses e funccionarios publicos, em documentos officiaes, ou extra-officiaes, para professores primarios, e para os seus alumnos, nos exames a que tenham de submetter-se.

Para outras quaesquer pessoas, e sobretudo para os homens de letras, não.

A propriedade litterária, comprehende não só as ideas d'aquelle que produziu a obra, mas tambem, e principalmente, a fórma de que as revestiu. Os textos, comprehendendo essas duas cousas, são propriedade absoluta do autor, e, em vida d'elle, e de seus successores, a ninguem é licito fazer-lhes qualquer alteração. A modificação, portanto, da orthographia que um autor adoptou para os seus escriptos, modificação feita sem sua autorisação, embora autorisada ou ordenada por decretos ou leis, importaria realmente uma offensa aos legitimos direitos de propriedade litteraria, e poderia até dar origem a acções de restituição e

I Trata-se do relatório publicado no Diário do Governo, n.º 213, de 12 de setembro de 1911, onde se fixam as bases da Reforma Ortográfica de 1911.

II Em verdade, o sistema prescrito em Diário do Governo ficava a meio caminho entre a mera etimologia e a mera fonografia, procurando fugir às controversas propostas dos sónicos. A este propósito, vd. o capítulo dedicado aos critérios ortográficos desta edição, na segunda parte do vol. I.

de indemnização de perdas e damnos: de restituição á sua orthographia; e de indemnização, pelo descrédito que poderia advir ao autor, por lhe ter sido attribuida uma orthographia, que não julgasse propria de um verdadeiro philólogo.[III]

Temos, pois, repito, duas orthographias completamente distinctas, e foi até pelos inconvenientes que d'um phenomeno semelhante poderia resultar para a lingua francesa, que, em França, pelo Conselho Superior de Instrucção Publica foi regeitada a proposta da Commissão de Reforma Orthographica, em sessão de 5 de julho do anno preterito.

Concordou: «em que seria conveniente que desapparecessem da orthographia actual certas extravagancias e anomalias desde ha muito assignaladas, e que eram difficeis de justificar aos alumnos; considerou, porém, que qualquer reforma de orthographia immediatamente applicavel nos estabelecimentos publicos de ensino, não produziria effeito completo senão alcançando ser bem acceita por todos; e, considerando ainda que no estado actual da opinião publica, muito discordante a este respeito, os estabelecimentos de ensino livre, a imprensa e os escriptores, os bancos e casas de commercio, não pareciam dispostos a acceitar as correcções propostas; a secção permanente era de opinião de que se adiasse indeterminadamente o voto da Commissão, porque d'aquella dualidade resultaria uma confusão prejudicial á lingua franceza, e prejudicial tambem aos alumnos das escolas publicas.» O ministro adoptou essa opinião (*Bulletin administratif du Ministère de l'Instrution Publique*, n.º du 23 décembre 1911, pag. 1309).

Em que atraso se acha ainda, a esse respeito, e a muitos outros, o bello paiz de França!

III Entre as disposições legais que já então regiam a matéria, poderá incluir-se o art. VI da Convenção de Berna Relativa à Protecção das Obras Literárias e Artísticas (1886).

Entre nós, já assim não é. As duas grandes linguas mundiaes, o francez e o inglez, permanecem immutaveis, com todas as suas letras dobradas, com as mudas que, apparentemente, não servem senão para adôrno, com todas as suas elisões e irregularidades!

E então, tudo caminha, tudo progride, e só as linguas deverão estar estacionarias?

Não; poderão ser enriquecidas com vocabulos novos, poderão até ser modificadas, comtanto que se não alterem nos seus principios fundamentaes, no genio proprio da lingua, e se lhes não altere o aspecto artistico, transformando-o n'uma cousa grotesca, que faça rir, e que, por vezes represente um enygma para o vulgar dos leitores, que estejam costumados á orthographia antiga, secular.

Mas, vamos á origem remota do desastre. O meu illustre confrade Candido de Figueiredo iniciara, ha tempos, nas suas preciosas *Lições praticas*,[IV] uma cruzada contra a ignorancia que desde ha muito se notava, nas letras patrias, dos mais rudimentares principios da orthographia, e o seu montante cahia, como o de Godofrêdo de Bouillon,[V] a tôrto e a direito, sobre a cabeça dos infieis.

Essa cruzada, ainda que não produzisse outros beneficios, produziu o de chamar a attenção do publico, mais ou menos letrado, para uma cousa em que ninguem pensava; por outro lado, porém, lançou a perturbação nos arraiaes contrarios, resultando d'ahi o ficarem as
73 cousas n'um estado peor que o anterior.

Garrett, no prefacio da primeira edição do seu maravilhoso poema *Camões*,[VI] diz estas palavras: «Sobre a orthographia (que é força

IV Cândido de Figueiredo fez parte da comissão reformadora, juntamente com Gonçalves Viana, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos e Carolina Michäelis. As posições defendidas em *Lições Práticas da Língua Portuguesa* (1891) enquadravam-se numa longa corrente de opinião que, pelo menos desde 1875, defendia, de maneira mais assertiva, uma reforma ortográfica simplificadora. A este propósito, vd. o capítulo dedicado aos critérios ortográficos desta edição, na segunda parte do vol. I.

V Refere-se ao líder da Primeira Cruzada, Godefroy de Bouillon (*1058 †1100).

VI Garrett, *Camões: poema* (1825, pp. VI-VII).

cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etymologia *em razão composta* com a pronuncia; que accêntos só os puz onde sem elles a palavra se confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais acertado, apenas haja algum geral e racionavel em Portuguez: o que tão facil e simples seria se a nossa Academia e governo em tam importante coisa se empenhassem.»

O systema de Candido de Figueiredo assenta, ao que parece, na sua generalidade, n'aquella mesma *razão composta* do glorioso poeta, porque, sem pôr totalmente de parte a etymologia, assenta, como principio fundamental, a pronuncia, suppondo que a palavra escripta representa a dicção articulada. Esse systema, o de Garrett (que apesar das suas palavras, o não seguiu, porque escreve, por exemplo, rôlla, malditto, e outras phantasias n'este genero) e o de quasi todos os que se têm occupado d'esta materia, assentam n'um principio absolutamente falso.

A demonstração summaria d'esta these, que a muitos parecerá paradoxal, fica para mais logo, porque, antes e por uma razão de methodo, me parece necessario explicar as palavras que acima proferi: «um dos effeitos da cruzada, emprehendida por Candido de Figueiredo, e por elle levada a cabo victoriosamente, como era de esperar da sua valentia intellectual, fôra lançar a perturbação nos arraiaes contrarios.»

O illustre philólogo, sob pretexto de que na lingua latina não havia o z, o que não me parece exacto, porque esta vigorosa letra já existia no alphabeto romano no melhor seculo, tem por ella a mesma anthipatia que, segundo se diz, o tanjasno tem pelo burro; não a admitte senão em certos e determinados casos. S e Z tem sons diversos, como cada um póde verificar em si mesmo, sem ser necessario que recorra a estudos especiaes de orthoépia, e só por convenção é que áquella, quando intervocálica, se attribue a vibração sibilante d'esta.

É, pois, de estranhar que os amadores da phonetica, desprezadores da etymologia, incoherentes com os seus proprios principios, lancem o anathema ao pittoresco z, repellindo-o da maior parte das palavras em que elle existia ha seculos. Que importa que o

subfixo ez, de francez, inglez, etc. venha do latino *gens?* A nossa lingua é a latina?

Se os latinos não tinham o z, temol-o nós. A nossa subfixa, para aquelles e casos semelhantes, é, por convenção secular, *ez*, e, por isso é, a meu vêr, um êrro intoleravel, querer substituil-o pelo subfixo de uma lingua morta ha centenas de annos. As palavras são monumentos dos mais antigos, e monumentos não se alteram. Um quadro de Raphael[VII] não se retoca, não se modifica; as volutas das columnas, os astragalos de velhos edificios architetonicos, conservam-se religiosamente sem se lhes tocar, e qualquer alteração que ahi se fizesse, representaria um sacrilegio contra o qual a Arte, por meio de seus mais legitimos representantes, protestaria, furiosa. Quem ousaria propôr o complemento dos braços decepados da Venus de Milo?[VIII] As palavras de uma lingua estão nas mesmas condições monumentaes. São desenhos convencionaes, que representam ideas, cousas, fixados por um accôrdo geral, e só por outro accôrdo, tambem geral e secular, devido a circumstancias, por assim dizer, de ordem publica, é que poderão ser alterados. Esse, que os altere,
126 *de motu proprio,* ainda que fundado em boas razões, embora seja um philólogo, é um iconoclasta.

Nós temos, por exemplo, o substantivo *mêdo* (do latim *metus*). D'este substantivo, e segundo o genio da nossa lingua, devia formar-se o adjectivo *medoso* (de *med*, affixo, e *ôso*, significativo de abundancia, subfixo) formóu-se, porém, o de medroso. Quem ousaria substituir este, que representa realmente um êrro philológico, por aquelle? Ninguem: e porquê? Porque em monumentos ninguem toca: *medroso*, permitta-se-me a expressão, é uma asneira, que, por ter seculos de edade, deixou de o ser.

O que é certo, porém, é que d'aquella iniciativa, aliás, sob diversos aspectos benefica, de Candido de Figueiredo, resultou que diversos escriptores, que, manifestamente se não quizeram dar ao tra-

VII Trata-se do mestre do Renascimento italiano, Raffaello Sanzio (*1483 †1520).

VIII A célebre escultura de Vénus foi descoberta na ilha de Milo em 1820, faltando-lhe no entanto ambos os braços.

balho de profundar as ideas d'aquelle sabio philólogo, passaram a exhibir em seus escriptos phantasias orthographicas, em que, e em todo o caso, predominava o horror ao z, ás letras dobradas, e aos sete caracteres de origem grega.[IX] Assim, já quasi se não vê senão pais, português, francês, inglês, com carapuça, como se um escriptor fosse mestre-escola que devesse estar a ensinar a pronuncia aos seus leitores; *rasão*, que nunca escriptor algum nosso escreveu senão razão, e realisar, baptisar, pisar, etc. quando é certo que, entre nós, não ha s intervocálico nos infinitos dos verbos, regra que só tem excepção n'aquelles que, pela sua derivação, não devam ter o z, como analysar, casar.

A suppressão de certas consoantes, que realmente se não pronunciam, como em lucto, auctor, poderiam ainda tolerar-se, e realmente se toleram, embora assente no principio falso de que a orthographia é filha, ou pelo menos, irmã da orthoépia: quando esta nasceu, aquella tinha seculos e seculos de existencia.

O empregar-se, sempre, o i em palavras em que ha o y grego, e o f onde exista o ph, não obedece aos bons principios. Essa substituição não é indifferente: o y grego é longo, e a vogal antes de duas consoantes longa é, segundo as prosodias grega a latina. «Os romanos, diz Jeronymo Soares Barbosa, na sua excellente *Grammatica Philosophica*, dobravam certas consoantes porque as pronunciavam ambas, e a prova d'isto era ficar a vogal antecedente sempre longa por posição.»[X]

Nós dobramol-as, umas, não por essa razão, mas porque derivam das latinas, outras, em muitas palavras compostas, em que entram preposições, cuja ultima letra se muda n'aquella por que começa a palavra a que serve de composição, e outras, finalmente, por uso e costume.

IX Embora João Penha denuncie a generalizada substituição do <z> por <s>, as Bases da Reforma Ortográfica mantinham a distinção gráfica, tanto na representação das fricativas alveolares, como na fricativa palatal em fim de sílaba.

X A *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem* (1822), de Jerónimo Soares Barbosa, é um dos textos fundamentais da tradição gramatical portuguesa.

Não me alongo mais, porque, por fim de contas, isto é um livro de versos, e não de controversias, mais ou menos scientificas. O meu intuito era apenas considerar o caso, de que me tenho occupado, e que assumiu as proporções de uma verdadeira catastrophe, para a nossa bella e opulenta lingua, sob o seu aspecto artistico.

Quando, ha alguns annos, houve em França um inquérito, solicitado pelos monomaniacos da sónica, ácerca da simplificação da orthographia da lingua franceza, nenhum dos escriptores, convidados a dar as suas opiniões a esse respeito, votou a favor, dizendo Renan[XI] «que votava contra, porque as palavras não lhe pareciam as mesmas.»

Entre nós, e segundo a nova orthographia official, muitas d'ellas, não só não parecem as mesmas, mas até pela suppressão do h, chefe de fila – assumem aspectos totalmente novos e que fazem rir.[XII] Um bibliophilo que, movido por natural curiosidade, se abalançasse a ler as primeiras paginas d'um livro escripto com essa tal orthographia, veria c om hilaridade (ilariante) surprêsa, passar-lhe diante dos olhos uma procissão de figuras extravagantes, em que só com muito custo reconheceria as antigas palavras dos seus livros, dos livros dos mestres: umas, decapitadas; outras, de refeitas que eram, esqueléticas; outras, sem ornatos, como que nuas, ou em camisa; outras, estripadas, de ventres reentrantes; e outras, emfim, transformadas em verdadeiros hieroglyphos, que só um Champollion com dificuldade decifraria.[XIII]

E esse bibliophilo, se fosse tambem um artista, como todos o devem ser, que exigisse que a pagina d'um livro, pela fórma selecta dos typos, e pelo harmonico conjunto das palavras, em que se respeitassem religiosamente os desenhos dos bons tempos antigos, fosse uma verdadeira pintura, lançaria fóra o livro com indignação, e choraria

XI Além de escritor, filósofo e historiador francês, Joseph Ernest Renan (*1823 †1892) foi também um importante filólogo.

XII Embora João Penha condene as extravagâncias ortográficas que se relacionam com a perda do h, a verdade é que a Reforma apenas ditava a supressão nos dígrafos <rh>, <th>, <ph> e <ch>.

XIII Ao linguista francês Jean-François Champollion (*1790 †1832) deve-se a decifração dos hieróglifos egípcios.

talvez ao lembrar-se de que em paizes estrangeiros, onde o que é antigo se respeita, poderá agora dizer-se: que o *ómem portuguê*s é um homem sem cabeça.

Felizmente, nenhuns dos nossos escriptores, que se prese, se submetterá a tão grotesca orthographia. Eu sou um d'elles e a prova está no que resumidamente fica exposto, e em cada pagina d'este livro.

***

Isso, que fica exposto, não é mais que uma simples nota, explicativa da orthographia que adoptei: a mesma dos meus livros anteriores, e ninguem ahi veja uma sombra sequer de desconsideração por Candido de Figueiredo, e pelos outros collaboradores do lamentavel desastre. A todos admiro e os tenho na mais alta consideração litteraria.[XIV]

XIV Sobre este artigo, leiam-se os elementos recolhidos no Arquivo documental (ao Aparato Crítico).


ULTIMAS RIMAS

736

[*Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 7-10.]

PREFACIO

De certo causará surpreza, n'um livro tão futil como este, a estranha e grave materia que, como prefacio, mais abaixo me apraz desenvolver; esse prefacio, porém, é do genero d'aquelles em que o autor defende ou explica a sua obra, quer dizer, galeato, e é por essa razão capital, que as minhas primeiras hesitações se desvaneceram por completo, e sigo ávante, impavido.

No Evangelho, segundo S. João, o discipulo amado, cuja philosophia manifestamente se filia na do Bouddha, que já há quatro seculos antes alastrara por toda a Asia, lêem-se, logo no principio, estes versiculos: «*In principio erat verbum, et verbum erat apud Deum, et Deus erat verbum. Hoc erat in principio apud Deum*»,[I] versiculos que o laborioso traductor da vulgata, Antonio Pereira de Figueiredo,[II] traduz assim: «No principio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. Elle estava, no principio, com Deus».

Durante muito tempo estive, como Champollion diante dos hierogliphicos do Egypto,[III] perplexo diante daquelas palavras, sem me poder fixar ácerca do seu mysterioso sentido. Que verbo seria esse? Há muitos verbos, em todas as linguas, embora se possa sustentar que há um unico.

I Jo. 1: 1-2.

II O padre oratoriano António Pereira de Figueiredo (*1725 †1797) foi o responsável por uma das primeiras traduções da Vulgata Latina para Português, publicada em 1819.

III Ao linguista francês Jean-François Champollion (*1790 †1832) deve-se a decifração dos hieróglifos egípcios.

Um aphorismo formulado por Lucrecio, no *De natura rerum*,[IV] foi para mim, o que para S. Paulo, o apostolo dos gentios, foi a visão por elle apercebida em caminho para Damasco.

Esse aphorismo: *Ex nihilo, nihil*,[V] fez luz completa nas trevas do meu espirito.

E realmente, se de nada nada sahe, verdade absoluta que não pode ser posta em duvida, d'onde provieram os innumeros astros que povoam o Infinito? D'onde proveio este globo que nós habitamos transitoriamente? Indubitavelmente, do Verbo, não gerado, como erroneamente diz aquelle traductor do latim de S. Jeronymo, mas increado: do verbo Ser, no seu infinito. É d'elle que proveio, provêm, e há-de provir tudo quanto existe, ou existirá. É elle o criador de tudo, e até aquelle evangelista o diz no seu terceiro versiculo:

«*Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipsum factum est nihil, quod factum est.*» [VI]

35 É essa a suprema verdade, e eu passava por ella sem a vêr!

Passando agora do abstracto ao concreto, e lançando os olhos ao que nos cerca, que devemos nós concluir d'aquella verdade absoluta? Que o Verbo, isto é, Deus, tem horrôr pela monotonia, pela uniformidade.

E realmente, sem sahirmos d'este pequeno mundo que habitamos, um atomo no infinito dos mundos, vêmos, na criação, uma variedade de sêres, e de fórmas, quási sem limites: no mundo mineral, desde o diamante e a esmeralda, até ao atomo de pó e ao grão de areia; no vegetal, desde o cédro e a palmeira, até ao lichen e ao pé d'herva; no animal, desde o homem e o masthodonte, até ao infusorio e á bioplasma.

IV Alude ao poema que Titus Lucretius Carus compôs no século I a.C., à luz da filosofia epicurista.

V Lucretius, *De Rerum Natura*, Liber II, v. 287. Trad. do Latim: "do nada, nada vem".

VI Jo. 1: 3. Trad.: "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez".

Deus, portanto, pela sua infinita intelligencia, tem, como acima eu disse, um completo horror pela uniformidade, e d'esse horror, nós, que, como um reflexo, somos feitos á sua imagem e semelhança, pois que temos a força, a intelligencia e a sensibilidade, participamos tambem.

Fazendo agora applicação d'estes principios, como critica, ao presente livro de versos, apraz-me affirmar que a elles obedeci, embora inconscientemente.

Na verdade, se há n'elle, composições incoherentes, de todos os generos, sem unidade, e, por vezes, antagonicas, o que a isso me moveu, foi aquelle horror divino pela uniformidade, pela monotonia.

Obedeci, pois, a uma das leis primordiaes do Criador de tudo.

*

No theatro antigo, e até no moderno, depois de tragedias, de episodios terriveis e sangrentos, seguia-se uma farça alegre para desannuviar o espirito acabrunhado dos espectadores.

Sigo tambem este methodo: depois das cousas sérias, que acima desenvolvi, sôe o apito e suba o panno para a comedia; por vezes, alta, comtudo.

31-VIII-18.


O CANTO DO CYSNE

737

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 103-108.]

ADEUS, MANUEL!

Quando cheguei á estação das Devezas, que n'essa epocha era a estação *terminus* do caminho de ferro de Lisboa ao Porto,[I] já quasi todos os passageiros tinham entrado nas carruagens, de modo que aquella ampla esplanada parecia deserta.

Preparava-me eu para tambem entrar, quando com surprêsa vi que ás portinholas estavam, d'aquelle lado, formando ás vezes pinha, esses passageiros, na posição, e com o aspecto de quem assiste a um espectaculo, que lhe causa vivo interesse. Em quasi todas aquellas figuras a expressão mais geral era a do escárneo, ou a de um intimo contentamento.

De súbito, um grito horrivel, doloroso e prolongado, me fez voltar a cabeça para um grupo, compacto, composto na sua quasi totalidade por homens, grupo que eu, ao chegar, não tinha visto, e que estava do lado opposto á linha do comboio.

A passos rapidos, d'esse grupo me approximei, e mettendo a cabeça, vi, sentada no chão, uma lindissima mulher, nova ainda, com o rosto afogueado, luzidio pelas lagrimas, que dos seus bellos olhos, de uma expressão dolorosa, quasi que em fio constantemente cahiam.

Outras mulheres, tambem sentadas no chão, a amparavam, e com vozes para mim indistinctas se esforçavam por lhe darem alentos e consolações.

– Que é isto? que succedeu? perguntei a um dos do grupo.

– É o Manuel que vae para o Brasil.

– E quem é esse Manuel?

I Entre 1864 e 1877, a Linha do Norte terminava em Vila Nova de Gaia (estação das Devesas). A ligação ao Porto (Campanhã) far-se-ia apenas com a inauguração da Ponte D.ª Maria Pia.

O homem olhou-me com surprêsa, e na expressão d'esse olhar, eu claramente li este pensamento: «quem será este sujeito que não sabe quem é o Manuel?»

Depois, com certo mau modo, e voltando-me as costas:

– É o homem d'aquella moça.

N'estes comenos, vi apparecer, muito apressado, e apertando a mão a uns e a outros, um sujeito de fraca figura, baixo, magro, com umas suissinhas ruivas, olhos pequenos, sem expressão; de quinzena e de calças de panno preto, e de chapeu molle, egualmente preto.

Era o Manuel.

A sineta da estação dera o ultimo signal; os gritos da esposa dolorosa sobrepujam em intensidade o silvo agudo da locomotiva.

Manuel aperta a mão a uns, abraça outros, e sem um adeus, e sem um gesto de compaixão para a consorte, que talvez para sempre ia abandonar, parte a correr para o comboio. Ao entrar, cahe-lhe o chapeu á linha: um empregado ainda tentou atirar-lh'o para dentro, mas como o monstro fumegante já se movia, errou a mira, e o chapeu tornou a cahir, sendo, naturalmente, depois entregue á esposa, que com elle ficou como reliquia, como saudosa lembrança de tempos mais felizes, e que de certo não voltariam mais.

Ainda o comboio não tinha andado um kilometro, quando vi á esquerda, n'uma especie de outeiro, um possante abbade, de batina, o qual com a sua poderosa voz de chantre de S. Tiago de Compostella, acompanhado pelas vozes discordantes de todas as suas ovelhas, que o acompanhavam, e agitando o seu enorme lenço de algodão, de variegadas côres, ao passar a machina, soltou elle, e ellas soltaram um prolongado e doloroso: «Adeus, Manuel!»

Pouco mais adiante, e do outro lado, vejo um magote de raparigas, as quaes, umas acenando com os lenços, outras limpando os olhos ás pontas dos aventaes, gritavam com as suas vozes argentinas, um prolongado e tres vezes repetido: adeus, Manuel!

E este caso estranho se foi assim repetindo, continuamente, por toda aquella tarde fóra: adeus, Manuel, adeus, Manuel.

Descera a noite, e eis que eu continúo a ouvir aquelle mesmo adeus, sempre triste e choroso, mas, por vezes, com intonações phantasticas.

«Que será isto? dizia eu preoccupado. A estas horas já ninguem
62 póde andar pelos campos: será allucinação do ouvido?»

E lembrei-me de que, sendo creança, fizera uma viagem em
64 liteira, e durante dois dias continuei a ouvir o tintinabulo dos chocalhos dos possantes mús.

Mas, esse som era sempre o mesmo, e agora não: aquelle eterno
67 «adeus, Manuel» – até ás vezes me parecia acompanhado d'uma
68 casquinada de riso.

Que eu o ouvia, não havia duvida alguma: quando o comboio em marcha, um pouco abafado; quando nas estações, mais claro e nitido.

71 A noite tornara-se sombria, e as arvores, vagamente esboçadas, esguias, que, em fuga desordenada, de um e outro lado iam perpassando, em sentido contrario ao da marcha do comboio, iam-se-me afigurando phantasmas que se dirigiam a um diabolico sabbat.[II]

Haverá aqui, pensava eu indeciso, obra ou maleficio inexplicavel de Satanaz, do Baixissimo, como lhe chama Huysmans[III]
77 (em contraposição ao Altissimo, o eterno creador) ou terei eu ainda na
78 cabeça alguns fumos dos falernos[IV] do copioso banquete de despedida,
79 que alguns amigos me tinham offerecido?

80 Emfim, já perto do termo da viagem, não podendo por mais tempo supportar a indecisão em que o meu espirito se debatia, dirigi-me
82 a um sujeito respeitavel, que ia sentado defronte, e cortez, perguntei-lhe:

– V. Ex.ª não ouve dizer: adeus, Manuel?

83 O homem sorriu-se, e com uma inflexão de voz, que logo me revelou um antigo colono das Terras de Santa Cruz:[V]

II Refere-se aos rituais de passagem celebrados pelos bruxos.

III Remete para o romance satânico *Là-Bas* (1891), do francês Joris-Karl Huysmans.

IV Alude ao vinho de origens antigas, que aparece referido na literatura latina.

V Estes antigos emigrantes eram também conhecidos como *brasileiros de torna-viagem*.

85 – «Ouço perfeitamente: é o meu papagaio que vae no comboio.»

Na estação de Coimbra, entre a turba-multa que ali se juntou,
87 logo descobri Manuel, o qual, por ter perdido o chapeu, como referi, atara á cabeça um lenço, á guisa do homem que, nas procissões da aldeia, leva o guião, e logo, estendendo-lhe a mão, que elle apertou com timidez e surprêsa:

– Adeus, Manuel!

E o papagaio, não longe, com voz que parecia a d'um ventríloquo:

«Adeus, Manuel!»

738

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 109-114.]

UM CONDE ITALIANO

O conde milanez, Belli di Leonardi,[I] não é poeta, no sentido de que não faz versos, mas a sua alma, aberta a todas as impressões do bello, tem-se manifestado, em diversas revistas italianas, em ordem a merecer-lhe a sympathia dos que o lêem, e o affectuoso applauso dos mais distinctos escriptores, o que é muito n'essa divina Italia, o berço das maiores civilisações antigas, onde quem não sobresae pelo seu talento, é considerado um pária, que incorre na reprovação de todos.

Fóra da Italia (oh Hespanha, perdoa-me) não ha salvação possivel. Todas as outras nações são escuras, comparadas com esse luminoso paiz, onde o ceu, de um azul de saphira, se reflecte nas ondas tumultuosas dos seus golphos, nas aguas mais tranquillas dos seus lagos, e dos seus rios historicos; onde só os altos montes, os Apeninos e os Alpes, ousam ostentar as cãs d'uma velhice eterna, porque, n'esse paiz, onde florescem as laranjeiras e os lilazes, onde as rosas e as violetas perfumam o ar; n'esse paiz de tragicos e loucos amores, das serenatas em silenciosas noites de luar, de canções e barcarolas; n'esse paiz de sonhos e de chimeras, a mocidade é eterna, a velhice não existe. Ali até os poetas, já duas vezes centenarios, como os antigos patriarchas biblicos, amam ainda, fazem versos ao amor: o proprio Pontifice Maximo, Leão XIII[II], os faz, nonagenario, em sonorosos dactylos, jambos e spondeus,[III]

I Trata-se de Bruno Belli de Leonardi, que no mundo literário usou o pseudónimo *Yabél*. Sobre este diplomata, que foi adido da embaixada de Itália no Rio de Janeiro e, mais tarde, cônsul em Florianópolis, veja-se o Arquivo documental, no Aparato Crítico, onde se reproduz também a nota explicativa de João Penha.

II O pontificado do Papa Leão XIII (nascido Vincenzo Prosperi Buzzi, (*1810 †1903) vigorou entre 1878 e 1903 (ano da primeira publicação deste texto – vd. Aparato Crítico).

III Refere-se a três unidades rítmicas do sistema métrico greco-latino: o dáctilo (sequência composta por uma sílaba longa e duas breves), o jambo (com uma sílaba breve e uma longa) e o espondeu (constituído por duas sílabas longas).

mas... ao amor divino, por já lhe não ser permittido, pelos canones da Egreja que rege, fazel-os... ao profano. Repetimos: fóra da Italia não ha salvação. Ás faces das nações barbaras, que se orgulham dos seus poetas e escriptores, ella com um doce sorriso victorioso, atira o Dante, o Tasso, o Ariosto, Petrarca, Leopardi, Manzoni, Alfieri, Amicis, Annunzio, e muitos outros; aos pintores d'essas nações obscuras, contrapõe o Giotto, Giovanni de Fiesole (Fra Angélico), Miguel Angelo, Vinci, Raphael, o Perugino, André del Sarto, o Giorgione, o Ticiano, os Carraccios, Paulo Veronese, Julio Romano, Guido Reni; a esculptores: Miguel Angelo, Arnolfo de Lopo, Izidoro de Mileto (o de Santa Sophia), Brunelleschi, Palladio (o do palacio dos doges), Bramante; a compositores: Cimarosa, Rossini, Donizetti, Verdi, Bellini; a cantores e actores: a Malibran, a Alboni (elephante que enguliu um rouxinol), a Patti, a Ristori, Eleonora Duse, o Rossi, Salvini, e um numero infinito de outros grandes artistas.

Que nação haverá mais bella, mais artistica, mais poetica do que tu, oh divina Italia! E comtudo, talvez o que estas linhas escreve, nunca, jámais te verá... senão em sonhos!

Um dia, Belli di Leonardi, oriundo de uma das mais nobres familias da antiga republica de Genova, a Soberba, do alto do seu castello, em Sori, estendeu os olhos para além dos mares, e sentindo palpitar em si a alma italiana, romantica e aventureira, metteu n'uma ampla mala a sua casaca de diplomata, envergou o classico vestuario d'um inglez que viaja e lançando um ultimo olhar ao palacio dos Dorias, e um sentimental «addio!» aos lares paternos, saltou para um transatlantico, que partia para as regiões longinquas do Novo Mundo. No bôjo do monstro que fumegava como o patrio Vesuvio, e que urrava como o Stromboli,[IV] fez, durante toda a travessia, repastos homericos: queria d'essa fórma preparar a sua alma d'artista para as prosaicas decepções que receava. Quando, porém, á voz, tres vezes repetida, de

IV Alude a dois conhecidos vulcões italianos: o Vesúvio (cuja erupção mais intensa soterrou as cidades de Pompéia e Herculano, em 79 d.C.) e o Stromboli (o mais ativo vulcão europeu da atualidade).

«terra!» que descia do cêsto de gávea, subiu á coberta do navio, e fixou o binoculo no panorama que se lhe desenrolava diante dos olhos maravilhados, não pôde reter um oh! inglez, que foi coser-se aos de varios subditos britannicos, seus companheiros de viagem: a bahia da capital das Terras de Santa Cruz[V] fez-lhe esquecer, por um momento, o golpho de Napoles: era mais bella!

Nas ruas e praças da cidade, alinhadas geometricamente, não via palacios de marmore da Toscana, zimborio de bronze dourado, cathedraes de rendilhados lavores, fontes monumentaes, em que tritões e golphinhos jorram das goelas hiantes uma agua limpida e sonorosa; arcos de triumpho por debaixo dos quaes passaram as legiões romanas, estátuas de heróes, de nymphas e de deuses mythologicos; – viu casas e palacios quadrangulares, chalets grotescos, copiados dos de papelão, obras não de artistas celebres e eternos, mas de pedreiros e caiadores anonymos, – e chorou por Florença, por Verona, por Milão, pelas grandes cidades do seu paiz natal. Uma natureza, porém, luxuriante, poderosa, acabrunhante de belleza; florestas inextricaveis, de arvores collossaes e estranhas, onde canta a araponga e o sabiá, largos horisontes pittorescamente accidentados, um mar sempre tranquillo, uma atmosphera sempre impregnada de deliciosos perfumes, cortada pelo vôo de aves de caprichosas plumagens, – tudo isso, de que elle tinha apenas uma ideia vaga pelas phantasticas côres theatraes dos scenographos milanezes, soergueu-o da prostração em que o deixara a primeira impressão da commercial cidade.

O que, porém, de todo o reanimou, causando-lhe uma viva surprêsa, foi o ver que a lingua d'esse povo longinquo era tão parecida á sua, que logo desde o principio, sem ajuda de interpretes ou de vocabularios, elle e os íncolas fluminenses, com quem communicava, mutuamente se comprehendiam: era a sonorosa lingua lusitana, irmã gêmea da italiana, a lingua de Camões, de Bernardes, de Filinto, de Garrett, e de tantos outros. Para logo, e com o enthusiamo de quem

V Alude à Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro (a capital do Brasil desde 1763 até 1960).

resolve um problema, o de aligeirar horas de um aborrecimento mortal, lançou-se ao estudo d'essa lingua maravilhosa, não em diccionarios e grammaticas, mas praticando não só com os bellos poetas d'esse paiz, mas tambem com alguns dos da antiga metrópole. Os seus escriptos, publicados na revista lisbonense *A Chronica*, onde estas mesmas linhas sahiram,[VI] onde apenas podem notar-se alguns brasileirismos, que, longe de os macularem, mais lhes accentuam a originalidade formal sem quebra dos altos preceitos grammaticaes, mostram quão proveitoso lhe foi aquelle estudo: Belli di Leonardi é actualmente um escriptor portuguez.

De volta á sua patria, trouxe comsigo, não um papagaio ou uma arara, como soem trazer os nossos colonos repatriados, mas uma alma gêmea da sua, uma gentil esposa,[VII] com a qual, alegre e ditoso, fez ninho no vetusto castello de seus antepassados. E essa intima alegria, esse estado da sua alma, bem se revelam nos seus escriptos, onde a par de uma fina observação á maneira moderna, e de um contínuo bom humor communicativo, ha a leve ironia dos bons, uma ironia perfumada e inoffensiva.

D'aqui, d'este jardim da Europa á beira-mar plantado,[VIII] onde no proprio inverno as laranjeiras florescem, as violetas embalsamam o ar, e as cotovias gorgeiam canções d'amor, nós o saudamos, e lhe enviamos, através do azul, o affectuoso abraço dos bons operarios, que trabalham, cantando, na mesma officina.

VI Este texto foi originalmente publicado n' *A Chronica*, em janeiro de 1903 (vd. a Notícia dos testemunhos, no Aparato Crítico).

VII Veja-se, no Arquivo documental (ao Aparato Crítico), o testemunho de Belli de Leonardi sobre o contributo da poesia de João Penha para o enamoramento da sua jovem mulher.

VIII Alude ao v. 17 do poema "A Portugal", incluído no livro *D. Jaime* (1862), de Tomás Ribeiro (*1831 †1901): "Jardim da Europa à beira-mar plantado".

739

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 115-129.]

DOIS LIVROS[I]

Diziam os romanos: *habent sua fata libelli*,[II] e assim é; mas os livros, além dos seus fados, teem a sua musica, os seus perfumes que só a alma sente. Uns, recentes ainda, cheiram a môfo, quer pela sua linguagem obsoleta, quer pelas suas ideias; outros, como os de Bourget e de Marcel Prévost,[III] teem os perfumes artificiaes, mundanos, que nos laboratorios dos perfumistas se designam pelos nomes exoticos de opoponax, ylang-ylang, e ixorá, perfumes que perturbam os sentidos, mas que deixam a alma tranquilla; outros, como os de Jean Lorrain e de Pierre Louys,[IV] exalam os perfumes balsamicos e penetrantes das grandes florestas mysteriosas; os de João de Deus e de Campoamor[V] cheiram a goivos e violetas, as flores da tristeza, das ruinas e da morte. Ha livros, cujos perfumes embriagam como os da magnolia, ou dos laranjaes em flor; ha-os até, como os de Zola,[VI] cujos odores os menos delicados narizes reprovam.

Não é isto uma phantasia ou uma simples comparação rhetorica. É um facto real e positivo que todos aquelles que se entregam á divina

I Leia-se, no Arquivo documental II, a nota que o autor colocou no final do volume.

II A citação é de Terencianus Maurus, em *De Litteris, de Sillabis et Metris*. Trad.: "os livros têm os seus próprios destinos".

III Os franceses Paul Charles Joseph Bourget (*1852 †1935) e Eugène-Marcel Prévost (*1862 †1941) abordaram em seus romances as paixões humanas, sobretudo femininas.

IV Os romancistas Jean Lorrain (nascido Paul Duval, *1855 †1906) e Pierre Louÿs (*1870 †1925) eram especialmente conhecidos pela abordagem de temas ligados à sensualidade, em geral, e à homossexualidade, em particular.

V O poeta espanhol Ramón de Campoamor y Campoosorio (*1817 †1901) foi um dos representantes da estética realista em Espanha, enquanto João de Deus (*1830 †1896) ocupa um lugar à parte no panorama finissecular, por via da inspiração popularizante.

VI O romancista Émile François Zola (*1840 †1902) é o maior expoente do Naturalismo.

voluptuosidade da leitura mil vezes terão experimentado. Uma estrophe, uma descripção de paisagem, uma phrase, arrancam, como que por uma abstracção do espirito, o leitor á pagina que lê, e elevando-o ao paiz dos sonhos, onde ha jardins inundados de luz mysteriosa, onde se ouvem accordes de harpas invisiveis, ahi o deteem, até que, embriagado de perfumes, volta á estrophe, á descripção, á phrase, que por um momento interrompera!

O *Auto do fim do dia*, do moço poeta das *Eiradas*, Antonio Correia d'Oliveira, e o *Amar é soffrer*, de Guilherme Gama,[VII] são uma prova irrecusavel do que deixo exposto. No primeiro, e desde a primeira pagina até á ultima, ha um delicioso cheiro a rosmaninho, mangerona e alecrim, não plantas em ramo, mas vivas nos campos deleitosos, ás horas poeticas do fim da tarde; no segundo ha, por vezes, o perfume dos lilazes e das madre-silvas; por vezes o dos goivos e dos myrtos. Estes perfumes que se sentem vagamente ao serem lidos, proveem da romantica essencia de que são formados, diversa na fórma, em cada um irreprehensivel, mas egual em suas origens: a perda irreparavel das illusões, a saudade vaporosa das cousas passadas.

Estes dois livros deliciosos são dignos de demorado estudo; não vou, porém, estudal-os: vou apenas indicar, de passagem, a impressão que me causaram.

Á poesia popular, propriamente dita, nego os fóros de poesia; não a tolero. A que com esse nome é designada, não só entre nós, mas em toda a parte, não é realmente popular, como tambem o não é a musica que, de ordinario, a acompanha.

A poesia do povo consiste em fados ou historias de assassinios, escriptas em quadras grotescas, em lamurias philosophicas, que artistas ambulantes andam vendendo de terra em terra, cantando-as com voz lamentosa, ao som de violões e rabecas; e em quadras á desgarrada, nos

VII Originalmente, esta recensão publicou-se em 1900 (vd. Aparato Crítico). Nesse mesmo ano, vieram a lume *Amar é Soffrer*, de Guilherme Gama (*1860 †1947), e *Auto do Fim do Dia*, do poeta António Correia de Oliveira (*1878 †1960), que já antes publicara o livro de versos *Eiradas* (1899). João Penha recenseará também um outro livro deste autor (vd. texto editado no n.º 740).

dois primeiros versos dos quaes debalde se procurará um sentido qualquer. Essas quadras, entre as quaes não ha, de ordinario, relatividade alguma, formam, por vezes, floripondios pseudo-litterarios, que tanto podem lêr-se de cima para baixo, como de baixo para cima.

Esta é que é a verdadeira poesia popular; a das tabernas e bêccos, das eiras e das campinas, horrivel como a musica de violas e clarinetes que a acompanham.

Ha, porém, outra que fórma a rapsodia a que, por uma razão por mim desconhecida, se dá o nome inglez de folk-lore, rapsodia que é constituida por uma vasta collecção de quadras lindissimas, em que predominam as queixas d'amor, as ironias ferozes do ciume, madrigaes como nunca os fizeram os petimetres do seculo XVIII, e a piedosa resignação dos que viram desfazer-se na bruma da noite, os sonhos da sua alma. N'essas quadras, que erróneamente se attribuem ao povo, ha verdadeira poesia, sentimento e arte. Quem foram os autores d'essas admiraveis miniaturas? Gerações e gerações de verdadeiros poetas, que, amorosos um dia, doudos pelos olhos d'uma Laura ou de uma Beatriz,[VIII] se elevaram, por elles, aos luminosos estadios da Arte.

O amor, o mais fugaz de todos os sonhos, passou; esses poetas transitorios transformaram-se em homens graves: em reis, ministros, advogados, prégadores, e bispos, mas as obras que fizeram, quando eram alguem, ficaram, e são ellas as que constituem o nosso maravilhoso folk-lore.

Da elevada popularidade d'esses pequeninos poemas, nasceu a alguns poetas nossos, a ideia de renovarem, subordinando-as no entanto á evolução actual do seculo, as bucolicas, idyllios, e eglogas de Theocrito, Longus, Virgilio,[IX] e de tantos outros divinos poetas, cantando jardins e prados, o cuco e o pintasilgo, os grandes bois, o cão que ladra com modos de quem ralha, regatos que tangem azenhas, o

VIII Alude aos célebres amores de Petrarca e Laura (celebrado nos *Rerum Vulgarium Fragmenta*) e de Dante e Beatriz (cantado na *Commedia*).

IX Refere-se a três poetas bucólicos da Antiguidade Clássica: o grego do séc. III a.C. Theocritos, o romano do séc. I a.C. Publius Vergilius Maro, e o grego do séc. II d.C. Longos.

fumo das choças ao pôr do sol, emfim a vida campestre debaixo de
76 todos os seus aspectos, com todos os seus amores, as suas luctas e as
suas horas de patriarchal repouso. Bernardim Ribeiro, Rodrigues Lobo,
78 Gonzaga e os outros nossos bucolicos dos dois ultimos seculos (XVII e
79 XVIII) afastando-se d'aquelles radiosos modelos da antiguidade grega e
80 romana, e seguindo a Sannazaro,[X] limitaram-se a trovar,
symbolicamente, de amores de zagalas e pegureiros, deixando em
completo esquecimento os lugares, aldeias e serras, onde esses amores
83 percorriam os seus naturaes estadios. Todas essas zagalas, as Philis,
84 Délias, Cynthias, Lesbias, nomes ficticios, que encobriam outros reaes,
85 communs e prosaicos, que o verso reprova, excediam em formosura a
deusa de Cythera,[XI] e tinham ao lado, como adorno inevitavel, um
87 cordeirinho branco. Os seus pastores, de surrão, e de cajado em punho,
gemiam saudades de venturas passadas, queixas de amor não
89 correspondido: a seus pés via-se o cão do rebanho, com a cabeça em
repouso nas patas dianteiras, e no ar, gordo e nú, com suas pequeninas
91 azas brancas, Cupido, desfechando settas a torto e a direito.

92 Tudo isto era gracioso, como os quadros de Watteau e de
Boucher,[XII] mas insípido e falso, de sorte que aos primeiros embates do
94 romantismo, essa litteratura de tres seculos, desappareceu totalmente da
95 face do globo. A que os novos poetas querem renovar não é essa,
definitivamente morta, e já petrificada em monumentos que não são de
bronze: é a de Theocrito e de Virgilio nas suas descipções da vida do
98 campo, e dos poeticos trabalhos da agricultura, e, sobretudo, na pintura
99 dos multiplos aspectos da natureza, segundo a hora, e as estações.

Em verso, e n'este sentido, vejo apenas entre nós surgente o
101 moço poeta do *Auto do fim do dia*, auto que longe de ser mal concer-

X Além das É*clogas* e *Bucólicas*, Jacopo Sannazaro (*1456 †1530) é o autor da *Arcadia*, novela pastorial que serviu de modelo à *Menina e Moça* (1554; 1557) de Bernardim Ribeiro e à *Primavera* (1601) de Francisco Rodrigues Lobo.

XI Citera é uma ilha grega consagrada a Afrodite, a deusa do amor, que por esse motivo é também conhecida como Citereia.

XII Refere-se aos pintores Jean-Antoine Watteau (*1684 †1721) e François Boucher (*1703 †1770) e às paisagens idílicas dos seus quadros.

tado, como elle modestamente nos diz, revela tanto amor á natureza, como respeito á arte.

É um livro sincero, em que o autor se não esconde, em que poeticamente nos pinta os quadros que todos nós temos visto, mas que, como elle, não saberiamos reproduzir com tão vigorosas pinceladas.

Romantico, mas pantheista, não separa da natureza o homem, não o julga um ente especial á parte; identifica-o com ella, e subordina-o a todos os seus variados phenomenos. Assim, por exemplo, se o sol desapparece para além das montanhas, levando comsigo a vida agitada, a côr e o desenho definido das cousas, leva de dentro de nós mesmos tudo isso, deixando em seu lugar, uma vida convencional, sem uma luz clara que a illumine, e que defina os contornos obscuros das cousas que nos cercam; – se é a lua que surge dos lados do oriente, cobrindo montes e campos, burgos e aldeias com a sua luz silenciosa, repleta de mysterios, logo ella surge em nós mesmos, espalhando em nossa alma a mesma luz silenciosa, com todas as suas poeticas visões.

As quatro estações da tarde, em que o pequeno livro se acha dividido, estão subordinadas a esta philosophia, que, por demasiado subtil, talvez seja inconsciente n'um poeta, que, até agora, não tem andado a estudar códices poentos, mas, segundo o declara, a malbaratar amores.

Cada uma d'essas estações é precedida de um soneto, em que se descreve, com mão segura, o quadro da natureza áquella hora da tarde. O do *Pôr do sol*,[XIII] ligeiramente gongorico em seu principio, é este:

> N'um galeão de nuvens, para a Aurora
> Embarca ao largo o sol. E de longada
> Para assistir ao grande bota-fóra,
> Vem pela terra a sombra amargurada.

XIII Trata-se do soneto "Ao caír do sol", que abre o "Quadro II" do *Auto do Fim do Dia*. Nesta recensão, Penha cita algumas passagens do livro, introduzindo contudo variantes que resultam de falha de transcrição. Vd. os originais no Arquivo documental IV (Aparato Crítico).

Desce entre os castanhaes, pela assomada,
Campainha a tocar o Senhor-fóra.
Passam pombas no ar em revoada,
Ouvem-se ao longe os gritos d'uma nora.

E o Senhor vae passando, e com elle vae
A cantar o Bemdito de mansinho,
A gente que acompanha Nosso Pae.

E as ceifeiras, deixando de ceifar,
Ajoelham á beira do caminho,
E ficam de mãos postas, a rezar.

É um quadro que faz lembrar o *Angelus* de Millet.[XIV]

Esses quatro sonetos, verdadeiros quadros do genero, como se diz em França, teem ainda a originalidade de servirem de argumento aos episodios, em que a alma popular, idealizada pelo trovador, se expande, segundo a hora, n'uma gamma de sentimentos, em que predominam as tristezas, os queixumes d'amor, e as desesperanças.

No episodio *Ao subir do luar*, vê-se surgir na encosta, sombra estampada no esplendor dourado do sol poente, um soldado.

Vae para a guerra, e vem dizer o ultimo adeus á aldeia onde nascera, aos lugares onde passara a sua infancia, ás pessoas amigas, a sua mãe.

No fim, a voz embarga-se-lhe na garganta:

Ao sahir da minha casa,
Ao fechar da minha porta,
Não me dava a alma accôrdo,
Desmaiada, como morta.

XIV Refere-se à obra-prima que Jean-François Millet pintou em 1857.

Quero ver e já não vejo,
Já o chôro se alevanta,
Quero fallar e não posso,
Que tenho um nó na garganta.

UMA RAPARIGA

Foge o rio, vae fugindo,
Pedrinhas chorando estão,
Saudades são dos que ficam,
Deixadas pelos que vão.

CÔRO

Triste soldado que vaes
Correr venturas na guerra,
Talvez tu não ouças mais
Os sinos da tua terra.

O SOLDADO *(mais longe)*

Ai! triste de quem andar
Por longe, cheio de magua,
Tendo fome do seu pão,
E sêde da sua agua!

Todo o delicioso volume afina por este melancholico diapasão, e, cousa rara entre os nossos jovens artistas, ha n'elle uma perfeita harmonia entre a tessitura ou modelação do texto, e a parte ideal dos pensamentos.

Antonio Correia vae fazer-se lavrador: elle mesmo o declara, justificando esta sua resolução com o exemplo, que aponta, do rei D. Diniz, que foi poeta e lavrador.

Faz bem. Lavre, semeie, sache, monde, ceife, malhe, póde, empe, enchofre, vindime e beba, mas nas horas que estes patriarchaes serviços de lavoura lhe deixarem livres, lave a fronte e as mãos nas sonorosas aguas da Castalia;[XV] sente-se na verde alfombra, sob as ramagens d'um plátano frondoso, e embocando a flauta dos antigos arcades, toque-nos mais *Autos do fim do dia*, que todos nós os ouviremos com voluptuoso prazer.

Guilherme Gama é tambem um poeta essencialmente campestre, mas n'um sentido opposto ao d'aquelle. Tem um sentimento profundo da natureza: identifica-se com ella, e, quando a reproduz, as suas paizagens teem o desenho nitido, o colorido vigoroso das de Corot, ou de Claudio Loreno.[XVI] Não são um amontoado de palavras, um conjunto de cousas incoherentes, que talvez representem para quem as escreve um quadro que elle visse, mas que o leitor, por mais que se esforce, não vê; são verdadeiras telas que se desenrolam diante de nós, e que nos causam a mesma impressão que outras, reaes, nos causaram em tempos idos, em regiões distantes.

É n'essas paizagens, alegres, cheias de movimento e de vida, risonhas, perfumadas pelos aromas penetrantes de geránios e magnolias, de madre-silvas e violetas, que, por um contraste, ao primeiro aspecto artificial, o distincto escriptor colloca a acção de dramas intimos, de tragedias sombrias. É ahi que elle, sem a gesticulação epileptica dos artistas espectaculosos, arranca do seu divino stradivarius, notas de uma tristeza infinita, que entram no mais profundo da nossa alma, e a commovem a lagrimas.

Tudo em roda é vida: as plantas exhalam perfumes innebriantes; cantam os grilos; vozes argentinas entoam endeixas populares; ouve-se ao longe o tintinábulo dos rebanhos; tudo ri, canta e se agita.

XV Refere-se aos pintores franceses Claude Lorrain (nascido Claude Gellée, *1600 †1682) e Jean-Baptiste Camille Corot (*1796 †1875), particularmente conhecidos pelas paisagens e ambientes míticos dos seus quadros.

XVI Castália era uma das fontes inspiradoras, situadas na base do monte Parnaso, que estavam consagradas a Apolo e suas Musas.

De repente, em meio de todo este movimento, principia a ouvir-se uma modulação plangente, passa-nos pelo dorso o arrepio das cousas mysteriosas; o riso alegre das horas felizes transforma-se n'um chôro soluçante, e á vida agitada de ha pouco, succede o tragico silencio da morte.

N'estes contrastes se apraz o sympathico escriptor, não por artificio, como já ponderei, mas por um estudo real das cousas d'esta vida, estudo de que lhe proveiu a philosophia da resignação. Não ousa, como o antigo Ajax, erguer o punho aos deuses,[XVII] não increpa o destino, não grita, não blasphema; curva a cabeça a uma lei fatal, que não comprehende, e só por vezes e a mêdo, deixa ouvir um murmurio, que parece o queixume de uma creança doente.

Todo o livro, toda a alma, toda a philosophia e toda a arte do illustre poeta, podem estudar-se na sua terceira *hora*, a mais cruel da sua existencia, a da morte da sua promettida esposa.[XVIII]

Guilherme vem depôr, piedosamente, um ramo de flores na campa onde ella repousa.

«Sumidinha, e macerada como uma santa, aqui me veio morrer (diz elle) n'esta aldeia em cujos ares tanta fé puzemos para a saude da nossa preciosa creatura.

«Sim, aqui ficaste, eterna e adorada dôr da minha alma!

«Encho de rosas desfolhadas a humilde pedra da tua sepultura!

«Aqui jaz Maria.»[XIX]

O poeta relata-lhe em seguida a morte inesperada.

O mal vinha de longe: um dia, o destino roubara-lhe o unico fructo dos seus amores, e desde então tudo mudara para ella; o piano fechara-se, e á ruidosa alegria de ha pouco, succedeu o luto e o silencio.

XVII Alude à tragédia de Sófocles Ájax Furioso e à atitude ímpia do herói, que afronta os deuses.

XVIII A propósito desta confusão entre o autor concreto e o autor implícito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico.

XIX João Penha cita uma passagem do livro, introduzindo contudo pequena variante. Transcreve-se o original no Arquivo documental IV (Aparato Crítico).

Á dôr moral, quando é verdadeira e profunda, succede outra menos cruel. A sciencia dá-lhe nomes diversos, mas o seu desenlace é um unico: o da morte. A de Maria succedeu n'aquella tarde luminosa que o noivo minuciosamente descreve, tão gravada a tem ainda no seu espirito.

A pobre doentinha, sentada ao pé da eira, e recostada em travesseiros, via, com os seus grandes olhos negros, cheios de morte, os ultimos quadros d'aquella paizagem calma. O pae jazia calado, sentado na borda da eira, um pouco longe, porque muitas vezes, por causa da tristeza da hora, precisava que ella o não visse. A tarde estava a morrer. O pae suffocou um soluço, ergueu-se e disse:

– «Começa a arrefecer, entremos!»

Guilherme, gracejando para a enganar, tomou-a ao collo. De repente sente que os labios d'ella se lhe unem á fronte: quer ainda sorrir-se, e estremece a um leve suspiro.

Hirto, frio, sem saber o que faz, sem se voltar, caminha, cambaleante, com ella para casa. Ia morta. Não disse nada, que os passos do pae seguiam-n'o.

N'esta verdadeira obra-prima, como em todas as outras «horas» do livro, e nos contos que o avolumam, observa-se uma perfeita unidade no estylo, linguagem sobria e correcta, e sobretudo uma grande simplicidade, – simplicidade que seria affectada, se não proviesse, como provém, do temperamento estoico, e apparentemente frio, do autor do livro.

O titulo: *Amar é soffrer*, representa o enunciado de uma these que Guilherme Gama pretende justificar com os seus poemas e narrativas. Com isso, porém, só justifica o seu grande talento, porque esse enunciado é absolutamente falso: amar é gozar, e os proprios soffrimentos que do amor proveem, são deliciosos por mais crueis que pareçam. Mesmo quando aquelle divino laço de duas almas é violentamente quebrado pela maldade do mundo, ou pelo destino, como no caso da terceira «hora», a dôr terrivel que d'ahi resulta, em breve se

transmuda n'aquelle magoado, mas ideal sentimento que se chama a saudade: a recordação vaga e serena de um sonho que se realizou, e que não póde renovar-se jámais.

O maravilhoso livro de Guilherme Gama é sobretudo um livro de saudade, e d'elle se exhala o perfume triste, mas delicioso, de um ramo de lilazes e madre-silvas, de goivos e violetas.

740

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 130-141.]

POESIA E ARTE

Estamos n'um paiz em que os sujeitos que, para passarem o tempo, ou para chamarem as attenções sobre as suas desconhecidas pessoas, exercem o mister de criticos, collocam os que se lançam no mundo das lettras n'uma posição incerta e desequilibrada. Se um poeta se apresenta frio e correcto, porque essa é a sua natureza, ou se apenas revela pudicamente os sentimentos e commoções da sua alma, porque a alma deve ter os seus pudores, eil os que surgem, de testa enrugada, e de narizes torcidos, negando-lhe os fóros de poeta, porque a poesia, dizem elles, deve ser communicativa, sentimental: deve produzir em nós, leitores, as mesmas commoções que o artista sentiu, quando fez a sua obra; os mesmos ais e suspiros que do seio d'alma exhalara. Se se apresenta commovido; se chora, se increpa o destino, eil-os que surgem com a mesma testa enrugada, com os mesmos narizes torcidos, chamando-lhe lamartiniano, romantico dos tempos que já lá vão, collegial. O em que todos elles são conformes é em affirmarem que a fórma é uma cousa desprezivel; que a fórma aniquila o sentimento, sem se lembrarem que fórma e arte é tudo uma e a mesma cousa, e que só a arte, só ella poderá deter, por um momento, a humanidade, que incessantemente caminha, como o judeu errante, em procura do pão, e do prazer de cada dia.[I]

Quem os escute, cahirá na mão da necedade. A vida é breve, e a arte, debaixo dos seus multiplos aspectos, longa. «O poeta, diz Theophilo Gautier, deve pesar cada verso, cada palavra, cada syllaba, nas suas

I Alude a uma crítica feroz onde João de Barros atacara os pergaminhos literários de João Penha. Sobre este assunto, leia-se o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

balanças d'oiro: a tudo deve dar attenção, tudo o deve preoccupar: uma assonancia, uma alteração, os variados aspectos n'um mesmo pensamento, – exactamente aquillo com que os vulgares absolutamente nada se importam.»[II]

Por isso, e porque os aterra o estudo, fingem desprezal-a, e porque, em geral, esconsos de intellecto, se reconhecem impotentes para alcançal-a, querem estabelecer principios da sua lavra, que expliquem a mediocridade das suas producções illegiveis, e chamam a si prosélitos que, por se acharem nas mesmas condições de ignorancia, e de imbecilidade intellectual, os seguem com enthusiasmo.

Quem os escute está perdido. Sem a fórma, isto é, sem arte, absolutamente nada, prosa ou verso, pintura ou esculptura, sobrevive aos seus progenitores: são progenitores de creanças condemnadas á morte.

Ao contrario dos criticos ou poetas bordalengos, a que me tenho referido, que talham para a direita e para a esquerda, e fazem, como autoridades que julgam ser por direito divino, affirmações categoricas, sem as provarem, esquecendo-se de que no mundo das sciencias, como no das artes, affirmar sem provar o mesmo é que não affirmar, é meu costume invariavel o sustentar com provas aquillo que digo.

Aquella these, acima enunciada, já por vezes a tenho sustentado.

Sustental-a-hei, ainda uma vez, com novos argumentos.

O poeta, dizem os taes criticos, deve commover, deve transmittir as suas sensações a quem o leia. Dizia isto Quintiliano ha uns vinte seculos, e entre nós, o Padre Cardoso no seu compendio de rhetorica;[III] elles, porém, presumpçosos até nos fazerem cahir de batecú a rir, apresentam essa mesma cousa como um principio esthetico moderno, seu, original.

II Cita uma passagem dos *Portraits Contemporains* (1886), de Théophile Gautier: "Tous ces poèmes sont faits avec un soin, une clarté et une délicatesse extrêmes; on voit que l'auteur, dans ses longs loisirs laborieux, pesait chaque vers, chaque mot, chaque syllabe dans des balances d'or, s'inquiétant d'une assonance, d'une allitération, d'une nuance ténue de la pensée, – toutes choses dont se soucie peu le vulgaire, épris d'affabulations compliquées et d'aventures romanesques".

III Trata-se do retórico do séc. I, Marcus Fabius Quintilianus, e do padre A. Cardoso Borges de Figueiredo, autor de *Instituições Elementares de Rhetorica* (1851).

Seja ou não seja assim, pergunto: que se importa quem passa, que se importa o mundo com as commoções, com os sentimentos de tal ou tal poeta? Que nos importa a nós que elle ame, que seja feliz ou infeliz nos seus amores? que adore a paizagem que vê da sua janella, que sonhe negro ou côr de rosa?

Que se importa a humanidade com isso?

Vá por uma rua fóra um d'esses criticos poetas; approxime-se do primeiro homem que passe; segure-o pelo botão do frak, e diga-lhe que a mulher dos seus pensamentos é um anjo; conte-lhe os seus amores, e verá que esse homem, depois de o olhar com inquietação, apita, chama por soccorro, e aos que vem para o soccorrer, grita enfiado: «agarrem este homem, que foi accomettido de alienação mental!»

O homem é o publico. Que se importa o publico que o poeta ache o mundo bom ou mau, a vida alegre ou triste? que queira viver n'uma casinha á beira-mar, ou, monge, n'um êrmo obscuro?

Mas, eis que o poeta chama em seu auxilio a arte: o que era vulgar, o que não commovia, reveste uma fórma insólita, deixa de ser commum; o pensamento christalliza-se, idealizado, e o homem de ha pouco, prêso, subjugado pela mysteriosa influencia do bello, ergue a mão, que segurava o apito, para que se faça silencio e todos melhor ouçam a voz do poeta...

Quem lêr o livro de versos de Antonio Correia d'Oliveira: *Allivio de tristes*,[IV] n'elle verá uma prova irrecusavel, manifesta e viva, d'estas ideias. O delicado poeta das margens do Vouga conta-nos os infortunios da sua familia: o casal paterno, hypothecado, vae passar ás garras de usurarios: a morte ceifa a vida ao pae, a um irmão querido, e já olha, sinistra, para a trémula viuva, que só n'ella vê o termo das suas desditas.

Tudo isto é realmente vulgar: estes factos, por serem de todos os dias, por succederem mais cedo ou mais tarde em todas as familias, não

IV Além desta obra, publicada em 1901, João Penha havia já recenseado um outro livro de António Correia de Oliveira (*1878 †1960) – vd. texto editado no n.º 739.

commoveriam ninguem, se o narrador não fôsse um verdadeiro artista. Os seus versos, que fazem lembrar os de Diogo Bernardes,[V] teem a vaga suavidade de musicas que, em noites de luar, se ouvem ao longe, e vão esmorecendo de quebrada em quebrada; não teem symbolicas phantasias: sobresahem pela sua commovida singeleza, pela sobriedade
86 do estylo, e pela classica pureza da linguagem. Por essa fórma, tão perfeitamente adequada aos pensamentos, o poeta transmitte-nos as commoções da sua alma:

«Outros vivem na casa de meus pais,
90 Campos que foram meus, já o não são,
Outros que ainda o são, não serão mais.

Já desde pequenino ouço um pregão
93 De tamanha desgraça e desventura
Que se me apertam alma e coração.

95 Já lá tenho meu pae na sepultura,
96 De dois irmãos que tive, só um ficou,
Outro cá vem na senda da amargura.

E aquelle sereno bem que me sobrou,
Minha unica alegria, anda previsto
100 Que cedo a levará quem os levou.

101 Pois minha mãe a vejo, e sempre hei visto
102 Tão ralada de penas e tormentos,
Que até parece a mãe de Jesus Christo... [VI]

V Também o poeta quinhentista Diogo Bernardes era natural do Alto Minho, celebrando a paisagem rural nos seus versos.

VI Neste texto, Penha cita algumas passagens do livro de António Correia de Oliveira, introduzindo contudo variantes que resultam de falha de transcrição. Vd. os originais, no Arquivo documental III (ao Aparato Crítico).

Tambem não é feliz nos seus amores este bom rapaz. Amou, mas não quer que ella o saiba. Com a esperança de a ver, está horas e horas á sua varanda, – mas ao ella passar, abaixa pudicamente os seus olhos. *J'aime en silence*, dizia o poeta d'Elvira.[VII]

É assim que elle a ama.

Quantas vezes me deixo aqui ficar
N'esta varanda a ver se passa aquella
A quem devo a alegria de chorar!

Aquella doce e singular donzella
Por que me sinto bom, só porque choro,
E peccador me vejo ao lado d'ella:

Aquella a quem eu amo e não namoro,
Pois meus olhos abaixo quando passa,
Meu coração descora, e eu descoro...

Toda luz, toda airosa, toda graça,
Ora é nuvem que o sol para si toma,
Ora é sol que uma nuvem despedaça.

As canceiras da vida, comtudo, afastam-no da senda florida dos amores: elle, descendente de uma das mais antigas e mais nobres familias da Beira, julgar-se-hia feliz com um lugar, que um Hintze Ribeiro, um Alpoim, um João Franco,[VIII] – que não desadoram as lettras, – lhe dessem n'uma secretaria do Estado. É que as suas pobres irmãs já não teem outro arrimo:

VII Trata-se de Alphonse de Lamartine (*1790 †1869), poeta romântico das *Méditations Poétiques*. Trad.: "amo em silêncio".

VIII Refere alguns políticos portugueses da altura: o líder do Partido Regenerador, Ernesto Hintze Ribeiro (*1849 †1907), o progressista José de Alpoim (*1858 †1916) e o líder do Partido Regenerador Liberal, João Franco (*1855 †1929).

Minhas doces irmãs e meus alentos,
Tão lindas como o lume do meu lar,
Mimosas como as freiras dos conventos...

Se um rouxinol morreu de tal cantar,
Receio que meus olhos esmoreçam
De tanto ver soffrer, tanto chorar...

Mas Deus queira que os homens não me empeçam
De lhes ganhar aqui em suas vidas
O que ellas lá no ceu a Deus mereçam.

Este precioso livrinho termina por um quadro de costumes, que de per si só vale um grande poema.

Está ahi todo o poeta, como elle é, como é a sua alma; está ahi a critica vivida da sua propria obra.

É a hora do serão. Na sala, ou na lareira talvez, estão, na sua antiga poltrona, a pobre viuva; ao lado, as filhas, brancas e tristes como um luar do outomno, e, talvez alguns d'aquelles velhos serviçaes, que faziam parte das familias historicas.

O poeta acabara de lêr o *Allivio*:

Á hora do serão, hora serena,
Que tem um não sei quê de devoção,
Uns ares mysteriosos de novena,

Comecei eu a lêr com commoção
Os versos que escrevi, como dictando
Os foi meu pobre e triste coração,

Fez-se silencio em roda. Repoisando
A costura ficava. Olhos poisavam
Em mim e na minha alma. E ás vezes, quando

Os meus olhos erguidos perguntavam
O que aquelles doces corações sentiam,
As bôccas eram mudas, mas fallavam

Os olhos d'onde as lagrimas corriam...

Antonio Correia é um poeta resignado: o que o consola são as lagrimas: o allivio dos tristes.

Permittam os fados que dias risonhos e de felicidade raiem ainda no ceu caliginoso da sua existencia actual. De contrario, melhor lhe seria morrer já, porque, como diz Diogo Bernardes:

Ditosos são os tristes, quando morrem
Começando a ser tristes, pois não sentem
Quanto de vagar grandes tristezas correm... [IX]

Este seu novo livro e o anterior, o *Auto do fim do dia*, ácerca do qual já escrevi algumas linhas, collocam-no, em primeira plana, entre os nossos melhores poetas lyricos.

Aqui está outro que tem grandes affinidades com elle: Ribeiro de Carvalho.[X] É tambem um soberbo poeta lyrico, lyrico até no seu entranhado amor á patria.

Com a cabeça ardendo em fogo, e julgando-se ainda no seculo XVI, deixou a terra de seus paes, heroes e cavadores, e foi-se por esse mundo em fóra, em cata de aventuras, e talvez, como os nossos antigos navegadores, em busca de cabedaes. D'essas longinquas paragens, alquebrado, triste e cheio de desenganos, voltou ás terras que lhe foram

IX A citação pertence à Elegia III das *Rimas Varias, Flores do Lima* (1597), de Diogo Bernardes.

X O autor do segundo livro recenseado, *Terra de Portugal* (1901), é o poeta Joaquim Ribeiro de Carvalho (*1880 †1942). Nascido em Arnal (Leiria), frequentou o seminário, antes de iniciar a militância política.

berço, ás margens do Liz, e fez-se pastor de saudades. As estrophes da partida, sem pomposos arabescos improprios do quadro, teem o encanto da simplicidade. A arte, cuidadosamente observada em seus principios essenciaes, deu ao que era pueril e vulgar, o aspecto das cousas bellas, commoventes:

N'um dia de Maio com risos e flores
    Parti do meu Lar,
Levava no peito o meu sonho de amores
Maior do que a terra, mais vasto que o mar.

As noras do rio, n'um chôro plangente
    Diziam-me adeus:
E eu nem reparava, lá ia contente
De ali, ao meu lado, ver todos os meus.

Passei pela Egreja, e o bom padre cura
    Sorriu de me ver;
«Estuda com alma, que eu quero a ventura
De dar-te o rebanho, se um dia morrer.»

O velho coveiro fitou logo em mim
    O olhar, de remissa,
Pensando, coitado, se velho já assim
Ainda me havia de ouvir dizer missa...

Depois pelos campos, ceifeiras do trigo
    Diziam, pasmadas,
Se tendo crescido juntinhas commigo
Por mim ainda haviam de ser confessadas.

E eu via isto tudo, com certa vaidade,
    Com certo prazer...
Mas lá o ser padre... que pouca vontade
    Eu tinha de o ser!

Lembravam-me uns olhos de esperanças divinas,
Mais tristes que os meus,
Que eu vi a chorarem por entre as cortinas
Dizendo-me adeus...

Mas lá me fui indo, depois de magoado
Beijar minha mãe...
Poetas da morte, chorae o meu fado,
Que um fado mais triste não teve ninguem![XI]

Todo o livro: *Terra de Portugal*, escripto em linguagem genuinamente portugueza, revela-nos a alma d'um verdadeiro artista, uma natureza sincera. Por vezes sentimos, ao lêl-o, os sadios perfumes das giestas em flôr; por vezes o cheiro acre, tão amado dos que vivem no interior das terras, das algas marinhas.

Elle, o Malfadado, e Antonio Correia, o Triste, são sobretudo dois artistas honrados: os seus versos são feitos á sua imagem e semelhança, e é n'isso, unicamente, que consiste a probidade no mundo das lettras.

XI Penha cita uma passagem do livro de Ribeiro de Carvalho, introduzindo contudo variantes que resultam de falha de pontuação. Vd. o original no Arquivo documental III (ao Aparato Crítico).

741

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 142-145.]

OS DOIS MONUMENTOS

A morte não é mais que uma operação, feita pela natureza, para a renovação dos corpos: é uma operação necessaria, e sem a qual o espirito, o lumen immortal que em nós existe, ficaria eternamente detido, pela substancia contingente que o reveste, sem que podesse ascender para um estado mais perfeito. Por isso, a necessidade da morte está, como um bem, na consciencia de todos; nem o terror que ella inspira, é outro senão o dos soffrimento physicos que a acompanham. A João de Deus,[I] como filho dilecto da Força infinita, Força infinitamente Intelligente e Sensivel, foi concedido transpôr o lance temeroso sem angustias, e, feliz, no momento em que a sua alma radiosa se desprendia da materia para prosseguir na sua evolução através do infinito, bem podia dizer, como o poeta romano, que no astro obscuro, d'onde partia, deixava um monumento mais duradouro que o bronze.[II]

Inda ha pouco, como a esse mesmo poeta, a Musa, evocada pela nação inteira, lhe viera cingir a fronte com os louros immortaes.[III] Fôra a consagração do seu genio d'outr'ora, que ainda por vezes irradiava vacillante, como a luz de um astro que depois de extincto esplende ainda durante longo tempo no espaço infinito. Aquelle espirito gentil já ha muito partira para regiões ignotas nos rastros da alma de Rachel,[IV] da

I Este texto foi originalmente publicado numa homenagem póstuma ao poeta João de Deus (*1830 †1896).

II Alude a um verso de Horácio – "Exegi monumentum aere perennius" (*Odes*, III, 30, v. 1) – onde o poeta proclama que erigiu um monumento de palavras, mais perene do que o próprio bronze, o qual lhe garantirá a imortalidade

III Refere a grande homenagem nacional que os estudantes de Coimbra organizaram em 1895, culminando com a entrega da grã-cruz da Ordem de Santiago da Espada.

IV Sobre a amada de João de Deus, vd. o texto editado no n.º 720.

alma gêmea da sua. A morte, resgatando-o das prisões da existencia actual, patenteou-lhe os áditos mysteriosos de outros mundos distantes, mais esplendentes, onde, talvez, lhe será licito realisar o sonho que
23 antevira nas poucas horas felizes da sua transitoria mocidade.

O monumento, que nos legou, é, como o erguido por Horacio, o primeiro poeta que soube unir o rhythmo italiano á lyra melodiosa dos
26 gregos, – *aere perennius*, mais indestructivel do que o bronze,[V] maior que as pyramides dos reis. Os diluvios devastadores, o vento impetuoso, a fuga dos tempos, a torrente dos seculos, não poderão destruil-o. A obra
29 do maior poeta lyrico da raça latina no seculo XIX será eterna.

Os seus restos mortaes jazem no Pantheon de Belem, necrópole destinada aos grandes homens que honraram a patria. Isso, porém, não basta. Da gloria de João de Deus, gloria que irradia até aos confins da terra, todos nós participamos, porque era um poeta nosso. Por orgulho, portanto, para com estranhos, e por gratidão para com elle, levante-se-lhe na metrópole um monumento que, não podendo ser tão duravel como a sua obra, transmittirá ao menos aos vindouros, durante seculos, as feições que elle tinha.

Quaes?

39 As dos seus ultimos dias, alquebrado pela edade e pelos soffrimentos, curvo, já morto?

Não. As da sua mocidade, as da epocha em que esculpiu as *Flores do Campo*:[VI] negra a ampla côma, sôlta aos ventos; firmes e correctos os
43 traços do seu rosto, expressivos os seus grandes olhos serenos.

Como?

45 Com as vestes pendentes e negras de um pedagogo, com a
46 *Cartilha maternal*[VII] aos pés?

Não. Com o antigo manto academico, uma quasi toga, traçada á
48 moda dos grandes poetas gregos e romanos: na mão a lyra symbolica: a

---

V Cita parcialmente um verso de Horácio – "Exegi monumentum aere perennius" (*Odes*, III, 30, v. 1). Trad.: "mais perene do que o bronze".

VI Trata-se da coletânea de versos que João de Deus publicou em 1868.

VII Esta obra, publicada em 1876, propunha um novo método de ensino da leitura, distinguindo João de Deus como um dos mais eminentes pedagogos do séc. XIX

das tres cordas.

Em bronze? Não.

De marmore. A pedra sobrevive ao metal: a estatua collossal de Sesostris ainda se patenteia, meio soterrada, nos areaes do Egypto;[VIII] o ferro e o bronze d'essas epochas longinquas consumiu-os o tempo na sua passagem devastadora.

55 De marmore branco de Carrara: branco como a luz dos astros;
56 candido como o seu espirito; immaculado como a sua existencia.

VIII Refere-se a um dos Colossos de Tebas, que, segundo Pausanias (I, 42, 3), deveria representar o faraó Sésostris. Também o pintor francês Jean-Léon Gerome (1824-1904) retratou as estátuas gigantescas, num quadro intitulado *Les Colosses de Thèbes, Memnon et Sésostris* (1856).

742

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 146-151.]

DA TERRA AO SOL

Uma das nossas quatro grandes poetizas: Branca de Gonta, Albertina Paraizo, Domitila de Carvalho e Zulmira de Mello,[I] fez, ha tempos, um bello soneto em que, como Rostand pelo bico de Chantecler,[II] faz um enthusiastico hymno ao Sol, acabando por chamar-lhe seu papá.

Qual d'essas luminosas estrellas foi a que compôz esse notavel soneto, eis o de que já me não recordo, e como preciso d'uma, determinada, para os fins que tenho em vista, fixo-me na primeira, salvo para as outras, a quem aqui apresento as minhas homenagens de admiração, o seu direito de reivindicação.

Portanto, o Sol, o grande Sol radioso, é, segundo D. Branca affirma em melodiosos versos, o seu creador, o seu papá.

Mas, sendo assim, que papel representou o nunca esquecido poeta do D. Jayme,[III] na procreação de tão adoravel creatura? Teria ella dois papás? Nada do que observámos ha dez mil annos nos autorizaria a admittir semelhante phenomeno.

Qual d'elles, pois, o será? ou não o será nenhum d'elles?

Somos nós realmente filhos de nossos paes? Philosophemos um pouco sobre este mysterioso assumpto.

I Enumera algumas poetisas e intelectuais portuguesas da viragem do século: Branca de Gonta Colaço (*1880 †1945), Albertina Paraíso (*1874 †1954) – diretora de várias publicações – Domitila de Carvalho (*1871 †1966) – a primeira mulher a estudar na Universidade de Coimbra – e Zulmira Melo (*1879 †1964) – a discípula de João Penha.

II O dramaturgo francês Edmond Rostand (*1868 †1918) é o autor de *Chantecler* (1910), cujo protagonista é um galo que acreditava ser o responsável pelo nascer do dia.

III Refere-se ao Conselheiro Tomás Ribeiro (*1831 †1901), autor do livro *D. Jaime* (1862) e pai da poetisa Branca de Gonta Colaço (*1880 †1945).

Supponhamos que D. Branca, andando a jogar o lawn-tennis, perdia um dos seus bellos olhos, e que esta catastrophe acontecia, sendo ainda vivo seu papá, Thomaz Ribeiro. – «Papá, dizia ella afflicta, perdi este ôlho: o papá foi quem me fez: faça-me outro egual ao perdido.»

E Thomaz Ribeiro, desesperado, collocar-lhe-ia na órbita vasia um de vidro; e se fôsse uma perna (horror!) o que ella em qualquer desastre tivesse perdido, mandava fazer-lhe uma de pau!

Ora, o que d'aqui devemos logicamente concluir é que nossos paes não o são senão apparentemente, ou, com mais acêrto, não são, quanto ao *multiplicamini*,[IV] senão os instrumentos de alguem.

De quem? Seremos nós, como o affirma a romanesca poetiza, filhos do Sol?

Para a solução possivel d'este metaphysico problema, convém que averiguemos, á face das observações dos maiores sabios, que se tem occupado do assumpto, o que seja esse astro, centro do nosso systema planetario, que nos encanta, sobretudo ao nascer, ou quando se atufa nas ondas tumultuosas do mar.

Se um inferno existisse, ou podesse existir, ahi seria o inferno.

Milhões de vezes maior do que a Terra, está ainda em completo estado de ignição: Ahi não ha uma gotta d'agua, uma pedra, um palmo de terra; para todos os lados e em todas as direcções, projecta, em ondas furibundas, linguas de fogo, e de metaes em fusão, que medem oito mil kilometros, ou mais, de extensão, e que recahem no centro do monstro, com um estrondo incessante, que despedaçaria os ouvidos humanos, se ouvidos humanos o podem ouvir, – e o seu calor é tal, que, se, como diz Camillo Flammarion,[V] a Terra n'elle cahisse, os altos montes, o Chimboraço, os Alpes, os mares, emfim, tudo se fundiria, n'um minuto, como se fôsse uma bola de cebo!

IV Alusão à passagem bíblica (Gn. 1: 22): "Crescei e multiplicai-vos".

V Segundo o astrónomo francês Camille Flammarion (*1842 †1925), em *La Fin du Monde* (1894), se a Terra, na sua órbita, chocasse com um sol, seria consumida instantaneamente, como uma maçã lançada para uma fornalha.

As estrellas, as «conversadas» d'um bello poeta transatlantico, – outra cousa não são senão soes d'outras nebulosas, como este que nos alumia o é da nossa, enormes, de côres variadas, com seus planetas, e estes com os seus satelites, povoados de humanidades, e de outros seres de uma variedade infinita, pois que, onde ha o infinito dos mundos, ha o infinito das fórmas.

Imagine-se em que estado de civilisação e de progresso estarão esses mundos, já existentes ha myriades e myriades de seculos, antes de ter sahido a Terra do ventre do Sol! Que esplendente, que maravilhosa não será ahi a Vida, debaixo dos seus multiplos aspectos!

E tudo isso: soes, planetas e satelites, gira vertiginosamente sobre os seus eixos: os soes com as suas cabelladuras de chammas, em turbilhões diabolicos; os planetas, com as suas atmospheras de azul, mas onde por vezes fuzila o raio, e os cyclones se revolvem, uivando sinistros: tudo gira, se move e caminha, com a rapidez do sonho, mais do que a da luz, mais do que a do pensamento, em direcções obscuras e desconhecidas, sem um só momento de repouso; e por mais que todos esses astros se movam e caminhem, estão parados, porque está parado quem tem sempre, diante de si, o mesmo espaço a percorrer: o infinito!

Aqui, porém, me interrompo por um momento, que esta voz, que com surpreza acabo de ouvir, sahida da bôcca soberana d'um pae da patria: «Senhor presidente, peço a palavra sobre a ordem, para um requerimento» – me faz descer d'esses tremendos e allucinados mysterios, que não são uma phantasia astronomica, mas uma realidade, affirmada por Képler, Fontenelle, Herschell, Arago, Laplace, padre Secchi,[VI] e outros, mas faz descer, digo, para o ponto concreto que me occupa, ou antes, para a conclusão do argumento, cujas premissas ahi ficam vagamente expostas.

VI Refere-se aos astrónomos Johannes Keppler (*1571 †1630), William Herschel (*1738 †1822), Dominique François-Jean Arago (*1786 †1853), Pierre Simon, Marquês de Laplace (*1749 †1827) e Angelo Secchi (*1818 †1878), bem como ao escritor francês Bernard Le Bouyer de Fontenelle (*1657 †1757), autor dos *Entretiens sur La Pluralité des Mondes* (1686).

Já sabemos o que é o Sol, e como o sabemos, é-me licito perguntar: de que meios e de que instrumentos se serviu elle para fazer os bellos olhos sonhadores, a ampla cabelladura, emfim a deliciosa pessoa da autora do philosophico soneto, que deu origem a estes dizeres? De que instrumentos se seviu para fazer tudo quanto n'este globo vive, agita e move?

Eu, talvez, por manifesta fraqueza intellectual, não os conheço, e até que sabios inscriptos no grande livro da pobre sciencia humana me não provem o contrario, nego que elle, o grande Sol, tenha creado, ou crie o quer que seja: vivifica e conserva as existencias, e a isso se limita o seu papel, assás importante, de astro de luz e calor.

Mas então, dir-se-ha, se nós não somos filhos de nossos paes, segundo os assentos do registo civil, e se o não somos do Sol, quem nos fez, de quem descendemos nós?

Do Avô da luminosa poetiza, segundo a filiação que ella a si propria se attribue: do papá do Sol, e de todos os outros astros: do creador de tudo quanto existe: de Deus.

E d'esta minha humilde affirmativa, peço, curvo e respeitoso, perdão áquelles que lhe negam a existencia, e não só a esses, mas tambem áquelles que, além de lh'a negarem, em altos gritos pedem que o matem!

743

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 152-164.]

DE PARIS A LISBOA[I]
(Viagem a todo o vapor pela litteratura contemporanea)

Perguntando alguem a Alexandre Dumas[II] qual a sua opinião ácerca dos novos escriptores, novos então, mas já agora velhos, ou que deixaram prole, respondeu: «escrevem melhor, mas nós tinhamos mais imaginação.» Este «nós» era a enorme pleiade dos romanticos, e esses, realmente, esgotaram tudo, mesmo quanto a combinações secundarias e ao elemento decorativo, que a phantasia, e, por vezes, a historia, lhes podiam suggerir. Os novos escriptores, portanto, vendo que, pelo lado da imaginação, não poderiam fazer vida, crearam o chamado realismo, não como o concebera e executara Balzac, ou mesmo Flaubert, na *Madame Bovary*,[III] mas um realismo baixo, em que se não estudam os sentimentos, mas as sensações; em que se analysa o homem, como se fôsse um simples animal que alma não tivesse. De ordinario, o estudo d'esses escriptores, alguns dos quaes de grande talento, como Paul Bourget, Marcel Prévost, Maupassant, e Abel Hermant,[IV] recahe sobre a mulher, não a honesta, especie que, para elles, ao que parece, não existe; mas sobre a mulher mundana, para lhe não dar o seu verdadeiro nome.

É sempre a mesma cousa: «Mariée trop jeune à un homme qu'elle ne connaissait pas...»

I Este texto, juntamente com o anterior, foi redigido em 1916 – vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico.

II Refere-se ao escritor Alexandre Dumas, pai (*1802 †1870), um dos principais nomes do Romantismo francês.

III Alude aos polémicos realistas franceses Honoré de Balzac (*1799 †1850) e Gustave Flaubert (*1821 †1880), cujo romance *Madame Bovary* (1857) valeu ao autor acusações de ofensa à moral e à religião, pelo tratamento cru do adultério.

IV Enumera alguns autores de romances psicológicos, que abordaram as paixões lúbricas da mulher devassa.

Baste! on sait le reste:[V] o moral é totalmente pôsto de parte, e o que se estuda e minuciosamente se analysa, são os diversos amores da heroina. Por vezes, e timidamente, é enunciada uma these: «por que motivo, essa mulher, amando como uma doida o seu amante, adorando-o, se entregou a outro?» *Cruel Enigma!*

Da penna do escriptor sahem hesitantes as palavras: hereditariedade, temperamento, degeneração, hysterismo, meio, mas a solução do problema deixa-o ás considerações do leitor! Que ingenuidade! que importa ao mundo a solução de semelhante problema!

Este genero, chamado pomposamente documentario, e cuja invenção Edmond de Goncourt com orgulho se attribue a si proprio no prefacio de *La Faustin*, tem poucas variantes, sendo a principal a que se baseia no systema inaugurado por Zola.

Todos esses escriptores são distinctos pelo aspecto, correctos no vestuario, o que, segundo Baudelaire, no prefacio das *Fleurs du Mal*, constitue uma bella manifestação artistica,[VI] e talvez honestos e decentes na sua vida privada, mas persistentes no seu teor de vida litteraria, não tendo eu conhecimento senão de um caso de conversão, mas esse importante: o de J.-K. Huysmans, que depois de ter collaborado com Zola e outros nas *Soirées de Médan*, e de ter escripto *Les Soeurs Vatard* e *A vau l'eau*[VII], cahiu em si, escreveu a *Cathédrale*, e depois de ter passado a mocidade e a edade viril a amar nossas senhoras de carne e ôsso, passou a amar, já depois de caduco, as de pedra ou de madeira. Creio até que morreu em cheiro de santidade.

Ao passo, porém, que esses romancistas e outros prosadores da decadencia se atolam nos immundos lamaçaes da vida moderna da sociedade em que se movem, e n'elles se aprazem, elevam-se os poetas ao mundo ideal das cousas bellas e romanescas, e d'ahi nos deliciam

---

V Trad. do Francês: "'Casada muito jovem com um marido que não conhecia...' Basta! Nós sabemos o resto".

VI Parece referir-se ao prefácio de Théophile Gautier à terceira edição das *Fleurs du Mal* (1868), e não a qualquer dos prefácios ou projetos de prefácio de Baudelaire.

VII Evoca alguns contos e romances naturalistas que Joris-Karl Huysmans (*1848 †1907) compôs até à década de 90, antes de se converter ao Catolicismo.

com seus maravilhosos cantos. Para elles a mulher não é simplesmente a carne, a carne destinada ao prazer: é ainda o anjo, ou a fada dos antigos trovadores, a flôr animada dos nossos sonhos, a nossa companheira na aspera lucta pela vida.

Esses poetas, os parnasianos, não tocam na terra senão para levarem para o mundo da sua imaginação o que n'ella ainda ha que, n'aquelle, possa ser idealizado.

De alguns esboçarei as figuras, a leves traços.

O primeiro, e um dos principaes, François Coppée, era um crente, que todos os dias ia assistir ao santo sacrificio da missa, mas nos seus versos não se respira o ar mephitico das velhas cathedraes; respira-se o ar puro dos montes e das campinas, os perfumes das flores: a mulher, de uns traços suaves e raphaelescos, é um idolo que o homem respeita adorabundo, ama, e póde amar, com orgulho. As perdidas, não as odeia, nem insulta: lamenta-as condoido, como no seu *Le Passant*.

Paul Verlaine é tambem um crente catholico-apostolico-romano, mas como ao mesmo tempo que frequenta as egrejas, tambem frequenta as tabernas, faz versos, mysticos, a sua mãe Maria Santissima, e profanos a outras Marias, uns e outros assaz vagos, de linhas pouco definidas, e que bem podem comparar-se ás canções do bobo do *Rei Lear*,[VIII] no sentido de que difficilmente se lhes descobre o nexo. É, como diz Catulle Mendès, um autor difficil, como nas escolas se diz de Ovidio, Horacio, Petronio, e de outros poetas menores.

Léon Dierx ergue a fronte aos ceus, e, humilde, interroga Deus sobre as diversas miserias da vida, sobre os problemas do mundo, e da nossa existencia, e, *lèvres closes*,[IX] Deus não lhe responde. Surprehende-o esse mutismo, mas, resignado, não blasphema.

Sully Prudhomme, esse é tambem um philosopho, e grande, em verso; estuda as aspirações do homem, e d'esse estudo conclue que elle aspira a uma cousa que não sabe o que é, a uma cousa que não tem nome: *qui n'a plus de nom*.

VIII Alude à tonta personagem da tragédia de William Shakespeare (*1564 †1616).

IX Trad. do Francês: "boca fechada".

Maurice Rollinat, cavas as faces, e cabello ao vento, canta elle proprio, com a voz estranha d'um ventríloquo, as suas macabras e lúgubres composições, d'uma feitura correcta e original, musicalmente sonorosas. Por vezes, detem-se diante da caveira imaginaria d'uma creança que amara, e no lugar onde ella tinha os seus grandes olhos azues, sonhadores, só vê as órbitas: dois buracos vasios. Nos seus versos, ouve-se, de quando em quando, o uivar surdo de lobos invisiveis; o piar funesto das corujas em torres abandonadas, a tosse ininterrupta de cavallos tysicos, moribundos. É satanico, mas bello.

Nos *Tropheus* de José Maria de Heredia, nativo da America latina, hespanhola, mas naturalizado cidadão de Paris, ha poesias triumphantes, sons de clarins de guerra, e, como em Pomerols e Léon Valade, outros dois gloriosos parnasianos, deliciosas composições ao amor, idylios perfumados, bucolicos, suavemente sonorosos, como o murmurio d'um riacho por entre as hervagens dos campos.

Como este relatorio seria interminavel, referir-me-hei, como conclusão já de antemão preparada, a Catulle Mendès, cujo primeiro nome é o d'um poeta romano, e o segundo, pelo aspecto, o de qualquer obscuro merceeiro, divino poeta que morreu despedaçado,[X] como Orpheu pelas bacchantes:[XI] *disjecti membra poetae;*[XII] – e a Armand Silvestre, oraculo cuja morte as musas e as cocottes de Paris ainda hoje lamentam, lacrimosas.

Ambos estes grandes parnasianos são de uma idealidade perfeita; pantheistas, tudo para elles tem alma, e os que os lêem sahem dos seus livros como d'um banho perfumado a jasmins e rosas; livros que poderiam ser lidos por vestaes e noviças, sem que as suas almas fôssem perturbadas pelos mais ligeiros pensamentos sensuaes.

X Catulle Mendès (*1841 †1909) morreu atropelado num túnel ferroviário de Saint-Germain-en--Laye, depois de acidentalmente ter caído à linha, estando o comboio onde seguia em andamento.

XI Na versão mais conhecida do mito grego, Orfeu foi violentamente assassinado por mulheres em fúria, que lhe despedaçaram o cadáver, lançando os fragmentos ao rio.

XII Cita-se um verso de Horácio (*Satirae*, I, 4, 62). Trad. do Latim: "Os membros do poeta esquartejado".

Mas eis que esses mesmos divinos poetas, nos seus romances ou livros em prosa, mudam totalmente de aspecto: seguem na onda revôlta dos romancistas a que, no principio d'estas cartas me referi: os de Armand fazem castos ou de devoções os do antigo Paulo de Kock,[XIII] e os de Catulle, poderiam disputar primazias, se não ao autor da *Terre*, pelo menos ao das *Demi-Vierges*.[XIV]

Como explicar este dualismo, verdadeiro phenomeno psycologico?

Outra explicação não vejo senão a que expuz no prefacio d'este livro:[XV] um poeta vive em dois mundos distinctos: o do seu pensamento, onde tudo é idealizado, e o das cousas reaes, que o cercam, e em que vive.

Aquelles dois poetas, elevando-se com as suas poderosas azas de condores áquelle primeiro mundo, produziram os seus livros de versos, mas não querendo, ou não podendo conservar-se ahi indefinidamente, desciam ao segundo, e produziram os seus livros em prosa, em que, ainda assim, não fizeram mais do que reproduzir, segundo as suas observações, ou segundo o seu modo de vêr, os costumes da sociedade em que viviam, sobretudo os das mulheres, costumes que pouco se afastavam dos que Juvenal descreve na sua tremenda satyra: *De mulieribus*, onde nos revela os mysterios da Deusa Bona.[XVI]

Todas as litteraturas, disse eu acima, ou se o não disse, faço-o agora, são como que o reflexo da que na capital do mundo se desenvolve e impera, não só quanto a fórmas, mas tambem quanto ás ideias.

XIII Extremamente popular no seu tempo, Charles Paul de Kock (*1793 †1871) foi autor de vários romances boémios, ligados ao mundo dos cabarets parisienses.

XIV Refere-se a Eugène-Marcel Prévost (*1862 †1941), cujos romances dissecavam paixões adúlteras, principalmente as femininas.

XV Nota dos editores de *O Canto do Cysne*: "O auctor não concluiu o seu prefacio e não entregou o original".

XVI Segundo Juvenal, durante as celebrações anuais em honra de Bona Dea, as mulheres romanas embriagavam-se, envolvendo-se em práticas sexuais licenciosas (*Satirae*, VI, vv. 316-344).

130 Comtudo, a chamada escola realista pura, isto é, impura, não alcançou entre nós senão um adepto, original e digno de ser lido: Eça de Queiroz. Teixeira de Queiroz, sem a pôr totalmente de parte, tem produzido romances de costumes, que ao passo que deleitam, e prendem, mesmo leitores gastos, podem andar em todas as mãos, e o mesmo poderá dizer-se dos livros de Julio Diniz: as *Pupilas do Senhor Reitor* e os *Fidalgos da Casa Mourisca* são duas obras-primas do genero.

Camillo nunca seguiu escolas, nem teve sectarios; pois esse, creador nas lettras patrias do verdadeiro realismo, é que deveria têl-os: foi um alto espirito, que influiu nos costumes do seu tempo, uma poderosa organização artistica: fazia rir, quando queria, como na *Queda d'um Anjo*, e nas *Scenas da Foz*, e chorar, como no *Amor de perdição*.

Talvez ainda lhe não levantassem uma estatua! Depois de Camillo seria irreverencia fallar de outros quaesquer romancistas, embora os haja, e bons, como por exemplo, Alberto Pimentel, poeta, que tem escripto romances, cuja linguagem correcta e sonora revela, logo ás primeiras linhas, aquella sua qualidade, e além de romances, muitos outros escriptos, de investigações mais ou menos historicas, substanciaes e interessantes, em que ha muito que aprender, sem receios, para quem o compulse, de qualquer indigestão espiritual.

Embora a sua obra não constitua o monumento de bronze de que falla Horacio, ha-de permanecer, e ha-de ser lida durante longos annos, ainda depois que, por ter cumprido, n'este planeta, a lei da expiação, o seu bello espirito surgir no de Marte.

Ainda excepcionalmente, direi duas palavras ácerca de outro romancista: Anthero de Figueiredo, cujos dois romances historicos, *D. Pedro e D. Ignez* e *Leonor Telles*, tiveram um excepcional acolhimento da parte do publico, facto que realmente não significaria nada, se esse ainda novo escriptor não tivesse muito talento, ingénito, robustecido pelo estudo, e por um grande amor ao trabalho. Nos seus livros anteriores, revela-se um quási poeta, sonhador, um visionario doentio de cousas tristes, reaes ou symbolicas; transitando d'ahi para o romance historico, não mudou realmente de temperamento: é ainda um visionario

dos tempos idos, e de tão viva penetração retrospectiva que parece que n'esses tempos viveu, o que não estaria fóra da órbita das cousas possiveis, segundo uma certa philosophia que, amparado por Buddha, engendrei para meu uso, e de pessoas amigas.

Além das especies de que até agora, e pelo alto, me tenho occupado, outros escriptores ha, entre nós, que revelam excepcionaes aptidões artisticas e litterarias, apontando eu, de entre elles, como um dos principaes, Julio Dantas, medico retrospectivo, que investiga de hereditariedades, de temperamentos e habitos de altos personagens, principes e reis, dos seculos passados; que lhes toma o pulso e observa a lingua, os ausculta, receita, e scientificamente mata, exactamente como o faz aos seus actuaes doentes, reaes ou imaginarios, se é que exerce a medicina, o que eu ignoro; mas que é um bello escriptor, que pela originalidade e esthesia dos seus assumptos, prende, seduz e encanta; e para o qual os diccionarios da nossa vasta lingua não são, como para a maior parte dos nossos escriptores e jornalistas, que não vão além de quatro ou cinco verbos, sempre nos mesmos tempos, de uma duzia de substantivos, e de meia de adjectivos, diccionarios de termos obsoletos. É um dos que hão de ficar, como actualmente se diz.

Justino de Montalvão, esse é outro: caminha como um somnambulo por cidades, e por entre as multidões, e não as vê como ellas são, mas como a sua imaginação, naturalmente poetica, as vê; e assim como elle as vê, nos seus perfumados escriptos, rescendentes a geránios e hortensias, é que o leitor, suavemente commovido, as quer vêr tambem: melhor é o sonho que a realidade. As suas viagens pela Italia, e pela Flandres em ruinas, reunidas em volumes,[XVII] ficarão como monumentos nas estantes e bibliothecas d'aquelles que põem as artes do bello acima de todas as sciencias. Este adoravel visionario já tem, pelo menos, um discipulo, mas não um imitador servil: o joven autor do *Pão alheio*, Luiz de Almeida Braga. Ha ahi, n'esse livro estranho, paginas

XVII Alude a alguns livros de viagens de Justino de Montalvão (*1872 †1949), nomeadamente *Italia Coroada de Rosas* (1909) e *A Terra Encantada: Sensações de Pisa, Florença e Siena* (1911).

encantadoras, originaes, evidentemente sentidas, que desde já o collocam não longe d'aquelle seu glorioso mestre.

Muitos outros prosadores ha ainda, dignos de menções honrosas, mas, quanto a elles por aqui me fico, não só porque n'este momento seus nomes não me occorrem á memoria, mas tambem porque isto não passa de uma pequena viagem de recreio pela litteratura dos dois paizes.

Quanto a poetas: entre nós são a legião, de modo que, ainda quando a respeito de cada um d'elles eu escrevesse apenas duas linhas, este relatorio não teria fim.

Direi, pois, unicamente que é só por elles que a velha Lusitania affirma a sua existencia no mundo das artes, não a par das outras nações, mas acima de todas ellas.

Effectivamente, sem fallar de outros dos seculos passados, Anthero de Quental, João de Deus, Junqueiro, Simões Dias, Gomes Leal, João de Lemos, Gonçalves Crespo, Teixeira de Queiroz, Manuel Duarte d'Almeida, Pinto Ribeiro, Antonio Correia d'Oliveira, Eugenio de Castro, Bulhão Pato, José Gomes Monteiro, Candido de Figueiredo, Monsaraz, Lopes Vieira, Antonio Feijó, João Saraiva, Thomaz Ribeiro, Alexandre Braga, Fernando Caldeira, Luiz Osorio, e ainda outros de talvez menor grandeza, mas brilhantes, constituem, no seu conjunto, a mais alta, a mais radiosa das constellações que esplendem por sobre a face da terra.

Como talvez cause estranheza a quem tenha a surprehendente coragem de lêr estas linhas, que eu me não refira aos tres grandes deuses da poezia franceza: aos autores da *Legende des Siècles*, do *Jocelyn* e das *Nuits d'Espagne et d'Italie:* Victor Hugo, Lamartine e Alfred de Musset, explicarei que se o não faço é porque já os vejo muito ao longe, erguidos nos seus pedestaes de bronze, e tambem porque, pela sua grandeza, mal caberiam n'este restricto quadro de litteratura, em que não critico ou analyso obras, e em que apenas esboço, a traços, os perfis de alguns escriptores.

Por estas mesmas razões é que me não refiro a Garrett e a Castilho.

744

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 165-174.]

ALMÔÇO CAMPESTRE

O moço Lothário, que viera do Brasil para visitar seus progenitores, e adquirir bens, onde estes já alguns tinham, convidara o grande advogado para, em dia que se fixasse, ir á sua freguezia tomar apontamentos para uma acção, que desejava intentar contra a Canara Municipal.

O illustre causidico disse que sim, accrescentando como por brincadeira: «comtanto que o meu amigo me dê lá um almôço campestre, na relva, entre os arvoredos: gosto muito.»

A manhã do dia aprazado, uma manhã de Maio, estava deliciosa, d'uma frescura suave, sem uma nuvem n'um ceu azul desmaiado. Por entre as ramagens das arvores, chilreavam passarinhos; cantavam cigarras, e nas suas tócas os alegres grillos. Tudo era vida, e d'essa vida participavam almas e pulmões.

Findos rapidamente os serviços de investigação juridica, e tomadas pelo grande advogado as competentes notas, o joven Lothário, travando-lhe do braço, o foi encaminhando, por um carreiro, ao lado do qual corria, murmurando, um limpido riacho, para a habitação de seus paes.

Notei (porque o grande advogado era eu) que desde o portão da entrada até á porta da casa, para onde se subia por tres degraus de pedra, a terra tinha sido removida de fresco, arrancando-se hervas que a desfeiassem, e fazendo desapparecer pedras, em que eu poderia tropeçar.

Era chegada a hora do almôço: no ar havia o quer que seja de grave e de solemne.

Na vasta sala, já estava posta a mesa, uma mesa longa, em que vi pratos e lugares para mais de trinta convivas. A um dos lados do quadri-

longo, estavam umas grandes tulhas, cobertas de largas toalhas de linho, e que, para aquelle acto, tinham sido destinadas a copas e aparadores. Em cima, montanhas de pratos, de terrinas, de copos, canecas, garrafas, e talheres. Na parede, de um lado, um grande quadro com as bandeiras coloridas de todas as nações; e do outro, uma lithographia, representando D. Pedro IV e a rainha, sua senhora.

Não sei porquê, senti a alma como que confrangida, sobretudo ao vêr entrar, vindos talvez de outras salas, numerosos convidados, que, pelo seu aspecto e seus vestuarios, se me afiguraram morgados da visinhança, ou filhos-familias, á espera da successão de seus paes, agricultores abastados.

Tendo-me o moço Lothário designado o meu lugar, o de honra, como ainda então era, e é em muita parte, á cabeceira da mesa, todos aquelles convivas se sentaram, revelando nos seus aspectos, a mais viva satisfação.

Á minha esquerda, no angulo da mesa, sentou-se o velho chefe da familia, e á esquerda d'elle, a sua companheira, unica do seu sexo que foi admittida áquelle acto solemne.

Á minha direita, o amphytrião, que, por ter viajado em transatlanticos, e visto mundo, assumira as funcções de trinchante, quanto áquella secção da mesa.

Eram 7 horas, quando, com agradavel surpreza, vi que, em lugar da sôpa, se serviu uma odorante canja de gallinha.

Eu estava com certas apprehensões, porque embora a natureza me tivesse dotado com um bom estômago, me abstinha de certas iguarias, ás quaes a bôa hygiene torce o nariz.

Estavamos, pois, no primeiro periodo dos grandes repastos, no do *magnum silentium*, mas poucos minutos decorreram, que não passassemos ao segundo, o do *stridor dentium*.[I]

I Remete para o antigo provérbio latino: "In principio, silentium; in medio, stridor dentium; in fine, confusio gentium". Trad.: "No princípio, o silêncio; no meio, o ranger de dentes; no fim, a confusão da gente".

Vi effectivamente entrar, com suave contentamento, quatro travessas, com o chamado cozido á antiga portugueza, composto de carne de boi, gallinhas, paios, toucinho e presunto, couve-flôr e arroz, pratos estes que, de per si só, constituiriam um bom jantar.

Para logo, o joven Lothário que, como eu disse, era o trinchante d'aquella secção nobre da mesa (pois que para baixo mais trinchantes havia) com rapidez, arte e elegancia, compôz um prato de tudo aquillo, prato que collocou diante da minha pessoa.

– «Para que é isto?» disse eu surprehendido (porque aquelle meu quinhão bem poderia chegar para quatro pessoas).

– «Vá andando, doutor, porque talvez não haja muito mais que servir.»

Aquillo, com mais uns bifes, os classicos ovos, um bom copo de vinho (e delicioso que elle era) e o café, constituiria um bello almôço, se não principesco, pelo menos democraticamente burguez.

Ia diminuindo o estridor dos dentes, quando com dolorosa surprêsa, vi entrar duas grandes cabeças de pôrco, com pesinhos e feijão branco!

Eis o que eu receava: o pôrco!

E depois d'aquillo, e em pratos successivos, lombos, com rodelas de limão em cima, sarrabulhos, com os indispensaveis cominhos, e grandes travessas de tripas, loiras, como as antigas libras, de saudosa memoria.

E eu, como aquelle a quem era offerecido aquelle homerico repasto,[II] tinha, necessariamente, de comer de tudo, porque se o não fizesse, incorreria no desagrado de toda aquella bôa gente, e decerto, mais tarde, seria asperamente censurado, por descortez.

A minha esperança era a de que ficassemos por ali, mas essa esperança em breve se desvaneceu, dolorosamente.

Effectivamente, depois de alguns pequenos pratos secundarios, como filetes de pescada, croquettes, almôndegas e espargos, vi entrar,

---

II Alude aos banquetes descritos nas epopeias de Homero (a *Ilíada* e a *Odisseia*), em contexto guerreiro ou para acolhimento dos hóspedes.

solemnes, tres perús, assados ao fôrno, os quaes foram recebidos com a mais viva satisfação por todos os convivas.

Lothário, desde logo, chamou a si um d'aquelles infelizes gallináceos, e com admiravel destreza, passou, com suas mãos assás aristocraticas, onde scintillavam dois anneis com brilhantes, a desfazel-o, principiando pela aza esquerda, que, com parte do peito, collocou no prato que me serviu.

N'este momento o meu relogio marcava 11 horas, e na testa principiava a assomar-me o suor da angustia.

Á força de mostarda de Delpit, de azeitonas e de saladas, e do bom e fresco vinho da casa, fui aguentando, como pude, mas bem reconhecia que não poderia ir mais longe.

O que mais me admirava era a rapidez e o appetite com que todos aquelles convivas atacavam as diversas vitualhas, que se lhes offereciam, sem que deixassem restos alguns nos seus pratos, e até, ás vezes, repetindo!

O bom e alentado velho, chefe da familia, que, como eu disse, estava á minha esquerda, assim procedia tambem, e eu bem via que um ardente desejo o atormentava, desejo irrealizavel, o de tirar a rabona de panno preto, que vestia, para comer mais á vontade, em mangas de camisa.

Pela minha parte, o que eu desesperadamente desejava era que aquelle pantagruélico banquete[III] tivesse fim; mas mal eu pensava, áquella hora, o que ainda me aguardava.

Effectivamente, depois dos perús, dos quaes apenas ficaram alguns ossos, seguiram-se, successiva e ininterrompidamente, além de lagostas e outros mariscos, leitões assados, lombos de vitella, pescadas inteiras, recheadas, rodovalhos fritos, lombos de bacalhau, da pingadeira, com brócolos, frangos ensopados, empadas, lampreias de escabeche; emfim, um mixto, enorme e incongruento, de vitualhas, não

III Alude ao insaciável gigante da novela *Les Horribles et Épouvantables Faits et Prouesses du Très Renommé Pantagruel Roi des Dipsodes, Fils du Grand Géant Gargantua* (1532), de François Rabelais.

faltando até, caso estupidificante, as classicas frigideiras de Braga, do mestre culinario Covas!

Do lado detraz do lugar onde eu estava, havia uma grande janella aberta, que dava para os campos, e recordo-me de que, tendo-me resignado áquelle suicidio forçado, de um genero novo, e sem me levantar, porque já o não podia fazer, penosamente me virei para esse lado, para dizer adeus, para sempre, aos campos, aos altos castanheiros que, com leve sussurro, se baloiçavam ao vento; para dizer adeus á vida, a todos os seus prazeres, pois que em breve deixaria de existir!

E comtudo, aquelle martyrio sem nome ainda se prolongou durante mais de tres horas, e era quási como um autómato que eu comia sem saber o que comia, e bebia sem saber o quê.

Em meio d'esse horror eu só almejava por uma cousa: por um café, por muito café, para vêr se assim poderia retardar a apoplexia, que eu sentia imminente sobre a minha cabeça, mas, em lugar d'esse tónico e perfumano veneno, o que eu vi, já banhado em copioso sueiro, phenomeno em mim rarissimo, foi esse terrivel remate: o da sobremesa!

O quê? queijos inglezes; o de pinha e o Chester, os flamengos, pudings, grandes travessas de creme, e de arroz doce, trouxas d'ovos, castanhas loiras, de massa, pasteis de toda a qualidade, fiambres, fructas seccas, nozes, biscoitos, ananazes, geleias, vinhos generosos, Porto, Madeira e champagne, e, por ultimo, o chocolate!

E tudo isso desappareceu como um sonho nos abysmos insondaveis d'aquelles estômagos de Apricios!

Emfim, eram quatro horas da tarde, quando chegou a hora do resgate, estando no seu maximo grau o ultimo periodo dos grandes banquetes, o da *confusio gentium*: a grita era de ensurdecer!

Para me levantar da cadeira, onde estivera sentado, comendo sempre e bebendo, durante nove horas consecutivas, foi necessario que o moço e atroz Lothário me mettesse a vigorosa mão por debaixo d'um braço, e d'ahi, curvado como o Atlas com o mundo ás costas,[IV] e de

IV Refere-se ao gigante da Titanomaquia que tentou escalar o céu, sendo por isso condenado por Zeus a carregar a abóbada celeste aos ombros.

pernas escachadas, me fui penosamente arrastando para uma varanda, do lado das trazeiras da casa, que dava para um largo terreiro, varanda para onde todos os convivas convergiam, n'uma expansão alegre e ruidosa.

Que haverá ainda? pensava eu, preoccupado. Era, salvo o devido respeito, a visão dos cevados.

A um signal do chefe da familia, um serviçal abriu a porta d'um amplo cortêlho, e immediatamente, quatro enormes porcos, negros, se lançaram, n'uma grande expansão de liberdade, grunhindo felizes, em diversas direcções do terreiro.

Todos os admiraram, pela sua corpulencia, até eu proprio, e então o chefe da familia, que até ahi não pronunciara uma unica palavra, virando-se para mim:

– «Eram seis.»

– «Bem sei, pensei eu; dois comemol-os nós ha pouco!»

Logo que cheguei a casa, recolhi-me á cama, ordenando que, de meia em meia hora, me fôssem observar, e que, se eu, ao outro dia estivesse morto, fôssem chamar o Dr. Lessa para me verificar o óbito; o que é certo, porém, é que, contra o que seria de esperar, acordei bem disposto, alegre e contente, e com uma refrigerante limonada, e um longo passeio matutino, *ad agros*,[V] me senti capaz d'outra batalha; – mas, como aquella, isso nunca!

Seria necessario que, por um mysterio realmente incomprehensivel, o meu estômago se mudasse no ventrículo mythologico de Milon de Crotona, o qual, depois de ter morto com um só murro um vigoroso toiro, o comeu inteiro n'um só repasto.[VI] A Mythologia o diz, e o que ella diz é tão veridico, como, em geral, o que diz a Historia e o que a Philosophia inventa.

V Trad. da expressão latina: "para os campos".

VI Segundo a lenda, durante os Jogos Olímpicos, o mais robusto dos atletas gregos teria carregado aos ombros um touro de dois anos, correndo com ele até ao fim da carreira. Conta-se que o herói terá depois matado o animal com um soco e o comeu sozinho, no mesmo dia.

2. Textos esparsos



2.1. Prefácios em livros de outros autores



745

[Cunha Viana, *Relampagos* (pref. João Penha),
Porto-Braga: Livraria Chardron, 1874, pp. IX-XV.]

PROLOGO

O movimento progressivo das artes póde comparar-se a alguns rios da America do Norte, que, depois de percorrerem vastas regiões, desapparecem de repente em abysmos insondaveis, para surgirem de novo, em paizes longinquos, mais impetuosos e mais largos.

Para o viajante que segue poento o caminho encetado, e que só de quando em quando lança os olhos distrahidos ás cousas que o cercam, esses rios desapparecem nos antros da terra para nunca mais surgirem.

Mas para o homem, cuja vista se estende ao longe, e que submette os factos ao criterio da sciencia, os rios que além resurgem, são os mesmos que os abysmos tragaram; e a resistencias invisiveis, a mysteriosos mananciaes devem o impeto com que renascem, e a abundancia com que se espraiam.

O mesmo acontece com as artes: nunca ellas param, nunca ellas retrocedem; tornam-se porém invisiveis, para na sombra adquirirem forças, com que de novo se apresentem mais bellas, mais robustas, e mais dignas.

Temos um exemplo d'isto que avançamos, na historia da moderna poesia em Portugal.

Depois de a vêrmos, em plena Renascença, tomar as maiores proporções de belleza ideal, vêmol-a desapparecer no seculo XVII nas fauces obscuras da escola de Gongora: a arte tornara-se invisivel. Nos fins do seculo XVIII e principios do XIX, eil-a que surge de novo, tão bella como outr'ora, porém mais robusta. Uma pleiade de gigantes revocara-a á vida, insufflando-lhe nos pulmões doentes um ar vigoroso e puro. Finalmente, em 1830, a embates da escola romantica, sumiu-se

ainda outra vez nos abysmos da terra, para renascer em nossos dias, tão bella, como no tempo de Camões e Bernardes; tão robusta, como no tempo de Francisco Manuel, Bocage, e Garrett; mais digna, porém.

Para nos convencermos d'esta verdade, basta lançar os olhos pelos campos da nossa litteratura hodierna.

Cem poetas admiraveis, exuberantes de seiva e repletos de energia, em caminho para o ideal, vão deixando caír, de estadío em estadío, como a Atalanta da velha mythologia, os fructos d'ouro,[I] os sazonados pômos do seu genio assombroso.

Taes são, entre muitos outros, Guilherme de Azevedo, o poeta da *Alma Nova* e das *Radiações nocturnas*, que na lyra de bronze faz ouvir os ultimos lamentos d'uma civilisação que morre, os cantos infantís d'um mundo que resurge, e os hymnos vagos das gerações por
39 vir; – Guerra Junqueiro, o poeta da *Morte de D. João*, que em meio d'uma sociedade corrupta, faz da lyra azorrague, e em quanto, mais feroz que Juvenal,[II] vai flagellando o vicio nauseabundo, a estupidez beata, e a inepcia bojuda, sólta vozes suavissimas de renascimento, de consolação e amor; – Anthero de Quental, o poeta das *Odes modernas*, um dos gigantes da lenda antiga, que arrojaria os Andes á face de um deus, se esse deus fosse um tyranno; – Theophilo Braga, o poeta das *Tempestades sonoras*, que nas scenas do passado procura a philosophia das evoluções da humanidade, e a lei dos seculos futuros; – Guilherme Braga, o poeta do *Bispo* e dos *Falsos apostolos*, que em versos que são lava incandescente vai destruindo o templo, onde os augures sinistros d'uma religião intolerante e velha acabam de empobrecer os já pobres de espirito; – Candido de Figueiredo, o poeta do *Poema da miseria*, cuja lyra sonora, vibrada com mão segura, ora imita o chôro das creanças

I Segundo a lenda grega, Atalanta era uma heroína extremamente veloz, que demovia os pretendentes, admitindo desposar apenas o homem que a vencesse na corrida. A jovem vencia sempre, mas um dia, durante a prova, Hipómenes (ou Melânion) lançou para o chão as maçãs de ouro que Afrodite lhe dera, distraindo a jovem, que ao deter-se para as apanhar, perdeu a vantagem e teve de cumprir o prémio acordado.

II A poesia panfletária de Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923) inscreve-se numa sátira combativa, que tem como modelo o poeta latino do séc. I, Decimus Iunius Iuvenalis.

nuas, o lamento das viuvas sem abrigo, e a blasphemia do pobre sem trabalho; ora se desprende em hymnos, cuja melancolica toada leva as almas áquelle meditar incoercivel, que é a passagem do mundo real para o mundo feliz dos sonhos; – Gonçalves Crespo, o poeta das *Miniaturas*, cujo pincel minucioso não destruiria a fama d'um mestre da escola flamenga; – Maria Amalia Vaz de Carvalho, a poetisa da *Primavera de mulher*, que seria uma das nossas musas, se a philosophia moderna consentisse divindades pagãs, mas que sabe unir em cantos admiraveis a indecisa lamuria dos corações femininos ao verbo ardente das almas generosas; – Simões Dias, o poeta das *Peninsulares*, que ora vibra a harpa solemne dos prophetas biblicos, ora a guitarra plangente dos filhos do Guadalquivir; – Manuel Duarte d'Almeida, o auctor da *Aromatographia*, o poeta romano, que assiste coroado de rosas ao banquete da vida, desconhecendo o mal e a sombra, vivendo no bem e da luz; – Sousa Viterbo, o poeta do *Anjo do Pudor* e das *Rosas e nuvens*, que reune a um coração virginal, um espirito gentil; que tanto ama a natureza que se revela espontanea, como odeia o artificio que se ostenta vaidoso; – João de Deus, o poeta das *Flores do Campo*, cujos poemas divinos fariam chorar Henry Heine, o illacrymavel auctor do *Livro de Lazaro*;[III] – Thomaz Ribeiro, o poeta do *D. Jayme*, que em meio do caminho da posteridade já ouve ao longe o *fas tibi limina divuum*;[IV] – Eduardo Vidal, que nos tectos do Martinho vê paisagens mais bellas que as de Claudio Loreno;[V] em copos de cerveja, grupos de sereias que se debatem sorrindo; em florestas de tacos, a dança das willis dos bosques da Allemanha;[VI] na espuma das sódas, a espuma das ondas; e nas faces dos convivas, as rosas de maio; – Bulhão Pato, cujos versos melan-

III Refere-se ao poeta romântico Heinrich Heine (*1797 †1856), autor dos ciclos de poemas "Lazarus", do *Romanzero* (1851), e "Zum Lazarus", de *Vermischte Schriften* (1854).

IV Cita parcialmente o v. 358 do Liber IV das *Georgicae*, de Vergílio. Trad. do Latim: "a ti é permitido tocar o limiar dos deuses".

V Alude ao conhecido café lisboeta Martinho da Arcada e ao pintor paisagista francês Claude Lorrain (nome artístico de Claude Gellée, *1600 †1682).

VI Estes seres malévolos do folclore eslavo dançavam à noite nas florestas, atraiando os homens para a morte. Heinrich Heine inclui-as no seu *De l'Allemagne* (1833), influenciando Théophile Gautier no roteiro do bailado *Giselle* (1841).

colicos só podem ser comprehendidos por quem sente na alma a musica dos amores. E muitos outros poetas, tão bons e tão admiraveis como estes.

Mas, dirá alguem, n'esta epocha terrivel em que duas sociedades oppostas, uma decrépita e moribunda, mas revigorada pelo intimo esforço da tradicção e da fé; a outra, nova e robusta, mas enfraquecida pelo influxo de antigos preconceitos, tentam derrubar-se mutuamente em luta furiosa de gigantes; n'esta epocha de tristeza, de exaltação nervosa e de perplexidade, o canto d'esses poetas parece dever soar inopportuno, como risada estridente em sala funebre e luctuosa.

Não.

Esses homens, como já dissemos em outra parte, manifestações do pensamento absoluto, obedecem, quasi automatos, á fatalidade que os domina: a de reunir n'uma voz eterna e mysteriosa os sons dispersos da humanidade, que se agita inconstante.

Dos sorrisos e das lagrymas, de cada formosura e de cada monstruosidade, de todos os factos e de todas as idêas, tiram elles, como a abelha do calix da flôr, a melodia sonorosa e completa, que ha de mais tarde representar um seculo, uma epocha, uma civilisação: na bruma das idades só elles permanecem visiveis e inconcussos.

Os philosophos, que estudam origens e divindades; os sabios, que estudam mundos e constellações, só deveriam estudar poetas, que são o ideal mais puro das emanações do Indeterminado: são deuses, são mundos: e se Anaxágoras disse que o homem havia nascido para contemplar os astros,[VII] nós affirmâmos que os astros foram creados para contemplarem o poeta.

Ninguem ouse, portanto, acoimar de inopportuno o canto d'esses homens divinos; esse canto é logico e fatal: resulta d'uma lei absoluta e d'um facto que se revela.

Nem nos importe, se o não entendemos.

VII Refere-se ao filósofo grego Anaxagoras de Clazómenas, que ao perguntarem-lhe um dia para que nasce o homem, respondeu: "Para contemplar o sol, a lua e os céus" (Diogenes Laertius, II, 6).

Se nos parece alegre e extemporaneo quando tudo é melancolia e tristeza, lembremo-nos de que na desgraça ha risos convulsos; se nos parece lamentoso e plangente quando tudo é vida e contentamento, lembremo-nos de que na felicidade ha muitas vezes lagrymas.

Ora, a essa pleiade brilhante de genios, ao numero dos que assim cumprem na terra um destino fatal, vem juntar-se um novo poeta.

Fallâmos de Cunha Vianna, o autor d'este livro.[VIII]

Disse-nos elle, modestamente, que esperava tranquillo as decisões dos criticos, os bons conselhos dos poetas maiores, e a recompensa honesta dos homens de bem.

Tudo isso terá, porque tudo merece.

Em quanto a nós, se a modestia do novo escriptor se não oppozesse a encarecimentos, que poderiam ter-se como suspeitos; e a louvores, que julga não merecer ainda, não nos furtariamos ao prazer de saudar os *Relampagos*, não como estreia auspiciosa d'um poeta noviço, – mas como um livro admiravel d'uma intelligencia robusta.

E esta é a nossa opinião.

Contudo, ouçâmos o poeta.

12 de Julho de 1874.

VIII Membro de uma família proeminente de Braga, António José da Cunha Viana (*1851 †1890) estreou-se no mundo das letras com este livro de poesias. Seria mais tarde diretor da Biblioteca Pública (1878-1879), bem como responsável pelos periódicos *O Amigo do Povo* (1877) e *O Norte* (1885).

746

[Anthero de Figueiredo, *Tristia* (pref. João Penha),
2.ª ed., Porto: Typographia Occidental, 1893, pp. V-XXIII.]

PREFACIO

Deus, no principio, fez meia duzia de leis, com as quaes rege os mundos e os seres. Certos philosophos reconhecem a existencia d'essas leis; confessam, contra vontade, que não foi o homem quem as fez, mas negam a existencia de Deus. Para elles e para os seus sectarios, Deus é o homem. Para nós, tambem: para nós o homem é o deus que faz pernas de pau. Outros, pelo contrario, põem as mãos nas aras em como Deus existe, fundando-se sobretudo na existencia d'aquellas mesmas leis, as quaes, segundo dizem, se não fizeram a si mesmas, e tiveram, como tudo que se observa, um principio. Para estes, e para todos os mais que ainda não tiveram tempo de pensar sobre esta materia, o homem não passa de um modesto semi-deus, sujeito a todas as contingencias d'esta vida, quanto ao corpo, mas eterno, quanto á alma, na sua evolução progressiva atravez do infinito. Uns e outros, porém, são acórdes, e isto data desde que n'este
14 mundo sublunar ha philosophos, em que a todo o homem incumbe a alta missão de fazer leis, porque só d'esse modo, dizem os primeiros a que nos referimos, manifestará a sua força creadora, sem a qual não existe divindade absoluta; porque só assim, dizem os segundos, revelará a sua origem divina: feito á imagem e semelhança de um deus que fez leis, deve tambem fazel-as.

Nas primeiras epochas dos tempos historicos, o poder de fazer leis era prerogativa especial, conquistada á força de cajado ou á ponta de lança, de pastores, juizes, principes e reis. Mais tarde, pela diffusão successiva e gradual das idéas philosophicas, a que acima nos referimos, aquella prerogativa de tal modo se foi ampliando, que, actualmente, não ha ninguem que não faça leis, ou que, pelo menos, não as dê... em sua casa.

No mundo politico é onde este phenomeno mais accentuadamente se manifesta. Em todos os paizes civilisados estão officialmente levantadas officinas, vulgarmente chamadas parlamentos, onde todos os annos, e pelas mesmas epochas, homens, que se dizem eleitos do povo, fabricam montanhas de leis: leis de toda a especie, de todos os tamanhos e de todos os feitios; e é tal o estrondo que fazem, batendo com as maças nas încudes legislativas, que nem ouvem o turbilhão da vida que sobre elles passa vertiginoso sem que os arraste, e sem que os distráhia do seu labor de Sisyphos.[I] O orgulho d'esses operarios é incommensuravel, e tão subida é a honra, que se attribuem, confrontando-se com o Padre-Eterno, o primitivo deputado de si mesmo, que já agora, n'um paiz bem conhecido, vão dar ao mundo, que os olha de esguelha, o espectaculo inesperado de se alimentarem com a sua propria gloria.

No mundo das sciencias experimentaes já assim não succede: ahi os legisladores, exiguos em numero, são excessivamente modestos. Sábios lhes chamam os que o não são, e esse glorioso qualificativo o justificam elles plenamente em suas obras, mostrando que, se não ignoram tudo, não sabem realmente nada. Limitam-se a descobrir as leis naturaes, que um acaso lhes revela, mas, por uma desculpavel condescendencia, acceitam a paternidade das mesmas, como se ellas, antes, não existissem, e como se fossem elles quem as fizesse. Newton, por exemplo, é o padre-eterno inglez a quem a humanidade, reconhecida, deve as leis da gravitação e da decomposição da luz. Darwin, porém, vae mais longe. Segundo elle declara por uma benigna condescendencia para com os sectarios do genesis revelado, condescendencia que Hæckel,[II] apopletico de indignação, reprova, Deus consentiu em que a vida apparecesse no mundo, mas não interveio de fórma alguma na organisação dos seres, nem para esse effeito se deu ao

I Segundo o mito grego, Sísifo foi condenado pelo pai dos deuses a rolar eternamente um enorme rochedo pela montanha acima.

II O positivista alemão Ernst Haeckel (*1834 †1919) foi um dos principais divulgadores da Teoria da Evolução das Espécies, formulada pelo naturalista inglês Charles Darwin (*1809 †1882).

trabalho de crear a mais insignificante das leis. Essa falta, suppriu-a o phantasioso Moysés britannico,[III] creando a lei da selecção natural, e, para as lacunas, as da selecção sexual e da lucta pela existencia, leis de que, infelizmente, só existem vestigios... nas pandectas do transformismo.[IV]

Mas, – sahiâmos a toda a pressa do mundo scientifico, onde a pressão atmospherica nos obriga a uma postura circumspecta e grave, e entremos no das lettras, onde, mais á vontade, e de charuto na bocca, poderemos dar um passeio pelos jardins floridos da phantasia e da arte. Não faltam ahi, como em todos os mundos possiveis, os legisladores, isto é, os criticos; mas, ou porque não tenham investidura official, ou porque, como o antigo propheta, predecessor de Christo, preguem no deserto, os seus decretos são puramente platonicos e não obrigam ninguem.

Os da ultima hora dizem: que a moderna litteratura está dividida em tres escolas: a idealista ou romantica, a naturalista, e a realista. Dizem mais: que estas escólas se originaram na ordem de idéas ou na philosophia que, durante este seculo, tem, successivamente, predominado nos paizes onde se pensa e lê; e, finalmente, que, d'essas escólas, a primeira está morta, com o espiritualismo allemão, d'onde proveio; a segunda, cambaleante, como a philosophia de Comte, que n'ella influiu, e a terceira, a escóla do futuro, no seu periodo de
78 desenvolvimento, como o pantheismo dos pseudo-philosophos naturalistas, que lhe deu origem.

A este respeito seja-nos licito fazer umas ligeiras considerações. Quem publica um livro não o faz para o ler, publica-o para que os outros o leiam. Quer, portanto, produzir um effeito qualquer, effeito que, em todo o caso, não póde ser o do somno: para este ha o opio, a belladona e o Codigo do processo civil. Que effeito ou que effeitos podem ser esses?

III A alusão à personagem bíblica do Antigo Testamento prende-se com o papel anunciador que Darwin assumiu na Biologia Moderna.

IV A animosidade de João Penha para com as gralhas tipográficas foi uma constante, ao longo da sua vida literária.

Por mais que cogitemos sobre o assumpto, não vemos senão dois: o de
86 instruir, e n'esse caso o livro é uma obra de sciencia ou o de commover, e n'esse caso o livro é uma obra de arte.

Portanto, para que uma obra litteraria produza o effeito a que é destinada, é absolutamente indispensavel que impressione, prenda ou commova, por qualquer fórma, a alma dos leitores. Como? De diversas maneiras: pela producção de um trabalho artistico, que, pela sua esthetica, ou pelo pensamento que revele, seja idealmente bello; pelo estudo da lucta das paixões, que são sempre as mesmas, porque a natureza humana é immutavel; pelo desenvolvimento de uma acção, em que se estude e resolva um problema, que agite a sociedade; pela reconstrucção dramatica da sociedade e da vida dos tempos historicos; emfim, por todas as maneiras, pelas quaes se possa produzir na alma, educando-a, elevando-a, e consolando-a, a deliciosa voluptuosidade da leitura.

Ora, sob este aspecto, a maravilhosa pleiade dos escriptores romanticos constitue realmente uma escóla, absolutamente distincta das que se lhe seguiram; mas, sem hesitação negamos que o seja, como abstractamente pretendem os criticos philosophos, debaixo das tres unidades: de principios, de meios de execução, e de fins, subordinados a uma unica e determinada philosophia.

E realmente, que relação, proxima ou remota, póde haver entre as obras dos tres grandes poetas romanticos, Lamartine, Hugo e Musset, de temperamentos oppostos, de opiniões estheticas e de doutrinas tão contrarias? Entre as *Meditações*, as *Orientaes*, e os *Contos de Hespanha*
110 *e de Italia*? Entre o *Jocelyn*, *a Lenda dos Seculos*, e *Jacques Rolla*?[V]

Como subordinar ás mesmas idéas, ou á mesma philosophia
112 Balsac, catholico apostolico romano, o auctor da *Comedia Humana*; Dumas, o Walter Scott francez, uma das forças da natureza, segundo

V Refere-se a algumas das obras mais emblemáticas do Romantismo francês: as *Méditations Poétiques* (1820) e *Jocelyn* (1836) de Alphonse de Lamartine, *Les Orientales* (1829) e *La Légende des Siècles* (1859) de Victor Hugo, *Nuits d'Espagne et d'Italie* (1829) e *Rolla* (1833) de Alfred de Musset.

Michelet; Gautier, um pagão do tempo de Augusto, idealista nas suas theorias de arte, materialista na applicação d'essas mesmas theorias; a Sand, socialista, que nos desvendou o mundo mysterioso das mulheres;
117 Flaubert, o auctor da *Salambo*; Quinet, o do *Ashaverus*; Renan, o romancista da *Vida de Jesus*, e tantos outros?[VI]

De maneira nenhuma: entre esses escriptores, como entre as suas obras, tão diversas sob todos os aspectos, não ha ponto de contacto imaginavel, senão o que acima indicámos: o de educar, elevar e commover os que aos livros pedem sciencia, consolação e repouso.

Sob este mesmo aspecto, póde affirmar-se que a escola idealista não morreu: subsistirá sempre, porque, por mais positivo que seja um seculo, sempre o homem, perseguido pela realidade, se refugiará, pelo menos durante algumas horas do seu dia, no mundo das illusões. Já assim não succede com o naturalismo, e muito menos com o realismo. Na escola romantica admira-se a obra pela obra; na escola naturalista apenas se admira o auctor, e nem elle quer outra cousa, pois que o seu fim não é commover: descreve as cousas como ellas são, relata os factos, não como elles poderiam succeder, mas como vulgarmente succedem. Ao leitor incumbe apenas o trabalho de verificar se a materia escripta está conforme a realidade, e se o estiver, não admirará, como dissemos, a obra, que o não commove: admirará o auctor, pelo seu talento de observação, pela sua fidelidade nas descripções, e pela sua paciencia de artifice chinez. Quem ler o final dos *Trabalhadores do mar*,[VII] chora; quem ler um romance de Zola ou dos Goncourts, não chora, nem ri, – mas, se os encontrar na rua, respeitosamente lhes tirará o chapéu.

Na escola realista não se admira nem o auctor, nem a obra. Esta escola differe essencialmente d'aquella. A naturalista admitte persona-

VI Continua a enumerar alguns nomes emblemáticos do Romantismo francês: Honoré de Balzac (*1799 †1850), Alexandre Dumas pai (*1802 †1870), Théophile Gautier (*1811 †1872), George Sand (pseudónimo literário da baronesa de Dudevant *1804 †1876), Gustave Flaubert (*1821 †1880), Edgar Quinet (*1803 †1875) e Joseph Ernest Renan (*1823 †1892).

VII Trata-se do romance de Victor Hugo *Les Travailleurs de la Mer* (1866).

gens excepcionaes, casos que não sejam communs, como na *Terre*, de
143 Zola, e na *Fille Elisa*, de Edmond de Goncourt; a realista repelle tudo isto: n'esta, as cousas são descriptas, não como o artista as possa ver, mas como a multidão as vê: os modelos só os admitte vulgares, os meios
146 sem excepção alguma, e a acção, se ha, absolutamente commum. «Ni
147 distinction dans le choix des modèles, ni milieux spéciaux, ni types d'exception, point de vision particulière; la probité de l'observation est à ce prix.» – diz Brunetière,[VIII] – como se a excepção não existisse na natureza.

O erro principal d'esta escola é o de pôr totalmente de parte o fim a que toda a obra artistica é destinada, erro em que tambem cahiu,
153 embora mais comedidamente, a escola anterior, e é isso que as matou. Effectivamente, emquanto Dumas, e os principaes romanticos conservam ainda edições permanentes, que constantemente se renovam, tratam os editores francezes de se desfazer não só do realismo, mas tambem do naturalismo (exceptuadas algumas obras geniaes) por meio de uma tombola, a um franco, unico meio que se lhes depara para se desobstruirem de tão interessante litteratura.

Estas idéas, que expozemos, passeando de charuto na bocca, nos jardins floridos da phantasia e da arte, não eram as do moço escriptor, cujos primeiros trabalhos, por elle coordenados sob um titulo que faz lembrar o das elegias de Ovidio,[IX] vão ser lidos por todos quantos n'este paiz ainda podem furtar ás realidades da vida uma hora de quietação espiritual. Sentindo-se com irresistivel vocação para as lettras, e ignorando ainda que os verdadeiros mestres dos que principiam são os grandes escriptores, e que cada um se deve guiar, tanto quanto possa, pela sua propria intelligencia, e não pela intelligencia dos outros, entre-

---

VIII Esta citação do crítico francês M. Ferdinand Brunetière (*1849 †1906) é retirada do artigo "Le Naturalisme Contemporain" (*Revue D'Art Dramatique*, n.º 9, juillet 1890, p. 101). Trad.: "Nem distinção na escolha de modelos, nem meios especiais, nem tipos de exceção, ponto de vista particular; a probidade da observação tem este preço".

IX Alude ao longo poema em cinco livros, *Tristia*, que Publius Ovidius Naso (*43 a.C. †18 d.C.) compôs durante o exílio.

gara-se, percorrendo toda a escala desde Taine e Véron, até Brunetière e Lemaître,[X] a um estudo ininterrupto dos diversos systemas e das theorias, que actualmente se discutem no mundo da arte. Adoptando a opinião mais opposta aos verdadeiros principios da esthetica, queria partir pelo mundo emfóra em procura do novo vellocino: *o pensamento do seculo*, a fim de lhe subordinar as suas producções futuras.

Conseguimos, pelo menos temporariamente, demovel-o de tão extravagante projecto,[XI] provando-lhe, com argumentos de que já nos não recordamos, que se as idéas predominantes de uma certa epocha influem, como não póde negar-se, em toda a obra de arte que então se produza, não é porque o artista as procure, mas porque se respiram com o proprio ar que nos entra nos pulmões.

Aquelle que seguisse um systema contrario, constantemente preoccupado com idéas estranhas, talvez oppostas ás suas, perderia, a breve trecho, o seu modo proprio de ver as cousas, e de sentir, isto é, a sua originalidade, e de *pessoa* passaria a ser um numero indistincto de uma grande collectividade, um simples fabricante de productos litterarios.

Desistiu, pois, dos seus projectos, e em logar de partir pelo mundo em procura da *synthese das idéas do seculo*, partiu para a Suissa em procura da saude.[XII]

De volta, trazia o manuscripto do *Tristia*, onde debalde se procurarão vestigios dos principios de escola, que primitivamente adoptára. É o conjuncto das sensações de uma alma doente, que vê o mundo e as cousas, não como ellas são, mas como a doença ou a velhice as faz ver aos que já vivem sem esperança. Realmente tristes, e de uma

X Nomeia alguns dos principais críticos naturalistas franceses: Hippolyte Adolphe Taine (*1828 †1893), M. Eugène Véron (*1825 †1889), Ferdinand Brunetière (*1849 †1906) e François Jules Lemaître (*1853 †1914).

XI O autor do livro prefaciado, Antero de Figueiredo (*1866 †1953), era amigo íntimo de João Penha e com ele manteve uma frutuosa troca de correspondência, ao longo dos anos.

XII Na sequência de uma tuberculose, que obrigou Antero a interromper o curso de Medicina (em Coimbra), o jovem viajou longamente pela Europa, dirigindo-se depois aos Estados Unidos, onde escreveu este seu livro de estreia.

singeleza commovedora, fariam chorar a alma das rosas, se ellas entendessem a linguagem humana. Anthero de Figueiredo, portanto, revela-se-nos um escriptor de talento, não só pela orignalidade dos seus pensamentos, como pela correcção musical do texto, tão cuidadosamente trabalhado.

Podemos, pois, augurar-lhe um futuro glorioso, sobretudo se desistir, de vez, das suas projectadas correrias atraz do Incoercivel, e se se não esquecer de que

«Sans la langue... l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain».[XIII]

XIII Citam-se parcialmente os vv. 161-162 do Canto I de *L'Art Poétique* (1674) de Nicolas Boileau--Despréaux (*1636 †1711). Trad. do Francês: "Sem a língua... o autor mais divino é sempre, por mais que faça, um mau escritor".

747

[Alberto de Madureira, *Horas Perdidas* (pref. João Penha),
Braga: Livraria Escolar-Editora de Cruz & C.ª, 1899, pp. IX-XVI.]

PREFACIO

Ha em todos os poetas, que realmente o são, o quer que seja da natureza das mulheres, e é talvez por isso que ellas os preferem a outros quaesquer que as requestem, logo que sejam bonitos, elegantes, ricos, e um pouco marquezes. Têm a mesma delicadeza de sentimentos, a mesma sensibilidade affectiva, e o mesmo sonhar de chimeras, mas, ao mesmo tempo, os mesmos caprichos incoherentes, a mesma irritabilidade nervosa, e as phantasias originadas no seu espirito voluvel. Alberto de Madureira, que é um verdadeiro poeta, não podia fazer excepção a esta regra de affinidades, e é só a um capricho de mulher bonita que eu attribuo o seu amavel convite de o apresentar ao publico: ao feminino que o namora pelos seus olhos scismadores, pela sua barba negra cuidadosamente talhada, e pela elegancia irreprehensivel do seu vestuario;[I] e ao masculino, que o conhece já desde ha muito pelo seu primeiro livro de versos: *Ave-Marias*,[II] em que ha composições que poderiam ser firmadas por um poeta de renome.

Assim, e embora a minha apresentação seja realmente superflua, – para satisfazer aos seus desejos, que não contrariam a minha boa vontade, ao publico o apresento, como um dos novos poetas, que tendo tido o bom senso e o bom gosto de se não submetter aos decretos de qualquer das escolas reinantes, segue, já com passo bastante firme, pela

I Vd. a fotografia do autor, no Arquivo documental I (ao Aparato Crítico).

II Refere-se ao primeiro livro de poesia, que o bracarense Alberto de Madureira e Costa (*1870 †1918) publicara em 1896. O prefácio de João Penha neste terceiro livro surge depois da estreita colaboração na revista *Novos e Velhos*, que Madureira dirigiu em 1897.

estrada real que, desde os tempos luminosos da Grecia e Roma, dão ingresso no symbolico Parnaso.[III]

Nas primeiras poesias de Alberto de Madureira ha todo o lyrismo perfumado de uma alma que sonha e que, com os temores infantis de que o sonho se não realize e se esvaia como o perfume de uma flor, se lamenta como se já sentisse a dôr acerba da perda das illusões. Muitas das suas poesias são de uma ingenuidade deliciosa, e, ao lerem-se, a alma do leitor, distrahida para os mundos vagos do pensamento, pela suggestão produsida por uma phrase, por uma estrophe, sente perfumes de lilazes, vê paisagens longinquas, doiradas pelo sol poente, ouve musicas indecisas que resoam pelas quebradas, e que umas vezes se aproximam, e outras se affastam e esmorecem, a capricho da viração. Na edade do poeta, as paixões sentem-se, mas não se analysam, e como o que mais se sente é aquelle divino enlevo da alma e do corpo, que se chama o amor, – a mulher é quasi o unico assumpto
36 que o inspira, – e ninguem, por esse motivo, o censure porque mesmo em outras edades não ha muito por onde alargar.

Ha a paizagem, o campo, a vida rustica e patriarchal, assumpto que sempre inspirou os maiores poetas:

«Rus! quando ego te adspiciam!» dizia Horacio,[IV] na cidade eterna, em meio dos prazeres sensuaes, e da luta das paixões.

Mas, ahi mesmo, a mulher é um adorno indispensavel.

Lá a vemos, com os seus cabellos d'oiro, amamentando o filho dos seus amores, debaixo de arvores copadas, dando alentos, com a sua presença, ao esposo que, de rabiça em punho, lavra o campo de seus paes. Lá a vemos, num sitio recôndito, a lêr num tomo de folhas de setim os versos que ella mesma inspirara, ou, nos olhos do poeta, que os escrevera, o fogo dos desejos, ou o extasiado quebranto dos desejos saciados. Lá a vemos, de braço nu, occupada nos serviços da agricultura,

---

III Segundo algumas versões do mito grego, era no monte Parnaso (situado na Fócida, perto de Delfos) que o deus da poesia vivia, juntamente com as suas Musas.

IV Trata-se de um conhecido verso de Horácio (*Satirae*, Liber II, Satira VI, v. 60). Trad.: "Ó campo, quando voltarei a ver-te?".

espadelando linho, ordenhando vaccas, ceifando messes, seivando as reprêsas para a irrigação dos prados. Lá a vemos, creança fugida por uma hora ao bulicio das cidades, a presidir alegre, cercada de ruidosos convivas, ao almoço campestre que se ostenta em toalha alvissima, assente na relva, debaixo de plátanos frondosos. Sem ella, a paisagem é deserta e fria: é ella quem a anima, mais que os passarinhos, pelos seus irrequietos movimentos; mais que os múrmuros arroios, pela sonoridade da sua voz argentina ou aveludada; mais que os soes, pela irradiação amorosa de seus olhos, ora tranquillos como um lago, ora agitados como um oceano tempestuoso.

Mesmo para aquelles poetas que, por uma aberração da natureza, ou por motivos secretos que não me é licito revelar, a desadoram, a ella, á mais surprehendente invenção do Padre Eterno; – ainda para esses infelizes é ella quem lhes suggere as mais vehementes estrophes de uma falsa indignação que reprovo. Nada mais terrivel, por exemplo, que a tremenda satyra de Juvenal: *Mulieres*.[V] As scenas nocturnas do forum, os trechos relativos a Hippia,[VI] e á mulher de Claudio – que só depois que o dono do lupanar a põe fóra é que

68 «lassata viris, sed non satiata recessit»;[VII]

a revelação dos mysterios da deusa Bona,[VIII] e muitos outros episodios, excedem tudo quanto possa imaginar-se de mais tremebundo contra

V Trata-se da conhecida sátira de Decimus Iunius Iuvenalis, sobre a decadência da virtude feminina (*Satirae*, VI).

VI Refere-se à infiel mulher de um senador romano, que, segundo Juvenal, teria abandado o lar e os filhos, para fugir com um gladiador, de nome Sergius (*Satirae*, VI, vv. 82-115).

VII Sobre a terceira mulher do Imperador Cláudio, Valeria Messalina, recaiu a caluniosa reputação de devassa e *meretrix augusta*, devida em grande parte à obscena sátira de Juvenal. A citação é retirada parcialmente do verso "et lassata uiris necdum satiata recessit" (*Satirae*, VI, v. 128). Trad. do Latim: "E retirou-se cansada dos homens, mas não saciada".

VIII Segundo Juvenal, durante as celebrações anuais em honra de Bona Dea, as mulheres romanas embriagavam-se, envolvendo-se em práticas sexuais licenciosas (*Satirae*, VI, vv. 316-344).

esses nossos queridos anjos, – mas tambem nada mais bello, pela impetuosidade do verso, pela nervosa firmeza das estocadas, pela ferocidade da ironia, e pelo desenho surprehendente dos quadros.

Satira maldita que nem uma só mulher poderá ler sem um desmaio a cada pagina; que nenhum homem deverá ler antes de casar, e muito menos depois; satira que deveria ser lançada ao fogo dos abysmos infernaes, se d'esse modo se não perdesse uma das mais assombrosas producções do espirito humano! Assim a mulher, ainda debaixo dos seus maus aspectos (imaginarios) é o assumpto quasi forçado de todos os poemas.

Ha ainda, é verdade, a natureza morta, os problemas da metaphysica, e os da luta da humanidade em procura de um bem que nunca se realiza; esses assumptos, porém, e outros semilhantes, são mais proprios de escriptos em prosa, e, apesar de elevados, só a arte por meio
85 dos seus poderosos recursos os poderá revestir do que realmente carecem.

D'aqui provém que muitos poetas só o são na epoca do cio, finda a qual, esgottado o assumpto, ou esgottados pelo assumpto, atiram o alaúde ás ortigas, e lançam-se na prosa escripta, ou na prosa da vida. Só aquelles que, alem de poetas são artistas é que, transposta aquella epoca, em que o sangue referve nas veias, continuam a versejar, tratando ainda o mesmo assumpto como um sonho retrospectivo, – e isto porque o artista só morre quando a morte real o faz desapparecer de entre o numero dos vivos.

Alberto de Madureira fez o seu primeiro livro de versos na epoca propria, e não podia ficar por ahi porque essa epoca deliciosa ainda continúa e continuará ainda por muito tempo, porque está na lua cheia da sua exuberante mocidade. Finda ella, porém, deixará de poetar? Será como um d'aquelles poetas meteóros, a que ha pouco me referi, que apparecem subitaneamente, e subitaneamente desapparecem?

Não. Neste seu novo livro já o vemos, não unicamente poeta, adorabundo diante do eterno feminino, mas artista tambem, embora hesitante ainda no seu caminhar inquieto pelos escabrosos caminhos do Parnaso. A alma vem comnosco das partes d'onde vimos: a mão faz-se

com o tempo, e como Alberto de Madureira tem força de vontade e um profundo amor pelas cousas das letras, será um verdadeiro artista, como já é um delicioso poeta.

Em muitas das suas novas composições, confrontadas com as das *Ave-Marias*, observa-se uma mais larga variação nos elementos decorativos dos themas, mais originalidade nas revelações do pensamento, por vezes ironico, e uma mais perfeita união entre esse pensamento e a consonancia orchestral que harmoniosamente o acompanha.

Leiam-no os que professam a mesma divina arte; leiam-no os que a não professam, mas que a entendem, e todos, se forem sinceros, e com vozes que sobrepujarão a de algum cão que ladre, o saúdarão como um poeta distincto, e que já é alguem no mundo das artes.

748

[Corrêa Simões, *Dom Frei Caetano Brandão: Poemeto* (pref. João Penha), Braga: Typ. de J. M. de Souza Cruz, 1906, pp. IX-XI.]

PREFACIO

Vae, de certo, causar uma enorme surpreza o apparecimento d'este volume de versos, porque o seu autor, o Dr. Antonio José da Silva Corrêa Simões, conego da Sé primacial, desembargador, professor, e, por vezes, reitor do Lyceu Central d'esta cidade,[I] não tem, até agora, exercido a sua actividade intellectual senão no mundo official e grave das sciencias. A surpreza gerará a curiosidade, e os que lerem os alexandrinos do surgente poeta não darão por perdido o seu tempo.

O livro abre por um preambulo, em que o autor esboça, vagamente, uma these que, desde os tempos mais remotos, tem preoccupado o espirito humano: o da origem das cousas.

Nega que a creação, com todas as suas maravilhas, seja filha de si mesma, e realmente os philosophos que têm querido sustental-o, passados os tempos das primeiras surprezas, vêem, elles proprios, por terra as suas theorias, porque, tentando pôr de parte a *hypothese* Deus, deixam essas theorias sem o seu fundamento primordial, que é exactamente essa hypothese. *L'idée de Dieu*, diz Jules Simon, *est le carrefour où toutes les avenues de la pensée humaine se rencontrent*.[II] Essa idea é a luz d'onde vimos, que nos guia, e para onde vamos: sem

I Entre outros cargos importantes, António José da Silva Correia Simões foi Cónego da Sé de Braga, Vigário Geral do Arcebispado, Reitor do Liceu (1895-1897 e 1900-1904), presidente da Câmara Municipal (1897) e provedor da Santa Casa da Misericódia (1907-1909) daquela cidade.

II Esta afirmação do político e filósofo francês François-Jules Simon Suisse (*1814 †1896) foi adotada por M. Sertillanges, para epígrafe do seu importante livro *Les Sources de la Croyance en Dieu* (1905). Trad.: "A ideia de Deus é o cruzamento onde todas as avenidas do pensamento humano se encontram".

ella, como diz o Christo, caminhamos nas trevas, e quem caminha nas trevas erra o caminho, nem sabe para onde vae. A todo o momento, a todo o instante, mesmo sem levantarmos os olhos para essa nêsga do infinito, chamada o firmamento, onde resplendem milhares de soes, regidos por leis immutaveis e prodigiosas, nós estamos a ver a acção mysteriosa d'uma força infinita, infinitamente intelligente, a acção de Deus.

O proprio homem, que orgulhosamente se diz o rei da creação, – excepto n'uma limitada orbita onde póde exercer o seu livre arbitrio, não passa d'um instrumento nas mãos do Creador. Por si, não cria nada. Pensa, como um relogio trabalha. Como instrumento e em virtude de leis mysteriosas, que explica, mas que desconhece em suas origens, gera e cria entes semelhantes á sua pessoa, mas, oh miseria das grandezas humanas! physicamente, por si e como creador, não tem conseguido mais, até agora, que fazer... pernas de pau, e que pernas!

***

O distincto autor do livro, depois de delinear os traços geraes d'esta assaz complicada these, entra em materia: diz que o homem é a primeira das maravilhas da creação n'este planeta, e apresenta-nos, como exemplo, D. Frei Caetano Brandão, cuja vida e feitos nos relata em excellentes alexandrinos.[III]

A creação ideal de Victor Hugo: *o bispo Myriel*,[IV] causou assombro, mas se esse enorme poeta conhecesse a vida de D. Frei Caetano, reconheceria que muitas vezes o real sobrepuja tudo quanto uma imaginação prodigiosa, como a d'elle, poderia crear, como visão, como sonho.

III Dom Frei Caetano da Anunciação Brandão (*1740 †1805) foi Bispo do Pará (Brasil) e Arcebispo de Braga, onde ficou conhecido como o "Pai dos Pobres". Em advertência ao poemeto, Correia Simões esclarece que este "não obedece a vôos de imaginação", assentando antes em "'Memórias', documentos, diarios, tradições, e diversas cartas escriptas pelo proprio arcebispo" (p. XVI).

IV Alude à personagem de Victor Hugo, no romance *Les Misérables* (1862).

Em D. Frei Caetano ha muito d'um santo, d'um S. Francisco de Paula,[V] e, ao mesmo tempo, d'um revolucionario, d'um socialista, mas no bom sentido.

Leia-se o novo livro do Dr. Simões, e ahi, em paginas interessantes, e, por vezes, pittorescas, se verá justificado esse meu conceito.

O Dr. Simões fez uma boa obra, e praticou uma boa acção.

6-VIII-06

V Refere-se ao eremita e fundador da mendicante Ordem dos Mínimos, San Francesco da Paola (*1416 †1507).

749

[Eduardo Moreira, *O Mytho de Camões* (pref. João Penha), Braga: Raul Guimarães & C.ª Editores, 1915, pp. 7-11.]

ANTES DE SUBIR O PANNO

A transformação pela qual vão insensivelmente passando, no decorrer dos tempos, certos personagens, de phantasia ou historicos de que resam poemas, romances e chronicas vetustas, é, em grande parte,
4 devida a historiadores estipendiados, annexos a principes e reis, a menestreis ambulantes, a poetas d'ouvido, e sobretudo a desinhistas e pintores, aos quaes foram sempre concedidas as mais amplas liberdades.

É assim que Cleópatra, rainha do Egypto, a mulher de todos os homens, negra, como o era tambem a Esposa dos Cantares, rainha de Sabá:

«Nigra sum, sed formosa»,[I]

em todos os quadros, e mesmo em poemas, não a vemos senão com a bela carnadura das mulheres das nossas regiões.

A propria mãe de Christo, e este mesmo divino mestre, árabes de nascença, e, pelo menos, de côr morena, são geralmente pintados ou representados, sobretudo Ella, com os cabellos loiros!

O transformismo, porém, não pára ahi: estende-se tambem aos temperamentos, ao teor de vida, a actos que nunca praticaram, a phrases que não disseram, de modo que bem poderia negar-se a existencia do transformado, comtanto que a negação não attingisse o seu original.

Poderia negar-se a existencia do Carlos Magno da *Chanson des*

I Refere-se a Cleopátra Philopátor (rainha do Egito e sedutora amante de Júlio César e Marco António), à rainha de Sabá, que vai no encalço de Salomão (1 Rs. 10: 1-13; 2 Cr. 9: 1-12), e à personagem feminina do Cântico dos Cânticos, de onde é retirada a citação latina (Ct. 1: 5). Trad.: "Sou morena, mas formosa".

21 *gestes*, e dos seus paladinos, e eu a nego,[II] mas não a do Carlos Magno da historia, fundador do vasto imperio do occidente que tem o seu nome.

Essa negação, porém, vae tomando o aspecto de absoluta.

Bem se comprehende que se negue, por exemplo, a existencia de Semiramis, fabulosa rainha da Assyria, ou de Sardanapálo, tambem assyrio, mesmo porque ha manifesta contradição entre a morte voluntaria que se lhe attribue, queimado em pyra ardente com as suas numerosas mulheres, e o epitaphio que, segundo se diz, elle proprio compoz para ser gravado no seu sepulcro:

«Ede, bibe, lude: post mortem nulla voluptas.»[III]

Mas, o que não se comprehende é que ou por sêde de originalidade, ou por desarranjo mental, que sabios antropologicos sem custo poderiam explicar, haja escriptores que neguem a existencia de personagens historicos, a quem o transformismo lendario não attingiu ainda.

É assim que um Arthur Heulhard, ainda ha pouco e debaixo do titulo: *Le Mensonge Chretien*,[IV] obra, em nada menos que 11 vol. in 8.º se propoz sustentar que Jesus Christo nunca existiu: que a verdade era Barabba, e a mentira Jesus, a quem designa, como que por desprêso, o filho do carpinteiro de Nazareth.

Desde velhos tempos, nunca o povo de Israel, actualmente disseminado por toda a face do globo, reconheceu a Christo como o messias que os codices sagrados lhe promettiam, tomando-o sempre por um impostor, mas ninguem de entre esse povo se lembrou de lhe negar a existencia, e essa gloria cabe agora ao supracitado Heulhard e talvez ao Dupuy,[V] a que se refere o erudito autor d'esta monographia.

II Vejam-se os textos editados no n.º 728.

III Refere-se a dois míticos monarcas assírios: Semiramis (fundadora da Babilónia e dos jardins suspensos) e Sardanapalo (nome grego do rei Assurbanípal), cujo epitáfio, segundo a tradição, exaltava os prazeres animalescos. Trad. da máxima latina: "Come, bebe e regala-te: depois da morte não há prazer".

IV Remete para a monumental obra que o francês Arthur Heulhard publicou em 1908.

V Refere-se ao iluminista francês Charles-François Dupuis (*1742 †1809), autor de *L'Origine de Tous Les Cultes, ou La Religion Universelle* (1792), onde comparava o culto de Cristo a um mero culto do Sol.

Ha certos titulos de livros, ou de escriptos de somenos importancia, que de per si só importam, a meu ver, a prohibição absoluta de serem lidos por quem quer que seja.

Assim, um livro intitulado: *Napoleão nunca existiu*, não se lê. Outro intitulado: *Entre os milhões de mundos e soes que povoam o infinito, só a Terra é habitada*, não se lê. O escripto: *Porventura existiremos nós?* não se lê.

O que se ennuncie:

Deve beber-se quando se come? (nas *Lectures pour tous*)[VI] não se lê.

E porque não deverão ler-se escriptos assim intitulados, ou de quejandas especies?

É porque a vida é curta e ha muito, substancial e bello, que devemos ler e estudar. É indispensavel que, quando extinta a nossa vida d'este planeta, renasçamos, nós os que cumprimos a lei da expiação, no planeta Marte, prodigiosamente mais civilisado que este, porque sahiu do ventre do Sol myriades de seculos antes que d'elle sahisse a Terra, ahi nos apresentemos com ideas que lá serão chamadas innatas, levadas de cá, melhores, mais amplas e perfeitas do que as que trouxemos do planeta Venus onde anteriormente existimos. Não devemos, pois, ler escriptos d'aquella natureza, porque em lugar de ideias bellas e sensatas, que levassemos como que gravadas nas nossas almas, só levariamos para Marte soporificas asneiras, e, passado o millenario em que assumiriamos a forma mais elevada dos habitantes d'esse globo, apesar d'essa forma, ahi seriamos classificados de burros, como realmente o são, salvo o devido respeito, os auctores d'aquelles e quejandos scriptos.

Não o entende, porém, assim o minucioso auctor d'este opusculo,[VII] e prevendo a hypothese de que um mytho se forme á cerca

VI Alude a um artigo publicado na *Lectures pour Tous: Revue Universelle et Populaire Illustrée*, pubicada em Paris desde 1898.

VII Além de figura importante do protestantismo evangélico, Eduardo Henriques Moreira (*1886 †1980) foi um ativo homem de letras, levando à estampa vários escritos controversos.

de Camões, nega que possa haver duvidas a respeito da sua existencia, e da authenticidade da sua obra.

Em quasi tudo quanto diz concórdo, menos quanto ao que desenvolve ácerca do ôlho cego do cantor de Ignez de Castro.

Quer que esse ôlho, sem luz e fechado, o direito ou o esquerdo, seja assim representado nas estatuas que se lhe levantem, e eis o que reprovo.

Camões nasceu com dous olhos, cheios de luz, e bellos como são os de todos os poetas, dignos d'este nome, olhos de mysterio, sonhadores, de quem olha mais para o mundo interior do pensamento, do que para o exterior.

Foi com esses dous bellos olhos, azues talvez, que elle namorou a sua Nathercia,[VIII] o que decerto não ousaria fazer com um ôlho só e até elle proprio expressamente o diz:

«Se lá no ethério assento onde subiste
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já *nos olhos meus* tão puro viste.»[IX]

94 Foi com elles que escreveu todo o seu poema, não havendo em toda a sua obra uma unica referencia ao desastre que, n'uma refrega, na Asia, segundo se diz, o privou de um d'elles.

Por ventura, se em lugar d'um ôlho, perdesse uma perna, deveria ser representado com uma de pau, do antigo systema?

Creio que a miseranda esthetica d'este paiz não chegaria a tanto.

Represente-se, pois, o nosso grande épico, que, no episodio de Ignez de Castro sobrepujou em intensidade lyrica, e belleza de forma, não só os grandes poetas do seu tempo, mas tambem os de Roma, e da Grecia antiga, com os seus dous bellos ólhos, ólhos que em tempos

VIII Refere-se à musa inspiradora da lírica camoniana, que segundo vários especialistas se refere a D.ª Catarina de Ataíde (†1551), dama de corte da rainha D. Catarina.

IX Esta quadra é citada, com variantes, do conhecido soneto camoniano "Alma minha gentil, que te partiste".

felizes reflectiram os da sua «rosa d'amor purpurea e bella»[X] D. Catharina d'Atayde.

6-VII-915.

X A citação é retirada do canto V do poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett.

2.2. Artigos



2.2.1. Dedicatórias e homenagens



750

[*A Harpa*. Serie II, n.º 5 (1875), p. 41.]

SATANICA EM PROSA
No album de Joaquim d'Araujo[I]

Creio tanto na virtude das mulheres como nas mulheres de virtude; e no entanto as mulheres são umas cousas adoraveis... em casa dos nossos visinhos.

*

As mulheres não toleram que os homens tenham vicios, porque querem ser o unico vicio do homem. Eu não gosto de falar com ellas, porque não costumo falar com os bifes que desejo comer.

Agosto, 75.

I Joaquim de Araújo (*1858 †1917) era já então um fervoroso admirador de Penha. Na altura com apenas 17 anos, dirigia a revista *A Harpa*, onde publicou esta *satânica*.

751

[*Revista Academica Literaria*. Ano I, n.º 2 (1878), pp. 1-2.]

SATANICA EM PROSA
No album de Gomes Leal[I]

Como não ignoras que os sabios não são mais que uns poetas compatos que têm por musa a Hipotese, ouve alguns pensamentos dum ignorante.

***

Quanto mais respeitaveis são os maridos, menos os respeitam suas mulheres.

Porquanto,

***

O sexo fragil, em questões de amor, segue uma teoria exclusiva, que não desmente na pratica: não atende a posições sociaes, quando se trata de posições horisontaes.

E por isso,

***

A filosofia do homem a respeito da virtude das mulheres deve ser a de Descartes, cujo metodo se funda na duvida prudente.

***

Não ponhas isto em verso.

24 de Abril de 1877.

I A afinidade entre João Penha e António Duarte Gomes Leal (*1848 †1921) é testemunhada em vários poemas, reciprocamente dedicados. Sobre as circunstâncias que rodearam a publicação desta satânica, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

752

[*A Discussão*. N.º 454 (1 junho 1885), p. 1.]

O que pode consolar-nos, n'este momento em que a Natureza despojou o espirito de Hugo do seu antigo involucro, para lhe dar uma fòrma nova e mais perfeita em regiões desconhecidas do infinito, é que, quando nòs tambem morrermos para este mundo, os que cá ficarem não poderão ler outras obras d'elle, que nòs não lêssemos, outros que o divino artista poderia produzir ainda, se não fôssemos nòs quem partisse primeiro.

Console-nos, ao menos, este pensamento egoista![I]

I Este depoimento foi publicado num número de homenagem ao francês Victor Hugo (*1802 †1885), no dia do seu funeral.

753

[*Lisbôa-Porto: numero unico.* 1888, fl. 8.]

PHILOSOPHANDO[I]

O assumpto é velho, e não póde originar pensamentos novos: está esgotado ha seculos. O melhor seria mandar um trecho de prosa lyrica das *Ruinas*, de Volney,[II] com o remate do *Sunt lacrymae rerum*, do poeta latino.[III] Receio, porém, que me accusem de plagiario, e por isso aventuro-me a mandar um pensamento original, embora antigo como a primeira revelação intellectual do primeiro homem, quando por elle passou o primeiro inverno. Segundo Cabanis,[IV] isso a que os metaphysicos e espiritualistas chamam alma ou espirito é coisa que não tem realidade objectiva, e as ideias e os pensamentos não são mais que secreções do cerebro, como a bilis é a secreção do figado. D'estes principios, eu, e outros philosophos, concluimos que, não havendo nada espiritual no homem, e não podendo a materia produzir senão materia, as ideias e os pensamentos são coisas puramente materiaes; e que n'estes productos do intellecto ha de necessariamente influir o estado do cerebro, segundo as condições de existencia do individuo, e segundo as alterações provenientes do decurso dos annos, e das variações atmospherica.

I Este texto destinou-se a uma publicação organizada em benefício das vítimas sobreviventes do terrível incêndio que consumiu o Teatro Baquet do Porto, na noite de 20 para 21 de março de 1888.

II Alude ao ensaio *Les Ruines, ou Méditations sur les Révolutions des Empires* (1791), do filósofo francês Constantin-François Chassebœuf de La Giraudais, conde de Volney (*1757 †1820).

III Esta expressão latina remonta à frase emocionada de Eneias, ao contemplar representações pictóricas do saque de Troia (Vergilius, *Aeneis*, I, v. 462). Trad. "São lágrimas pelas desventuras".

IV Refere-se ao filósofo e fisiologista francês Pierre-Jean-Georges Cabanis (*1757 †1808), autor de *Rapports du Physique et du Moral de L'homme* (1802), onde defendia que o pensamento era uma secreção do cérebro, semelhante à produção da bílis pelo fígado.

Concluimos mais, como corollario: que estando o cerebro constipado (rhume de cerveau)[V] constipados devem sahir as ideias e os pensamentos, e que, n'este estado, o orgão, por intermedio do qual essas ideias e pensamentos se põem em communicação com o mundo exterior, é o nariz, vigorando então o principio fundamental de que *Nihil est in intellectu quod postea non sit in naso*.[VI] Ora, como eu me acho actualmente constipado, mando este pensamento: um espirro, que é um curso abreviado de philosophia moderna.

Oxalá sobre o incendio do theatro cahisse da venta do infinito um egual pensamento, mas enorme: o espirro benefico d'um aguaceiro: as victimas não seriam tantas.

2 d'abril de 1888.

V Esta expressão francesa pode traduzir-se, à letra, como "constipação do cérebro" e denomina o corrimento nasal ou rinorréia.

VI Alude à máxima escolástica em que assenta o Empirismo: "nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu". Trad. do Latim: "nada está no intelecto que não tenha passado pelos sentidos".

754

[*Homenagem da Academia Bracarense aos Heroes de 1640*. 1890, p. II.]

A ETERNA ALLIANÇA[I]

Ponho de parte, por um momento, o codigo civil, onde lia estas palavras: «o pensamento do homem é inviolavel; o direito de expressão é livre como o pensamento»[II] – para satisfazer ao amavel convite da academia d'esta muito antiga, nobre e sempre leal côrte e cidade metropolitana de Braga.

A academia festeja ruidosamente o anniversario da revolução de 1640, não só para commemorar um dos factos mais gloriosos da nossa historia, mas tambem para protestar ostensivamente contra todo o pensamento de união iberica.

Todos os verdadeiros patriotas a devem applaudir; todos se lhe devem reunir, fazendo commum e geral tão sympatica manifestação.

A união iberica, realisada por consenso expontaneo dos portuguezes, representaria um facto unico na historia do mundo.

Alguns homens houve que, obcecados por paixões egoistas, se ergueram contra a patria, como Alcibiades contra Athenas, e Coriolano contra Roma;[III] mas que uma nação voluntariamente se fundisse n'outra, perdendo a sua autonomia, e sujeitando-se a leis que não eram as suas, é acontecimento que a Historia não regista.

Apontar-se-ha apenas a entrega que de si fizeram os Sahinos ao

I Este texto destinou-se a um dos números únicos que o Liceu de Braga publicou anualmente, para ser vendido durante as comemorações estudantis da Restauração da Indepêndencia Nacional (1 de dezembro de 1640).

II Remete para os artigos 362.º e 363.º do Código Civil português de 1867.

III Refere-se a dois generais da Antiguidade: o ateniense Alcibíades Clinias Escambónidas e o romano Gaius Martius Coriolanus (séc. V a.C.).

povo romano,[IV] mas as rasões, que levaram aquelle povo a aniquilar-se, não existem, nem podem existir entre nós, pois que uma experiencia secular tem mostrado que as formosas portuguezas, ainda mais que as hespanholas, sabem satisfazer com brio ao mysterioso fim a que são destinadas.

Que venturas nos adviriam da união iberica? Entre outras, e como principal, a da perda da nossa lingua, a lingua em que foram escriptos os *Lusiadas* e tantos outros poemas admiraveis.

Declarada official a lingua castelhana, como o foi a allemã na Alsacia e na Lorena, a nossa, pouco a pouco, se transformaria, pela confusão, n'uma especie de vasconço inextricavel, e em breve desappareceria de todo, passando ao numero das linguas mortas.

Em segundo lugar, como as leis de uma nação são geraes, leis originadas nos costumes proprios d'essa nação, teriamos de perder os nossos habitos e tradições, a nossa vida civil, porque teriamos de nos sujeitar ás leis hespanholas, adequadas a outros costumes e a outras tradições.

Politicamente, retrocediamos no caminho do progresso não poucos estadios, laboriosamente caminhados.

As nossas instituições são mais liberaes, a descentralisação mais ampla, a manifestação do pensamento amplissima.

Voltariamos, pois, atrás, e nem poderíamos queixar-nos dos nossos erros, porque em terras de Hespanha a expressão do pensamento tem restricções que, em matéria politica e religiosa, o tornam incommunicavel, não só na imprensa, mas tambem nos theatros, nas assembleias, nas praças e em toda a parte, onde haja muros, porque os muros ali, como outr'ora em Veneza, têm orelhas tão longas como as do antigo rei da Phrygia.[V]

IV Segundo a lenda da fundação de Roma, a tribo dos sabinos (liderada por Tito Tácio) assinou um tratado de paz com Rómulo, passando a integrar a tribo romana dos Tities.

V Trata-se do rei Midas, que, segundo o mito antigo, foi castigado por Apolo com um par de orelhas de burro.

Isto, porem, ainda não é tudo. As maiores venturas que nos adviriam da união iberica seriam as que inevitavelmente haviam de resultar da modificação das nossas condições individuaes. Embora ao principio assim não fosse, como empolgada a prêsa seria necessario segural-a, a Hespanha não deixaria de adoptar o antigo systema, que já seguira entre nós, e, em curto praso, nas antigas terras portuguezas não existiria uma auctoridade, um empregado publico, que não fosse genuinamente hespanhol.

Por outro lado, como quanto a industrias e artes liberaes, os nossos visinhos caminham gloriosamente na nossa vanguarda, supprimidas as barreiras, os nossos pobres artistas, como os nossos mais respeitaveis funccionarios, ver-se-hiam na necessidade, para viverem, de exercer nos burgos e cidades da Iberia o mesmo mister, que os visinhos cidadãos de Tuy e de S. Thiago de Compostella actualmente exercem em terras portuguezas: o povo lusitano seria o gallego do povo hespanhol.

Finalmente, e como ultima ventura, ser-nos-hia concedido presencear nas nossas praças um espectaculo, para nós inteiramente novo: o do garrote!

Realmente, na espectativa de tantas venturas, deve a patriotica academia bracarense modificar as suas vozes de enthusiasmo: grite a plenos pulmões:

Viva a união iberica!

28-11-1890.

755

[*Nova Alvorada.* Ano I, n.º 7 (1 novembro 1891), p. 66.]

ANTHERO[I]

Um estudo ácerca de Anthero de Quental; ácerca do homem e da sua influencia sobre a sociedade do seu tempo; do poeta e da sua obra, não é materia que possa desenvolver-se n'uma centena de linhas: para esse effeito, não seria de mais um grosso volume.[II] No entanto, diremos, em resumo, o que ahi poderia ser explanado. Anthero de Quental nunca foi um poeta popular: em geral, os que o liam não o entendiam, e apenas o respeitavam, sem o amar, por isso mesmo que o não entendiam. Foi, porém, um poeta para poetas e artistas, e entre poetas e artistas é que poderá demarcar-se a orbita da sua immortalidade. Alguns dos seus sonetos, quatro, devem ser contados entre as mais prodigiosas producções do espirito humano: qual poeta portuguez, qual poeta estrangeiro, se o soubesse ler, não daria todas as suas obras em troco da gloria immorredoira de ter concebido, e fundido em bronze aquelles maravilhosos sonetos? Responda João de Deus, responda Guerra Junqueiro, responda Dierx, o Anthero francez,[III] respondam todos.

O suicidio do nosso querido Mestre prova, quanto a nós, a existencia da sua alma, e a energia do seu espirito: não se comprehende que a materia se destrua a si mesma; – comprehende-se, porem, que um espirito, antecipando a morte commum, essa operação que a Natureza pratica para renovação dos corpos, voluntariamente destrua o involucro

I Este depoimento foi publicado num número de homenagem a Antero de Quental, logo após o suicídio do poeta (a 11 de setembro).

II Tal volume concretizar-se-ia no *In Memoriam* que Joaquim de Araújo organizou em 1896, mas não teve a colaboração de João Penha.

III Léon Dierx (*1838 †1912) era então um dos nomes mais sonantes do Parnasianismo francês.

que o prende, e que já não serve para o fim a que é destinado, para desde logo, evolando-se, seguir um novo destino, em mundos, talvez, mais felizes.

Anthero não morreu agora pela primeira vez: desde sempre, tem morrido tantas vezes quantas podem ser as unidades que o Infinito pode comportar; e tantas vidas *viverá* ainda, quantas são essas mesmas unidades.

25 de outubro de 1891.

756

[*A Correspondencia do Norte*. N.º 1894 (4 março 1894), p. 2.]

OS CENTENARIOS[I]

As commemorações festivas nos centenarios de nascimento dos grandes homens da nossa historia, tão repetidas n'este fim de seculo, tanto podem representar um symptoma de vida ou de renascimento, como um symptoma de decadencia ou de morte. Effectivamente, se, por um lado, essas expansões patrioticas revelam que não está de todo apagado entre nós o amor da patria, o mais duradouro e solido de todos os amores, e que em nossa alma ainda vibra um resto d'aquelle antigo esforço sobrehumano que encheu o mundo do nome dos portuguezes; podem revelar tambem, por outro lado, os presentimentos de um fim proximo, e a consciencia de que todo o esforço para o evitar será inutil e baldado. É assim que um ancião decrepito, ou um doente de morte, vendo-se impotentes para a vida agitada, se lançam nas recordações do passado, e n'ellas circumscrevem o que lhes resta do sonho da existencia.

Qual d'estes symptomas será o verdadeiro?

Talvez o primeiro. Uma nação nunca morre de doença natural; pode, porém, ser morta em virtude das duas unicas leis positivas que regem a humanidade: o egoismo, e o devorismo; o egoismo, origem do amor, da familia e da sociedade; o devorismo, condição essencial da existencia, pois que nenhum sêr pode existir senão á custa da vida de outros seres. Pode, pois, ser devorado por outra nação mais forte. A solução do problema nacional, portanto, depende unicamente da resistencia, e da luta pela vida: robusteça Portugal o corpo ainda são, e substituindo a cabeça por outra melhor, poderá viver ainda largos annos

I Este depoimento foi publicado num número comemorativo do quincentenario do Infante D. Henrique.

de prosperidade, e os portuguezes, já pela rima sempre alegres, segundo a canção francesa, *seront alors, encore plus gais*.[II]

26-2-94.

II Trad. do Francês: "Serão então ainda mais alegres".

757

[*A Chronica.* N.º 56 (dezembro 1901), p. 4.]

UMA AVENTURA NOCTURNA[I]

Poderia falar amplamente ácerca do conde de Valenças debaixo de um duplo aspecto, do do homem politico, distincto parlamentar, par do reino e antigo diplomata, e do do homem de sciencia, lente da Universidade e escriptor abalizado. Limitar-me-ei, porém, a escrever duas linhas ácerca do Luiz Jardim, d'aquelle excellente e querido companheiro, que duas gerações academicas receberam no seu gremio, amando-o pelas suas excepcionaes qualidades de coração, pela sua bella intelligencia, pela vivacidade de seu espirito, e pelo seu inalteravel bom humor.

Luiz Jardim, nativo da poetica Coimbra, descendente, pela linha paterna, de homens de sciencia, lentes da Universidade, estava naturalmente destinado a seguir a mesma carreira, e effectivamente a seguiu,[II] com brio, distincção e notavel aproveitamento para os seus alumnos. Todas as suas inclinações, porém, devidas ao seu temperamento, a leituras assiduas dos livros classicos da preciosa bibliotheca do Visconde de Monte-São, seu pae, e ao meio em que vivia, eram todas para as bellas cousas da Arte, e sobretudo para a litteratura. Seu pae, apesar de lente de philosophia, e seu tio, o dr. Antonio Jardim, o bom do Pae Adão, como lhe chamavam na familia, eram tambem muito inclinados a coisas litterarias, e todo o rapaz, que revelasse talento e

I Este depoimento foi publicado num número de homenagem ao 1.º Conde de Valenças, Luís Leite Pereira Jardim (*1843 †1910), antigo companheiro de João Penha em Coimbra.

II Luís Jardim era Lente de Direito na Universidade de Coimbra. Seu pai, Manuel dos Santos Pereira Jardim (*1818 †1887), 1.º Visconde de Monte São, foi Lente de Filosofia na mesma universidade, e seu tio, António dos Santos Pereira Jardim (*1821 †1888), Doutor e Catedrático de Direito.

honestidade, obtinha logo, da parte d'elles, benevolencia, protecção e amizade. Assim, Theophilo Braga, – um dos maiores escriptores da epoca actual, pobre, foi carinhosamente acolhido no palacio Monte-São, onde, em aposento separado, viveu até que se formou, sendo ahi que compoz a sua maravilhosa *Bachante*, a *Ondina do Lago*, e as *Tempestades Sonoras*;[III] assim, o opulento cathedratico não hesitou em dar a mão de sua unica filha, a encantadora Mimi, a outro rapaz, que então não tinha nada de seu senão um enorme talento, a Julio de Vilhena.[IV]

Não pelas razões que expuz, mas porque fazia parte do brilhante grupo de litteratos, que foram para a chamada guerra coimbrã, iniciada por Anthero de Quental e Theophilo Braga, o que Robespierre, Danton e Marat foram para a revolução franceza, iniciada por Voltaire e Rousseau,[V] – grupo a que tambem pertencia o Luiz, – tinha eu uma especial acolhida em casa do Visconde de Monte-São, onde eu entrava a toda a hora do dia ou da noite, sem bater á porta, e sem pedir licença a pessoa alguma. Durante um largo periodo de tempo era lá, no amplo aposento do Luiz, que eu ia acabar as minhas noites. Lá appareciam logo, saindo dos seus respectivos quartos, os outros filhos da casa: o Cypriano, actualmente par do reino, e Antonio, juiz não sei em que regiões do mundo.[VI] A conversa espraiava-se larga, viva, variada até á insensatez, e por vezes o Cypriano, com maravilhosa destreza, arrancava da guitarra, vibrando-a em tom aveludado porque as senhoras já dormiam, melodias que nos lançavam no mundo dos sonhos.

Ora, certa noite, em que a conversa se prolongára até perto das duas horas, de um de nós saiu este lamento:

III Refere-se ao poema que Teófilo Braga publicou em *Visão dos Tempos* (1864) e aos livros de poesia *Ondina do Lago* (1866) e *Tempestades Sonoras* (1864).

IV Maria da Piedade Leite Pereira Jardim (*1848) casou-se em 1872 com o político e doutorado em Direito Júlio Marques de Vilhena (*1845 †1928).

V João Penha envolveu-se na Questão Coimbrã com os textos editados no n.º 531. Compara-se aqui a participação na reta final da polémica de 1865 ao papel que os líderes da Comuna de Paris assumiram no contexto da Revolução Francesa de 1789.

VI Refere-se a dois irmãos do homenageado: Cipriano Leite Pereira Jardim (*1841 †1913) e António Leite Pereira Jardim (*1845).

– Sinto fome.

E cada um dos outros, surprehendido:

– E eu tambem.

Luiz caiu em profunda meditação, e logo em seguida, pegando n'um castiçal:

– Procura e acharás, diz a Escriptura![VII]

Pé ante pé, porque já toda a familia repousava ha muito, caminhámos, como conspiradores, por diversos corredores até que entrámos na espaçosa sala de jantar. Na copa, vimos, com olhos extasiados de volúpia, um magnifico pato, já cozido e atado para ser assado, como prato de resistencia, no dia seguinte, um domingo.

– Eis um erro de culinaria, digno da mais aspera censura, disse eu. Uma ave nunca deve ser cozida para depois ser assada. É na sua propria gordura que ella o deve ser. Dumas, pae, assim o demonstra com argumentos que expõe,[VIII] e eu, por experiencia propria, posso affirmar que esses argumentos colhem: este pato, ámanhã, sêcco, ninguem o poderá comer.»

– N'esse caso, disse o Luiz, será até um acto de abnegação para com a familia, e sobretudo para com Pae Adão, que vem cá jantar ámanhã, comermol-o hoje.

A estas palavras, Antonio, que era o Benjamim da casa, e que sabia onde estavam as cousas, desappareceu, e em breve voltou com a chave da copa. O pato, que, pelo seu tamanho, poderia comparar-se ao que foi servido no celebre jantar do *Assomoir*, de Zola,[IX] do qual comeram mais de trinta pessoas, repetindo algumas, tão delicioso elle estava, – foi rapidamente devorado, não ficando senão os ossos, os quaes, reunidos decentemente no centro da travessa, foram de novo recolhidos á copa, e fechados á chave.

VII Alude à passagem bíblica Lc. 11: 9.

VIII Remete para o capítulo XLVI ("Le Bastion Saint-Gervais") do romance de Alexandre Dumas pai, *Les Trois Mousquetaires* (1844), quando o dragão faz uso da espada para assar a ave no espeto, sem que se perca uma gota de gordura.

IX Refere-se ao enorme ganso servido no banquete de Gervaise, no capítulo VII do romance de Émile François Zola, *L'Assommoir* (1877).

Depois do delito, veio-me o remorso, ou antes uma inquietação.

– Que dirá ámanhã a sr.ª viscondessa, vendo em logar do pato, o seu deploravel esqueleto? Como lhe explicareis o estranho caso?

– Ora! diremos que foi o gato.

– Mas um gato não abre copas fechadas á chave.

– É que o gato cá da casa és tu. Quando fazemos alguma, attribuimol-a a ti, e tudo passa!

– Oh! Deuses immortaes! Eu, um leão, transformado n'um misero gato!

– É tudo da mesma familia, ponderou scientificamente o Luiz.

No dia seguinte, tratei de indagar o que se tinha passado.

– Correu tudo maravilhosamente: todos se riram e acharam infinita graça ao episodio.

– E que disse o Pae Adão?

– Perguntou apenas se o tinhas comido todo.

– E qual foi a resposta?

– Que não; que te ajudámos, para que não tivesses uma indigestão.

– Ah! concluiu o Pae Adão.

Como este, muitos outros episodios eu poderia narrar, em que ainda mais sobressairia a figura, sempre alegre, espiritual e bondosa do nosso Luiz: largas paginas poderia escrever, bem sinceras e leaes, em que affirmaria o seu bello talento, como escriptor com estylo seu proprio, as suas raras qualidades de homem de coração, a sua bondade generosa, e o seu muito saber. Mas, outro Luiz, o bom rapaz da *Chronica*,[X] não me concede espaço para mais, e assim, n'este numero, que é consagrado a esse amigo adorado, apenas deixo essas linhas, como alegre recordação dos tempos idos.

23-XI-901.

X Refere-se a Luís da Silva (*1863 †1902), o diretor d'*A Chronica* (onde este texto foi publicado).

758

[*A Correspondencia do Norte*. N.º 2049 (12 junho 1901), p. 2.]

Se esta homenagem fosse prestada a uma senhora, eu, a quem alguns chamam vate não sei porque motivo, depôr-lhe-hia aos pés um ramo de rosas, e dentro, occultas, como áspides venenosas, duas estrophes de amor. A homenagem, porém, é a um homem politico, ao nobre Visconde da Torre,[I] e assim, não podendo depôr-lhe aos pés o meu voto, que perdi pelo desuso, presto-lhe apenas a homenagem que merece pelo seu grande talento, e pelas nobilissimas qualidades que o adornam.

I Este breve depoimento, à semelhança do n.º 762, foi publicado num número de homenagem ao 2.º Visconde da Torre, Alberto Feio da Rocha Páris (*1863 †1912), agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

759

[*A Chronica*. N.º 57 (janeiro 1902), pp. 1-2.]

D. Zulmira de Mello[I]

Delicado, mas ao mesmo tempo voluptuoso, é o trabalho, de que esta revista me encarrega, de completar, como artista e poeta, o retrato, que offerece á admiração dos seus numerosos leitores, da distincta poetisa D. Zulmira de Mello. Deverá, portanto, ser um trabalho de pincel, e para isso desejaria o de Julio Lefèvre ou de Carlus Duran,[II] e de penna, e para isso ser-me-ia necessaria, não a de ferro, inflexivel, de Planche ou de Lemaître, mas a delicada e ao mesmo tempo sincera de Anatole France ou de Catulle Mendès.[III] Na falta deploravel de tão preciosos instrumentos de arte, esforçar-me-ei ao menos por me desempenhar na minha tarefa de maneira que não mereça as censuras dos da minha arte e dos que a adoram, e muito menos um sorriso glacial d'Aquella que é o doce objecto d'este ligeiro estudo.[IV] A photogravura, que adorna esta pagina,[V] ainda que muito mais perfeita e completa fosse, não lograria dar aos que a analysassem uma idéa, sequer approximada, da joven photo-

I Este texto foi publicado num número dedicado à jovem poetisa Zulmira de Melo, que *A Chronica* empreendeu por iniciativa de João Penha

II Refere-se a dois reputados pintores franceses: Jules Joseph Lefebvre (*1836 †1911) – sobretudo conhecido pelas representações do corpo feminino – e o retratista Charles Auguste Emile Durand (*1837 †1917).

III Opõe duas linhagens de críticos literários franceses: a mais austera de Jean Baptiste Gustave Planche (*1808 †1857) ou François Élie Jules Lemaître (*1853 †1914) ao tom ameno de Catulle Mendès (*1841 †1909) ou Anatole France (*1844 †1924).

IV Na verdade, este artigo haveria de merecer a reprovação de Zulmira de Melo. A este propósito, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

V Veja-se o Arquivo documental I.

graphada. Faltar-lhe-ia, como realmente falta, o que a photographia não reproduz: a côr, e até o que o pincel é impotente para reproduzir: a expressão, a graça, a attração, a vida. A formosura de Zulmira de Mello seria aquella que um pintor romantico, mas consciencioso, daria á Musa da Poesia. Essa formosura é absolutamente á parte, inconfundivel, aristocratica: não é das que causam respeito pela regularidade classica das suas linhas; é, pelo contrario, das que attrahem irresistivelmente, e, no entanto, onde a encantadora joven esteja ninguem fala alto, como ninguem fala n'um templo onde se adora o Symbolo da Divindade. A sua cabeça é uma cabeça de estudo: o oval do seu rosto, que termina, como no proprio retrato póde observar-se, por uma leve e graciosa saliencia, reveladora de energia e de força de vontade, é de uma correcção absoluta. A côr d'esse rosto encantador, como a das suas delicadas mãos, faz lembrar a da flôr da magnolia, com uns quasi imperceptiveis reflexos de sol poente.

Assim tambem devem ser os tecidos dos seus pequeninos pés, tão leves e subtis que, como os de que fala o poeta romano, se caminhassem sobre um campo florido, não curvariam as cabeças das papoilas. Os seus grandes olhos negros, rasgados sob supercilios de uma curva ideal, têm, por vezes, a expressão meiga de uns olhos de criança; por vezes, a expressão fria, de um orgulho dominador; por vezes, um fogo ardente, revelador de um vulcão interior, mysterioso. Esses olhos divinos onde, como num quadro cambiante, se reflectem as diversas sensações da sua alma de anjo, são um espectaculo unico, absorvente, para todos aquelles que tambem têm uma alma: poetas, artistas, sonhadores. Se nunca se tivesse feito essa comparação, comparal-os-ia eu a astros, cuja luz, no poente, ora esmorecida parece que vae extinguir-se, ora, reanimada, se accende em clarões radiosos, deslumbrantes. Por vezes a expressão d'esses olhos paralysaria, inerte, aquelle que ousasse fital-os, se um sorriso da sua bocca, de uma curva franca e benevola, lhes não corrigisse a passageira severidade. Os seus cabellos, de um castanho escuro doirado, tão escuro que ainda a pequena distancia parecem negros, opulenta floresta de fios da mais ténue e

48 delicada sêda, emmoldam sumptuosamente tão divinas feições. Sôltos, poderiam servir de manto, que lhe occultasse a olhos profanos a sua casta e mysteriosa nudez. De pé, na rua, numa sala, supremamente esbelta, esculpturalmente proporcionada, entre as suas pares, que attrahiriam as attenções do vulgo, só ella, unica, attrahiria os olhares dos verdadeiros poetas, dos grandes artistas, por que ella é a Belleza, a Graça, a Attracção, a Musa da poesia, a propria Poesia.

*

Assim esculpida pelas mãos caprichosas da natureza, suppor-se-á talvez que o seu espirito apenas poderá deleitar-se com os illusorios e sensuaes passatempos que constituem a vida moderna das senhoras da actualidade, vestaes consagradas ao culto da moda: a leitura perturbadora de Bourget ou de Marcel Prévôst;[VI] os galanteios de sala, recendentes a cheiros que os perfumistas francezes baptizam com nomes
61 estravagantes; os bailes em que a ondulação cadenciada das valsas, enlanguece os sentidos n'uma voluptuosidade doentia; os exercicios de gymnastica elegante, que constituem a vida do alto sport feminino; emfim, mil e uma bagatelas, encantadoras e deliciosas por fóra, mas absolutamente ôcas por dentro. Não. D. Zulmira de Mello, descendente de uma familia aristocratica;[VII] com a distincção nativa que d'essa origem lhe provém, e primorosamente educada á moderna, não podia viver affastada da alta sociedade a que pertence, e ahi tem occupado o logar que lhe compete pela sua gerarchia, encantadora presença, e gracioso espirito, mas com uma orgulhosa frieza, sempre crescente, com um profundo desdem interior por tudo que tem observado nesse mundo esteril, de prazeres transitorios, pois que se é bella de corpo, mais o é ainda de espirito: é uma Alma.

VI Os franceses Paul Charles Joseph Bourget (*1852 †1935) e Eugène-Marcel Prévost (*1862 †1941) abordaram nos seus romances as paixões humanas, sobretudo femininas.

VII A poetisa Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964) pertencia a uma família aristocrática residente na Fonte Arcada (Póvoa de Lanhoso). Seu avô, José Joaquim Ferreira de Melo Freire de Andrade, engrossou as fileiras liberais do exército de D. Pedro, antes de construir a imponente Casa das Agras.

Por temperamento, por atavismo, pelo meio em que viveu durante os primeiros tempos da sua ainda tão curta existencia – pois apenas conta dezoito primaveras – passando horas e horas embebida na leitura dos bons livros que constituiam a bibliotheca de seus maiores, ou, na contemplação das poeticas e extensas paisagens que a cercavam, o seu espirito, já propenso para a vida contemplativa, lançou-se impetuoso na vida dos sonhos. Mas, em que sonhos? Nos que impelliram Santa Thereza, ardente e poetisa como ella, para o amor divino?[VIII] Não; nos que pódem ter uma realidade n'esta vida, realidade mais bella ainda que esses mesmos sonhos: a do amor que une uma alma a outra alma; a do amor de uma alma por tudo que é bello, e por todas as suas ideaes manifestações.

«Em que poderá consistir, pensou ella, a felicidade de uma mulher? Em amar e ser amada.» E para ser amada, continuou ella, bastará ser bella? Não: é necessario que seja «alguem» para ser digna do amor que inspire, para que esse amor não viva o que vivem as rosas.

E para logo, e com uma estranha energia, metteu as suas pequeninas mãos á obra, e sem descanso e em poesias successivas, já notaveis pela sinceridade dos sentimentos, e por um orgulhoso, mas honesto, menosprêso de ridiculos preconceitos, foi transladando a luta da sua alma na conquista da felicidade que sonhara.

Por vezes, julgou encontral-a, e a alegria do seu coração manifestou-a em estrophes tão suaves como gorgeios de rouxinol em noites de luar. Mas, em breve essa alegria transitoria se transmudava na mais cruel tristeza, porque o idolo das suas adorações era um falso idolo, de oiro nas compostas apparencias, de barro commum, na realidade. Cheia de desalentos, angustiada, voltava-se então para as flôres, que adora, procurava refugios em corações amigos, e sem queixumes, porque é divinamente orgulhosa, e como inanimada, cantava as coisas inanimadas, paisagens, velhos thêmas, mais para firmar o seu pulso de artista, do que para fixar a sua esthesia poetica.

VIII Alude às obras místicas de Santa Teresa de Ávila (*1515 †1582).

De subito, julga encontrar o ideal dos seus pensamentos: ama, e esse amor patenteia-lhe aos olhos deslumbrados uma vida nova, a visão da suprema voluptuosidade, a de um verdadeiro e infinito amor. Para logo os seus versos se resentem d'esse estado da sua alma; de incertos e hesitantes que eram, tornam-se firmes, seguros nos seus movimentos, sonoros. É que a esthetica exterior, ou da fórma, está intimamente ligada á do mundo interior, ou da alma. Reanimada, quasi victoriosa, as suas poesias assumem a intensidade musical, a perfeição esthetica da obra dos mestres.

Ama, e porque quer ser amada, quer ser artista, quer ser alguem: estuda. Ama, e toda a energia do seu espirito varonil, todos os seus pensamentos se concentram na realização completa das suas aspirações ideaes, antigas, na de ser amada por esse a quem, sem elle o saber talvez, entregara a sua alma.

Ella mesma o diz num pequenino poema, que faz lembrar o soneto d'Arvers:[IX]

A branca violeta, a flôr modesta,
Que se debruça á margem da corrente,
Ás caricias da briza indifferente,
Não sonha amores no calor da sésta.

Que a pobresinha amasse, nada o attesta.
Sentia a viração, mas indolente
Gostava de rever no transparente
Christal da lympha a sua face mésta.

Um dia viu porém irradiar
Uma estrella de mágico fulgor;
E a pobresinha então, n'um vago anciar,

IX Alude ao soneto "Mon âme a son secret, ma vie a son mystère", do francês Alexis Félix Arvers (*1806 †1850) – vd. poema editado no n.º 255. O carme de Zulmira de Melo, na sua versão original, foi publicado n' *A Correspondencia do Norte* – vd. Arquivo documental III, no Aparato Crítico.

Sentiu su'alma prêsa, e agora a flôr
A si mesma pergunta, a suspirar:
«Eu amo-a, e saberá do meu amor?»

No perfumado manuscripto, que tenho presente, dos versos da encantadora poetisa, e que em breve verão a luz da publicidade sob o titulo de *Flôres do sonho*,[X] encontram-se numerosas poesias, cheias de maguados queixumes, dirigidos *ignoto deo*,[XI] a esse que era o querido da sua alma enamorada, e d'essas composições se conclue que elle vivia na mais profunda ignorancia de tão poetico amor. Lia essas poesias talvez, e não sabia que era elle o mysterioso numen que as inspirava.

Ella, porém, não desanimava, e refugiada na visão côr de rosa das suas chiméras, dirigia-se-lhe, como se elle a ouvisse:

Se eu tivesse o poder que têm as fadas,
E a classica varinha de condão,
Tocava esse teu frio coração,
Mudando em chammas as cinzas apagadas.

Revestia mil fórmas encantadas,
Accendia em teu peito uma paixão,
Mais ardente que a lava de um vulcão
Se eu tivesse o poder que tem as fadas.

Mas, ai! eu não sou fada, nem rainha,
Não tenho aquella magica varinha
Que architecta palacios de diamante:

Mas, em tróca, hei-de amar-te eternamente,
Que é, o meu sonho, o meu pensar constante,
E eu vivo para ti, Amor, sómente.

X Zulmira de Melo nunca chegou a publicar o seu livro de poesias.

XI Alude à passagem bíblica Act. 17: 23. Trad. do Latim: "ao deus desconhecido".

A esta hora, ter-se-ão já encontrado num unico e supremo enleio, essas duas almas, uma ardente, apaixonada, a outra rejuvenescida ao fogo de tão divino amôr?

Eis o que, ainda mesmo que eu o soubesse me não seria licito revellar, pois que, de contrario, ultrapassaria os limites para além dos quaes a mais pequenina indiscrição, seria um crime de lesa-galanteria, digno das mais asperas censuras.

No entanto, do magistral soneto que a deliciosa poetisa hoje dá á luz n'esta revista,[XII] parece concluir-se que ella, que apesar das suas modestas negações, é realmente uma fada, já logrou attrahir á sua a alma do mysterioso vagabundo, alma que elle trazia pelos montes e valles do paiz dos sonhos.[XIII]

Em todo o caso, quer D. Zulmira de Mello, que já é uma distincta escriptora, veja realizado o ideal que sonhou, quer o veja fugir como nuvem que o vento impelle para regiões obscuras, – será, em breve, entre nós, a grande poetisa do Amor. Eu, embora profeta minimo, assim o augúro, cheio de fé e de enthusiasmo pela sua formosura, pela sua alma, e pelo seu talento.

2-XII-1901.

XII Trata-se do soneto "Que é o amor?" – vd. Arquivo documental I, no Aparato Crítico.

XIII A alusão ao próprio João Penha faz-se pelo título dos livros que publicou em 1897 e 1899.

760

[*Ocidente*. Vol. XXV, n.º 863 (20 dezembro 1902), pp. 274-275.]

LUIZ DA SILVA[I]

Luiz da Silva, esse modesto rapaz, que nem todos conhecem, é
2 bem digno da honra que o *Occidente* lhe presta n'este numero. Como todo o lisboeta, que se preza, adora a alface e os toiros; mas, acima de tudo, adora as letras e os artistas; mais ou menos republicano (em inactividade permanente) admitte comtudo a realeza do talento, e diante d'ella se curva reverente. Sem uma revista, que dirija, não comprehende a vida: se ellas não existissem desde ha seculos, seria elle o seu inventor. Assim, o vimos dirigir, com fino critério, o *Gabinete dos Reporteres*,[II] de que elle mesmo foi um dos mais distinctos collaboradores, e onde, a par de escriptores novos, que se lhe antolharam aproveitaveis para as letras patrias, soube aggremiar os mais conhecidos litteratos portuguezes, com nomes feitos, e de reconhecida fama, como João de Deus, Simões Dias, Guerra Junqueiro, Candido de Figueiredo, Christovam Ayres, e muitos outros. Com a *Chronica*,[III] porém, revista mais accentuadamente litteraria, e que substituiu aquella, os serviços por elle prestados á nossa litteratura são incalculaveis e dignos do maior elogio. Essa modesta revista, já conhecida do estrangeiro, é indubitavelmente a mais bem feita e mais litteraria do paiz. Quem revela talento, ou quem o promette, ahi

I Este artigo vem na sequência de uma grande homenagem a João Penha que o diretor d' *A Chronica*, Luís da Silva (*1863 †1902), empreendera em abril de 1902. Na altura em que foi publicado, o homenageado enfrentava já a doença de que iria falecer.

II Este periódico, que teve Luís da Silva como redator principal, publicou-se entre 1894 e 1899.

III Esta revista, fundada por Luís da Silva, publicou-se entre 1900 e 1906.

tem entrada, com boas palavras de incitamento, e ahi recebe o baptismo de iniciação, muitas vezes em nome do Mundo, do Diabo e da Carne, para o seu ingresso na religião profana da arte e das letras. Luiz da Silva, porém, que conhece a fundo o meio em que vive, viu que uma revista, que tivesse por unicos collaboradores os *novos*, não viveria dous mezes, e isto porque não só os leitores d'este paiz, como os de todos os outros, desadoram gastar dinheiro e tempo com litteratura de principiantes, e, têm razão. Assim, e com o seu fino bom senso, chamou a si todos os escriptores, homens e mulheres de letras, amados do publico, os quaes, ao seu appêlo, generosamente accorreram, e o têm ajudado e aos seus collegas, de modo que a boa da *Chronica*, cujo exito cresce de dia para dia, hade ficar como um dos melhores repositorios da evolução litteraria de nossos dias.

Luiz da Silva, porém, não é unicamente um operario, ou artista, por assim dizer, mecanico das letras; é tambem um artista, no sentido elevado d'esta palavra. Terminado o curso dos lyceus, teve de renunciar, pela morte de seu pai, aos estudos maiores, a que se destinava, e corajosamente se lançou na vida precaria e accidentada do jornalismo, onde, com brio, mas ingloriamente, se desempenhou dos serviços que lhe eram incumbidos. Ha annos publicou um livro de versos, intitulado: *Nebulosas*,[IV] cuja edição se acha esgotada. N'esses versos, como nas suas traducções de Campoamor, faltam apenas os *coulis* francezes,[V] que os modernos paladares derrancados, requisitam, para que fossem trombeteados pela critica aos quatro ventos do ceu; mas são versos discretos, quanto aos assumptos, harmoniosos, geralmente bem feitos, e cuja leitura nos deixa uma ténue, mas agradavel impressão. Na publicação periodica: *Gotas de Chypre*,[VI] Luiz da Silva mostrou-se tambem como em muitas traducções e escriptos originaes, um excellente prosador, de modo que, moço ainda, – pois que a mocidade, segundo

IV Este livro foi publicado em 1885

V Note-se o emprego metafórico. Na culinária francesa, *coulis* é um caldo ou molho.

VI Este periódico especializado em contos publicou-se em 1889.

Varrão, protrahe-se até aos quarenta annos, e elle ainda os não attingiu, – se muito já tem feito, muito ha ainda a esperar que faça, com o que muito folgarão as letras patrias e os seus numerosos admiradores.

11-XII-902.

761

[*Echos da Avenida*. Ano XIV, n.º 680 (15 novembro 1903), p. 1.]

MANUEL DUARTE D'ALMEIDA[I]

Manuel Duarte d'Almeida é um dos raros poetas consagrados que têm escapado ao furor imaginariamente iconoclasta de uns certos escrevinhadores de baboseiras, que arrogantemente se intitulam criticos d'arte.[II] Esses infelizes detestam sobretudo a fórma, tanto no verso como na prosa, porque, desequilibrados pela degeneração dos orgãos em que a alma exerce a sua actividade, não comprehendem equilibrio algum, nem o que resulta da harmonia do pensamento com a sua forma exterior: o da rhetorica; nem até o que resulta da harmonia das ideas e dos juizos com a sua forma escripta, ou com a dicção: o da syntaxe.

A degeneração d'esses individuos, de ordinario hereditaria e congénita, e que, segundo os temperamentos, o meio e a educação, pode, quanto aos effeitos, variar de exemplar para exemplar, revela-se por varios dos symptomas caracteristicos, que os medicos anthropologicos e sabios alienistas assignalam em seus escriptos. Entre esses symptomas sobresahem o d'um egoismo feroz, o da inveja, sua filha natural, e o da incoherencia e instabilidade de pensamentos e resoluções.

Autores de livros detestaveis, que ninguem póde lêr, não comprehendem que os povos não se prosternem diante de suas pessoas, quando passam, e o mais simples elogio, ainda que merecido, a qualquer escriptor, parece-lhes um roubo que se lhes faz, um crime de lesa

I Este texto, que foi publicado num número de homenagem ao poeta Manuel Duarte de Almeida (*1844 †1914), esteve para ser incluído nas *Excavações Litterarias* (publicadas postumamente no livro *O Canto do Cysne*). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 743.

II O ataque é dirigido a João de Barros, que em maio de 1902 desferira uma dura crítica contra João Penha e as suas ideias literárias. A este propósito, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico do n.º 740.

magestade, digno de severo castigo. Na sua quasi demencia, e digo «quasi» porque a degeneração nunca chega á loucura classificada, imaginam-se um poder no Estado litterario, e decretam leis, não originaes, porque um dos symptomas da degeneração é a esterilidade, tanto intellectual, como material, mas deturpadas em suas origens estrangeiras, leis com que pretendem governar o mundo das artes, e a que, os que os observam e contemplam, chamam, com um sorriso mais de compaixão, do que de escarneo, pyramidaes asneiras. Absolutamente incapazes, pelo seu estado morbido, de reagirem contra os seus maus instinctos, dão largo desafogo, nos seus escriptos, repletos de contradicções e de incoherencias, á inveja, de olhos vêsgos, que, com o seu bico adunco, lhes espicaça e róe o figado, obstruido de bilis derrancada. N'esses escriptos, debalde se procurará uma idea generosa, uma palavra que anime; noveis escriptores, que entram timidamente na arena das letras, são recebidos nas pontas das lanças – acção má, de que pode resultar, pelo desanimo tão natural em quem ainda não tem consciencia das proprias forças, o perder-se para a arte quem n'ella poderia sobresair. A sua ferocidade, porém, incide principalmente sobre os escriptores que fizeram o seu tempo, que, pelos seus serviços ás letras, adquiriram o direito, uns de serem glorificados, outros de serem, pelo menos, respeitados. Para esses não ha dó nem piedade: em suas obras tudo é mau, deploravel: tudo é velho, imitado, ôco de monumentaes idéas, sem elevação moral, sem estylo, sem grande arte.

Este phenomeno vem de tempos antigos; todos os grandes escriptores, todos os grandes poetas, desde Homero até Victor Hugo, tiveram os seus detractores, a glorificação dos zoilos. O facto subsiste o mesmo; este nome é que mudou: chamam-se agora, segundo a sciencia, «degenerados»; antigamente, causavam nojo, ou faziam rir, como bôbos; actualmente, causam piedade, porque são doentes, sem consciencia nitida do que fazem.

A Manuel Duarte falta a consagração d'estas individualidades. Porquê? Naturalmente porque não o acham digno das suas investidas, e comtudo não ha poeta que mais alto se firme no seu pedestal de marmore, e digo de marmore, porque de marmore são as suas maravi-

lhosas composições. Manuel Duarte é tambem um degenerado, mas na mais suave accepção d'esta palavra: um degenerado lucido: nunca comprehendeu o sentido real da vida, nunca se quiz dar ao trabalho de o comprehender, e, com a sua bella cabeça povoada de sonhos, a sua alma de generosos impulsos, vae caminhando estrada em fóra da sua gloriosa existencia, com os olhos fitos em cousas ideaes, que não têm existencia senão na sua imaginação de sonhador.

Por vezes pára; vê que o que o cerca, isso que o vulgo, odiado dos poetas, acceita feliz como um dom inestimavel dos destinos: a realidade, – é hediondo.

Graveolentes olores o perturbam em meio do florido e perfumado jardim imaginario em que vive, e, a toda a pressa, e enojado, desfere o vôo para o seu adorado paiz de chimeras.

É então que os que o comprehendem e contemplam ouvem o sonoro remigio das suas poderosas azas:

Ergamos d'este charco o pensamento!
Mergulhemos a vista nas alturas,
No eterno lago azul, nas aguas puras
Que busca o nosso espirito sedento!

Passemos sobre a terra como o vento
Que vae cantando estranhas amarguras,
Que inda agora gemeu n'estas agruras,
Já lá suspira, ao longe, o seu lamento.

Não demoremos n'esta ingrata senda
O olhar saciado, os indecisos passos,
Á espera que outro sol, emfim, se accenda.

Sol mais bello, mais puro, – outros espaços
Mais vastos quer tambem, onde resplenda:
Alma! Abre as azas, rompe os térreos laços![III]

III O poema citado intitula-se "Tédio" e foi publicado, com variantes, na edição póstuma de *Terra e Azul* – vd. Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

Comtudo, não se imagine que o que elle odeia é este pequenino atomo em que vivemos, no seio do infinito: o que elle odeia é a vida que os misérrimos animalculos, chamados *reis da creação*, que ahi residem, para si estupidamente construiram, substituindo, por umas da sua invenção, as divinas leis da natureza.

A natureza, eternamente nova, eternamente bella, essa adora-a. Manuel Duarte, pantheista como todos os altos espiritos contemplativos, sente-a em si, consubstancia-se n'ella:

Oh poesia ineffavel, vaga, triste,
D'um intimo sonhar, por noites bellas,
Perdido o olhar no lume das estrellas
D'outro mundo melhor, que eu sei que existe...

Quando o luar me impelle a que me aliste
Na phalange risonha das chimeras
Que sae a conquistar novas espheras
De luz, co'a lança-aspiração em riste...

Então, no azul espaço illimitado,
Muito acima da terra e de seus montes,
Da lua pallida, e do sol doirado,

Por outros ceus, mais largos horizontes,
Meu espirito vae, penetra, ousado,
Buscando o Amor em ignoradas fontes...

Ah! Como é bello divagar sonhando
Pela praia deserta, em noites calmas!
Tão fresca a aragem nos perfuma as almas!
Tão branca a lua nos persegue, andando!

E tu, oh mar! tão amoroso, quando
Na fulva areia rútila te espalmas,
Tu, parece que a vaga dôr acalmas
De quem te vê captivo, mas amando!

Auras! erguei-me em vossas brandas azas...
Vagas! tomae-me em vosso collo undoso...
Cobre-me tu, oh lua, de alvas gazas...

Transportae-me sonhando... Á dor? Ao gôso?...
Eu quero ver-te, oh flamma que me abrasas
N'este anciar, tão doce e doloroso!... [IV]

Na sua rapida trajectoria por este mundo de miserias, todo o poeta, digno d'este nome, não tem vibrações na sua lyra, senão para amar o que é bello, e para odiar o que é hediondo: toda a poesia se resume n'isto.

Entre as cousas bellas, sobresahe, em todo o seu ideal esplendor, a mulher, o divino objectivo da mais nobre e profunda das paixões humanas: o amor. Sem ella, o mundo seria uma sombra escura, um deserto sem agua, uma vasta charneca de terra sáfara, nua e fria.

Deus, creando-a, teve compaixão de nós, e quiz mostrar-nos, n'esse sorriso da sua creação, que a sua mão terrivel, que lançou no infinito os soes de cabelladuras de chammas, podia tambem crear, delicado artista, esses pequenos soes, de cabelladuras d'oiro. Sem ella, a propria arte não existiria. Todo o alto labôr dos grandes artistas, poetas, musicos, pintores e estatuarios se têm concentrado, com um intenso esforço sobrehumano, em a reproduzir, glorificando-a.

O nosso divino poeta viu toda essa obra prodigiosa da Arte, desde os seus primordios até nossos dias; admirou-a com justiceiro

IV O poema citado intitula-se "Ecos da poesia da noite" e foi publicado, com pequena variante, na edição póstuma de *Terra e Azul* – vd. Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

enthusiasmo, – mas vagamente lhe pareceu que a Arte poderia ir mais longe, poderia fazer obra mais perfeita, mais completa.

Pensou, meditou, e concluiu que – tintas, marmores, jaspes, e toda a gamma sonora da divina arte musical, eram impotentes para a reproduzirem; que a mulher só com perfumes poderia ser pintada, porque ella mesma é um perfume, o perfume da nossa vida.

Viu uma que realizava todos os seus sonhos de poeta, adorou-a; e logo:

Se alguma vez tentasse, oh minha doce amada!
Na tela desenhar teu nobre busto hebreu,
Não iria pedir – bucolico Dirceu –
Á neve, á rosa, ao lirio, a tinta delicada.

A gazella medrosa, a pomba assetinada,
O ébano, o marfim, o sol, o azul do ceu,
Nada tinham que dar-me, oh fouveiro escarceu,
Flamma alongada em lago, onde a minh'alma nada!

Perfumes na palêta, em vez de tintas, pondo,
Derramára o beijoim no teu seio redondo;
N'essa bôca a mordene escalónia; e, no olhar,

A magnolia, que lembra um ant'arctico mar;
E a rajada do sul, impregnada de aromas,
Pintára o turbilhão das tuas negras cômas![V]

Eis o que é bello, eis o que deliciosamente nos acabrunha, o que nos consola em meio da lamentavel decadencia da nossa poesia actual!

V Este poema intitula-se "Aromatografia" e foi publicado, com variante, no n.º 1 da série V d' *A Folha* – vd. Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

Manuel Duarte d'Almeida lança os seus maravilhosos sonetos com a firmeza e a elegancia, com que um discóbolo romano lançava o seu disco de bronze. O disco fendia o ar, n'uma curva graciosa, fazendo ouvir uma vibração sonora; assim esses divinos poemas percorrem, desde o primeiro ao ultimo verso, sem uma interrupção, sem uma quebra de harmonia, toda a trajectoria que o grande artista lhes marcou. Poeta commovido e sincero, a sua poesia é absolutamente sua, inconfundivel, original. Elegante no estylo, parnasiano na fórma esculptural, já erigiu para si, como Horacio, um monumento mais perenne que o bronze;[VI] para si, e para as letras patrias.

26-X-903.

VI Alude ao verso de Horácio: "Exegi monumentum aere perennius" (*Odes*, III, 30, v. 1).

762

[*A Correspondencia do Norte*. N.º 2300 (5 janeiro 1905), p. 2.]

Visconde da Torre[I]

Pelos seus actos publicos, como cidadão prestante, e como parlamentar distincto; pela sua urbana cortezania, nativa, e não ficticia ou apparente; pelo seu amor, tantas vezes revelado, a esta terra que para si tomou como patria adoptiva; e por suas nobilissimas qualidades de caracter, altruista, generoso e serviçal, tenho o sr. Visconde da Torre na mais alta consideração, e o considero digno não só das homenagens que este jornal hoje lhe presta, mas de outras mais em proporção com a sua distincta personalidade.

4-I-05.

I Este breve depoimento (à semelhança do n.º 758) foi publicado num número de homenagem ao 2.º Visconde da Torre, Alberto Feio da Rocha Páris (*1863 †1912).

763

[*O Visellense*. N.º extraordinário (18 outubro 1906), p. 2.]

BRAULIO[I]

Vizella, essa povoação tão conhecida pelas suas aguas thermaes, e pelos seus tão pittorescos arredores, tem tambem direito a ser conhecida por alguns de seus filhos, e realmente o é. Refiro-me ao Dr. Pereira Caldas,[II] que passou a sua larga existencia a estudar, e a ensinar a successivas gerações de alumnos isso que aprendera, conseguindo pelos seus trabalhos de antiquario e de bibliophilo, que o seu nome transpozesse as fronteiras; refiro-me a Dias Freitas,[III] que, ainda em plena virilidade, se partiu d'esta vida, legando á sua patria uma delicada poetiza, sua filha, D. Aurora Beatriz Dias Freitas, e á litteratura portugueza numerosos escriptos, e entre elles a *Grinalda Christã*, esse seu ultimo livro de versos, que lhe define a alma, o caracter e o talento; – refiro-me, finalmente, a Braulio Caldas, cujo passamento é hoje commemorado n'este jornal, que elle patrioticamente fundara.

A arte é longa e esse poeta, que trazia na face convulsionada um como que tragico reflexo do mal que lhe minava a existencia, morreu ainda em plena mocidade, sem ter tempo de se amestrar na mais que todas difficil arte do verso. Tinha, porém, o seu espirito aberto a todas as manifestações do bello, e d'ahi vem que as suas producções poeticas, se não têm uma fórma impeccavel, são commovidas, sinceras, e dignas de ser archivadas.

I Este texto foi publicado num número de homenagem ao fundador d' *O Visellense*, o advogado e poeta Bráulio Lauro Pereira da Silva Caldas (*1861 †1905).

II José Joaquim da Silva Pereira Caldas (*1818 †1903) foi um dos professores decanos do liceu de Braga e examinador de João Penha, em 1862. Desenvolveu estudos nas áreas da literatura, história, política, ensino e ciências.

III O poeta Domingos Maria Dias Pereira de Freitas (*1852 †1905) foi companheiro de João Penha em Coimbra. Seu último livro, *Grinalda Christan*, publicou-se em 1904.

Vizella, perdendo-o prematuramente, perdeu um dos seus filhos mais talentosos.

Lamente-o ella, como todos nós que o conheciamos e amavamos, sinceramente lamentamos!

18-X-06.

764

[*Vitalidade*. N.º 767 (25 dezembro 1909), p. 1.]

ORADORES[I]

Dizia Blaze de Buny que certos individuos nascem com genio como os elephantes nascem com trombas.[II] Referia-se aquelle escriptor a poetas, mas a sua comparação, só original quanto á fórma, é tambem applicavel, e até com mais fundamento, aos oradores.

Póde um individuo ter uma excellente memoria e vastissimos conhecimentos como Alexandre Herculano ou Theophilo Braga, e, não obstante, ser como elles, um deploravel orador. E porque? Porque não nasceu com cordas vocaes sonóras, e não as desenvolveu e educou, como Demósthenes, por uma gymnastica apropriada, e pelo estudo.

Debalde o orador a quem falta esse predicado, puramente physico, por mais bellas que sejam as idêas que desenvolva, se esforçará por enthusiasmar os seus ouvintes, jámais os convencerá d'aquillo que pretenda. Pelo contrario, um orador que possua uma voz potente e facilidade de elocução, ainda que não passe d'uma mediocridade, subjugará as turbas, e será levado sobre os escudos em meio d'um ruidoso triumpho.

Um jumento, cuja voz poderosa todos nós conhecemos, e que, ao contrario do que se diz, chega aos ceus, se lhe fosse dado exprimir as suas idêas, varreria a feira, e sobrepujaria em vehemencia declamatoria, os melhores oradores da especie humana. D'esses não se leiam os discursos: escutem-se como se escuta um cantor.

Ácerca de José Estevam, o que sei é apenas por tradição.

I Este texto foi publicado num número de homenagem ao jornalista e parlamentar liberal José Estevão Coelho de Magalhães (*1809 †1862).

II Refere-se ao francês Henri Blaze de Buny, crítico teatral da *Revue des Deux Mondes*.

Era um orador que tinha, umas vezes, o verbo impetuoso e o gesto largo de Danton; outras, a eloquencia elegante e persuasiva do girondino Vergniaud, e sempre a alta philosophia social de Mirabeau,[III] um dos principaes, e o mais popular dos iniciadores da Revolução Franceza.

Reunia, pois, em si os predicados de aquellas duas especies de oradores, a que acima me referi, e por isso permanece, e permanecerá durante seculos entre nós, como sendo o primeiro e o mais glorioso dos tribunos d'este paiz. Elle, no profano; o Padre Antonio Vieira, no sagrado.

27-XI-09.

III Alude a três oradores emblemáticos da Revolução Francesa: o líder da Comuna de Paris Georges Danton (*1759 †1794), o girondino Pierre Vergniaud (*1753 †1793) e o moderado Honoré Gabriel Riqueti (*1749 †1791), conde de Mirabeau.

765

[*Propaganda*. Ano I, n.º 13 (18 abril 1910), p. 1.]

HERCULANO[I]

Já sobre este thema: Alexandre Herculano, escrevi algumas linhas, e estou bem arrependido de ter accedido ao convite que para isso me fizeram, e com que, não obstante, me honraram.[II] Que poderia eu dizer ácerca d'esse grande escriptor, poeta, historiador, romancista e philosopho? Palavras, coordenadas n'um todo rhetorico, e nada mais.

Da vida anecdotica do autor do *Eurico*,[III] nada sei, nem elle naturalmente a teve, digna de chronica. Em regra, quasi sem excepção, a vida dos grandes artistas decorre plácida e tranquilla; como a d'um simples burguez, como a de toda a gente. Nas suas obras como producção concluida ou como genese, é que está a sua vida agitada, bem diversa da vida commum: ahi a luta, a tempestade, a tortura, as angustias da gestação, a incerteza do triumpho. Fóra d'ahi, tudo é sereno e vulgar; a corrente impetuosa deixa de o ser, e passa a um riacho tranquillo, que nunca a briza levanta em ondas.

Um juizo critico ácerca das obras do glorioso escriptor, em meia duzia de linhas, seria além de incompleto, inutil. De ordinario, as criticas de nada servem. O tempo que se gasta lendo-as, melhor empregado seria, lendo e estudando as proprias obras criticadas. Para a ascenção ao Hymalaia, ou ao Monte Branco, são necessarios guias; para aquillo, não. O proprio artista é, nas suas producções o melhor guia, o melhor critico de si mesmo.

I Este texto foi publicado num número de homenagem a Alexandre Herculano (*1810 †1877).

II Refere-se ao texto editado no n.º 769.

III Trata-se do romance histórico que Herculano publicou em 1844.

Das obras, pois, de Herculano direi apenas: leiam-se, e a impressão será profunda.

Li-as, na minha adolescencia, e a impressão que me causaram dura ainda, como se ainda hontem as lesse. Por isso, como diz Horacio das suas, Herculano, com essas obras ergueu um monumento, mais duradouro que o bronze,[IV] a si, e á terra que o conta como um dos maiores de seus filhos.

14-IV-10.

IV Alude ao verso de Horácio – "Exegi monumentum aere perennius" (*Odes*, III, 30, v. 1) .

766

[*Boletim da Sociedade Litteraria Almeida Garrett*. Número especial (1910), p. 41.]

O NOSSO LUIZ[I]

Dolens in thalamo,[II] não posso enviar senão o meu nome para o numero em memoria do nosso Luiz. Era um santo, canonisado pelas almas de todos aquelles que, como eu, o conheciam desde os primeiros tempos da mocidade.

No seio de Deus, onde ascendeu, interceda elle por todos nós, os seus dilectos, emquanto vivermos n'este mysterioso valle de ligeiros ou illusorios prazeres, de dôres profundas e de miserias.

Braga, 26-IX-10.

I Este texto foi publicado num número de homenagem ao 1.º Conde de Valenças, Luís Leite Pereira Jardim (*1843 †1910), companheiro de João Penha em Coimbra e um dos seus amigos mais íntimos.

II Trad. da expressão latina: "Doente na cama".

767

[*O Leme*. N.º 23 (1 junho1913), p. 9.]

DUAS LINHAS[I]

Um viajante que vá a Bruxellas, verá, n'uma das suas praças, a estatua de Henri Conscience,[II] o romancista das *Scenas da vida flamenga*, e, se por acaso, sendo o dia em que lá vá o do anniversario natalicio do illustre escriptor, vel-o-ha, com assombro, sendo portuguez, com a fronte coroada de rosas, a emergir, não de pedestal de marmore e bronze do monumento, mas d'um montão de ramos de delicadas flores, e de odoriferas plantas symbolicas.

Nem n'esse dia de commemoração publica, pessoa alguma, desde o rei, até ao mais humilde artista, passara, sem que piedosamente se descubra diante da figura, eternamente serena, do grande escriptor nacional.

É isto assim, lá, e em muitas cidades e burgos, onde aquelles que se elevaram pela arte e pela sciencia, têm, ao partirem para o Desconhecido donde vierem, a certeza de que não serão esquecidos.

Entre nós já assim não é: o com que podem contar é com o olvido, com o esquecimento até dos seus nomes, ou com um ironico e soberano desprêso pelas suas obras.

Onde está entre nós, já não digo a estatua, mas o monumento que «as cinzas guarda de Camillo Castello Branco?» «Raça de ingratos!»[III]

E comtudo, quanto acima não está elle, como pintor de costumes, de Henri Conscience, e de muitos outros escriptores, cujas estátuas

---

I Este texto foi publicado numa homenagem a Camilo Castelo Branco (*1825 †1890).

II Refere-se à estátua fronteira à biblioteca de Antuérpia, que em 1883 foi erigida na praça que tomou o nome do escritor Hendrik Conscience (*1812 †1883).

III Alude à estrofe final do poema "Camões", de Almeida Garrett (1825, p. 191): "Onde jaz, Portuguezes, o moimento,/ Que do immortal cantor as cinzas guarda?/ Homenagem tardia lhe pagastes/ No sepulcro sequer... Raça d'ingratos!".

adornam as grandes capitaes do mundo!

Assim como Antonio Feliciano de Castilho foi o creador do parnasianismo, antes de surgir essa escola em França, assim foi Camillo quem, espontaneamente creou o romance realista, como elle deve ser. O realismo de Champfleury, e o naturalismo de Zola,[IV] além de posteriores em data, não existem na natureza, e excedem em phantasia as mais extravagantes creações das novellas da epoca romantica.

29 Assim, na *Fausta*, de Edmond de Goncourt,[V] a que se atribue a invenção do chamado romance documentario, vê-se, com surprêsa, um gentleman sádico, que aos repastos não bebe senão agua-ardente, em grandes copos, sem que essa bebida infernal, irmã do demonio do gin,
33 como lhe chama Edgar Poe,[VI] lhe cause a menor perturbação, sem que ao menos lhe illumine o nariz, á guisa do de Bardolpho que, de noite e n'uma floresta obscura, servia de lanterna a Falstaff e aos seus originaes companheiros.[VII]

Assim, na *Fille Elisa*, do irmão Julio,[VIII] esta rapariga mata, com um canivette, um soldado que ella amava, um mocetão que, com um sopapo, a poderia lançar de pernas para o ar, a alguns metros de distância!

Assim, no *Assomoir*, de Zola,[IX] esse leão que se aprazia, como um pôrco, a chafurdar em lodaçaes de lama, ha um jantar, tornado célebre, em que apparece *um pato*, de que comem todos os convivas, em numero superior a vinte, repetindo alguns, porque estava excellentemente cosinhado, d'onde devemos concluir, ou que os patos, em França, são do tamanho de avestruses, ou que o glorioso historiador

---

IV Refere-se a dois expoentes máximos do realismo-naturalismo em França: Jules François Felix Fleury-Husson (*1820 †1889), que publicou os seus romances sob o pseudónimo Champfleury, e Émile François Zola (*1840 †1902).

V Trata-se do romance *La Faustin* (1882), de Edmond de Goncourt.

VI Alude a uma passagem no conto "The Man of the Crowd" (1840), de Edgar A. Poe.

VII Refere-se à particularidade do nariz de Bardolph, personagem de *Henry IV*, de William Shakespeare, que se assemelha a um fogo-fátuo errante ou rastilho de pólvora.

VIII O autor de *La Fille Elisa* (1877) é Edmond de Goncourt, e não seu irmão.

IX Refere-se ao enorme ganso servido no banquete de Gervaise, no capítulo VII do romance de Émile François Zola, *L'Assommoir* (1877).

dos Rougon-Macquart[X] nunca até ali tinha visto qualquer exemplar dos palmipedes d'aquella especie!

E quantas vezes o incomparavel naturalista nos não faz lembrar, de quem? de Paulo de Kock![XI]

Por exemplo: no *Germinal*, uma velha, de pescoço descarnado, arranca, á unha, a um individuo, de cujo nome me não recordo, uma parte do seu corpo, que eu não posso dizer; espeta-a n'um chuço, e é ella quem vae, com esses despojos opimos, á frente dos grevistas. Lá de cima, as damas da Piolina, armadas dos seus binoculos, observavam aquella sinistra procissão. Disse uma: «que é aquillo que aquella velha
57 leva espetado n'um pau?» Responde a outra: «Parece um bocado de carne de porco!» [XII]

E assim por ahi fóra, n'elle e em seus numerosos discipulos que enxameam por toda a parte, sobretudo em França.

Não, esse não é o naturalismo. O real, grave ou alegre, sereno ou ironico, é o de Camillo, esse homem de genio, que se não tivesse tido a infelecidade de nascer n'este paiz de analphabetos, já n'outro, em que viesse á luz, e em que edificasse a sua obra monumental, teria sido posto *inter divos*,[XIII] entre o numero dos deuses.

Console-o ao menos a lembrança, se lá onde a sua alma existe, «memorias d'esta vida se consentem»[XIV] – de que em nossas almas, de nós que o lêmos, e continuaremos a lêr com uma deliciosa voluptuosidade, elle existe ainda, como um deus immortal que adoramos.

19-V-913.

X Émile Zola é o autor do ciclo de romances *Les Rougon-Macquart, Histoire Naturelle et Sociale d'Une Famille sous le Second Empire* (1871-1893).

XI Extremamente popular no seu tempo, Charles Paul de Kock (*1793 †1871) foi autor de vários romances boémios, ligados ao mundo dos cabarets parisienses.

XII Alude à castração de Maigrat pelas grevistas em fúria, na obra-prima de Zola (1885).

XIII Trad. da expressão latina: "entre os deuses".

XIV Cita parcialmente os vv. 5-6 do conhecido soneto camoniano "Alma minha gentil, que te partiste".

768

[*Número-Homenagem... aos Heroes do Primeiro de Dezembro de 1640.* 1913, p. 4.]

UNA VOCE[I]

Bem quereria, accedendo ao amavel convite da briosa academia bracarense, desenvolver, mais ou menos rhetoricamente, o velho thema: a independencia de Portugal, mas ha tantos annos que o faço, que me sinto esgotado:

«Ma chandelle est morte,
Je n'ai plus de feu.»[II]

Quando muito, o que poderia fazer seria repetir-me mas, mesmo em prosa, tenho a basofia de ser original, e, como A. de Musset, talvez possa dizer:

«Mon verre est bien petit, mais je bois dans mon verre.»[III]

Ora, quem se repete, não é realmente original: é plagiario de si mesmo; e por isso limito-me a unir a minha voz á dos jovens academicos, que, repletos de enthusiamo e de patriotismo, dão vivas á nossa independencia.

Viva!

I Este texto destinou-se a um dos números únicos que o Liceu de Braga publicava anualmente, para serem vendidos durante as comemorações estudantis da Restauração da Indepêndencia Nacional (1 de dezembro de 1640). Trad. da expressão latina: "A uma voz".

II Citam-se dois versos da canção popular francesa "Au Clair de la Lune". Trad.: "A minha vela apagou-se, não tenho mais lume".

III Esta citação de Alfred de Musset (*1810 †1857) é retirada de *La Coupe et les Lèvres* (1832). Trad. do Francês: "Meu copo é bem pequeno, mas bebo apenas nele".

769

[*Biblos.* Vol. I, n.º 1 (janeiro1925) pp. 23-26.]

O CRIME[I]

No relatorio dos crimes, mais ou menos authenticos, praticados pelos nossos reis, absolutos ou constitucionaes, que os adversarios do actual regimen lançam ás faces dos que o defendem, não tenho visto um, talvez o mais grave de todos: o da doação da quinta de Val de Lobos, feita por D. Pedro V a Alexandre Herculano;[II] e comtudo essa doação foi um verdadeiro assassinio, praticado talvez inconscientemente por aquelle, para muitos, saudoso monarcha, não porque destruisse o homem, que até melhorou de saude, mas porque aniquilou o Sabio, o historiador, o romancista, o poeta, transformando-o em agricultor.

O progenitor d'esse admiravel romance da psycologia d'uma alma d'outras eras, com um fundo historico: o da invasão dos sarracenos na peninsula hispanica, o *Eurico*,[III] acabou por productor d'azeite!

Ceci tuera cela:[IV] a agricultura é absorvente. Traiçoeira e insensivelmente se vae inoculando no espirito d'aquelle que, como um deus, criava obras d'arte: poemas, romances, estatuas, cathedraes. A sua ideal actividade procreadora vae esmorecendo pouco a pouco, e embora o infeliz, por vezes, tente reagir contra a nova ordem de cousas do seu intellecto, que o arrasta para um abysmo que desconhecia, já não póde

I Este texto destinava-se a uma homenagem a Alexandre Herculano (*1810 †1877), que todavia não chegou a publicar-se. Mendes dos Remédios deu-o à estampa, já depois da morte de João Penha. Sobre os incidentes que envolveram este episódio, vd. o Arquivo documental I, no Aparato Crítico.

II Sobre este equívoco, leiam-se as cartas transcritas no Arquivo documental.

III Trata-se do romance histórico que Herculano publicou em 1844.

IV Cita uma frase do romance de Victor Hugo, *Notre Dame de Paris* (1831), em que Claude Frollo abre a janela, olha para a catedral e em seguida para o livro que tem sobre a mesa, lamentando: "isto destruirá aquilo".

resistir á attracção, e até com voluptuosidade se deixa enlaçar pelos numerosos tentaculos do monstro: a agricultura.

Sempre, todos esses altos espiritos de selecção, tiveram uma accentuada tendencia para a vida dos campos, que amavam, vida tranquilla, de sonho, longe do bulicio e do prosaismo das cidades.

«*O rus, quando ego te aspiciam!*» diria Virgilio.[V]

Mas, uma cousa é para o artista o viver nos campos, meio tão favoravel para a fecundação das suas obras geniaes; outra cousa é viver para os campos. Logo que esta desventura lhe succede; logo que, como Cincinnato,[VI] empunha a rabiça do arado, sulca a terra, semêa e colhe, morreu para a arte: morreu o artista, e das suas cinzas não resurgiu uma phenix, mas um lavrador.

Tudo isto succedeu com Alexandre Herculano. Tendo passado mais de metade da sua existencia na Torre do Tombo, em bibliotecas, e no seu gabinete de trabalho, cercado de codices vetustos, quando, pelo crime de D. Pedro V, se viu em meio de campos, cercado de montes, em terra sua, como que lhe cahiu uma venda dos olhos: pareceu-lhe aquillo uma revelação para uma vida nova, mais feliz, melhor que a outra.

Estava perdido! Já meio enlaçado pelo monstro, teve um dia como que um remorso, uma saudade dos tempos idos, mas em breve desanimou. Tentara traduzir a *Jerusalem libertada* de Tasso, mas não passou a segunda estrophe, e ainda bem!

Embora a obra que nos deixou não seja muito volumosa, é mais que sufficiente para o collocar acima de todos os que viveram no seu tempo. É uma figura em que ha o quer que seja de solemne, que nos enche de respeito e de admiração. Olhando em roda de nós, nada vemos que se lhe aproxime.

N'aquelle tempo, a evolução do romantismo, que rechassava as velhas regras classicas dos gregos e romanos, e que dos gregos e

V Cita um conhecido verso de Horácio (*Satirae*, Liber II, Satira VI, v. 60). Trad.: "Ó campo, quando voltarei a ver-te?". A referência a Vergilio é errónea.

VI Refere-se ao cônsul e ditador romano Lucius Quinctius Cincinnatus, que também se dedicou à agricultura. Nas representações, surge empunhando um facho numa mão e o arado na outra.

romanos passava a todas as nações cultas, onde assentava arraiaes, alastrava por toda a parte, avassalava todos os espíritos.

A esta mysteriosa influencia não poude, nem quiz subtrahir-se Herculano, e os seus dous romances históricos: *Eurico*, e o *Monge de Cistér*,[VII] são modelos do género, que não só podem comparar-se ao *Ivanhoë*, de Walter Scott, á *Notre Dame de Paris*, de V. Hugo, e ao *I promessi sposi*, de Manzoni, essas trez grandes obras primas de que se orgulham a Inglaterra, a França e a Italia, mas até se lhes avantaja pela pintura rigorosa dos costumes, e, sobretudo pela belleza marmórea do estylo.

Essas mesmas qualidades, e por vezes, um tom levemente ironico, se encontram nos dous volumes: *Lendas e narrativas*,[VIII] que, apesar de não conterem senão contos, uns historicos, outros de pura phantasia, em nada desmerecem d'aquellas duas obras capitaes.

Na *Harpa do crente*,[IX] Herculano seguiu a mesma escola, mas n'esse seu romantismo influio mais que a poesia francesa, a alemã, Wieland, sobretudo, de quem até, se bem me recordo, traduziu algumas composições. No verso é pouco malleavel, um pouco hirto, e se por vezes chora, não se lhe vêem as lagrimas: não é, como agora se diz, um commovido, mas pela sua poderosa força genial, commove, subjuga, faz pensar, e é n'isso que consiste a arte.

Nos seus livros historicos: *Historia de Portugal*, e *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*,[X] este grande escriptor poz totalmente de parte o elemento romantico: ahi não se vê senão um profundo conhecimento das origens, uma pintura exacta dos costumes, e um estudo syntetico das ideas que dominavam nas epocas, a que se refere, e que influiram nos acontecimentos, que ficavam na historia.

VII Refere-se aos romances históricos que Herculano publicou em 1844 e 1848.

VIII Trata-se da obra publicada em 1851.

IX Herculano publicou o seu segundo livro de poesias em 1838.

X Estas obras foram publicadas entre 1846 e 1859.

Seguiu assim um methodo desconhecido entre nós, que [fôra] adoptado ou inventado ainda não havia muito por Macaulay na *Historia de Inglaterra desde Jacques II*, e por S. Thyerry na *Histoire de la Conquête de l'Angleterre par les Normands*.[XI]

Ahi mesmo, porém, Herculano não é apenas um simples philosopho, um historiador sêcco e methodico: é tambem um conscienciosо colorista, d'um estylo opulento, naturalmente musical, inconfundivel com o de outro escriptor qualquer, nacional ou estrangeiro.

E esse maravilhoso monumento: *Historia de Portugal*, como o *Bobo*,[XII] não terão algum defeito?

Têm, irreparavel: o de terem ficado incompletos.

Pedro V, o teu crime não tem perdão!

3-III-1910.

XI Refere-se às obras históricas do inglês Thomas Babington Macaulay (*The History of England: from the Accession of James the Second* – 1848) e do francês Augustin Thierry (*Histoire de la Conquête de l'Angleterre par les Normands* – 1825).

XII Destaca o primeiro trabalho de História (1846-1853) e o primeiro romance histórico (1843) de Alexandre Herculano.

2.2.2. Crónicas



770

[*Revista de Braga*. N.º 1 (27 fevereiro 1862), p. 5.]

CHRONICA

Os mais eximios folhetinistas recuariam diante da tarefa d'uma chronica hebdomadaria em Braga: eu não!

Se este commettimento deixa a perder de vista quanto a antiga e a moderna musa cantam; ao menos terei a gloria de vêr o meu nome entre os dos grandes homens do século XIX, do seculo das luzes!

Julio Cezar Machado e Jules Janin queixam-se de não ter, um em Lisboa, outro em Paris, materia para os seus folhetins.[I] Imaginem agora em que talas me não acharei eu em Braga, terra da monotonia e do somno, da pasmaceira e da preguiça, para encher duas columnas d'um jornal-revista.

É verdade que alguns dos meus amigos se comprometteram a ajudar-me n'esta ardua e difficilima empreza. E digam os scepticos que não ha amisade!

Um d'elles, mancebo melancholico e pensador, prometteu-me suicidar-se... Outro, fundar em Tombouctou uma eschola repentina... Outro, evangelisar, em terras desconhecidas, povos que nunca existiram... Outro, escrever um livro com ideas originaes d'ha muito conhecidas... Outro... e tudo isto para me não faltar materia... nem espirito...

O principal assumpto de Braga é o theatro.

I Alude ao reputado crítico francês Jules Janin (*1804 †1874) – cujos folhetins teatrais eram publicados no *Journal des Débats* (depois reunidos em *Critique Dramatique*, 1877) – e ao crítico português Júlio César Machado (*1835 †1890), que colaborou em periódicos como *A Revolução de Setembro* e o *Diário de Notícias* (compilando mais tarde os textos em *Os Teatros de Lisboa*, 1875).

21 Quarta feira foi á scena a *Cisterna Encantada*.[II] É uma das melhores zarzuellas que a empreza nos tem dado: a musica é lindissima e sabiamente escripta.

O baixo, o snr. Jalon, andou muito bem nesta peça. É um perfeito actor. A platea fez-lhe justiça, fazendo-lhe uma chamada especial. O snr. Real, 1.º tenor, enthusiasmou a platea, segundo o costume. É idolatrado pelos verdadeiros *dilettanti*. A sua voz pura, doce, e simpathica; o seu methodo de canto; a expressão com que dá as notas; tem salvo d'um completo *fiasco* muitas das zarzuellas representadas.

Não podemos dizer o mesmo a respeito da 1.ª tiple. A snr.ª Nieves, quanto a nós, é uma estatua a cantar. Diz as notas do seu papel, mas sem expressão, sem mimo, sem gosto.

A sua voz pouco volumosa não tem a frescura, nem o timbre que devia ter. Alem disso não se possue dos papeis.

Chega o snr. Goce, tenor comico, vestido de pae:

– «O teu amante, o sonho da tua vida, o teu pagem, o teu Cardoso emfim, caiu pelas escadas, e quebrou as duas unicas pernas que tinha. Foi logo conduzido ao hospital, mas de pouco lhe serviu; porque d'ahi a meia hora tinha morrido!»

A snr.ª Nieves que ouviu este discurso, compondo as pregas do vestido como de costume, responde: – «Que historia é essa que ahi estás a contar, papá?... Olha, diz-me, estas flores ficão-me bem?» Ahi tem os leitores o que é a snr.ª Nieves como actriz. Comtudo o publico supporta-a, e applaude-a algumas vezes, como acconteceu na Cisterna.

Na chronica seguinte fallaremos mais largamente.[III]

II A zarzuela *La Cisterna Encantada*, de Joaquín Gaztambide (*1822 †1870), estreou em Madrid a 17 de novembro de 1853, seguindo-se numerosas encenações na Europa e América Latina.

III Embora anuncie novas crónicas na revista, esta rubrica não voltaria a receber colaboração de João Penha.

771

[*A Correspondencia do Norte*. N.º 2259 (30 janeiro 1904), p. 2.]

AS SOIRÉES DE PINDELLA[I]

Na forma dos annos anteriores, a illustre dama, Viscondessa de Pindella, que, como a antiga mãe dos Gracchos,[II] se adorna apenas com seus dous filhos, o Visconde do mesmo titulo, e o Conde d'Arnoso,[III] quebra a atroz monotonia d'estas longas noites de inverno da cidade dos arcebispos, que melhor se designaria cidade da semsaboria, abrindo
6 semanalmente as suas aristocraticas salas á mais *selected nobility and*
7 *gentry*[IV] d'estas regiões. Bondosa até á popularidade, de uma adoravel singeleza de maneiras, não estudada ou ficticia, mas nativa e espontanea, aquelles que têm a honra de por ella serem convidados para as suas reuniões, desde logo, ainda que ahi entrem pela primeira vez, se sentem á vontade, como n'um serão intimo, de familia.

Sua illustre irmã, D. Anna de Freitas Rangel de Quadros, com seu espirito genuinamente francez, por vezes ligeiramente malicioso, poderosamente a coadjuva para que todos ahi passem, em animado convivio, horas de que sempre ficam bem saudosas lembranças.

As danças succedem-se umas ás outras; distintas pianistas executam com notavel maestria trechos de Chopin, de Mozart, Weber,

I Este texto foi publicado com o pseudónimo "Zi" e descreve uma reunião social organizada pela Viscondessa de Pindela, D.ª Eulália Estelita de Freitas Rangel de Quadros (*1827 †1920). Sobre a polémica que o envolveu, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico, onde se transcreve também uma réplica de Zi às acusações suscitadas.

II A uma matrona romana que lhe pedira para ver as jóias, Cornelia Scipionis Africana terá respondido, mostrando os filhos, Tiberius e Gaius Gracchus: "Haec ornamenta mea" (eis as minhas joias).

III Refere-se ao 2.º Visconde de Pindela, Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada (*1852 †1922), e seu irmão, Bernardo Pinheiro Correia de Melo (*1855 †1911), 1.º Conde de Arnoso. Deste último, amigo próximo de João Penha, seria publicada uma carta, reagindo à polémica que se seguiu – vd. Arquivo documental.

IV Trad. da expressão inglesa: "distinta nobreza e aristocracia".

Haydn, Beethoven, Schubert, de Mendelssohn; valsas de Strauss, Waldteufel, de Fahrbach, de O. Metra e d'outros, e succedendo-se á divina arte da musica a da poesia, composições dos mais illustres poetas são recitadas e ouvidas com vivo enthusiasmo. N'esta parte, tem sobresahido, admiravelmente, D. Maria Ignacia de Faria Roby,[V] sympathica senhora que já tem filhos que combatem em Africa, mas que conserva, sempre juvenil, como em plena mocidade, a sua alma aberta a todas as manifestações do bello. Altamente intelligente, é uma *diseuse*[VI] irreprehensivel, escolhendo sempre, para recitar, commovida, poesias de um tom melancolico e elegiaco, talvez porque nunca viu realizados os sonhos côr de rosa da sua adolescencia.

A *soirée*[VII] de quarta-feira, a que bem grato nos foi assistir, foi sobremodo encantadora, sendo admiravel o aspecto da sala principal, adornada pelos mais bellos exemplares de belleza feminina.

Não nos apraz fazer distincções, que, contra os preceitos de palaciana cortezania, a que rigorosamente obedecemos, podem ferir susceptibilidades; abalançamo-nos comtudo a assignalar desde já, ficando para outras chronicas o relato completo das nossas observações, as jovens Meirelles, admiraveis pela sua elegancia, frescura e mimo; Anna de Valladares,VIII[VIII] typo perfeito de belleza peninsular, cujos olhos, por vezes maliciosos, lançam a perturbação e a desordem, em quem ousa fital os; Zulmira de Mello,[IX] um poema vivo, de marmore branco, em quem não sabemos que admirar mais, se a sua formosura estranha, mais oriental, do que dos nossos paizes, se o seu alto, e já consagrado talento;

V Maria Inácia da Conceição de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira da Rocha Tinoco era frequentadora assídua destes saraus, organizados no palacete Pindela.

VI Trad. do Francês: "declamadora".

VII Trad. do Francês: "sarau".

VIII A jovem Ana Emília de Valadares Leite Pereira de Abreu e Sousa era neta do primeiro Barão de Ribeira de Pena. Privou nos círculos sociais bracarenses com João Penha, que lhe dedicou um poema (vd. poema n.º 141).

IX A discípula amada de João Penha, Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), pertencia a uma família aristocrática residente na Fonte Arcada (Póvoa de Lanhoso). Juntamente com sua irmã Natália (também aqui referida), frequentava os principais eventos sociais da elite bracarense.

a joven Nathalia, espirito concentrado e poetico, que mesmo ao lado de
43 sua divina irmã, sobresahe pela sua graça, pela sua commovente belleza; Maria Clara, com sua cinta de abelha, e seus pequeninos pés, que ficariam á larga nos sapatos da Cendrillon,[X] sempre viva, animada, irrequieta; e M. Izabel de Avellar, bonina que desabrocha ás primeiras virações da primavera da vida. Se tivessemos de nos referir a todas as deliciosas meninas que adornaram n'aquella noite as salas de Pindella, teriamos de occupar doze columnas d'este jornal, o que nos não é concedido. Não se imagine, porém, que nos queremos desculpar, poisque, como jà acima dissemos, fica para outras chronicas o relato completo das nossas observações.[XI]

Agora, uma nota final, authentica.

Quando as jovens Zulmira e Nathalia de Mello se preparavam para sahir, D. Anna de Freitas, sempre maliciosa, exclamou de modo que todos ouviram: «Agora é necessario reforçar a illuminação, quando não estes cavalheiros ficam ás escuras!»

Não podemos, porém, affirmar se foi ella quem realmente o disse, – ou se foi algum poeta invisivel que assim o imaginou.

X Refere-se ao sapatinho de cristal que Cinderela, protagonista do conto de Perrault (*1613 †1688), perdeu, ao abandonar o baile e seu príncipe encantado.

XI Embore anuncie novos desenvolvimentos, João Penha não voltaria a publicar estas crónicas sociais, devido à reação hostil que o texto suscitou.

772

[*Serões*. Vol. V, n.º 30 (dezembro 1907), pp. 386-388.]

A PAIZAGEM PORTUGUEzA DE JOÃO PENHA[I]

Poeta

Para que a heide eu ir buscar ao longe, nas minhas recordações de viagem, se a tenho aqui, no Bom Jesus, defronte das minhas janellas?

Por esse vasto mundo, e sobretudo na Italia, e na Escossia, a verde Erin, pode talvez havel-as eguaes, mas superiores, não.

A partir do sopé do monte, *la montagne enchantée*, como lhe chama um escriptor francez,[II] alonga-se em frente, e para um e outro lado, até á primeira cordilheira de pequenos montes, quasi todos arborisados ou cobertos d'um manto de giestaes florìdos, uma vasta planicie, o val d'Este, onde não ha um palmo de terra sem vegetação, de cores variadas até ao infinito, desde o verde claro até ao sombrio, desde o amarello pallido até ao roxo cinzento. Campos, prados, demarcados nos seus extremos por enfiadas regulares de castanheiros, em que a vide se enlaça, dão-lhe o aspecto d'um immenso taboleiro de xadrez, cujas peças, disseminadas por toda a parte, são representadas por pequenos burgos, herdades, pittorescas casas de campo, chalets, e choupanas cobertas de telhas, onde o musgo reverdece.

Para o sudoeste, estende-se a antiga Braga, já agora rejuvenecida sob os influxos do progresso, burgo relativamente enorme, onde predomina a côr branca das suas casarias, e a vermelha, retinta, dos seus telhados. As torres dos seus numerosos templos, e as chaminés fumegantes das suas fabricas, elevam-se acima dos arvorêdos que a

I Este texto responde a um "inquerito aos homens de lettras", empreendido pela revista *Serões*. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

II Alude a um drama de Émile Moreau e Albert Carré, que estreou em Paris em 1897.

cercam, e que, em grande parte, a occultam. Para lá d'essa primeira
23 cordilheira de montes e collinas, divisa-se, entrecortado por ellas, o valle do Cávado, com a sua poderosa vegetação de carvalhos, ulmeiros, sycómoros e castanheiros; com seus ridentes campos, em que predomina o verde de esmeralda, e as suas casinhas brancas; com seus moinhos e azenhas; valle que fez exclamar ao marechal Soult,[III] quando, á frente das legiões francezas, descendo de Lanhoso, chegou aos Carvalhos: «Como Deus foi pródigo com estes barbaros!» Para além d'esse valle, estende-
30 se uma cordilheira de mais altos montes, que, para o lado do norte, se prolonga até ao Gerez, ramificação dos montes da Catalunha, e sobre elles, ao oeste, uma facha azul-esvaido, no ceu: o mar!

Essa paisagem? É preciso contemplal-a n'uma manhã clara, ao raiar da aurora. Por vezes, um nevoeiro baixo, unido, branco de leite, cobre todo o valle desde o sopé do monte até á ultima cordilheira: parece então um grande lago, e a illusão é tanto mais completa quanto o môrro de Montariol, com as suas edificações, se nos affigura uma villasinha marginal. Para logo o sol nascente tudo desfaz; toda a paisagem, dourada pelos seus primeiros raios, se nos patenteia cheia de frescura, de vida, e de voluptuosa nitidez. A esse espectaculo, unico, parece que a nossa propria vida se reanima, cheia de confiança no futuro, embalada em sonhos indecisos de aventuras cor de rosa.

É preciso, sobretudo, contemplal-a ao pôr do sol, quando elle se atufa no mar sobranceiro aos montes distantes. Uma sombra de mysterio vae descendo gradualmente sobre toda a paisagem: as linhas tornam-se confusas; campos e prados mudam d'aspecto: dos casaes sobe o fumo dos ultimos repastos: os cães de quinta ladram, com voz rouca, á lua, que vem seguindo das partes do oriente; as arvores, rumorejando, trocam entre si as ultimas impressões do dia, e quando o carrilhão do templo lança no espaço a sua melancolica toada, quedamo-nos n'um silencio absoluto, meditativo, e sentimos que a alma da paisagem está,

III Refere-se ao general Nicolas Soult (*1769 †1851), que em 1809 liderou a segunda invasão francesa a Portugal. As tropas entraram pelo vale do Tâmega e dirigiram-se para Braga, onde teve lugar a batalha de Carvalho d'Este.

n'esse momento, consubstanciada com a nossa.

Os pinceis de Hobbema, de Ruysdäel, e Corot,[IV] seriam impotentes para, com as mil cores das suas paletas divinas, nos pintarem essa paisagem, porque é uma paisagem cheia de vida, e a vida não se pinta.

A do Bussaco, essa é outra.

Depois d'uma penosa e desagradavel ascensão á Cruz Alta, a impressão que se sente ao deparar o grandioso panorama que d'ahi se avista, é, nos primeiros momentos, a d'uma profunda admiração, a do assombro, tal é a vastidão da planicie que de todos os lados se estende até ao horisonte; mas logo essa impressão se transmuda na d'uma vaga tristeza, que nos enche a alma de funestos pensamentos: é que é uma planicie morta, embora, em parte, cultivada, sem collinas, sem accidentes de terreno, fria, lúgubre; em que predomina a terra amarella, argilosa, a terra dos cemiterios; onde se não vê um boi que paste, uma choupana d'onde se eleve uma espiral de fumo, um carro que chie, um cão que ladre, uma voz humana que entoe uma alegre canção; e essa tristeza que nos invade, longe de se dissipar, nunca mais nos deixa, e augmenta ainda, ao vermos, ao descer, o sitio em que nos achamos: uma montanha separada do mundo, coberta d'uma velha e sinistra floresta impraticavel, ninho de corujas e morcegos; sem possibilidade de distracções, a não ser a d'um passeio á deploravel Fonte Fria, e a d'um triste repasto no seu unico hotel, fechado a maior parte do anno! Ao Bussaco é ir e fugir. Dous noivos poderiam ahi permanecer algumas semanas, porque viveriam na contemplação um do outro; mas quem, por fatalidade, ahi fosse obrigado a viver demoradamente, ou se suicidaria, ou se faria monge.

79 O Bom Jesus é outra cousa. Ao Bom Jesus é ir, e ficar. Já antes que um arcebispo de Braga, o Julio II ou o Leão X, em pequeno ponto, d'essa vetusta cidade, lançasse n'elle os primeiros fundamentos do

IV Refere-se a alguns pintores paisagistas: os neerlandeses Meindert Hobbema (*1638 †1709) e Jacob van Ruysdael (*ca.1628 †1682) e o francês Jean-Baptiste Camille Corot (*1796 †1875).

actual santuario,[V] foi o monte que dous amantes, fugidos das terras de Hespanha, escolheram para ninho dos seus poeticos amores. É o que relata um soneto, gravado n'uma lapide, irreverentemente collocada detraz da fonte do *Hotel do Sul*:

«Passageiro, este chão que vês diante
Na encosta d'este monte desabrido
D'um castelhano foi que perseguido
Aqui se recolheu co'a terna amante.

Quebrantando por ella a fé constante
Que havia ao esposo eterno promettido,
Trocou por êrmo agreste e desprovido
Uma cella mimosa e abundante.

A era em que isto foi vae inda perto,
Mas da choça que aos dous prestou abrigo
Nem sequer um calhau se aponta ao certo.

Tudo o tempo varreu, levou comsigo,
E só da tradicção no livro aberto
Se encontra o caso que eu aqui te digo.»[VI]

Agora, esse monte desabrido, designado, por uma ficção piedosa: Hierosolima Santa,[VII] sem ter perdido a sua religiosa feição primitiva, é um monte civilisado, com um frondoso parque, cortado, em

V Deve-se a D. Rodrigo de Moura Teles (*1644 †1728), Arcebispo de Braga, a conceção do grande projeto que originaria o atual Santuário do Bom Jesus.

VI Segundo a lenda, este soneto foi inspirado pelos amores de uma freira portuense, que no cenário idílico do Gerês se recolhera com o amante castelhano. Segundo o Padre Martins Capela, este "soneto foi composto por um professor de retórica, dr. Jerónimo, aqui de Braga, e mandado insculpir por uma roda de literatos românticos" (*apud* Tude M. de Sousa, 1927).

VII Alude à inscrição das lápides existentes no patamar das escadarias do Bom Jesus: "Jerusalem santa ressuscitada e reedificada no ano de 1725" "Pelo ilustríssimo senhor Dom Rodrigo de Moura Telles, Arcebispo Primaz".

todas as direcções, por extensas avenidas e alamedas, com lagos, cascatas, grutas, e pequenos jardins á *Le Nôtre*,[VIII] sotopostos uns aos outros, onde em taças em que se movem legiões de douradas da China, a agua dos repuxos canta, entre alecrins, flores e murtas, a sua eterna canção.

A 15 minutos de Braga, a capital do Minho, a 5 quartos d'hora do Porto, esse fauburgo commercial d'aquella cidade, nada lhe falta, por um lado, das exigencias do moderno confôrto; e, por outro lado, é para uns o Lugar Santo das beatificas visões, e, para outros, a poetica e incomparavel estancia do amor, da saude, da consolação e da paz.

113 Ao Bussaco é ir, ver e fugir; ao Bom Jesus é ir, ver e ficar, porque o Bom Jesus prende.

Já é digno da maravilhosa paisagem que defronte se lhe desenrola.

Bom Jesus do Monte, 4-IX-07.

VIII Refere-se a André Le Nôtre (*1613 †1700), o jardineiro de Louis XIV, responsável por conceber os jardins do Palácio de Versailles.

3. Anexo



3.1. Editoriais e notas bibliográficas



773

[*Revista de Braga*. N.º 4 (20 março 1862), p. 5.]

BIBLIOGRAPHIA

Vimos os elogios funebres dos monarchas D. Pedro IV, Dona Maria II, e D. Pedro V, recitados no Porto, por occasião das exequias d'estas augustas personagens, por D. Luiz do Pilar Pereira de Castro, deão da cathedral portuense, doutor em direito pela universidade de Coimbra, e um dos nossos litteratos de reputação estabelecida.

São 3 opusculos impressos em 8.º maior, um pouco largo, com nitidez e correcção, que manuseamos por mais d'uma vez na loja de livros e encadernação de Germano Barreto,

Os preceitos da oratoria estão applicados n'estes discursos funerarios com mão de mestre. E não são poucos os affectos derramados n'estas paginas luctuosas, que provocam o pranto d'alma e os gemidos do coração, aquem lhes consagrar alguns momentos.

São opusculos dignos de recommendação.

João Penha.

774

[*A Folha*. Série I (1868), n.º 1, pp. 1-2.]

PREAMBULO

Como talvez cause estranheza o titulo vago d'este semanario, parece-me de extrema necessidade apresentar em duas palavras o motivo que me levou a escolhel-o de entre muitos outros, que talvez agradassem mais a obstinados amadores de palavras campanudas.

Todos sabem que temos entre nós, apezar de ser duvidoso que tenhâmos uma litteratura completa, duas escolas litterarias: a dos metrificadores do ai, ou a de Lisboa; e a dos sacerdotes da ideia vaga, ou a de Coimbra.

Todos nós assistimos á lucta gigante que travaram entre si: era um pongo a braços com alimaria de egual pujança.

A arma principal era o duesto, o insulto protervo; o scopo, a que os dois partidos miravam, o reciproco excidio.

Cançados porém da fadiga do prélio, quedaram sopitos até hoje.

Eu, que sou eclectico em quasi tudo, e que não pertenço a nenhuma das escolas, acho-as ambas excellentes: o bello é sempre bello, revista que fórmas revestir: querer que o encaremes d'um só lado, d'uma só face, é querer obrigar-nos á monotonia, ao bocejo, ao somno.

Sou do aviso de que podem existir no mesmo campo, uns coroados de rosas, outros de barbasco, poetas individuaes e vates socialistas: um mesmo bardo pode escrever o *Rapaz dos burros* e o *Satyro da Renascença*.

Victor Hugo escreveu as *Orientaes* e a *Lenda dos seculos;* Byron o *D. Juan* e o *Manfredo;* Alfred de Musset o *Namouna* e *Jacques Rolla:* foram ao mesmo tempo cantores de futilidades formosissimas, e propagadores de ideas nevoentas, de paradoxos admiraveis, de tresloucadas utopias.

Quando o grande Correggio viu pela primeira vez um quadro de Raphael, exclamou tomado de subito enthusiasmo:

«Anch'io son pittore!»

e lá partiu a fundar uma escola contraria á do principe dos pintores italianos, a escola dos grandes coloridos, a de belleza plastica.

Um genio despertou outro; mas cada qual, movido por impulsos intimos e mysteriosos, seguiu caminho contrario, sem que o odio, ou mesquinhas vaidades, viesse destruir a admiração que é filha da verdade.

É que a ambos guiava a mesma luz: a da eterna formosura.

Rossini foi amigo intimo de Meyerbeer, e as escolas que elles representavam são diametralmente oppostas: a muzica allemã impressiona a alma, a italiana unicamente os sentidos; aquella procura effeitos patheticos, penetrantes; esta suaves, superficiaes.

Mas isto que importa a vaidades embespinhadas?

Dizem os de Coimbra: a vossa poesia é como a agua chilra do córrego em que o cérdo se revolca feliz; a vossa poesia é futil, e só gentes futeis podem gostar d'ella.

Respondam com uma pergunta: qual é a utilidade da pintura, da muzica, da estatuaria?

Dizem os de Lisboa: a vossa poesia é nevoenta, mysteriosa, prophetica, incomprehensivel, sybellina; a vossa poesia é de orates, e só gentes acephalas podem gostar d'ella.

Respondam: a mulher coberta d'um véu é mais formosa que em simples nudez; um céu com leves nuvens esbranquiçadas é mais bello que um céu uniformemente azul; o mysterio de uma noite de luar sobreleva em doce melancolia a abundancia de luz do meio dia; poemas são para ouvidos de poetas, para os que sentem no espirito muzicas divinas; o rol do gasto quotidiano para o sustento da familia, e a vossa poesia são dignos da mesma pessoa: aquella que vos cosinha para o corpo, como vós cosinhaes para o espirito d'ella.»

Neste misero estado de coisas, e tendo de escolher um titulo para este microscosmo litterario, tomei-me de terrores dantescos, receiando que, se escolhesse titulo que désse a entender o minimo pendor da minha parte para uma das escolas, a outra destendesse as béstas possantes, e me crivasse, novo S. Sebastião, de virotes envenenados, de settas mortiferas.

Cogitava eu pois, divagando pelos campos, em tão momentoso assumpto, quando, transposta uma esteril gândara, fui dar a uns aguaçaes extensos, cobertos de balsas e trémulos caniços.

A dois passos de mim agitava-se levemente á superficie da agua, uma formosa folha de lotus. Uma rã, contente e feliz, entoava em cima d'ella um canto estridente e continuo.

Foi uma revelação: estava escolhido o titulo do projectado hebdomadario: FOLHA.

Mas folha de que? de lotus?

Não.

Para os poetas do sentimento, folha d'olaia, onde entôem seus cantos maviosos.

Para os poetas da ideia, folha do livro das coisas, onde revelem o verbo do absoluto.

Para os meus assignantes, folha de papel, para o uso a que esta substancia é vulgarmente destinada nas sociedades modernas.

E a rã?

Basta.

Coimbra, 25 de novembro.

João Penha.

775

[*A Folha*. Série I (1868), n.º 1, p. 8.]

EXPEDIENTE

Se bem que não estamos nas tristes circumstancias de Marat, que teve de vender os lençoes da cama para fazer face ás despezas dos primeiros numeros do *Amigo do Povo*, advertimos os nossos assignantes que o importe do trimestre, seis tostões, é pago adiantado: assim é lei em toda a imprensa periodica litteraria.

Comtudo os srs. assignantes de Coimbra, apezar de que os tempos dos privilegios são idos, pagarão o respectivo trimestre, attentas as circumstancias especiaes que nelles se dão, em tres mensalidades, cada uma no principio do mez.

Declaramos tambem áquelles srs. que quizerem revelar os seus talentos litterarios, que a FOLHA ahi está patente para todos. Lembramos-lhes porém o seguinte verso de Boileau na *Arte Poetica:*

«Soyez plutôt maçon si c'est votre talent.»

E estes dois:

«Sans la langue... l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivin.»

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da FOLHA — Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra.

776

[*A Folha*. Série I (1868), n.º 2, p. 16.]

EXPEDIENTE

Agradecemos a todos os periodicos, que se quizeram occupar de nós, as lisongeiras cortezanias, e benevolas expressões de incitamento, com que nos honraram a estrêa. Se a FOLHA conta escriptores de reputação firmada, tem outros cuja voz não lhes irrompe da larynge senão a esforços de sacatrapos.

Para os ultimos é que eram de necessidade louvores que animassem, e a imprensa foi prodiga d'elles.

Para os outros eram inuteis louvaminhas; o cavallo arabe não precisa de acicates.

A FOLHA é pretenciosa como uma rapariga bonita: gosta que a namorem, mas segundo o moderno estylo. O tempo dos embuçados, da guitarra mysteriosa, de escadas de seda, de raptos nocturnos, de navalhadas na sombra, foi-se.

Hoje namora-se á claras; na sala, na rua. É por isso que a FOLHA não acolherá anonymos, pois que detesta amantes embiocados.

O *Homem das divagações,* de Coimbra; e o *Frequentador da Moré,* do Porto, assim o tenham entendido.

O pagamento das assignaturas de fóra de Coimbra deve ser feito em vales do correio, dirigidos a J. d'O. Penha Fortuna, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra. Na falta d'elles, em estampilhas de 25 réis.

777

[*A Folha*. Série I (1868), n.º 3, p. 24.]

EXPEDIENTE

As ex.mas redactora e collaboradoras da *Voz feminina*, agradecendo a remessa do n.º 1 da FOLHA, lisongeam-se de alcançar, para a causa que advogam, em novos campeões novos triumphos.

Ignoramos até certo ponto a causa em prol da qual temos de sair a terreiro; mas isso pouco importa: não faltaremos ao prélio.

Se ha uma dama que deseja uma flor, sobre que um leão poisa a pata, a lançadas arrancaremos á fera a vida e a flor; se o sexo gentil cobiça alforriar-se de ráncidos preconceitos e quer direitos eguaes aos do sexo contrario, obrigaremos, com bellos argumentos na mão, a que lhe façam justiça cabeçudos legisladores; se alguma das formosas collaboradoras da *Voz*, em paga d'um sorriso, nos pedir alguma das estrellas, que scintillam no firmamento, iremos ao empyreo buscar a escada de Jacob e de lá de cima as despregaremos: se finalmente alguma bella antoja passeios pelos bosques de Cythera e de Amathunta, nem melhores guias, nem de melhor vontade os encontra, como na redacção da FOLHA.

Podem portanto as distinctas redactoras do semanario lisboeta contar comnosco para tudo e em todo o tempo.

Mais duas palavras:

Parecia-nos que num periodico de senhoras só deviam ter entrada senhoras; mas não é assim na *Voz:* lá apparecem uns taes do nosso teor e fórma.

Postos alli, fazem lembrar um pé de couve-penca num jardim de boninas.

Não lhes invejamos o aspecto.

Aos que nos accusam de subversivos em nossas idêas e livres nas tellas que pintâmos, responderemos por uma só vez e d'um só fôlego:

A idêa é livre como o vôo das aves; a arte é nua como a Venus de Milo.

Aqui, na FOLHA, não se metrificam breviarios, nem se occultam Aphroditas em mantos de baetão.

Como preferimos a poesia á prosa, o oiro ao cobre, continuaremos a dar o maior espaço da FOLHA á primeira, ficando a segunda em logar mais estreito e retraido.

Se comtudo este systema não agradar aos nossos leitores, requeiram em sentido contrario.

Taes ha que preferem um copo de cachaça a uma taça de Johannisberg!

O pagamento das assignaturas de fóra de Coimbra deve ser feito em vales do correio, dirigidos a J. d'O. Penha Fortuna, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra. Na falta d'elles, em estampilhas de 25 réis.

778

[*A Folha*. Série I (1868), n.º 4, p. 32.]

EXPEDIENTE

Homens ha, que vendo cousa que, os espante, lançam as mãos ao chão, e retraindo o jogo trazeiro, cospem coices d'onagro, no intuito de a fazer estilhaços.

D'esses tacs alguns têm apparecido em tôrno á FOLHA.

Cave canem, pintavam os romanos por cima das portas da rua, para afugentar larapios e quejandos temerarios.

Cave canem, escrevemos nós á porta da redacção da FOLHA: cautella com as pantorrilhas!

Lê se na *Revolução de Setembro* n.º 7965:

«Declaração. — Do sr. Guerra Junqueiro recebemos a seguinte correspondencia:

«Sr. redactor. — Em um dos numeros d'este mez do seu periodico, onde accusa a recepção do primeiro numero do jornal — *A Folha* — que aqui se publíca, falla v. lisongeiramente da poesia — *O livro d'um doido* — assignada por Vasco Herminio, nome este que v. julga pseudonimo; de facto assim é: o auctor dos versos sou eu.

«Houve quem dissesse que fôra eu proprio que enviara essa noticia para o seu periodico; peço-lhe, pois, que declare a verdade para honra minha, e castigo dos infames.

«Em todas as terras ha d'estes homens de pequenos odios e miserias, que insultam na sombra e ferem pelas costas. Coitados, nem por isso lhes quero mal.

«Sou de v., etc. — Coimbra, 19 de dezembro de 1868 — *Guerra Junqueiro.*»

Quem conhece o talento do joven academico não precisava da nossa declaração para crer na independencia e espontaneidade das phrases que originaram a carta do sr. Guerra Junqueiro.

Demais, nem s. s.ª é homem, que desça a pedir louvores, nem nós antepomos rogos de tal ordem á voz da consciencia.

Os versos de Vasco Herminio mereciam as palavras que lhe dedicámos. Escrevemol-as espontaneas e sem que ninguem as pedisse.

Esta é a verdade.»

E nada mais continha.

Estes, que fizeram sair o nosso collaborador Junqueiro da natural pacatez que o caracterisa, são dos taes hydrophobos, de que acima fallámos.

Mas qualquer pote d'agua os abate derrengados.

Agora, chiton! que vae fallar o pedagogo: Diz a *Guêpe:*

«Il m'est tombé par hasard sous la main le premier numero du jornal «A Folha» qui se publie à Coimbra et qui porte comme sous-titre le nom «microscosmo litterario.»

Il me semble qui le choix du nom n'est pas des plus heureux. D'abord il devrait s'écrire *microcosmo* e non *microscosmo;* pour être commise par des étudiants, cette faute m'a un peu surpris. Puis l'application (la traduction textuelle du mot est: *petit monde*) n'est pas juste; car le mot microcosmo sert pour désigner l'homme, que quelques savants considérent comme um resumé, un abrégé du monde entier; de là, *petit monde.*»

Julgavamos nós, que a *micrós,* pequeno, ajunctando *cósmos,* mundo, saía a palavra que, em grego e em portuguez, significava no sentido natural e etymologico «mundo pequeno», e no figurado ou translato «o homem» resumo do mundo inteiro.

Porem a *Guêpe* e os eruditos anonymos, que cita, só admittem, como vemos, o emprego d'esta palavra na significação translata.

Portanto assim deve ser.

Agradecemos á folha franceza a illuminação do nosso espirito; e de tanta melhor vontade o fazemos, que d'esta simples discussão nos veiu luz para explicar um facto para nós até agora obscuro. Esse facto era o zurro estridulo, que de subito irrompia das fauces de certos homens.

É que eram microcosmos e resumiam nesses instantes o mundo azinino.

A *Vespa* zune, mas não ferra.

Sans rancune.

779

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 5, pp. 39-40.]

EXPEDIENTE

O nosso programma, emquanto a publicações, resume-se nisto: são admittidas aquellas que apresentarem novidade e grammatica, mas não novidades grammaticaes. Um nome, por conhecido e apreciado, no baixo d'uma lenga-lenga soporifica, não nos basta, fôsse elle o de Alexandre Herculano. Será pelo contrario bem recebido, e beijado nas faces, o primeiro João das Vinhas, que nos mandar de presente uma saborosa iguaria litteraria: um bom presunto de prosa, um aveludado pêcego de poesia.

Os deuses vão-se: chegámos aos tempos da democracia.

Bertha de Medeiros, creatura gentil pelo que deixa ver da sua pessoa, dignou-se entreabrir os labios aristocraticos e mostrar-nos em suave riso uns dentes ideaes.

De captivos, aqui pomos o joelho em terra, e se a rosa branca, que lhe adorna a ampla cabelladura negra, nos for dada em mercê do coração, a nossa fronte tocará as estrellas.

Se porem a elegante senhorita nos conceder a primeira valsa, depois da meia noite, no baile da Penafiel, de viva mas trémula voz lhe diremos o que o mysterio dos amores subtráe á longa orelha do vulgo profano.

. . . . . .

Ao poeta bordalengo, que nos acoimou de iconoclastas e estabeleceu, inter pocula, que «o fim da poesia é edificar e não destruir», respondemos: todos nós edificamos e todos nós destruimos.

O modo, porem, é differente.

Nós, edificamos templos ao amor, em jardins onde viça a baunilha, a açucena, o junquilho, a papoula, a violeta e a rosa.

Tu, edificas templos ao somno, em montes de pedregulho, que são os teus versos.

Nós, erguemos templos á liberdade, a nossa enamorada; á luz, o nosso scopo; ao bello, o sonho de nossas almas.

Tu, ergues templos á tyrannia, uma velharia pôdre; á sombra, a atrophia do espirito; á falsa verdade, o avorto de prophetas.

A nossa poesia é destruidora de preconceitos ridiculos, de costumes ráncidos, de crendices de beatas, de leis aviltantes.

A tua poesia é destruidora de necessarias egualdades, de costumes francos, da racionalidade sem pêas, de leis justas.

Nós, cantamos a vida, que somos homens do futuro; tu, cantas a morte, que és o homem do passado; nós esperamos o Messias; tu esperas D. Sebastião.

E dissemos por uma vez, pois iremos seguindo caminho para os mundos da eterna formosura, sem que mais nos importe o lobo noctivago de colmilhos ensanguentados.

Recebemos uma carta, em que se lê este unico pensamento em fórma de apophthegma:

«Ha mais immoralidade numa rapariga de quinze annos, do que em todos os romances de Paulo de Kock.»

O vil anonymo, que tal escreveu, mostre a face, que é necessario ouvir-se o estalo d'um supapo.

Não seremos porem nós os campeões do sexo gentil offendido, mas um ente digno do cobarde protervo.

Será esse que ahi nos limpa os modernos pantufos, o servo chué e maltrapido, que nesta redacção alimentamos.

A penna de ferro, que nos serviu para transcrever a phrase ignominiosa, cil-a ahi vae pelos ares ao abysmo das coisas vis.

Como não queremos estabelecer um commercio pecuniario, e portanto odioso, com as formosissimas assignantes da FOLHA, pedimos-lhes, mas como pedem enamorados, em vez da effigie d'um rei qualquer num disco de metal, a copia das feições com que o sempiterno Canova as dotou: uma photographia, uma açucena.

Desejamos uma galeria de musas inspiradoras.

Propercio teve Cynthia; Tibullo, Delia; Tasso Leonor; Horacio, Lycoris; Petrarca, Laura; Dante, Beatriz; Camões, Catharina; Goëthe, Frederica; Espronceda, Thereza; Catullo, Lesbia; Béranger, Lisette; Ovidio, Corinna; Byron, como o cantor de *Estudante de Salamanca* e da desdichada *Elvira,* uma Thereza.

Ora, sorri-nos a ideia de supplantar estes sonorosos poetas, em felicidades amorudas, e no mimoso dos idolos.

Serão portanto as nossas assignantes, nossas damas, e nossas muzas.

Na edade dos ardores não se desespera de nada: d'ahi o atrevimento do galanteio.

O pagamento das assignaturas de fóra de Coimbra deve ser feito em vales do correio, dirigidos a J. d'O. Penha Fortuna, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra. Na falta d'elles, em estampilhas de 25 réis.

780

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 6, p. 48.]

EXPEDIENTE

Se bem que innocentes, confessamos, como nossa, a culpa d'um espirito ingenuo, que por ahi divaga.

Foi por intervenção d'elle que publicamos a poesia — *Os beijos* — como sendo do sr. Ignacio Pizarro, inédita, e feita este anno em Chaves.

Ora tudo isto era falso porque a poesia é de Sousa Almada e foi publicada em 1848 na *Epocha,* em Lisboa.

Parece que o illustre descendente do descobridor do Perú recitara, sem dizer o nome do auctor, em sala repleta das mais gentis e curiosas filhas d'Eva transmontanas, a referida peça metrica, e como as formosas meninas lhe achassem mel, desde logo a decoraram, e tal e qual a publicamos a transmittiram ao nosso informador, que a suppoz do poeta solarengo.

Explicada a innocente culpa, vejamos o castigo d'ella.

«Condemno, diz o auctor do *Romanceiro* na carta que temos deante dos olhos, condemno a redacção da FOLHA na rectificação do nome do auctor dos versos — *Os beijos* —: na correcção d'elles, conforme o original. Na indemnisação ao apocrifo informador — 1.º pela inexacta informação;—2.º pelo abuso da assignatura do sexagenario — incapaz de escrever beijos tão lindos, aos 61 annos, não podendo em 1868 descrever mais que — Os beijos dos Judas; — 3.º por obrigar um velho — innocente — a escrever uma carta sobre questões litterarias: e finalmente pela massada que v. s., tambem innocente, soffre ao ler

uma carta tão comprida e sensabor. Condemno mais os réus nas custas d'este processo: e ao que perdeu a aposta—no pagamento d'ella integral e galhardamente, como os nossos antigos cavalleiros da Madre-silva.»

D'esta sentença cumprimos a parte exequivel: démos a Cesar o que era de Cesar.

Ao sonóro trovador de Chaves pedimos desculpa de o incommodarmos nas contemplações culinarias, de que falla na parte da carta que não expomos ao publico; e declaramos-lhe que não sendo cavalleiros da Madre-silva, não passamos o tempo a fazer apostas nem o jogar o pião.

Não se refere, portanto, a nós a ultima ordenação da sentença.

O pagamento das assignaturas de fóra de Coimbra deve ser feito em vales do correio, dirigidos a J. d'O. Penha Fortuna, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra. Na falta d'elles, em estampilhas de 25 réis.

781

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 7, p. 56.]

EXPEDIENTE

Pedimos desculpa aos nossos leitores da irregularidade da publicação dos ultimos numeros da FOLHA.

Estranhos á redacção, mas justos, foram os motivos d'essa falta, que não tornará a repetir-se.

Os corvos de penna escura agouraram mal: a FOLHA não morre, nem tem motivos para morrer.

Não morre, porque o numero dos assignantes augmenta: só dois ou tres academicos, para que o feijão, que céva, lhes não falte no repasto quotidiano, nos disseram o extremo adeus.

Não morre, porque os escriptores da FOLHA têm seiva para a sustentar, para sustentar um cedro: têm a força geradora, o vigor prolifico d'uma porca alemtejana.

782

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 8, p. 64.]

EXPEDIENTE

Não podêmos, por falta de espaço, publicar integralmente um excellente escripto sobre theatros em Coimbra.

Extractaremos sómente dois periodos, porque nelles se revela, e quasi resume, a ideia d'um fino observador:

«... Se o Povedano se lembrasse de fazer depois de cada espectaculo uma rifa gratuita de presuntos de Lamego e paios do Alemtejo, talvez atraisse gente a ouvir as muzicas de Flotow, Gaztambide e Barbieri; mas, tendo-se esquecido de pôr a isca no anzol, foi-lhe a pesca, alem de infructifera, ruinosa.»

E mais abaixo:

«A enorme concorrencia ao hippodrómo do Herzog explica-se pela qualidade mesma dos espectadores: — collegiaes, que, não tendo admirado mais que as fórmas da Maria lá da terra, iam alli cevar os olhos na mais que duvidosa belleza plastica da joven Celestina; — e gymnasticos amadores, futuros hercules, e entendidos nas artes hippicas.

Ora, todos sabem a riqueza de Coimbra nestes generos.»

Num outro expediente tractaremos de assumptos importantes, se os rouxinoes lá de cima se não se alargarem nos seus dulcissimos gorgeios.

783

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 9, p. 72.]

EXPEDIENTE

Foi enviado á esta redacção um exemplar do *Medico á força,* comedia á antiga, transladada liberrimamente da prosa original de Molière a redondilhas portuguezas pelo ex.^mo^ sr. Antonio Feliciano de Castilho.

No parecer, que segue o livro, diz o sr. Mendes Leal:

«O sr. Castilho é homem a quem não pode já ser licito endereçar encarecimentos que se fizeram banaes. Seria faltar-lhe ao respeito. O proprio enthusiasmo ha-de ter na sua presença a casta sobriedade que é a maior demonstração do acatamento. Aquellas mãos, prodigas de prodigios, seguram o sceptro indisputado da poesia nacional. Diante da verdadeira magestade não se deve permittir cousa que se confunda com affectação ou demasia.»

E, depois d'uma rapida analyse do trabalho do sr. Castilho, conclue:

«Não cabe ao discipulo julgar o mestre!»

Ora nós, que tambem somos discipulos do grande poeta, se não dos mais aproveitados ao menos dos mais respeitosos, abstemo-nos de qualquer juizo, em conformidade com o parecer do sr. Mendes Leal.

Mas assim como Molière consentia, e por vezes acceitava, as observações da cosinheira que lhe alentava o corpo, e a quem lia as varias obras, consoante as ia produzindo, permitta-nos o sr. Castilho que lhe notemos a mudança de *Géronte* para *Januario* como attentatoria ao respeito devido aos genios.

As grandes creações typicas não são d'esta ou d'aquella nação, pertencem a todas e em todas se fixam.

Um Almaviva, um Georges Dandin, um Lovelace, um Bartholo, um D. Juan, um Othelo, um Gargantua, um Pantagruel, um Amadis de Gaula, uma Angelica, um Macbeth, um Figaro, uma Célimène, M. Jourdain, D. Quixote, Fausto, Julietta, Harpagon, etc., são de todas as linguas e designam typos immutaveis e universaes.

Um morgado provinciano, abastado, viuvo e simplorio chama-se na litteratura franceza — um Géronte, e assim deve ser chamado em todas as litteraturas.

É o que nos parece.

Esperâmos que o sr. Castilho, a quem agradecemos o offerecimento do volume, nos relevará este simples reparo.

784

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 10, p. 80.]

EXPEDIENTE

Recebemos da nossa gentil collaboradora de Portalegre, D. Victoria Coelho, o seguinte:

«Com uma folha, de figueira que seja, ala-se bem uma ave ás regiões superiores, em que os deuses demoram; tem esta, em que escrevo, muito de artistica, e muito de subtil portanto; não é peso nimio para as habitadoras dos ares, e alguma do genero, cada vez que sahe a lume, ergue vôo com ella ao Olympo dos deuses da India.

A prova ahi vae.

Enfermara, e lia (pois que me aconselhavam emeticos e soporiferos) as Noites de Lisboa; violento, como era, produziu o remedio ambos os effeitos: tive engulhos, e descahi no somno.

Sonhei. Mamadin, o filho do deus conservador, conservador elle mesmo, o tamaninho, que monta num elephante, via-o diante de mim, mas, em vez de frechas e arco, com um ramo de oliveira na mão.

«Paz, dizia elle agitando o ramo de oliveira, eu quero fallar-te.

— Falla, lhe respondi.

«A *Folha* chegou ao Vaikounta, paraiso de meu pae; venho da sua parte dizer-te:

«Que o nome da trindade indiana é Trimourtri, e não Trisnourtri.

«Que a paginas 59, onde está Magacha, se deve ler — Magadha.

«Que o marido de Mahamaya não tem o nome de Joutadama, mas de Joutadana.

«Eu, por mim, tambem tenho de que me queixar; lê-se a paginas 61 que eu me chamo — Kansa, Mamadin, Depak, ou deus abrasado, e Amanga, ou sem corpo — mas ha nisto incorrecções, e não me aprazem; chamo-me Kama, e não Kansa, Ananga, e não Amanga.»

— Mais nada?

«Mais ainda; têm para si alguns indianos que o Christo é uma incarnação de meu pae, e como tal o reverenciam sob o nome de Kristhnou; a paginas 60 chama-se-lhe o deus Judiano; quando outro não tivesse, tem este nome o defeito de ser pouco euphonico, e eu amo a euphonia; deve ler-se — do deus da Judea.»

— Acabaste?

«Acabei, manda que se corrijam estes errros, aliás...

— O que acontece?

«Lanço no Ganges o ramo da oliveira, alo-me na papagaia, trago o arco e as frechas, e guerra.»

— Paz, garoto; farei umas erratas.

Sirva por ellas esta narração.

«Victoria Caelho.»

Quem ler estas linhas talvez faça as considerações que nós fizemos.

Como é que uma formosa menina (temos a felicidade de possuir o retrato d'ella) confessa que sonha com o Amor, e proclama que detesta o auctor das *Noites de Lisboa,* o possuidor d'um longa e inspiradora barba?

Aqui ha incoherencia, a não ser que a melindrosa escriptora desadore amores barbaçudos.

Quem nos resolve o problema da influencia das barbas nos corações femininos?

O pagamento das assignaturas de fóra de Coimbra deve ser feito em vales do correio, dirigidos a J. d'O. Penha Fortuna, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra. Na falta d'elles, em estampilhas de 25 réis.

785

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 11, pp. 87-88.]

EXPEDIENTE

Ácerca d'umas reflexões que fizemos ao ex.^mo^ sr. Antonio Feliciano de Castilho, quiz este benemerito das letras portuguezas honrar-nos com a seguinte carta:

«Meus caros confrades redactores do jornal a *Folha*. — Lisboa, 18 de fevereiro de 1869.

Sei, devo, e costumo abater dos elogios com que me favorecem pessoas amigas dois quinões: o da cortezia e o do affecto.

No que ácerca do *Medico á força* escreveu tão magistralmente o meu parcialissimo consocio Mendes Leal, já a minha consciencia tinha feito ambos esses abatimentos, sendo tanto o que ainda assim restava, que sobraria para corôa da mais avultada obra, e estímulo em mim, da mais entranhada gratidão.

Isto que eu logo então disse, com toda a verdade, ao eminente escriptor, não posso deixar de o repetir aqui á delicada e benevola redacção da interessante *Folha*, que se comprouve de me trazer de novo a publico tão subida recompensa.

Peço agora venia para explicar, mas que não seja senão de fugida, pois desejo não demorar esta resposta, o porque na conversão do *Medico á força* de francez a portuguez dei azo ao reparo, que a vossa illustrada critica me apresenta.

Entendo eu, que a primeira obrigação de quem escreve para o theatro é respeitar no muito e no pouco e em tudo a naturalidade, a verisimilhança, e que nenhuma cousa as pode mais gravemente ferir no senso intimo de uma platêa, do que a apresentação de personagens, que em vez de nomes conhecidos, sabidos e correntes, venham crismadas com pseudonymos eruditos, só para poucos traduziveis e apreciaveis. Antenomasias, alcunhas e, porque assim o digamos, appellativos substituindo-se alli a verdadeiros nomes de gente, a nomes da nossa terra e da folhinha, dão logo quebra á crudelidade, que a todo o custo se deveria promover no auditorio.

«Quodcumque ostendis mihi sic, incredulus odi»

Neste particular o nosso theatro velho, e ainda o dos principios d'este seculo, peccavam grandemente, e na farça ainda muito mais, com violação flagrante de bom senso.

Concordo em que «as grandes creações typicas não são d'esta ou d'aquella nação, pertencem a todas e em todas se fixam. Um Almaviva, um Georges Dandin, um Lovelace, um Bartholo, um D. Juan, um Othello, um Gargantua, um Pantagruel, um Amadis de Gaula, uma Angelica, um Macbeth, um Figaro, uma Celimène, mr. Jourdain, D. Quichote, Fausto, Julieta, Harpagon, etc., são de todas as linguas e designam typos immutaveis e universaes.»

É verdade tudo isso, como se faça uma distincção: o typico d'essas creações, o que as tornou, por naturalissimas, universaes, não foi, nem podia ser, o nome originariamente

imposto a cada um d'esses personagens scenicos; foi, sim, a photographação nitida e viva do cada um d'esses caracteres. Esta e não o nome accidental com que veiu á luz pela primeira vez é que se deve reproduzir com o maior escrupulo.

«Um morgado provinciano, diz o meu discreto critico, um morgado provinciano, abastado, viuvo e simplorio, chama-se na litteratura franceza um Gerante», tambem acho que sim; «e assim deve ser chamado em todas as litteraturas» aqui é que descordamos; havendo todavia um modo facil de nos conciliarmos: consiste elle em previamente admittirmos uma distincção, que se me representa muito justa.

O traductor das obras primas e consagradas tem deveres muito mais restrictos que o imitador, transplantador, naturalisador d'essas mesmas obras; o segundo pode e deve o que não deve nem pode o primeiro: tudo que desdisser por pouco que seja da indole, do geito, da feição e do costume da sua terra, e da sua gente, que é quem o ha-de ouvir e julgar, acceital-o ou demittil-o e esquecel-o, tudo absolutamente lhe fica sendo ipso facto defeso pela boa razão.

Ora aqui está chã e sinceramente, meus caros confrades, o porque eu me não atrevi a dar a um *morgado do Gestal*, em tudo nosso conterraneo, o nome francez de Géronte, e o alborquei no de Januario, como quem troca moeda de um paiz de onde sae na de outro para onde se quer ir estabelecer.

Declaro que esta materia de conservar ou trocar os nomes que figuraram nas comedias classicas offerece ás vezes difficuldades não pequenas: ponho por exemplo o Tortufo e o Avarento. Em ambas estas peças depois de muito reflectir e hesitar, cedo tambem eu aos vossos escrupulos, sem todavia negar que

ainda no fundo da consciencia cá me ficaram outras em contrario a resmorder. O Tartufo ficou Tantufo e o Harpagão Harpagão; porque supposto não sejam verdadeiros nomes de gente, tornaram-se uns designativos de tal modo universaes, uns synonimos tão populares de hypocrita e de cainho, que me forçaram a franquear-lhes a porta para a casa portugueza; ao mesmo passo que na comedia *As sabichonas*, a Philaminta e Crisaldo de Molière não tiveram remedio senão largar á boa mente os seus nomes, aliás proverbiaes em França, para poderem conviver com a nossa sociedade.

Não sei, meus amigos, se deixo ou não bem defendido o que fiz no *Medico á força;* sei que as minhas razões foram estas, que pediriam talvez mais desenvolvimento, e até mais ordenada redacção: para uma e outra cousa me faleceu o tempo.

Termino assignando-me com toda a consideração devida

Vosso admirador, confrade, obrigado e leitor constante:

A. F. de Castilho.

Como não queremos prolongar por mais tempo uma discussão inutil sobre um tão pouco importante assumpto, que os nossos leitores decidam, sobre as razões até agora apresentadas d'uma e d'outra parte, o amigavel pleito que intentámos: não nos compete a vara de juiz em causa em que somos parte.

Parecia-nos comtudo que um poeta como o sr. Castilho deveria ter mais em vista, escrevendo para o theatro, a posteridade, do que as platêas contemporaneas.

Um genio é sempre um homem para o futuro.

Se Molière, se Shakespeare escrevessem consoante as exigencias do theatro dos tempos em que viveram, ninguem hoje os conheceria.

As traducções de Molière pelo sr. Castilho devem ser para as nossas livrarias e não para as platêas lisbonenses. O que ellas preferem a Shakespeare, a Molière, a Castilho, a Mendes Leal, é Luiz de Araujo, e quejandos: o chato ao sublime, o inepto ao bello.

A obra d'um mestre fica-se em quatro representações; em duzentas e mais *O gallego lorpa,* e as *Intrigas no bairro:* a concorrencia ao Rossi explica-a a concorrencia ao Price: vão lá admirar a pantomima.

A segunda epoca da FOLHA será de dois mezes, pois que em maio já nos partimos, de bordão florído em punho, em demanda de nossos lares, d'aquellas estancias onde nos esperam abraços de mãe, e beijos de amantes.

Aos nossos assignantes, que de certo se não furtarão a seguir-nos ao termo da leda viagem, promettemos, segundo agora é de estylo, um brinde: ás senhoras, o retrato de qualquer dos poetas da FOLHA; aos cavalheiros, o Repertorio do Preto.

O pagamento das assignaturas de fóra de Coimbra deve ser feito em vales do correio, dirigidos a J. d'O. Penha Fortuna, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra. Na falta d'elles, em estampilhas de 25 réis.

786

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 12, p. 96.]

EXPEDIENTE

A ex.ma Wood, a quem agradecemos os continuos elogios com que nos honra, diz no ultimo numero da *Voz:*

«Bravo! meus espirituosos amigos da viçosa *Folha!* não se agastam de ver uma bonina ostentar a sua mimosa corolla entre as couves-pencas! É reforma digna do seculo em que vivemos. Mas vejam lá, meus senhores; tractem bem a minha bonina; olhem que é transplantada cá do meu jardim.»

A lombarda, a gallega, a saboya, a couve-flor, numa horta, ninguem as excede em frescor e belleza chãsinha: somos portanto dignos de certa admiração, aqui, na FOLHA; e se alguma bonina desabrochar entre nós, ninguem duvidará de que da nossa propria seiva a alimentaremos.

Mas se a nabiça ou a penca se lembram de enraizar em jardim florído, mudam-se os papeis, a decente burgueza passa a ridicula fidalga, e entre a cosinheira e o jardineiro é inevitavel o improperio e a lucta.

Não comparemos por tanto as hortaliças da *Voz* com os vegetaes da FOLHA.

O pagamento das assignaturas de fóra de Coimbra deve ser feito em vales do correio, dirigidos a J. d'O. Penha Fortuna, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra. Na falta d'elles, em estampilhas de 25 réis.

787

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 13, p. 104.]

EXPEDIENTE

Temos recebido varias composições, que revelam merito, mas peccam na forma, ou são vulgares na idéa: não as temos publicado por isso, e unicamente por isso. Um nome obscuro é tido por nós em tanta conta, como um d'esses que o vulgo decora, se a composição nos agrada.

Não pensem que o poeta nasce, como dizem uns taes criticos: o poeta faz-se.

Todo o pintor imagina um Christo pregado na cruz; mas conforme sabe combinar as cores, e correr o pincel na tela, ou não, assim é um Raphael ou um João Fernandes.

Toda a gente imagina um homem a suicidar-se, depois da ultima orgia, no leito da amante; mas conforme sabe da fórma do verso, ou não, assim é Alfred de Musset ou Rosalino Candido de Sampaio e Brito.

Isto refere-se, principalmente, ao auctor dos *Anhelos,* e ao da *Saudade.*

788

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 14, p. 112.]

EXPEDIENTE

Recebemos a obra intitulada — *Quadros do seculo* — trabalho do sr. João de Sousa Araujo, natural de Coimbra.

Ainda não tivemos tempo de o ler; mas, segundo o que se deduz de alguns periodicos da côrte, o livro tem merito.

E, ainda que assim não fosse, bastava o nobre intento de querer sair do vulgar, de querer estremar se da grande turba ignara, para ser digno de louvor o incipiente romancista.

João e Araujo são dois nomes de bom agouro: o primeiro sempre doce a labios femininos; o segundo bem-fadado nas letras portuguezas.

Já tinhamos Luiz de Araujo e Ignacio de Araujo, faltava João de Araujo para formar a symbolica trindade.

Agora é cantar ao desafio.

Os cavalheiros de Braga, assignantes da FOLHA, têm os seus recibos em casa do ex.mo sr. João Augusto da Cunha, na Praça do Barão de S. Martinho.

789

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 15, p. 120.]

EXPEDIENTE

Agradecemos a D. Emilio Castelar a carta com que benevolamente quiz honrar a FOLHA.

No meio da lucta gigante em que anda empenhado o illustre democrata, é admiravel como pôde subtrair uma hora ao trabalho do camartello, para nos dar uma voz de amisade e um aperto de mão.

É um exemplo a portuguezes.

Não publicâmos a carta, a pedido de J. Simões Dias.

Como D. Emilio lhe dirige merecidos louvores, a modestia do nosso collaborador não consente o que tanto desejaramos «para que se não diga que eu me promovo elogios», diz elle.

Do ex.mo D. Antonio da Costa recebemos um exemplar do *Christianismo e o Progresso*. Já conheciamos este escriptor desde a polemica sobre o casamento civil; e se o tinhamos em bom conceito, cresceu elle depois da leitura da nova publicação.

Por não ser da indole d'este periodico, não analysamos a doutrina do livro; diremos sómente que o achamos escripto em phrase térsa e elegante, e que até nos pontos em que o assumpto é mais arido, a amenidade do estylo os faz transpor seus visos de somnolencia.

Recommendamos o livro ás senhoras e aos academicos do curso theologico.

Que mysterio se passará no encéphalo da extraordinaria creatura, que se despediu da FOLHA, por iberica?

Decida a medicina.

Talvez que o mal venha do estomago.

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Funchal, Ponta-Delgada, Angra do Heroismo, etc., se vendem os *Quadros Cambiantes*, um volume de poesias lyricas, por Candido de Figueiredo.

790

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 16, p. 128.]

EXPEDIENTE

Da leitura dos *Primeiros versos* do sr. Julio de Castilho vê-se como um poeta nasce, como se vae alentando, e floresce: as primeiras poesias são más, o que talvez seja devido á pessima escolha dos assumptos; as ultimas excellentes.

Transcrevemos uma, que pela sua pequenez pode entrar nesta secção da FOLHA, e dar uma idea do estylo do poeta.

DEVANEIO

Cai-me das mãos a tremula palheta;
não posso trabalhar.
Vêm-me assomos de lagrimas aos olhos;
e ponho-me a scismar.
Scismar! oh! como é vago!... Attonito o pincel
deixa em meio o debuxo. O esboço do painel
desfralda-se ante mim com ceos azues profundos,
pinhaes sem fim, nebrina onde a alma avista mundos.
Alem passa um regato; alem um pegureiro;
longe alveja um casal; aqui viça um oiteiro.
Traço confuso. O tudo, e o nada; o sim, e o não;
a prima idea; o jacto; o fogo; a inspiração.

Nessa contemplação minha alma absorta pensa;
e paira, arrebatada á solidão immensa.
A meia luz da estancia, á luz da chamma interna,
vejo o campo; e a sua vista aviva-me mais terna
a saudade de então.
Então! quando? não sei.
Foi um tempo feliz; um tempo que passei
aos pés d'ella, embalado em nuvens de delicias,
doido de immenso amor, cercado de caricias;
todo seu, todo luz, todo esperança e festa.
Hoje... de tanto amor, pergunto, o que me resta?

Porque não tornarás ao meu ermo, anjo lindo?
oh! torna! aqui te aguarda amor; o mesmo; e infindo;
o mesmo coração; a mesma paz serena;
a ridente alvorada; a longa tarde amena;
a soidão que te deu saude, amparo, abrigo;
e entre os mesmos vergeis o mesmo tecto amigo.
Volve! o mosteiro é um ermo; o teu piano è mudo;
já não se ouve no côro essa voz de velludo,
tão grata ao nosso Deus, tão moça e tão suave.
Faltas-me nos pinhaes, faltas-me sob a nave.
Busco-te, e não te encontro. Oh! volve! a minha lyra
geme, sussurra em vão. Meu estro em vão suspira.

Faltas-lhes, como falta ás rolas do pinhal
a sua providencia, a tua mão virginal,
que até á ave do céo lograva (oh! saudade!)
espargir dadivosa a tua caridade.

É lastima assim ver-me, e deixar-me finar,
sem que um sorriso teu me venha acompanhar.
Vem! restitue-me ao sol! presta-me o teu conforto.
Entre o livro e os pinceis exhauro semi-morto
esta vida fallaz. Vem, torna, Primavera!
Anciosa minha alma a cada sol te espera;
e ao trasmontar do sol este esperar não finda.
Cresce a noite, e no escuro eu velo, e espero ainda.
Lisboa, 18...

Como as nossas elegantissimas leitoras gostaram de certo d'este devanear, recommendamos-lhe encarecidamente as poesias d'este poeta, e o poeta enamorado.

Agradecemos o offerecimento do livro.

Como já chegaram as andorinhas, d'aqui saudamos com um largo cópo de Madeira secco a todas as nossas leitoras: chegou a quadra dos loucos amores.

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Funchal, Ponta-Delgada, Angra do Heroismo, etc., se vendem os *Quadros Cambiantes*, um volume de poesias lyricas, por Candido de Figueiredo.

Nos mesmos logares se vende o *Mundo Interior* por J. Simões Dias, e a *Coroa d'amores*, romances do mesmo auctor.

791

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 17, p. 136.]

EXPEDIENTE

Como annunciámos que dariamos a FOLHA ás senhoras, que nos mandassem os seus retratos, temos recebido, entre algumas verdadeiras, um grande numero de photographias que nos são extremamente suspeitas.

Da Lourinhã recebemos hontem o retrato daRigolboche, debaixo do nome incongruente de D. Felizarda.

Que Felizardo!

As *Cartas a um bispo,* cuja traducção J. Simões Dias annunciara neste periodico, sairam finalmente á luz.

Agradecemos ao ex.^mo^ Henrique José de Andrade o exemplar com que nos obsequiou.

Da excellencia da obra, que discute as relações entre o estado e a egreja, nada mais diremos, por inutil, depois do que foi dito na FOLHA.

Vejam porem Castelar, e vejam o traductor:

«Uma nova sociedade surgia do seio do seculo XVIII, e surgia porque Deus não tolerava que o mundo fôsse a côrte ou a mancebia de reis como Luiz XV, de rainhas como Maria Luiza. E sempre que nasce uma nova sociedade, ai! nasce em opposição radical á antiga. O espirito grego nasceu do Oriente e cresceu negando o Oriente. As ruinas de Troia são essa immensa negação historica. O christão oppoz-se á sinagoga; nasceu maldito pelos sacerdotes da antiguidade, pelos phariseus. A egreja rompeu o seio de sua mãe, como a ave para voar rompe o ôvo que a encerra. O renascimento nasceu da edade media, e chamou barbara á edade media, e Miguel Angelo, e Raphael, e o me-

smo papa Leão x, e Bembo, e Sadoleto, não viram na arte gothica mais que o padrão da barberia das artes, entretanto se estasiavam perante as estatuas dos deuses, em que os primeiros padres da egreja só haviam visto a terrivel gargalhada do diabo. Pois bem, senhor, o mesmo succedeu, exactamente o mesmo, á idéa liberal moderna. Um homem, que como escriptor não valia o que valia Descartes, nem como poeta o que valia Racine; porem que os superava a todos por sua intenção politica e espirito critico, pretendeu destruir a forma social, e destruio-a com aquella gargalhada, especie de terremoto que aluiu os cimentos das antigas monarchias destroçadas sobre seu sepulchro.

Genios, porem, d'esta ordem são raros, e só apparecem quando têm o destino de destruir uma sociedade, para que dê passagem a outra mais progressiva. As gargalhadas d'estes homens são como o ruido da tempestade, que vem purificar a atmospera moral. Suas graças são cegas como o raio, que ora fulmina a azinheira, abrigo das aves do céu, ora a cupula das egrejas. O certo é que quando tem sido necessario destruir uma forma social, tem surgido sempre um d'esses homens: Aristophanes ao finalisar a Grecia; Luciano ao finalisar Roma; Boccacio ao finalisar a primeira metade, a metade theocratica dos seculos medios; Cervantes ao finalisarem os tempos cavalheirescos; Voltaire ao finalisar a sociedade de nossos paes. Seu ministerio foi mais politico que religioso. Necessitava negar uma sociedade e negou tudo, religião e politica, mas nem suas negações nem suas duvidas chegaram a matar o sentimento do infinito, eterna raiz da idéa religiosa.»

Recommendamos esta explendida obra aos amantes do bello e da verdade: o seu preço é modicissimo.

Quem vae ao circo paga á entrada, e histriões gratuitos não apparecem em parte nenhuma. Ora, da honradez dos senhores, que nos têm estado a disfructar das galerias na scena da FOLHA, não podemos duvidar; mas a regularidade ingleza é uma coisa admiravel.

Que lhes parece?

792

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 18, p. 144.]

EXPEDIENTE

Victor Hugo cantou o sapo e o porco. Lallé cantou as moscas. Heinsio escreveu a apologia do piolho e do burro. Lope de Vega cantou a pulga. O nosso amigo R. fez mais: levantou a poeira dos seculos findos, descobriu as ossadas d'um animal hibrido, d'uma hibridez nunca vista, e vae cantal-o.

Este animal estranho, que foi desconhecido de Lineu, Jussieu e Cuvier, é, pelo nosso poeta, chamado **Pascacio.**

Segundo a narração de poentas chronicas, Pascacio, no tempo em que os orangos, e outros animaes de origem dubia, viviam de camaradagem com o homem, tomou assento nas aulas da universidade de Colmbra.

Não queremos defender o anachronismo; o poeta ha de justifical-o. Pelo que já lêmos do poema, o heroe sobresái na scena, d'uma maneira pasmosa, em frente dos espectadores que não tiram as mãos das ilhargas.

Sentimos que, terminando breve a primeira serie do nosso microcosmo, já não tenhamos espaço para reproduzir todo o poema. Faz-se todavia mister que, emquanto a obra não surde inteira á luz da publicidade, os leitores vão antegostando estas linhas soltas: são extraidas do canto septuagesimo quinto, e referem-se ao passo em que o heroe, abrindo as sebentas, atira das bancadas da aula ás faces do lente, uma trovoada de disparates:

«Deu signal o rugido temeroso
Que fez tremer Souzellas e Mealhada;
Atrás volta o Mondego, de medroso;
E o lente, na cadeira mal firmada,
Empallidece e finge-se animoso;
Os collegas tremeram na bancada,
E, quando o som terribil escutaram,
Contra o peito as pandectas apertaram!

Um vate illustre que estanceava ao lado
Pasmou da voz que não julgou da terra;
E, quando ouviu o altisonante brado
Que abalar fez o esconso valle e a serra,
Acreditou que lá do mar salgado
Resurge Adamastor que tudo aterra;
E, assombrado do zurro, berro ou grito,
Comparou essa voz á do infinito...

Confusos de tanta honra, agradecemos aos habitantes do Freixo d'Espada á Cinta os dois ôdres de vinho verde com que nos mimosearam.

Do pergaminho, que temos á vista, e que será no futuro um titulo da nossa gloria, copiâmos as seguintes linhas:

«Nestas epocas sáfaras para escriptores portuguezes, se alguns homens de têmpera antiga e alma generosa não déssem uma voz de incitamento áquelles que, obscuros, mas pandos de boa vontade, trabalham no edificio das letras-bellas, os que leram nas primeiras edades Herculano, Garrett e Castilho, só teriam na velhice o romance traduzido de Paulo de Kock e os *Annaes da Propagação da Fé*.

«No grande sino do absoluto soaria a badalada extrema da litteratura portugueza.

«Os neo-chinezes de Hong-Kong offereceram a Camillo Castello-Branco a taça argentea das libações subtis; nós mandamos-vos, em fé da nossa bem-querença, esses parcos sumos das parras dos nossos campos.

«A elle, o continente; a vós, o conteúdo!»

De copos a trasbordar, nós vos agradecemos, ó filhos illustres da mais illustre das terras!

793

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 19, p. 152.]

EXPEDIENTE

Um homem de bem acaba de publicar no Porto o *Mal da Delfina,* paródia á *Delfina do mal.*

O elegante volume appareceu-nos repleto de bellezas: o metro é seguro, o estylo correcto, a phrase adequada ao genero do poema, a acção clara e natural, os contrastes surprehendentes, o sal abundante em cada pagina.

Mas quem será o *homem de bem,* o térso e elegante escriptor, que tão modestamente occulta um nome, que todos desejam conhecer?

É um dos nossos melhores poetas lyricos, o auctor dos *Echos d'Aljubarrota,* e das *Heras* e *Violetas:* é Guilherme Braga.

Fazemos esta revelação, porque este nome não se deshonra no frontispicio do *Mal da Delfina:* nada mais bello e encantador do que um sorriso nuns labios serios.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Ha leitores de annuncios, leitores de necrologios, leitores de agradecimentos, leitores de correspondencias, mas leitores de erratas não existem na terra.

E porque?

Porque ninguem gosta de perder illusões.

Diz Malherbe:

«Et Roselle a vecu ce qui vivent les roses
L'espace d'un matin!»

Compõe o typographo:

«Et rose, elle a vecu ce qui vivent les roses
L'espace d'un matin!»

Quem lêsse a errata, conforme o auctor, perderia uma illusão; em logar do bello teria o vulgar.

Diz um bardo alemtejano, no ultimo verso da historia dos proprios amores:

«E aos pés lhe cahiu o *pobre* amante.»

Compõe o typographo:

«E aos pés lhe cahiu o *podre* amante.»

A poesia errada seria a poesia sublime.

Alem d'isso o erro, sem a emenda, é arma agressiva nas mãos do leitor, e o leitor gosta do ataque.

Diria, por exemplo, ao auctor do *Vinho e Fel:* «aprenda a metrificar, senhor poeta das duzias!» porque no soneto XXIII apparece este verso:

«Aos orvalhos da aurora resplandecente.»;

mas a errata sacode-lhe a arma das mãos, emendando:

«Aos orvalhos da aurora resplendente.»

E o mesmo diria ao auctor da *Carta de Leonora a Tasso,* em referencia ao verso:

«Procurando-se a ledice d'outras eras»,

se a errata não emendasse:

«Procurando a ledice d'outras eras.»

Parâmos aqui, porque o leitor, sabendo do que se tracta, já de certo passou adiante.

Para o anno daremos um paio de Lamego, e um copo dos vinhos de Freixo de Espada á Cinta, a quem nos ler as erratas.

794

[*A Folha*. Série I (1869), n.º 20, p. 160.]

EXPEDIENTE

O antigo redactor do *Bocage* deu ultimamente á luz um livro de esboços a carvão, intitulado — *Pataratas*.

Critico propenso á ironia e ao sarcasmo, Urbano Loureiro tem soffrido da parte dos pequeninos da imprensa, a quem não poupa, uma guerra feroz.

A arma é o silencio.

No entanto os livros d'este escriptor irritavel desapparecem das estantes dos livreiros!

D'ahi a hypocondria dos adversarios.

Agradecemos o exemplar das *Pataratas*, que nos foi remettido.

Terminou com este numero a primeira serie do nosso hebdomadario.

A FOLHA, apesar de mordida e babada por alguns moluscos sem nome, foi vegetando pelo espaço de cinco mezes e com a propria seiva se lavou das immundicies dos externos parasitas.

E promette longa vida: a bruxa que nos serve, consultando os astrolabios, prophetisou-a, para o anno, *Flor;* e mais tarde *Fructo*.

Ora, esta metaphora vegetal na bocca da sybilla tem para nós a força da parábola evangelica: é certa.

Fazemos portanto as nossas despedidas até outubro, desejando aos nossos leitores tão bonitas amantes, como a que nos espera nos patrios lares; e ás nossas elegantes leitoras tão galhardos, gentis e constantes servidores, como... M.me Wood que o diga.

Vendem-se collecções da FOLHA pelo preço da assignatura — 1$000.

Enviam-se, francas de porte, a quem mandar esta somma.

795

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 1, p. 1.]

PREAMBULO

A celeste e energica harmonia do canto do renascimento, o *ó filii, ó filiae* da resurreição pascal, echoou finalmente nos ámbitos desertos do nosso templo. De novo, e coroados de rosas, como os poetas olympicos, entoaremos o hymno eterno das formosuras ideaes.

E se, como os crocodilos no areal ardente, nos ficámos longo tempo na somnolencia contemplativa, que o vulgo chama indolencia e que não é mais que o periodo de elaboração creadora d'aquelles que pensam; uma vida nova, agitada, vigorosa e completa deixará ver aos incredulos reluctantes o fogo purissimo que se alenta em nossas almas.

Filhos ardentes das modernas theorias, iremos alem do largo espaço, onde se cruzam os quatro ventos do céu, em procura da verdade, essa luz que resplandece; e na face da terra, onde vive o sapo e a flor; e no meio da sociedade, onde se move o algoz e a victima; procuraremos o bello, essa ambrosía enebriante, e o bem, essa idealidade consoladora.

O sabio, que o preconceito não transvia; o philosopho humanitario, que as paixões não vencem; e a mulher, que o vicio não pollue, serão os guias da nossa peregrinação gloriosa.

O impulso, comtudo, será franco, espontaneo: que nem jurámos obediencia a facções intolerantes, nem acceitaremos o influxo de espiritos dominadores e soberbos.

Alegres e jubilosos; tristes e melancolicos, o nosso rir será franco e aberto, como o do antigo frade, sustentaculo de refeitorios; as nossas lagrymas serão verdadeiras e sinceras, como as do esposo ante o sepulchro da consorte: a gargalhada de Mephistopheles é só comparavel ao chôro do jacaré.

E ao longo da estrada incerta, que temos a percorrer, beijaremos a flor gentil que se debruce nas orlas musgosas do caminho; e com a ponta ferrada dos bastões de peregrinos destruiremos a cascavel que nos vibre a peçonha e a baba.

Conseguiremos, porem, o desejado fim? Eis o problema.

Mas em todo o angulo da terra encontraremos uma mulher, uma taça, uma lyra e um cemiterio: o amor, o esquecimento, a somnolencia consoladora, e o repouso eterno.

Basta: a rã da folha verdejante transformou-se em môcho de pardieiro em ruinas.

João Penha.

796

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 1, p. 8.]

Expediente

Esta secção da FOLHA é redigida no leito de Procusto: se temos as pernas compridas, são-nos cortadas; se pequenas, destendidas até á barra.

Hoje trabalhou o cutelo: diremos portanto duas unicas palavras.

Creadores d'uma especie nova de litteratura, a do expediente, faremos por conserval-a na altura olympica em que a deixámos o anno passado. Não desceremos, por conseguinte, á chulice vasconça dos modernos folhetinistas, nem nos elevaremos, como o condôr de fronte calva, ás regiões da prosa lyrica dos prophetas do seculo XIX. O nosso estylo será comparavel a um prato de linguiças com bróculos cosidos: succulento e sem pretenções.

Em quanto ao mais, como os botecudos: selvagens, nus e armados.

Gostarão as senhoras d'este nosso aspecto?

Aos que nos amam, porque somos bons, a taça das libações suavissimas! Aos que nos detestam, porque nos temem, a aquàtufana dos antigos papas!

Á Cesar o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus.

A FOLHA assigna-se nas terras seguintes:

Lisboa: Campos Junior, rua do Ouro.
Porto: E. Chardron, Livraria Internacional.
Braga: A. Chardron » »
Coimbra: J. Melchiades, rua da Calçada.

PREÇOS

Por trimestre, ou 12 numeros.....	660 réis
Em Coimbra	600 »

Toda a correspondencia, franca de porte, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa n.º 97, Coimbra.

797

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 2, p. 16.]

Expediente

Faltariamos aos mais simples deveres da cortezanía palaciana, e ás mais vulgares prescripções lithurgicas do *Manual de Civilidade* se não agradecessemos as benevolas e lisongeiras expressões de incitamento, com que fomos saudados, e bizarramente acolhidos.

As infundadas accusações de inveja chata, villania incidiosa ou vaidade balofa, dirigidas contra a maioria dos escriptores portuguezes, não acharão echo na redacção da FOLHA.

Ahi deixamos consignada uma prova em contrario, e com isso folgâmos.

Acaba de ser pôsto á venda um livro notavel, dado á luz pelos editores Monteiro & Reis, da Typographia Lusitana, e devido á penna severa de Luciano Cordeiro, escriptor já de sobra conhecido na imprensa politica, e de todos admirado por excellentes dotes: uma grande independencia de caracter, aturadissimo estudo, e um talento para muito.

Larga critica merece o livro; não podemos, porém, attenta a pequenez do espaço, transpôr os limites d'uma simples noticia.

Resumindo numa synthese a parte theorica do volume, eis o que se nos apresenta:

O artista é um ente fatal, porque a arte segue o movimento da evolução climaterica, e da evolução historica: o que importa dizer,

que é subjugado pelo clima, pela idea collectiva e pelo facto social. O poeta, perdido na collectividade, não faz mais do que idealisar por meio de syntheses e generalisações. O *eu* desapparece-lhe no todo commum; e, se revela uma certa individualidade, é porque as manifestações da arte são complexas, e as do ideal relativas.

Mas perguntamos agora, se isto é assim, qual o merito do artista?

Para nós o facto social, a idea collectiva, é determinada, dirigida, ou aniquilada pelo *individualismo,* pelo *eu* na sua manifestação excepcional, pelo genio; e isto nas artes como nas sciencias.

O genio desconhece estheticas, despreza movimentos sociaes e impõe-se absoluto, se não ao seculo que o viu nascer, com certeza ás gerações futuras.

Se Alfred de Musset e Espronceda, poetas médios, se explicam pela theoria do *Livro de Critica,* porque representam uma feição caracteristica da sociedade actual: a duvida, o scepticismo, que se desprende em ironias e sarcasmos enviperados, como explicar Shakespeare e Victor Hugo?

Quantas vidas de homem não seriam necessarias ao primeiro para formar a synthese das paixões que idealisou, se as analysasse? — não será manifesta, visivel, evidente a influencia do segundo na sociedade moderna, no facto collectivo?

Não queremos levar mais longe estas simples observações: do que deixamos dito facilmente se deduzirá que, não seguindo em todas as suas consequencias a philosophia materialista de Luciano Cordeiro, propendemos para as theorias do pantheismo espiritual.

Nada mais.

Julgamos, até, que o *Livro,* cujo estylo ao principio vacillante, se torna mais tarde firme, energico e por vezes eloquente, hade prestar á nossa litteratura serviços valiosissimos, guiando em terreno desconhecido e pouco seguro os passos indecisos dos que desejam revelar-se nos vastissimos campos da arte.

Agradecemos o exemplar, que benignamente nos foi enviado.

A FOLHA assigna-se nas terras seguintes:
Lisboa — Campos Junior, rua Augusta.
Porto — E. Chardron, Livraria Internacional.
Braga — A. Chardron » »
Coimbra — J. Melchiades, rua da Calçada.

PREÇOS

Por trimestre, ou 12 numeros.	660 réis
Em Coimbra	600 »

Toda a correspondencia, franca de porte, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa n.º 97, Coimbra.

798

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 3, p. 24.]

Expediente

Dissemos o anno passado que as producções d'um João das Vinhas qualquer seriam admittidas na FOLHA logo que revelassem um tal ou qual merecimento; hoje, porem, somos obrigados a exigir mais alguma cousa.

Quando nos pediram a publicação do *Figo de Compadre,* o excellente poema didactico d'um poeta de Villa Nova de Portimão, desde logo accedemos ao pedido, não só por dar uma prova de amisade a um cavalheiro apreciavel, mas tambem porque o primeiro e ultimo versos da peça se nos affiguraram de mão de mestre.

Não podendo, porem, por motivos superiores á nossa vontade, ler mais tarde a substancia conteúda entre os dois referidos hexámetros, enviámos o manuscripto a varios poetas do nosso conhecimento, solicitando um voto que o preconceito não maculasse.

Na capa do poema devolvido liam-se as notas seguintes:

D'um poeta collectivo: «O figo d'um compadre qualquer jámais representará uma synthese: escreva o *Figo Absoluto,* e será lido.»

D'um poeta individual: «Se é genio, cante-se a si proprio. Nenhum ideal será mais bello, porque, revelando-se, revelerá o Tudo. Escreva o *Seu Figo,* e conte com a gloria.»

D'um poeta realista: «Só a natureza é bella, e o figo de compadre é um dos infesados productos da sociedade estulta. Cante o *Figo Verde,* e alongue os olhos á posteridade.»

D'um poeta sentimentalista: «Sómente é grande o homem quando o sentimento o arrebata, ora pomba, ora masthodonte. Escreva o *Figo de Cecilia,* e beba um calix de viraçõe subtis.»

D'um poeta romantico: «Nas vetustas chronicas dos tempos idos descobre o philosopho as lieções do futuro. Cante o *Figo Passado,* e ponha loja de propheta.»

D'um poeta classico: «Os que ousam innovar, quasi iconoclastas, faltam ao respeito aos antigos, aos que tocaram a meta ideal. Escreva o *Figo de Comadre,* e suba aos olympos de Aristoteles.»

D'um poeta satanico: «No inferno da vida tudo é falsidade: o bem um sonho, o bello uma chimera. Cante o *Figo do Mal,* e detenha-se um instante nas ourelas do abysmo.»

D'um poeta humoristico: «A vida é bella, se o vinho é bom. Escreva o *Mal do Figo,* e venda-o como appenso ao reportorio do Borda-d'agua.»

D'um poeta catholico: «Jámais a impiedade prevalecerá contra a egreja de Pedro. Escreva o *Papa-Figo,* e prelibe os extasis da visão beatifica.»

E não ousando ler mais, enviámos a manuscripto ao homem dos Algarves.

Recommendamos, portanto, aos innocentes poetas que desejam exhibir-se nas columnas da FOLHA, a abstenção absoluta de perfilhamentos escolares.

E todos viveremos bem.

A FOLHA assigna-se nas terras seguintes:
Lisboa — Campos Junior, rua Augusta.
Porto — E. Chardron, Livraria Internacional.
Braga — A. Chardron » »
Coimbra — J. Melchiades, rua da Calçada.

PREÇOS

Por trimestre, ou 12 numeros.	660 réis
Em Coimbra	600 »

Ha para vender 24 colleções da serie do do anno passado; crescendo os pedidos far-se-á 2.ª edição dos numeros necessarios.
Preço de cada uma 1$000 réis.

799

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 4, p. 32.]

Expediente

Acabamos de receber de Terras de Bouro uma carta, cuja importancia litteraria nos obriga a postergar temporariamente a analyse dos excellentes livros com que a FOLHA tem sido obsequiada.

Aos illustres auctores das *Glorias Portuguezas*, da *Hostia de Oiro*, do *Anjo do pudor*, e da *Grinalda* pedimos o indulto que tão leve falta merece.

Diz a carta:

«Collega e compadre: O facto que v. relata no ultimo expediente da FOLHA fez-me avaliar o effeito que a hydra de Lerna deveu ter sentido ao receber a primeira maçada do Hercules das mythologias. Os *Amores Suezes*, ou a *Cochina Transtagana e o Cérdo de Barroso* não irão alem do canto decimo; que não ouso sujeitar-me ás hodiernas criticas, nem me sinto espiritos de lhe ter a barba tesa.

«E comtudo o meu poema tinha por scopo a demonstração da excellencia do cruzamento das raças: uma bella utilidade.

«O porco, esse grande philosopho de vista baixa, que tão mal avaliado foi sempre, era o meu heroe; e em versos, que, sem me alçar a pedestaes vaidosos, poderia chamar preclaros, dizia como do thálamo honesto d'uma nédia porca alemtejana e d'um sêcco javardo barrosão proviria a flor dos leitões do futuro.

«Mas cumpra-se o destino cruel; a penna victor-hugiana, que na tela desenhava o formoso quadro, eil-a ahi vae aos quatro ventos de Bouro, e com ella a minha gloria ideal.

«Mude-se o buril do artista na foice do agricola.»

E respondemos assim:

«Confrade e amigo: O homem, como sabe, compõe-se de duas substancias: materia e espirito; e ambas ellas precisam de alimentos que as sustente na actividade temporaria, que se chama vida.

«Se o alimento intellectual é rico e abundante, ha uma exhuberancia de vida, e o homem transmitte-a á sociedade num poema, num quadro, numa estatua; e por egual, se o alimento corpóreo é sadio e nutritivo, dá-se tambem uma superabundancia vital e transmitte-a á mesma sociedade num ente da mesma especie.

«Do equilibrio d'estes dois movimentos, que mutuamente se modificam, resulta o verdadeiro systema philosophico, o epicurismo.

«Mas como no javardo sómente se verifica o ultimo facto, e exempto de qualquer influencia da intellectualidade; aquelle dos filhos do homem, que tiver a potencia genitriz de lhe cantar, em mais de uma quadra, os affectos bordalengos, andará hombro por hombro dos maiores genios.

«E os *Amores Suezes* vão no canto decimo!

«Conclua, senhor, conclua o poema; que tem segura a posteridade: e quando chegar o dia feliz em que lhe ponha o *Finis laus Deo,* envie-nos o manuscripto, se não preferir enviar-nos uma pá do heroe do assumpto, preparada á maneira das Terras de Bouro.»

Eis as cartas e eis os factos.

A FOLHA assigna-se nas terras seguintes:
Lisboa — Campos Junior, rua Augusta.
Porto — E. Chardron, Livraria Internacional.
Braga — A. Chardron » »
Coimbra — J. Melchiades, rua da Calçada.

Ha para vender 24 colleções da serie do anno passado; crescendo os pedidos far-se-á 2.ª edição dos numeros necessarios.
Preço de cada uma 1$000 réis.

800

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 5, p. 40.]

Expediente

A montanha de prosa, que hoje nos abysma neste exiguo espaço, obriga-nos ao silencio e á immobilidade; consola-nos porem a idea, de que até os proprios rouxinoes das nossas frondes, no assombro do baque da catapulta, suspenderam os gorgeios dilatados, e quedaram-se mudos.

Mas, como o Encédalo antigo, tentemos uma volta de lado.

Ás elegantes senhoras que o anno passado se inscreveram leitoras da FOLHA, dissemos, se bem nos lembra, que de bom grado acceitariamos, em logar d'um vil metal que nos pagasse, um retrato que nos fosse inspiração nas horas do silencio e do amor.

Algumas acceitaram, e entre ellas a mais formosa das portuguezas, a que nas columnas da FOLHA é designada por um *N. H.*

Como porem alguns dos bellos exemplares do sexo feminino têm este anno assignado sob um nome de homem, concluimos que se querem subtrair a uma lei, que não é mais que um pedido lisongeiro.

Ora, sendo essa a causa do facto singular, respeitaremos a modestia das violetas, e em logar do retrato de esposa, receberemos a photographia do marido... por curiosidade.

Ha para vender 24 collecções da serie do anno passado; crescendo os pedidos far-se-á 2.ª edição dos numeros necessarios.

Preço de cada uma 1$000 réis.

801

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 6, p. 48.]

Expediente

Na lucta formidolosa, travada nos campos litterarios entre os do Norte e os do Sul, ninguem até hoje se atreveria a entregar os laureis da victoria a uma ou a outra das facções belligerantes. Roland, afferrado o montante, em vão tem querido passar da ponta ou ferir de talho o escudo e o casco de Olivier. Braço contra braço, peito contra peito, só o amplexo da amizade podéra ultimar o prélio dos membrudos athletas.

Das regiões ulysipponenses surge porem agora uma força nova, que pondo em xaque o nervo de Camillo Castello-Branco, parece que fará pender para os lados austraes a balança fatal, onde se aquilatam os productos da intellectualidade portugueza.

Fallâmos de Antonio José de Carvalho, auctor dos *Martyrios do Amor*.

Este romance, elegantemente alindado com os desenhos typicos d'um mestre de Lisboa, appresenta-nos em vivo retabulo os costumes interessantes do homem da Beira. Correntio na phrase; novo nas imagens; vasto nos conceitos; suave nos sentimentos doces; furibundo nas paixões violentas, considerâmos este livro como um verdadeiro bom successo.

E tanto assim, que prevendo, como já dissemos, o fim da contenda, para os de Lisboa nos passâmos com armas e bagagens, não querendo ficar entre os vencidos.

De facto, sendo innegavel que o Sul, como poesia, sobrepuja o Norte; e que este como romance, suppêa aquelle; equilibrando-se o auctor dos *Martyrios do Amor*, com o da *Mulher fatal*, o desenlace do combate deixa de ser um preblema.

Parabens a Antonio José de Carvalho, parabens a Lisboa.

Quando recebemos do Porto o retrato de uma nova leitora, vieram-nos á lembrança aquelles versos populares:

«Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os
Já nem sei quaes são os meus.»

Effectivamente o quadro está de tal modo executado, que temos em dúvida quaes feições representa, se as da menina, ou as do amante; se as do modêlo, ou as do pintor.

J. Palmella, escriptor apreciavel e républicano convicto, acaba de encetar a meritoria, mas ardua, tarefa de nos traduzir os discursos de Emilio Castelar.

Precedido por um excellente preambulo, o primeiro folheto d'esta collecção já se acha á venda.

J. Palmella merece não só a protecção geral dos que sabem recompensar um trabalho hónesto, mas a especial dos pedreiros-livres.

Agradecemos o exemplar que nos foi obsequiosamente offerecido.

A FOLHA assigna-se nas terras seguintes:
Lisboa — Campos Junior, rua Augusta.
Porto — E. Chardron, Livraria Internacional.
Braga — A. Chardron » »
Coimbra — J. Melchiades, rua da Calçada.

Nos mesmos logares está a venda o *Tasso,* poema dramatico em 7 cantos, baseado em factos do seculo XVI, por Candido de Figueiredo.

802

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 7, p. 56.]

Expediente

Diz-nos a *Revolução de Setembro,* em referencia ao expediente preterito:

«A distincção entre gente do norte e do sul, ou, fallando mais chãmente, entre gente de Coimbra e de Lisboa, pecca por falsa na essencia, e absurda na fórma.»

Que, á voz de Anthero de Quental, e partindo o movimento do norte, se formaram duas facções litterarias, e que essas facções, embora subdivididas em varios cambiantes, subsistem ainda, são factos innegaveis.

Ora, designando por litteratos do norte os que seguiram os lábaros dos insurgentes, e por litteratos do sul os que se ficaram na fé dos velhos estandartes, como falseámos a essencia da distincção e peccámos na fórma?

Um poeta de Terras do Bouro pode ser litterariamente do sul, e um de Villa Nova de Portimão, por egual, do norte.

Negariam os romanticos victor-hugianos o nome de — crinito (chevelu) a um dos seus, mas... calvo?

De certo que não.

A FOLHA assigna-se nas terras seguintes:
Lisboa — Campos Junior, rua Augusta.
Porto — E. Chardron, Livraria Internacional.
Braga — A. Chardron » »
Coimbra — J. Melchiades, rua da Calçada.

PREÇOS

Por trimestre, ou 12 numeros.	660 réis
Em Coimbra	600 »

Nos mesmos logares está a venda o *Tasso*, poema dramatico em 7 cantos, baseado em factos do seculo XVI, por Candido de Figueiredo.

Ha para vender 20 collecções da serie do anno passado; crescendo os pedidos far-se-á 2.ª edição dos numeros necessarios.

Preço de cada uma 1$000 réis.

803

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 8, p. 64.]

Expediente

Das proprias mãos do nosso excellente collaborador Candido de Figueiredo recebemos o elegante volume do *Tasso,* poema dramatico, baseado em factos do seculo XVI, e publicado em Lisboa pelos editores Lallemant.

Filiando-se na escola espiritualista, que por superabundantes razões, peculiares do auctor ou de criticos abonados, prefere á classica e á sensualista; teve o nosso poeta no intento, como se infere da introducção ao livro, trabalhar na realisação do bem social, apresentando no epico de Sorrento o typo da eterna lucta da poesia com o mundo real, da grandeza d'um espirito alheado em visões ideaes, com a mesquinhez das coisas terrenas; e querendo num facto da historia verberar a triste realidade de todos os dias, escolheu, na fórma, a poesia dramatica, preferindo-a á lyrica e á epica estremes, por ter da primeira o elemento subjectivo, da segunda o objectivo, e ser portanto mais propria a satisfazer as vastas exigencias do assumpto escolhido.

Não queremos entrar em amplas analyses, nem tão pouco suscitar inuteis questões, parece-nos porem que, fazendo excepção nos poemas do genero do *Fausto* e do *Ahasvérus* que pela grandeza e vastidão dos assumptos não poderiam ser executados d'outra maneira, a forma dramatica, em obras que não sejam destinadas ao theatro, revela no poeta a ma-

xima impotencia de execução. O quadro em que a scena se passa, a narração, o incidente, a circumstancia, o episodio, o arabesco, tudo isso que fez de Homero, Virgilio, Dante, Camões, Tasso, Ariosto e Byron os maiores genios da face da terra, encontra um pulso inhabil para o revelar na tella nos que defendendo esse genero de poesia, defendem a propria esterilidade.

No mesmo Victor Hugo, que na introducção ao *Tasso,* é apresentado como um dos paladinos da poesia dramatica, se encontra a viva refutação do asserto adduzido: a *Lenda dos Seculos* sobrepuja em valor litterario todos os dramas do auctor do *Hernani.*

D'isto que deixâmos dito não se infira uma opinião desfavoravel a Candido de Figueiredo: na FOLHA, e noutros periodicos, de sobra se nos tem elle revelado tão magnifico narrador, como lyrico melodioso: o que deve deduzir-se é que á errada escolha da fórma se deve attribuir o unico defeito do *Tasso:* a frieza, a seccura da redondilha maior dialogada, em scenas que só em amplissimos quadros descriptivos seriam bellas.

O suberbo acolhimento que este poema tem recebido das litteraturas portugueza, hespanhola e franceza dispensa-nos de apontar as grandes bellezas da obra; e d'este modo nos forrâmos da accusação dos invejosos, que nos diriam obsecados por uma amisade franca e uma velha camaradagem.

Não seremos porem exaggerados prophetisando ao auctor dos *Quadros Cambiantes* e do *Tasso* um futuro brilhante nas letras, e um logar distinctissimo entre os primeiros dos poetas da peninsula.

804

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 9, p. 72.]

Expediente

Napoleão, Pio IX *e Victor Hugo*, é o titulo d'um novo opusculo de Jorge Palmella, escriptor sisudo e estudioso, que á exagerada modestia, que o leva a encobrir-se nas sombras do pseudonymo, deve a obscuridade em que vive.

No trabalho, que temos diante de nós, depois de nos debuxar o quadro esplendoroso da civilisação hodierna, mostra-nos tres homens em lucta de gigantes. Um, Victor Hugo, caminhando das partes do oriente, leva de vencida os outros dois, Napoleão e o Papa, o despotismo politico e o despotismo religioso, que de costas ao poente, debalde se esforçam por defender o passado. A luz do montante do grande poeta fere de cegueira os olhos tôrvos dos tyrannos cambaleantes, e a aurora do immenso dia já espalha por toda a terra, ebria de goso, os primeiros alvores divinos.

Esta a idea do escripto.

Victor Hugo, numa carta, em que mostra o quadro succinto de seus trabalhos politicos e litterarios, e o scopo a que se tem dirigido na lucta em que anda empenhado, agradece ao modesto escriptor a obra que lhe consagra.

Eil-a:

Hauteville hause — 24 avril

1870

Monsieur,

J'ai lu avec émotion vos pages éloquentes intitulées *Napoleão, Pio IX e Victor Hugo*. Votre adhésion à l'œuvre que j'ai entreprise en ce siècle me touche profondément. Dissiper tous les préjugés, dissoudre toutes les erreurs, deshonorer tous les mensonges, voilà la tâche que je me suis imposée. Je m'éfforce de faire le jour dans la conscience humaine; je me dévoue à ce grand devoir, tirer toutes les consequences de la Révolution; aboutir en politique aux État-Unis d'Europe, en socialisme au bien être moral et matériel des Travilleurs, en philosophie, à Dieu, delivré des réligions. Cette œuvre est rude; j'y dépense le peu que je puis et le peu que je suis. Je n'épargne aucune superstition. De là un grand combat. On ne hait beaucoup, mais on m'aime un peu. Dans cette ardente mêlée, j'ai besoin d'auxilaires. Vous êtes en des plus nobles, un des plus vaillants, un des plus éloquents que j'aie rencontrés. Je vous serre la main.

Victor Hugo.

Estas duas ultimas linhas do maior homem do seculo dispensam-nos de qualquer elogio á obra de J. Palmella.

Agradecemos o exemplar que nos foi graciosamente offerecido.

Lembrâmos aos srs. assignantes das provincias — que findou o segundo mez do trimestre, e que as assignaturas no mundo litterario pagam-se adiantadas; e aos srs. de Coimbra — que a regularidade nos pagamentos, alem de ser uma coisa bonita, é sobretudo uma coisa necessaria.

A FOLHA assigna-se nas terras seguintes:
Lisboa — Campos Junior, rua Augusta.
Porto — E. Chardron, Livraria Internacional.
Braga — A. Chardron » »
Coimbra — J. Melchiades, rua da Calçada.

PREÇOS

Por trimestre, ou 12 numeros.	660 réis
Em Coimbra	600 »

Nos mesmos logares está a venda o *Tasso*, poema dramatico em 7 cantos, baseado em factos do seculo XVI, por Candido de Figueiredo.

Ha para vender 20 collecções da serie do anno passado; crescendo os pedidos far-se-á 2.ª edição dos numeros necessarios.
Preço de cada uma 1$000 réis.

Toda a correspondencia, franca de porte, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa n.º 97, Coimbra.

805

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 10, p. 80.]

Expediente

A FOLHA, como rapariga bonita e do seculo, tem sido irregular e caprichosa na vida airada que leva.

Umas vezes anda já na rua, quando um novo amante, com a lisonja nos labios e a poesia na mão, obzequiosamente se apresenta, mas embalde; outras vezes, fechada no recôndito da alcova dos amores, não recebe, porque está com os predilectos de sua alma, e não abre a mais ninguem.

D'ahi, ciumes, improperios, queixas e lamentos.

Nós, porem, que nos deliciamos na paz, e somos o guarda-portão da menina, conservaremos os bilhetes de visita dos lisongeiros poetas, e influiremos de tal arte naquella cabeça tonta, que, para o anno, o —*fas vobis limina divuum* — será estampado no frontão de nossa casa.

Até lá.

———

Os srs. de Coimbra, que têm de se ausentar da cidade, terão a bondade, pouco dispendiosa, de no acto da entrega d'este numero pagar o que devem a esta redacção.

Que não se repita um facto, que envergonharia um maltrapido dos bêcos!

———

Toda a correspondencia, franca de porte, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa n.º 97, Coimbra.

Ha para vender 20 collecções da serie do anno passado; crescendo os pedidos, far-se-á 2.ª edição dos numeros necessarios.

Preço de cada uma 1$000 réis.

806

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 11, pp. 87-88.]

Expediente

No melhor d'uma leitura de Filinto, e quando chegavamos aos versos:

«Quem ha que as roucas soffra d'um jumento
«Que sae da sua esphera?»,

fomos interrompidos pela voz estrídula d'um sacerdote da poesia somnolenta, que, tendo lido com prazer — «a *Grinalda,* variada e aprazivel, onde se encontram rosas e saudades, o jasmim e a violeta, o amor perfeito e o martyrio» — assomou, envolvido no transparente farricôco, ao portal carunchoso do templo das ninharias, e d'est'arte nos fallou:

Bom serviço presta a *Grinalda* á litteratura nacional, conservando pura a *religião* da poesia numa epoca de tantos *heresiarchas* litterarios.

A virgem da poesia tem sido arrastada pelo lôdo das orgias e lupanares por esses imitadores liliputianos de Byron e Musset. Em vez da estrophe singela, elegante, apaixonada, soltam a gargalhada ridiculamente cynica; em logar d'um poema de affectos escrevem um conjuncto de blasphemias ou facecias.

Estes poetas não cantam o amor ardente, o enthusiasmo juvenil por tudo o que no mundo ha de bello e sublime; celebram numa abundancia de versos esdruxulos, as delicias do phalerno, do charuto habano e até... do famoso paio do Alemtejo!

Estes Petronios, estes Catullos, Horacios em miniatura, fazem d'uma adega o seu Parnasso, d'um tonel a sua fonte Castalia.

Ha tambem *poetas philosophos*, Dantes microscopicos, que, em linguagem de diversos matizes e procedencias, nos fallam da vida e das proezas de Satan, de quem se dizem apostolos e representantes.

Outros rimam palavras insulsas; chamam poema á reunião de versos monótonos.

Infelizmente existe tambem uma *critica* para cingir de loiros aquellas cabeças desvairadas e fazer a apotheose d'estas mediocridades, que assumiram o titulo pomposo de poetas pensadores, alumiados pela luz do *ideal* e aquecidos pelo fogo do *infinito*.

Em compensação de tantas aberrações do bom gosto e do senso commum, que por ahi correm a flux, encontram-se na *Grinalda* joias litterarios de subido quilate.

E assim fallando sumiu-se nas sombras do pardieiro arcadico.

Repetindo uma phrase do *Trabalho*, perguntâmos.

«Quem será o *papa-infallivel* d'esta theocracia poetica?»

Ignorâmol-o; e nesta incerteza não responderemos á insolencia tramposa, que acima deixamos transcripta: no mundo litterario, só com litteratos nos degladiâmos.

Mas se nos fosse conhecido o bordalengo critico, então, de férula em punho, lhe perguntariamos o motivo por que chamára á poesia «virgem», e lhe disseramos que o adjectivo contrario era o que mais lhe convinha, por ser ella a genitriz de infindo pimpolho, e porque, tal como a antiga Cleopatra, *a mulher de todos os homens*, a todos se entrega, e de todos concebe, se o deus loiro, como um bispo do moderno catholicismo, abençôa o thálamo das nupcias.

E mais lhe perguntariamos em que paginas de Musset ou Byron se descrevem orgias e lupanares lôdosos, e apontando-lhe o facto da inveja d'uns criticos estultos que disseram Espronceda «imitador liliputiano» de Musset; este, imitador de Byron; e Byron plagiario não sabemos de quem; então lhe ensináramos

como numa evolução litteraria o modo exterior dos grandes creadores appresenta feições da mesma raça, e como aos olhos da inepcia a caracteristica genial ou não existe, ou desapparece no movimento geral.

E mais lhe perguntariamos, descendo a um campo mais trivial, o que entendera por «gargalhada ridiculamente cynica» e então lhe ensináramos como da ignorancia da significação etymologica das palavras muitas vezes resultam pleonasmos alvares.

E mais lhe perguntariamos em que estylo de enxacôco aprendera a «cantar o enthusiasmo juvenil por tudo o que no mundo ha de bello e sublime»; e então lhe ponderáramos que na lingua portugueza cada verbo tem uma significação propria, e um regimen, que a phantasia de qualquer rabiscador de papel almaço não pode variar.

E mais lhe perguntariamos como ideára aquelles «Petronios e Catullos que eram *Horacios* em miniatura», e então lhe explicáramos como d'um erro de construcção muitas vezes resulta um disparate grosseiro.

E mais lhe perguntariamos a causa da relação, que estabelecera, entre Dante e poetas philosophos, e então lhe ensináramos a differença, no campo da poesia, entre symbolismo, simples philosophia e philosophia de historia.

E muito mais perguntariamos.

Mas, como acima dissemos, desconhecemos o cosinheiro d'aquella assôrda nauseabunda, e representariamos de Quixotes, se nos apresentassemos, de lança em punho e galeatos, para nos batermos com moinhos de vento.

Agradeceremos comtudo á excellentissima redacção do *Trabalho* a fina e bizarra cortezania com que nos retribuiu as saudações fraternas.

É assim que verdadeiros democratas, e que o não são unicamente no sesquipedal e no ôco da palavra, se revelam no mais simples facto da vida publica — *justos, verdadeiros* e *leaes*.

Por causa da extensão d'este expediente tivemos de retirar algumas poesias liliputianas e do genero d'aquellas que têm merecido a approvação da escolhidissima sala, que nos lê.

Mas era necessario um movimento; pequeno que fosse.

Não destendemos a garra, nem mostrámos o colmilho: saccudimos a juba para affugentar o mosquito petulante que veio encommodar-nos.

E nunca mais repetiremos o facto.

D'este dizer metaphorico não se induza, em nosso desfavor, uma ideia de immodestia, ou de orgulho ridiculo.

Pequenos na realidade; somos leões em face d'um confronto.

Os srs. de Coimbra, que têm de se ausentar da cidade, terão a bondade, pouco dispendiosa, de no acto da entrega d'este numero pagar o que devem a esta redacção.

Que não se repita um facto, que envergonharia um farroupilha dos bêcos!

Toda a correspondencia, franca de porte, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa n.º 97, Coimbra.

807

[*A Folha*. Série II (1870), n.º 12, p. 96.]

Expediente

Aos ex.mos srs. A. A. Teixeira de Vasconcellos, Alberto Pimentel, Sousa Viterbo, Nunes Geraldes, D. Antonio da Costa, José Palmella, Emygdio Garcia, Caetano de Albuquerque, Ramalho Ortigão, Urbano Loureiro, Seabra d'Albuquerque, Anthero de Sousa Pinto, Henrique de Andrade, Luciano Cordeiro, Ernesto Pinto de Almeida, Guilherme Braga, e Nogueira Lima, de novo agradecemos a offerta dos trabalhos com que nos honraram, e honraram a litteratura portugueza; e áquelles d'estes cavalheiros, de cujas obras ou ainda não fallámos ou só démos rapidas noticias, desde já promettemos, na futura epocha da FOLHA, a analyse, que livros taes como o *Papa e o Concilio*, as *Historias côr de rosa*, as *Glorias Portuguezas*, o *Tasso*, as *Estrellas Cadentes*, e outros, tão largamente merecem.

Sentimos, porém, que ainda nesta serie do nosso periodico, as ultimas agglomerações de materia nos roubassem o espaço destinado aos magnificos trabalhos de J. Simões Dias: a *Hostia de oiro* e as *Peninsulares*.

Diremos, comtudo, como noticia prévia, que no primeiro d'estes livros soube o nosso poeta caracterisar num quadro singelo, mas rico de arabescos e valente no metro, a poesia heroi-comica, o humorismo portuguez, humorismo tão distincto do da Allemanha, da França, da Hespanha e da Inglaterra, como H. Heine, Musset, Espronceda, e Byron, são distinctos uns dos outros, ou como as nações onde nasceram são distinctas entre si.

A mesma feição nacional, o mesmo typo de raça, franqueam a J. Simões Dias a galeria historica, onde admirâmos Diogo Camacho, Jacintho Freire de Andrade (no *Polyphemo*), Caetano J. da Silva o Camões do Rocio, Diniz e muitas outras das nossas glorias humoristicas.

A respeito das *Peninsulares*, só por hoje accrescentaremos ao que se lê nos *Factos litterarios* d'este numero, que é um volume delicioso, e que as poesias *Braços Nús*, *Voltas*, *Seguidilhas hespanholas*, *Las hijas del Manzanares*, e outras, de boa camaradagem viveriam com as que o auctor do *Rolla* com mão divina cinzelou nas suas explendidas *Noites de Hespanha*.

Agora, a melancolica despedida; mas como o baio rinchoso, que tem de nos conduzir, já pinotea de impaciente: um aperto de mão, cavalheiros; um ultimo sorriso, minhas senhoras!

Até novembro.

Aos senhores que ainda não pagaram o importe de suas assignaturas, lembrâmos que a paciencia tem limites, e que o tempo não comporta delongas.

Toda a correspondencia, franca de porte, deve ser dirigida a João Penha, Coimbra, na Couraça de Lisboa, n.º 97.

808

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 1, p. 1.]

PREAMBULO

Hoje que em luta de gigantes duas nações se degladiam, e que o pulso brutal do Sicambro feroz esmaga o peito do misero Gaulez, o canto dos poetas não deveria elevar-se do seio das turbas, porque o ambiente é impuro, e a voz da Justiça, terrivel como a do mar em furia, a todos impõe silencio, para que todos a ouçam.

Como a raça degenerada dos antigos conquistadores romanos nos espectaculos do Circo, as nações modernas, em assemblêa de comadres, assistiam, sem que um braço se estendesse generoso, sem que uma voz se erguesse indignada, á luta da victima imbelle contra a fera sanguinolenta.

Os applausos estrepitavam furiosos, e o bando das infames, de mãos dadas, já ensaiava nos intervallos do espectaculo horrivel a dança com que á roda da cuba de Heidelberg haviam de celebrar os louros dos heroes teutonicos.

Os restos do banquete germanico seriam talvez a paga do entremez gracioso.

Mas quando o lobo cerval da Floresta Negra, mostrando em roda o colmilho agudo, soltou da fauce hiante a voz rouquenha da fome insaciavel, um frio glacial percorreu os delicados membros do synhedrio curioso, e as damas encantadoras, fugindo como garças espavoridas, fallaram de justiça, fallaram da lei das gentes.

No meio de tanta ignominia, o canto dos poetas não deveria elevar-se do seio das turbas, senão para chorarem como os prophetas biblicos a queda fatal da maior das nações da terra.

Os threnos melancolicos dos videntes unir-se-iam no espaço á grande voz da Justiça.

Mas, filhos d'um seculo vil e corrupto, o halito pestilencial do egoismo e da indifferença já lhes contaminara os pulmões robustos, e hoje mal podem nas lyras mesquinhas vibrar as notas dos velhos cantares.

Velemos portanto as frontes, e voltados para regiões mais puras, sejamos os Petronios d'uma civilisação que finda.

24 de Janeiro de 1871.

João Penha.

809

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 1, p. 8.]

Expediente

«De nada, nada se faz» dizia Rousseau, e esta verdade incontestavel de certo nos faria cair da mão a penna indecisa, se Moysés, um philosopho de outra especie, nos não tivesse revelado no *Genesis* que «de nada fez Deus todas as cousas» e entre ellas a mulher.

Esta, do seu nada fez o sorriso; e nós do sorriso adoravel das nossas leitoras faremos o dulcissimo assumpto das primeiras linhas d'esta secção da FOLHA.

Mas como um sorriso não é mais que um beijo ideal, faltariamos ás mais simples regras do *Codigo dos Amantes,* se alardeassemos o favor, debaixo do protexto de encarecer o mimo.

Retribuiremos portanto a galanteria com um simples aperto de mão.

Depois das senhoras, os cavalheiros.

A todos, o cordeal comprimento de velhos amigos.

Á noute, no café, já que esta visita é de ceremonia, mais largamente conversaremos; entre um charuto de contrabando e um calix de Málaga, enfraquecidas amizades brevemente se reanimarão.

Até logo.

Toda a correspondencia, relativa á redacção, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra.

A relativa á administração a Candido de Figueiredo, rua da Trindade, n.º 57.

PREÇOS

Trimestre ou 12 numeros em Coimbra . . .	600 réis
Fóra de Coimbra	660 »

1.ª serie.	1$100 réis
2.ª »	660

Em Coimbra, exclue-se d'estas o preço das estampilhas.

810

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 2, p. 16.]

Expediente

«Em primeiro logar as senhoras, depois os cavalheiros.»

Esta regra, que é a fundamental das lithurgias palacianas, foi sempre a divisa, e continuará a sel-o, da bandeira que desfraldámos aos quatro ventos da publicidade.

Deixemos portanto as *Parietarias*, o *Regimen das successões*, o *Julgamento de Vieira de Castro*, e fallemos hoje dos *Murmurios*, e da *Guerra*, obras de Marianna Angelica, e Amelia Janny.

Pouco diremos.

O livro da escriptora setubalense contém, segundo o nosso entender, poesias de verdadeiro merecimento litterario; mas é pela face do sentimento que elle se destaca de entre os livros ultimamente publicados.

Ninguem haverá, ao lêl-o, que se não condôa das tristezas da poetisa; que a não acompanhe aos jardins que adora; aos bosques onde sólta o cantar mavioso.

Faltam ali, é verdade, os éstos d'um amor ardente; mas não se attribua á frieza d'alma, o que é devido a melindres femininos.

Emfim, lê-se o volume, e beija-se o nome da auctora.

D. Marianna, D. Amalia Vaz, e Janny, são as tres musas a quem no ingreme estadio das lettras poderá ser dado o pleitear preferencias.

Nós, que sabemos o caso do infeliz Páris, guardaremos o pômo, e deixaremos de pé a questão melindrosa.

Os *Murmurios* vêm adornados com o retrato da poetisa. Guardaremos um mysterioso silencio a respeito dos sentimentos que nos inspirou. Nos salões de Setubal, talvez nos abalancemos a dizer á elegante escriptora o que deve subtrair-se á curiosidade ciumenta de nossas leitoras.

A *Guerra* é um canto energico, que tanto mais espanta, quanto é raro um tom solemne e grave em labios de senhora.

O murmurar suave do gorgeio dos rouxinoes é como que o thema unico das inspirações femininas. Janny, porem, o elegante suprano de primo-cartello que tanto admirâmos, apresenta-se-nos hoje sob o aspecto d'um contralto virtuose.

Applaudamos a aria, e enviemos á gentil cantora um singelo ramo de camelias.

Toda a correspondencia, relativa á redacção, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra.

A relativa á administração, a Candido de Figueiredo, rua da Trindade, n.º 57.

PREÇOS

Trimestre ou 12 numeros:

Em Coimbra	600 réis
Fóra de Coimbra	660 »

1.ª serie.	1$100 réis
2.ª »	660 »

Em Coimbra, exclue-se d'estas o preço das estampilhas.

811

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 3, p. 24.]

Expediente

Sem preambulos ou quejandas momices de escurril de velhos tablados, agradeceremos hoje o offerecimento do novo livro de Candido de Figueiredo as *Parietarias*, deixando para o numero seguinte da FOLHA a analyse succinta do *Regimen das Successões*, um livro de sciencia; a do *Julgamento de Vieira de Castro*, um livro de desaffronta; e a das *Cartas do dr. Giraldes*, o pleito d'um homem de bem contra as ineptas accusações d'um energumeno.

A obra do nosso poeta é uma collecção de excellentes poesias, cuja fórma se distingue pela correcção no estylo, rasgo e amplitude na expressão, e segurança na contextura do verso; e cuja substancia o colloca entre os velhos trovadores e os modernos vates, entre o passado e o futuro: é lyrico com prudencia, e socialista com timidez.

Não louvâmos o eclectismo, em pura theoria, porque representa uma transacção entre systemas contrarios, e a arte não acceita transacções; mas houve-se o poeta com tal mestria no desempenho do seu trabalho, que, pondo de parte dogmas escolares, com toda a franqueza applaudimos o artista, e abraçâmos o amigo.

Eis o que nos parece, e o que sentimos.

Laranjo, o nosso conhecido prosador, abriu loja de pharmacia, e como deseja a freguezia dos leitores da FOLHA, vem, por nosso intermedio, e no intuito de ampliar creditos, offerecer-lhes a pilula d'uma errata.

Eis a fórmula:

«*Arte e Bello;* penultima linha; em logar de á --a.»

Diz elle, que o effeito d'este preparado é excellente como soporifero, e que a sua pequenez o torna facillimo de engulir.

Não duvidâmos... por ceremonia.

Toda a correspondencia, relativa á redacção, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra.

A relativa á administração, a Candido de Figueiredo, rua da Trindade, n.º 57.

PREÇOS

Trimestre ou 12 numeros:

Em Coimbra	600 réis
Fóra de Coimbra	660 »

1.ª serie.	1$100 réis
2.ª »	660 »

Em Coimbra, exclue-se d'estas o preço das estampilhas.

812

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 4, p. 32.]

Expediente

Por falta absoluta de espaço não podémos nesta secção da FOLHA continuar a noticia e o agradecimento dos livros com que temos sido mimoseados.

Era urgente a publicação da seguinte carta:

A pilula que arredonda a vossa espatula, e que, em vez de doirar, pratêa com sal o vosso estylo, são tão miudas, que de taes pilulas, vendidas como erratas — nem grado, nem graça.

«*Arte e Bello;* dizeis vós; penultima linha; em logar de á – a.»

Penultima linha; de que pagina?

Aristocraticos e de mulher, não se irritem os vossos nervos litterarios com a vista d'uma errata corpulenta.

O caso é este:

«*Arte e Bello;* pag. 13; penultima linha da primeira columna; em logar de — correspondem á parte — correspondem a parte.»

Eu não sei se abri loja de pharmacia; mas, se a abri, sendo vossa a pilula, sois vós meu praticante?

J. Frederico Laranjo.

Os nossos leitores que o digam.

E já que estamos com a mão na massa, indiquemos tambem um erro importante, que nos escapou no *Expediente* preterito.

Onde se diz «Laranjo, o nosso conhecido prosador, abriu loja de pharmacia», deve ler-se: «Laranjo, o nosso conhecido prosador, abriu infelizmente botica.»

Effectivamente, do bilhete acima estampado, bem claro se deduz que o signatario d'elle, em vez do illustrado pharmaceutico dos tempos modernos, não passa do primitivo boticario de ominosa memoria.

Na furia de vender os toxicos, a que chama erratas, confunde os delicadissimos nervos de nossas leitoras com a força nervuda e a robustez viril, d'aquelle a quem insidiosamente faz passar por cumplice!

Dulcamara de mézinhas! as tuas pilulas, quem as não conhecer que as compre!

Recebemos tambem as seguintes linhas:

O que eu disse aos meus pobres foi:

Mostraes no rosto
Que trazeis farta a sacola...
Quem é rico está disposto
Sempre a dar crescida esmola.

E elles responderam-me:

Quando á porta lhes resavamos
«Um queixoso padre nosso»
Veiu uma voz desabrida
Dizer-nos — procurem vida,
Mandriões fartar não posso.

Eis a verdade, e o acontecimento.

J. Simões Dias.

Como aqui se tracta de pobres e de esmolas, vá... por caridade!

Toda a correspondencia, relativa á redacção, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra.

A relativa á administração, a Candido de Figueiredo, rua da Trindade, n.º 57.

813

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 5, p. 40.]

Expediente

Por justos motivos só hoje podémos sair com este numero á luz, e d'esta falta involuntaria pedimos desculpa aos cavalheiros nossos assignantes.

Nesta mesma semana publicaremos o numero 6 do trimestre.

Do n.º 22 da *Ilustracion de Madrid,* excellente periodico hespanhol, onde se encontra uma larga noticia litteraria a respeito do nosso collaborador J. Simões Dias, transcrevemos hoje a traducção do *Phantasma,* devida á penna do sr. D. Luiz Vidart.

Este eminente philosopho e apreciado critico, que já tem traduzido naquella folha outras composições do nosso poeta, em breve publicará em hespanhol a *Hostia d'oiro.*

No mesmo periodico será num dos proximos numeros publicado o retrato e a biographia do nosso antigo collega nesta redacção.

Por esta merecida honra, não damos os parabens a J. Simões Dias, porque lhe conhecemos a excessiva modestia, mas damol-os á litteratura portugueza.

Recebemos as *Comedias,* o novo livro do sr. Teixeira de Vasconcellos, e vimos da leitura d'ellas que os applausos das plateas e os elogios da imprensa de Lisboa não foram exaggêro da ignorancia ou cortezanices de velhas amizades.

Deveriamos talvez agora, por vir a pêllo, dizer alguma cousa da nossa litteratura dramatica; mas, sendo-nos impossivel fallar a respeito do que não existe, deixaremos esse trabalho aos Hercules do absoluto.

Effectivamente, os dramas de Mendes Leal, de Camillo Castello-Branco e de Gomes de Amorim são vegetaes desunidos no immenso campo litterario: tres arvores, ainda que cedros robustos, não podem formar uma floresta, e a litteratura dramatica, deve ser como esta: grande, variada e secular.

A renascença dramatica (fallâmos d'este cyclo como exemplo) principia na Inglaterra em Shaskspeare, segue na Hespanha em Lope de Vega e Calderon, e acaba em França em Beaumarchais e Molière.

Estes os planetas principaes, entre elles os mundos secundarios da vasta nebulosa.

A nossa esphera dramatica ainda até hoje não conseguiu, já não dizemos incorporar-se numa d'estas enormes gravitações, mas soltar ao menos um pequenino annel cósmico, um circulo luminoso qualquer.

Deixemos, porem, estas metaphoras cosmogónicas, e voltemos ao sr. Teixeira de Vasconcellos, ou antes ás comedias com que nos brindou.

A primeira, correcta na linguagem, segura no desenho dos caracteres, e conceituosa sem bacharelices, captiva, logo desde as primeiras scenas, a attenção do leitor, e avulta sobre tudo pela rara elegancia da phrase.

Não quereriamos, porém, ouvir dizer a Julio:

«Pois não! muito amavel e muito petisco!»

«Petisco» é um termo de giria bordalenga, admittido no enxacôco dos modernos marialvas: na bôcca d'um cavalheiro, como o tenente de marinha, não se tolera.

Notâmos egualmente um «mais melhor», e outras pequeninas bagatellas, de que não vale a pena fallar.

A segunda comedia tem as mesmas excellentes qualidades que encontrámos na primeira.

É o caso d'um negociante de Coimbra, que, numa viagem de Lisboa para esta cidade, troca por engano uma sua bota pela d'uma senhora.

D'aqui scenas de muitissima graça;... mas ou o negociante era da China, ou a senhora da Patagonia!

814

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 6, p. 48.]

Expediente

Por nos ter faltado papel não cumprimos o que annunciáramos na FOLHA passada, e assim ficaram sem papelotas condignas os formosissimos cabellos de nossas leitoras e muzas.

Nem ousâmos implorar desculpas, apesar da nossa innocencia.

Um novo livro de metrificações, devido á penna de Costa Goodolphim, acaba de enriquecer a litteratura portugueza, franqueando ao melancolico poeta o ingresso na bicîpite montanha.

No prologo dos *Versos,* no qual o novo discipulo das muzas revela um espirito singelo e franco, conta-nos o poeta a historia de seus dias.

Nascido com destino fatal a 3 de novembro de 1842, foi José de Almada quem o levou ás aguas da Hippocrene, preparando-lhe assim a paz e o esquecimento para os dias de attribulação e de angustia, e os louros e a gloria para os dias de trabalho e de ceifa.

Mas deixemos fallar o poeta a respeito de seu proprio livro:

«Nos pobres versos que ahi vão, está a minha vida de meia duzia de annos. Os meus sorrisos, as minhas illusões, as minhas alegrias, os meus amores, e mais do que tudo isto, meus leitores, estão as minhas lagrimas, as minhas agonias, as minhas dores, as minhas saudades.»

Nada mais verdadeiro: nem temos que accrescentar.

Diremos, porém, a respeito do estylo dos *Versos,* que é elle dos taes que revelam o homem.

Muitas vezes nos tem acontecido ouvir ler ou recitar uma poesia, e exclamarmos:

« — Esses versos são do Costa Goodolphim! »

E ser exacto.

815

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 7, p. 56.]

Expediente

O livro das *Miniaturas,* que o nosso collaborador Gonçalves Crespo acaba de publicar, é um dos mais completos em quanto á fórma, e o mais original em quanto ao desenho, dos que a litteratura portugueza tem produzido nestes ultimos annos.

Na parte, por assim dizer, material, revela o scopro de Brunelleschi, e o buril de Cellini: ha alli o quer que seja dos arabescos da cathedral da Renascença e dos relevos d'uma amphora etrusca; na parte espiritual, a pincelada é por vezes de Corregio: o deslumbrante das carnaduras e dos estôfos; outras vezes é do Spanholêto ou de Goya: o quadro sombrio e lugubre; outras, do Albano: a tela graciosa, a scena dos amores.

Neste livro ha corpo e alma: aquelle, ardente e luxurioso como o paiz em que o poeta viu a luz; esta, mysteriosa e casta como uma noite de luar em nossas regiões suavissimas.

D'aqui duas feições distinctas, formando um contraste inesperado: a maior belleza do livro.

Damos os parabens ao nosso antigo collega nesta redacção, e damol-os egualmente ás duas litteraturas, portugueza e brasileira; á primeira porque foi a creadora do poeta, á segunda porque o vae receber em seu gremio opulentissimo.

A edição das *Miniaturas* mostra os magnificos resultados obtidos pela direcção do ex.^mo^ Commendador Olympio na imprensa da Universidade: os volumes de luxo não temeriam confrontos com os livros de Henry Plon, o editor dos poetas.

Toda a correspondencia, relativa á redacção, deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra.

A relativa á administração, a Candido de Figueiredo, rua da Trindade, n.º 57.

PREÇOS

Trimestre ou 12 numeros:

Em Coimbra	600 réis
Fóra de Coimbra	660 »

1.ª serie.....	1$100 réis
2.ª »	660 »

Em Coimbra, exclue-se d'estas o preço das estampilhas.

816

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 8, pp. 63-64.]

Expediente

Do excellente diario de Lisboa, o *Jornal do Commercio*, copiâmos o seguinte:

Critica ou algaravia? — Um jornal litterario que se publica em Coimbra, a FOLHA, apreciando as *Miniaturas* do sr. Gonçalves Crespo, poeta brasileiro de incontestavel merito, escreve o seguinte:

«Na parte, por assim dizer, material, revela o scopro de Brunelleschi, e o buril de Cellini: ha alli o quer que seja dos arabescos da cathedral da Renascença e dos relevos d'uma amphora etrusca; na parte espiritual, a pincelada é por vezes do Corregio: o deslumbrante das carnaduras e dos estôfos; outras vezes é do Spanholêto ou de Gaya: o quadro sombrio e lugubre; outras, do Albano: a tela graciosa, a scena dos amores.»

Damos um doce a quem perceber esta algaravia de um romantismo ultra-hugolesco.

Aquella cathedral da renascença numa miniatura, o mesmo é que metter o Rocio na Bitesga.

O auctor foi pelos modos canteiro, oleiro e chegou a moer tintas em algum *atelier* de pintura.

Não sabemos como não figuram tambem as bilhas de Estremoz ao lado das amphoras etruscas e a broxa do preto caiador emparelhando com aquellas pinceladas do Corregio, do Espanholêto e do Gaya, que o auctor conhece de nome, como qualquer mortal.

Que diacho de mistiforio!

Ha muito que o bom senso fugiu espavorido d'este paiz.

Quando a critica é assim, mal traduzida de um dos innumeros imbroglios de Theophilo Gautier, não admira que o disparate impere como um sultão neste malfadado paiz.

Ha na lingua portugueza certas palavras energicas, certas phrases expressivas, que seriam a unica e e a mais condigna resposta ás linhas estultas que ahi deixâmos transcriptas; a decencia, porém, e sobretudo o respeito que nós, os poetas enamorados, devemos ás delicadissimas leitoras da FOLHA, obrigam-nos a substituir essas expressões por outras menos adequadas á inepcia das observações, e á baixeza dos insultos do crasso hypercritico da folha lisboeta.

A essas divinas creaturas encarecidamente pedimos que abandonem por hoje estes lugares: o fartúm d'aquella immundicia infectou-os de modo, que de certo as nauscaria.

E não se admirem que desçamos a tão deshonroso trabalho: o homem estudioso, com o intuito de esclarecer um facto duvidoso, muitas vezes desce á analyse de substancias que repugnam; é o que hoje faremos. Examinando aquelles residuos fecaes, tentaremos descobrir o nome proprio do phenomeno, e a razão possivel do facto. Analysemol-os.

Do primeiro periodo da noticia (em seguida ao nosso texto), e geralmente de toda ella, claramente se deduz que o tal chipamzé das lettras ignora absolutamente as regras da pontuação orthographica.

Quando uma oração prepara outra; quando a segunda é a explicação da primeira, essas orações dividem-se com dois pontos.

Não sabendo isto, o miserando escrevinhador achou obscuridades no que é limpido e claro como as aguas do Mondego.

Nesse mesmo periodo chama ao nosso texto «algaravia de um romantismo ultra-hugolesco», e mais abaixo «um dos innumeros imbroglios (!) de Theophilo Gautier.»

D'aqui se conclue que os estylos de Victor Hugo e Theophilo Gautier são parecidos, ou têm, pelo menos, grandes pontos de contacto: duas cousas eguaes a uma terceira são eguaes entre si.

Isto, unido ao facto de ter encontrado esses dois estylos num periodo de nove linhas, dá-nos o direito de o proclamarmos o Hercules da necedade.

Passemos ao segundo periodo do artigo.

A phrase «metter o Rocio na Bitesga» phrase da giria das tabernas e de entremez de feiras, equivale a — «tentar o impossivel.»

D'aqui se conclue, directamente: que é impossivel a pintura d'uma cathedral, em ponto pequeno; e indirectamente: que é necessario uma tela do tamanho d'uma cathedral para que essa pintura se possa fazer.

Deitar a barra mais longe, neste genero, não cabe em forças humanas.

No terceiro periodo, e nas tres primeiras linhas do quarto, depois de nos revelar uma ignorancia completa dos principios de rhetorica, unta em môlho de açorda os typos da imprensa da rua do Belver, e mimosea-nos com umas graças tão elegantes e tersas, que podem correr parelhas com as do *Gallego lôrpa*, e do *Manuel Mendes Enxundia*.

O artigo abunda em erros de grammatica: daremos o exemplo d'um.

No final d'esse quarto periodo diz o analphabeto: «... aquellas pinceladas do Corregio, do Espanholêto e do Gaya, que o auctor conhece de nome, como qualquer mortal.»

O conjuntivo «que», por não ter nem generos nem numeros, póde referir-se ou a pinceladas, ou aos tres pintores, ou ao ultimo sómente: d'aqui o solecismo.

Se quizesse referir-se a pinceladas, deveria pôr—as quaes; se aos tres pintores—os quaes: se ao ultimo sómente — ao qual.

Sabe isto um estudante de primeiras lettras.

Das mesmas linhas que estamos analysando se conclue que o sugeito, que as escreveu, se considera immortal ou outra cousa: dizendo «que todos os mortaes (falla dos racionaes) conhecem de nome aquelles pintores, exclue-se d'esse numero, visto desconhecer o de Goya, que escreve Gaya. E note-se que não ha aqui erro de typographia, porque já quando nos transcreveu o texto mudou o nome do pintor.

O mesmo fez ao Spanholêto.

Finalmente, na ultima parte do artigo dá a entender que traduzimos de Th. Gautier o que dissemos a respeito das *Miniaturas*.

Seguramente, o homem não sabe o que diz.

Agora a synthese.

Quando em rasa campina, um mu, ha pouco socegado e pensativo, de repente se lança em vertiginosa carreira transpondo vallados e atravessando paúes, os viandantes param estupefactos, e seguem-no com a vista inquieta.

—«Foi a mosca!» dizem.

Procuremos a mosca.

Diz o anonymo:

«Que a nossa critica é uma algaravia; que o bom senso fugiu espavorido d'este paiz; que o disparate impera neste «malfadado» Portugal.»

D'aqui deduz-se:

Que a nossa critica lhe entrou no corpo; que por esse motivo se foi o bom senso d'este paiz; e que, pelo mesmo facto, o disparate impera entre nós.

Conclusão:

O auctor da noticia do *Jornal do Commercio* ou é um dos mil poetastros, cujas composições dormem de ha muito nos archivos da FOLHA, ou é um d'aquelles, cujos livros tivemos vergonha de elogiar.

Procuraremos, indagaremos.

Mas... pelo amor de Deus, enchotem-lhe a mosca!

Tinhamos acabado de escrever estas linhas, quando numa correspondencia de Lisboa, assignada por um Antonio Florencio Ferreira, deparámos com o seguinte:

«Um outro artigo do *Jornal do Commercio* refere-se a uma critica do jornal *A Folha*: Dá-lhe bem:»

Isto era necessario, isto era natural:

Asinus asinum fricat.

817

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 9, p. 72.]

Expediente

Entre os livros que ultimamente recebemos, e que serão devidamente annunciados, avulta em novidade e formosura o das *Radiações da noite,* obra de mestre d'um poeta desconhecido.

Philosopho da especie dos contemplativos, Guilherme de Azevedo, talento robusto e já completo, parece indeciso e mal seguro nos páramos onde caminha. O escuro das tintas, a melancolia geral dos quadros, a ausencia de exterioridades superfluas indicam nelle um estado nervoso de incerteza e de transição.

Como a lua, o poeta verdadeiramente digno d'este nome, tem phases.

Na primeira, a da espontaneidade exterior, canta a natureza: a flor. Na segunda, a da espontaneidade interior, canta as paixões: a mulher. Na terceira, a da reflexão contemplativa, canta a força, a lei, a causa do que existe: um Deus. Na quarta, a da reflexão philosophica, o poeta das flores, das mulheres, e dos deuzes, canta a humanidade.

Estas quatro phases dão muitas vezes nascimento a poetas anómalos, fixos e incapazes de aperfeiçoamento.

Da primeira nasce o poeta d'agua-doce, o dissaborido cantor das boninas, dos arroios e dos seixinhos.

Da segunda nasce o poeta fatal, o das Elviras, dos outomnos, e das valsas.

Da terceira nasce o poeta catholico apostolico romano, o qual faz versos ás bentas chagas do padre S. Francisco.

Da ultima, finalmente, nasce o poeta satanico.

Para este o mundo é uma vasta marmita, cuja tampa é o firmamento; o mar é o liquido salgado que lá dentro ferve; o homem a substancia que se cose; Deus, o cosinheiro; Satanaz o folle das hórridas fornalhas.

E o poeta?... o poeta é o mesmo Satanaz.

Mas voltemos a Guilherme de Azevedo.

Os dois periodos da espontaneidade, que acima indicâmos, já elle os transpoz: agora divaga incerto, mas com tendencias pantheistas, no periodo contemplativo.

Talvez ahi se fixe; não nos admiraremos, porém, se dentro em pouco o virmos adorabundo ante o deus da philosophia positiva: a humanidade.

Seja porém o que fôr, o que podemos affirmar é que Guilherme de Azevedo será em todo o caso, e sempre, um poeta bom, formoso e adoravel.

Aos cavalheiros, nossos assignantes, que têm de se ausentar d'esta cidade, pedimos o favor de pagarem adiantadamente o terceiro mez do trimestre; isto para regularidade da administração da FOLHA.

Os numeros serão enviados para os lugares que forem indicados aos respectivos entregadores.

Na ausencia temporaria do director d'este periodico, toda a correspondencia litteraria, assim como a que se refere á administração, deve ser dirigida a Candido de Figueiredo, rua da Trindade, n.° 57, Coimbra.

818

[*A Folha*. Série III (1871), n.º 10, p. 80.]

Expediente

Temos recebido os primeiros dezoito numeros do *Jornal da Horticultura Pratica,* e só agora se nos offerece occasião de agradecer o obsequio do offerecimento, e de annunciar aos leitores da FOLHA a publicação e a excellencia da obra.

Num paiz, como o nosso, em que não ha ninguem que não tenha um campo, uma leira, um jardim, um palmo de terra; neste paiz, onde todos somos lavradores e jardineiros, a utilidade de um jornal, que tracte das cousas da agricultura, não póde contestar-se e a concurrencia dos leitores ser posta em duvida.

O *Jornal da Horticultura Pratica,* pondo a mira no progresso e aperfeiçoamento da rude e atrazada agricultura portugueza, propoz-se um nobre trabalho que tem visto coroado de excellentes resultados, e que lhe tem valído a recompensa d'uma honrosa prosperidade.

Aos nossos leitores, que ainda não subscreveram para tão util publicação, sinceramente pedimos que o façam: mais do que o titulo do jornal promette, ahi se tracta cabalmente de todo o reino vegetal, desde a couve até á flor, desde a herva rasteira até á wellingtonia gigantea.

Egualmente recebemos a *Breve noticia sobre o Eucalyptus,* e o *Almanak do Horticultor,* do sr. J. D. Oliveira Junior.

Quando um janota do Porto ou de Lisboa parte de viagem até Paris ou Madrid, chega-nos de lá mais franduno e petimetre, mais toureiro e marialva, do que nunca o fôra na terra que o viu nascer; e se por infelicidade pertence ao mundo litterario, eil-o que sáe á luz com o *Almanak das... bernardices*, ou com a *Breve noticia sobre os capinhas de Hespanha.*

Se porém nos volta da Allemanha, essa excrescencia ridicula das nossas cidades apparece-nos transformada: elegante no porte, e cultivada no espirito.

O redactor do *Jornal da Horticultura Pratica* e auctor dos livros que acima indicámos, é um cavalheiro trabalhador... educado na Allemanha.

E nunca foi janota!

Na ausencia temporaria do director d'este periodico, toda a correspondencia litteraria, assim como a que se refere á administração, deve ser dirigida a Candido de Figueiredo, rua da Trindade, n.º 57, Coimbra.

819

[*A Folha*. Série IV (1872), n.º 1, p. 1.]

PREAMBULO

Todos nós, que somos catholicos, sabemos o que se passa nos céus em face do Omnipotente.

Os córos dos anjos, d'um lado; e os das virgens, do outro, glorificam em torrentes de harmonia o Creador dos mundos.

Todos os instrumentos, desde o fagote de cabeça de giboya até ao moderno saxe-ophóne, desde a gaita-de-folles da Galliza até ao arrabil da Persia; todas as vozes, desde o suprano agudo até ao baixo sem nome dos chantres ecclesiasticos, ali se ajuntam em concênto maravilhoso, e enchem de celestes harmonias os concavos das alturas.

Se o Eterno sorri, contemplando no infinito do espaço o infinito dos soes, se o Eterno é o Deus benigno da paz, do amor e do perdão, desprende-se a orchestra sublime num cantico mais doce que o murmurio das aguas, o cicio das viraçãões, o arrulho das aves, e o beijo dos amantes. O hymno do bem.

Mas se as abominações dos entes enchem de horror a natureza, o Deus do amor transforma-se no Deus clerical da vingança. A fronte augusta ensombra-se-lhe, e desde logo o terrivel *Dies irae* enche de horror as abobadas ce-

lestes. Os sons plangentes dos clarinetes semelham os gritos das almas penadas, dos filhos de Belial, prêsas do inferno; e a grande voz dos abysmos sáe ululante do corpo dos zabumbas. O hymno do mal.

Porém, desçamos á terra.

Nós outros, os poetas, somos em face da natureza o que os anjos são em face do Eterno: o côro que tange laúdes, e modúla cantares.

Feitos, porém, d'uma substancia mais sensivel que a d'esses anjos, precisâmos de muita luz e calor para que nossos pulmões se não paralysem, e que as mãos que vibram as cordas não pendam inertes e frias: poetas esquimós ninguem os conhece na terra.

É por isso que, durante o inverno de face torva, nos conservámos silenciosos, e que só agora, que a primavera se aproxima dando aos quatro ventos do céu a côma de fios d'oiro, renascemos para a vida dulcissima de amar a formosura, e de cantal-a em nossos poemas.

Que as nossas leitoras sejam as nossas musas, e que nos perdôem, se ha pouco nos comparámos a ellas, a creaturas divinas!

Seja-nos desculpa o termos entre nós anjos maus... satanazes!

João Penha.

5 de Eevereiro de 1872.

820

[*A Folha*. Série IV (1872), n.º 1, p. 8.]

Expediente

Um dande galanteando uma senhora bonita, e um marialva em face d'um cavallo de raça, jamais transpozeram os limites das tres phrases admirativas, que por acaso leram num romance de Kock, ou num livro de equitação. Mas a segurança de animo com que as repetem, segurança que nem mesmo se desmente quando por engano dirigem á dama a phrase que pertence ao irracional, é o que sobre tudo mais assombra os espiritos pusillanimes, que se arrecêam de muares, e que só longe de soes ou lustres se atrevem a murmurar nos labios d'uma Julieta o poema d'um beijo.

Nós que somos d'estes infelizes, desejáramos neste momento pertencer á classe d'aquelles janotas; não porque as nossas gentis leitoras nos intimidem, que somos velhos amigos, e já, pelo menos em sonhos, fomos pares na contradansa dos amores; mas porque nos esquivariamos com meia duzia de palavras ôccas á ceremonia que a etiqueta hoje nos pede, e iriamos dizer uma das nossas tres phrases a qualquer senhorita da zarzuela.

Decididamente, não resistimos á tentação: seremos janotas um dia!

Toda a correspondencia deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa, n.º 97, Co.mbra.

PREÇOS

Trimestre, ou doze numeros { Em Coimbra.. 600 réis
Provincias ... 660 »

Assigna-se em

Lisboa..... na livraria de Campos Junior;
Coimbra ..... na de J. Melchiades;
Porto..... na International;
Braga..... na de Chardron.

Vendem-se algumas collecções das series publicadas.

821

[*A Folha*. Série IV (1872), n.º 2, p. 16.]

Expediente

Com a insidiosa diplomacia d'um Talleyrand temos apresentado nos salões da FOLHA ás nossas elegantissimas leitoras os seguintes cavalheiros: Alberto Pimentel, Alexandre da Conceição, A. de Moraes, Anthero do Quental, Alberto Telles, Augusto Sarmento, Candido de Figueiredo, Camillo Castello Branco, Diniz Ferreira, Eduardo Vidal, Eduardo Cabrita, Francisco d'Almeida, Gonçalves Crespo, Gaspar Borges, Guerra Junqueiro, Guilherme Braga, Gomes de Amorim, J. Fontellas, J. F. Laranjo, José Simões Dias, João Penha, Julio Cesar Machado, Luiz Carlos, Luiz de Andrade, Luiz Jardim, Lopes Praça, Manuel Sardenha, M. Duarte de Almeida, Sousa Viterbo, Theophilo Braga, Urbano Loureiro e Visconde de Castilho; uns, creaturas louras, nebulosas, inglezas, germanicas; outros, typos morenos, turbulentos, napolitanos, arabes; uns, Cherubinos pudibundos, crianças imberbes; outros, Lovelaces temerarios, homens barbudos; uns (descendo a metaphoras vegetaes), quercos robustos, de ramos potentes e troncos carcomidos; outros, caniços debeis, de folhas trémulas e hastes flexiveis.

Como as filhas de Loth, as nossas leitoras, poesias reaes e vivas, amaram estes poetas, Pigmaliões do bello.

Aos dandes, nossos leitores, apresentámos Marianna Angelica de Andrade, o malmequer das margens do Sado, a flor dos desenganos; e Amelia Janny, a violeta dos campos do Mondego, a flor que perfuma as almas.

Os nossos leitores, descentes em linha recta dos Cavalleiros da ala-dos-namorados, vestem das cores d'estas encantadoras poetizas, Galatheas da formosura.

Hoje apresentamos-lhes a ex.ma sr.a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Se os tempos d'agora não fôssem os da democracia, fariamos soar as trompas da nossa orchestra, e exclamariamos levantando o reposteiro da sala:

— Passagem á rainha!

Temos em nosso poder os seguintes livros, que obsequiosamente nos foram mandados: *Os falsos apostolos*, de Guilherme Braga; *O almanack do horticultor para 1872*, de Oliveira Junior; *Ensaios historicos e criticos*, de Luiz Garrido; *O senhor D. Pedro 2.º*, de Campos Carvalho; *José de Castilho*, de D. Antonio da Costa; *Miniaturas romanticas*, de Magalhães Lima; e *Adejos*, de Silva Ramos.

Compete-nos, agradecendo-os desde já, recommendal-os aos nossos leitores consoante o juizo que d'elles fizermos.

Encetaremos este aprazivel trabalho no proximo numero.

O ultimo verso dos *Genios*, de Guerra Junqueiro, deve ler-se:

«As ondas vão minando as rochas de granito.»

822

[*A Folha*. Série IV (1872), n.º 3, p. 24.]

Expediente

É realmente lisongeiro para o que vive na faina secreta dos amores o ser acolhido, ao entrar no mysterioso templo onde uma Galathea, abandonado o pedestal de marmore, se reclina em fôfo sofá, com phrase de Luiz XIV: «Quasi que me ias fazendo esperar!»

Uma vaidade sem limites, filha, não da convicção dos proprios merecimentos, mas da certeza de que somos amados, nos leva a suppor que as nossas leitoras já soltaram dos labios de mel, vendo-nos chegar a deshoras, as palavras do monarcha francez.

Nada receâmos: é facil o meio de alcançar o indulto das senhoras bonitas... e apaixonadas.

Aos escriptores que nos honraram com seus trabalhos litterarios, e que nos esperam nas salas exteriores, pedimos desculpa de os não recebermos hoje.

O dia está lindissimo; o rio sereno e azul: não podemos resistir... accendâmos os nossos charutos inglezes!

As *Açucenas allemães* de Guerra Junqueiro são *Açucenas allemãs*, apesar de serem flores... do genero masculino.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a João Penha, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra.

PREÇOS

Trimestre, ou doze numeros { Em Coimbra.. 600 réis / Provincias ... 660 »

823

[*A Folha*. Série IV (1872), n.º 5, p. 40.]

Expediente

É tempo de recommendarmos aos nossos leitores um periodico excellente, que ha dois annos se publica nesta cidade: o *Panorama Photographico de Portugal*.

Fundado, principalmente, para levar ao gabinete dos amadores as melhores creações da nossa architectura, e as da nossa esplendida natureza: os nossos monumentos e as nossas paizagens; tem este periodico cumprido fielmente a missão que se impozera, conseguindo a protecção e a estima dos amigos das bellas-artes.

As photographias que já tem dado á luz, algumas trabalho de Carlos Relvas, são magnificas.

O que lastimamos sómente é que a parte litteraria do *Panorama* seja tão pouco volumosa: essa, porém, é firmada por nomes geralmente bemquistos do publico.

Além dos competentes architectonógraphos, notam-se alli, entre outros escriptores, o nosso poeta Candido de Figueiredo, que em seus quadros sabe unir o traço vigoroso dos Angelos ao colorido suave dos pintores francezes do seculo XVIII; Frederico Laranjo, o prosador opulento que tece madrigaes a duas senhoras idosas, mas sempre bellas, a sciencia e a arte; Amelia Janny, poetisa adoravel, para uns, musa inspiradora, para outros; Abilio da Fonseca Pinto, cuja prosa recorda o vigor das pennas latinas; e João de Sousa Araujo, um dos que pegam ás borlas do pendão infernal que Gomes Leal desfralda aos quatro ventos de Lisboa.

A estes escriptores accrescentaremos a pleiada dos Simões, que nos ceus litterarios de Coimbra é mais brilhante que as hyades: Simões Ferreira, poeta contemplativo, puro na linguagem, sonoroso na estrophe; Filippe Simões, o antiquario consciencioso, cujas narrativas, ou historicas ou scientificas, lhe têm grangeado em cada leitor um amigo, em cada amigo um admirador; J. Simões Dias, um dos maiores poetas no nosso tempo, intelligencia fecunda, cujos fructos saborosissimos satisfazem as ultimas exigencias da moderna gastronomia litteraria; e, finalmente Simões de Castro, o moço archeologo do *Guia do viajante em Coimbra,* o modesto escriptor a quem se deve a iniciativa da publicação de que fallamos.

Com estes elementos, o *Panorama Photographico* continuará a ser o que tem sido até agora: um dos melhores periodicos de Portugal.

Recommendamol-o aos nossos leitores.

Em seguida ao conto de Augusto Sarmento, *Antes masso do que estaca,* publicaremos outro no mesmo genero e do mesmo cavalheiro.

Escriptor d'uma imaginação viva, e conhecedor da linguagem e dos costumes do povo, o auctor da *Providencia* reune em si as condições necessarias para dignamente implantar entre nós o genero de contos, que Trueba inaugurou na Hespanha, e que têm grangeado ao poeta do Manzanares um nome popular e glorioso.

A FOLHA, accusada de mentirosa como um sorriso de senhora, de leve como um calix de champagne, e de caprichosa como o fumo d'um charuto, promette abandonar hoje a vida airada que a traz perdida no conceito das pessoas honestas.

Grave como o diabo depois de eremita, e assidua como um frade ao refeitorio, será vista quasi todas as noites, para se rehabilitar, nas salas das leitoras... bonitas.

824

[*A Folha*. Série IV (1872), n.º 6, p. 48.]

Expediente

Leitores! uma nova tristissima: a FOLHA suspende até ao proximo outubro.

Eis o que se passou no Olympo: «fas vobis limina divuum.»

Reunidos num congresso não menos solemne que o descripto por Camões no seu poema, nós, os deuses, debatemos a questão de saber se, nas actuaes circumstancias de lindissimo tempo, o facto das creações meramente espirituaes deveria subjugar o das psichico-physicas (Luciano Cordeiro, silencio!).

A discussão, sem resultado visivel, tinha já chegado aos paroxismos da voz em grita, quando a filha da espuma do mar, a deusa dos amores, levantando o reposteiro cósmico da sala ethérea, e sorrindo provocante, nos mostrou ao longe os bosques ondeantes de Amathunta.

Em face do gesto lindo, jurámos seguil-a; até os mais recalcitrantes curvaram as frontes: eram os deuses... casados.

E eis a razão por que a FOLHA suspende até ao proximo outubro.

Em vista do que fica dito, só mais tarde poderemos annunciar as obras que nos foram obsequiosamente offerecidas.

Desde já, porém, as agradecemos: a José Simões Dias, as *Ruinas;* a Candido de Figueiredo *Liberdade de industria* e *O municipio e a descentralisação;* a Cunha Vasco as *Leituras populares;* a Medeiros Botelho *O*

que é e o que deve ser a instrucção primaria; a Raphael Bordalo Pinheiro os *Apontamentos sobre a picaresca viagem*; a Campos Carvalho *O Sr. D. Pedro II*; a João Augusto d'Ornellas a *Arrependida*; a Luciano Cordeiro a *Litteratura como revelação social*; a Pinheiro Chagas o *Movimento Litterario em Portugal*; a Silva Ramos os *Adejos*; a Magalhães Lima as *Miniaturas romanticas*; a Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz as *Farpas*; a Luiz Guarrido os *Ensaios historicos e criticos*; a D. Antonio da Costa o *José de Castilho*; a Alfredo Campos a *Felicidade pela familia*; e a Oliveira Junior o *Jornal de horticultura pratica*.

Agora, o adeus lacrimoso.

Cavalheiros, um apêrto-de-mão á ingleza!

Formosissimas leitoras, este ramo de flores campestres!

O n.º 7 da FOLHA sairá em outubro. Concluida a 4.ª serie dar-se-á logo começo á 5.ª

Aos srs. assignantes das provincias pedimos o favor de satisfazerem com brevidade a importancia das suas assignaturas: 330 réis, em estampilhas de 25.

Os que já as pagaram por inteiro, e não quizerem esperar pela continuação da serie, queiram reclamar o que se lhes deve.

As collecções da FOLHA vendem-se pelos seguintes preços:

1.ª serie, 20 numeros	1$100 réis.
2.ª » 12	660 »
3.ª » »	» »
Os 6 numeros da 4.ª...	330 »

Toda a correspondencia, franca de porte, deve ser dirigida ao director da FOLHA, João Penha, Couraça de Lisboa, n.º 95 — Coimbra.

825

[*A Folha*. Série V (1873), n.º 1, p. 1.]

PREAMBULO

Nesta época terrivel em que duas sociedades oppostas, uma decrépita e moribunda, mas revigorada pelo intimo esforço da tradição e da fé; a outra, nova e robusta, mas enfraquecida pelo influxo de antigos preconceitos, tentam derrubar-se mutuamente em luta furiosa de gigantes; nesta época de tristeza, de exaltação nervosa, e de perplexidade, o canto dos poetas parece dever soar inopportuno, como risada estridente em sala funebre e luctuosa.

Esses homens, porém, manifestações do Pensamento absoluto, obedecem, quasi automatos, á fatalidade que os domina: a de reunir numa voz eterna e mysteriosa os sons dispersos da humanidade, que se agita inconstante.

Dos sorrisos e das lagrymas, de cada formosura e de cada monstruosidade, de todos os factos e de todas as ideas, tiram elles, como a abelha do calix da flôr, a melodia sonorosa e completa, que ha de mais tarde representar um seculo, uma época, uma civilisação: na bruma das idades só elles permanecem visiveis e inconcussos.

Os philosophos, que estudam origens e divindades; os sabios, que estudam mundos e constellações, só deveriam estudar poetas, que são o ideal mais puro das emanações do Indeterminado: são deuses,

são mundos: e se Anaxagoras disse que os homens tinham nascido para contemplar os astros, nós affirmâmos que os astros nasceram para contemplar os poetas: quando elles contemplam os astros, contemplam-se a si mesmos.

Ninguem ouse, portanto, acoimar de inopportuno o canto d'esses homens divinos; esse canto é logico e fatal; resulta d'uma lei absoluta e incoercivel e d'um facto que se revela.

Nem nos importe, se o não entendemos.

Se nos parece alegre e extemporaneo quando tudo é tristeza, lembremo-nos que na desgraça ha risos convulsos; se nos parece lamentoso e plangente quando tudo é vida e contentamento, lembremo-nos que na felicidade ha muitas vezes lagrymas.

Taes são os poetas.

Não nos compete julgal-os; compete-nos sómente ouvil-os.

Ouçâmol-os.

O que deixâmos escripto não nos pertence: é á mão subtil d'uma senhora, que nos foi dirigindo a penna sobre o papel, surprezo do que nelle se escrevia, que tudo deve ser attribuido.

Essa mão encantadora acaba de accrescentar:

«Os astros nasceram para contemplar os poetas: por isso os olhos das mulheres são astros.»

João Penha.

Coimbra, 26 de Fevereiro de 1873.

826

[*A Folha*. Série V (1873), n.º 1, p. 8.]

Expediente

De volta de uma longa viagem pelas indecisas regiões dos sonhos e da phantasia; depôsto o classico bordão, o já desconhecido alforge, e a primitiva sandalia do viandante; eis-nos de novo no mundo real, mais velhos um dia, mas anciosos dos prazeres da vida: o amor, o fumo, o vinho, o livro e o combate.

Para quem vem de constellações é isto pouco, mas ainda vale alguma cousa.

Para nós, o amor — é uma mulher sensivel e bella, um baile, uma noite, e o esquecimento.

O fumo — é o chibucca, o havano, o cachimbo turco e a cigarrilha hespanhola.

O vinho — é o porto, o madeira, o xerez, e o tokai.

O livro — é o *D. Juan* de Byron, as *Noites de Italia* de Musset, os *Canti* de Leopardi, as *Doloras* de Campoamor.

O combate — é a luta pelas bellas ideias, com a espingarda, com a penna, e com a palavra.

A vida, porém, não é só isto, mas pouco mais é necessario para a completar: — uma cousa fatal, que se observa em toda a parte, na officina do operario, na sala do pintor, no quarto da costureira, na bibliotheca do sabio: o trabalho. — E tres unicas viagens.

A viagem ao paiz da luz, ao Oriente: viagem de recreio.

O casamento, viagem ao paiz do gêlo, á Nova Zembla do amor: a da transfiguração.

E a viagem ao paiz do nada, a morte: a extincção da actual existencia.

Eis aqui tudo, eis no que se resume a vida.

É a estas realidades que nós descemos das nebulosas.

Divina leitora e musa! por esses mundos em fóra nada vimos que podesse comparar-se á tua formosura e á tua elegancia. Só onde existes póde existir a poesia.

Circumspecto leitor, e excellente companheiro de cafés! um aperto de mão. Só onde tu existes póde existir a prosa... a boa prosa.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director da FOLHA, João Penha, Couraça de Lisboa n.º 97, Coimbra.

PREÇOS

Trimestre ou doze numeros ..... 600 réis

Para as provincias ha o augmento das estampilhas.

Vendem-se algumas collecções das series publicadas.

827

[*A Folha*. Série V (1873), n.º 2, p. 16.]

Expediente

Guerra Junqueiro, poeta que os leitores da *Folha* ha muito conhecem, acaba de publicar n'um elegante folheto uma poesia intitulada — *Á Hespanha livre*.

A tendencia d'este escriptor para o genero de poesia, que vulgarmente se chama social, revela-se nos magnificos versos d'esta saudação á republica hespanhola com todo vigor, com toda a energia d'uma intelligencia que já não vacilla.

O rasgo seguro do verso, a grave harmonia das estrophes, a côr dantesca das comparações, a sciencia admiravel dos contrastes, e a vaga philosophia, que domina toda a composição, fazem d'este poema uma das mais notaveis publicações dos ultimos tempos.

Uns certos resaibos gongoricos, e uma exaggeração de ferocidade nas apostrophes dirigidas aos vencidos, uns uivos de hyena entre cadaveres, são defeitos de tão pequena monta que os não devemos lançar em rosto ao poeta : são manchas quasi invisiveis n'um sol radiante e pomposo.

Agradecemos o exemplar que nos foi obsequiosamente offerecido, e damos os parabens ao nosso illustre collaborador.

Vem a pêllo. O auctor do *Á Hespanha livre* chama-se Guerra Junqueiro.

Alguns periodicos fazem-no Junqueira, e outros Junqueira Freire, o poeta somnolento da *Estrella Vesper*.

Estas confusões parecem-nos irregulares, e pouco lisongeiras para a victima d'ellas.

Um nome é por vezes um indicio: uma cousa é Laranjo, outra cousa é... Laranja.

É por vezes tudo.

Temos recebido ultimamente as seguintes publicações: *O casamento dos padres*, por Luciano Cordeiro; *As Farpas*, por Ortigão; *A hora da luta*, por Silva Pinto; *A actualidade*, por Magalhães Lima; *O Espectro de Juvenal; Da propriedade* por E. Maia; e o *Panorama photographico*.

Desde já as agradecemos, e em breve daremos as noticias que lhes competem.

Cavalheiros! em quanto esperam, eis n'esta sala os albuns de Gavarni e de Cham, bons charutos hespanhoes, e duas garrafas de kummel.

Até logo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director da FOLHA, João Penha, Couraça de Lisboa n.º 97, Coimbra.

A Folha assigna-se nas terras seguintes:

Lisboa — Campos Junior, Rua Augusta.

Porto — E. Chardron, Livraria Internacional.

Braga — E. Chardron.

Coimbra — J. Melchiades, Calçada.

PREÇOS

1.ª serie,	20 numeros... .. .			1:100	réis.
2.ª	»	12	»	660	»
3.ª	»	»	»	»	»
4.ª	»	6	»	330	»

Trimestre ou doze numeros ..... 600 réis

Para as provincias ha o augmento das estampilhas.

Vendem-se algumas collecções das series publicadas.

828

[*A Folha*. Série V (1873), n.º 3, p. 24.]

Expediente

Entre as producções litterarias, que recebemos e nos compete agradecer, avulta o *Casamento dos padres*, obra succinta, mas conscienciosa, de Luciano Cordeiro, um talento pertinaz e robusto, o caracter mais stoico, independente e puritano, que a nossa republica litteraria possue e na realidade estima.

Luciano Cordeiro, n'este seu novo folheto, não estuda a questão do celibato dos padres á luz da sciencia physiologica; n'esse campo o voto de castidade perpetua é a violação d'uma Lei natural; não a estuda á luz da Economia social: para ella o principio do celibato é contrario á Lei da familia, a qual é o fundamento da sociedade.

Não a estuda, tão pouco, no campo da philosophia, nem podia estudal-a: uma religião não é mais que a traducção mysteriosa e symbolica das affirmações d'uma philosophia. O christianismo, ou seja catholicismo romano ou seja protestantismo, não é mais que uma das fórmas religiosas do Idealismo; ora, como para os que séguem o Materialismo, como Luciano Cordeiro, aquelle systema é falso em seus principios e consequencias, as maximas questões da religião christã, quanto mais as minimas, estão fóra ha muito do campo da discussão, por inuteis e sem fundamento real.

Não devia portanto estudar a questão como philosopho, mas podia fazel-o como analysador indifferente aos dous campos, e á luz da doutrina que cada um d'elles proclamasse.

Foi o que realmente fez, e d'um modo cabal.

Diz elle:

«Sobre motivos de natureza varia assenta na Egreja Catholica o principio do celibato clerical a velha condemnação da clerogamia. Seja ou não simples questão de disciplina, á Egreja compete resolvel-a no campo da sua constituição e da sua doutrina. N'outro campo, no da sciencia e da economia social a questão do celibato póde dizer-se resolvida. Mas não é n'este que a colloca Loyson. É no proprio seio da jurisdicção e da orthodoxia catholica que elle a põe para protestar que posto casasse é padre e catholico. Não é, não póde ser. É catholico quem está na Egreja e elle não está. É padre quem representa a Egreja e elle morreu para ella. Não é dogma o celibato clerical, mas como diz C. Bandeville — «se a verdade está no dogma, a sua força está na disciplina.»

Isto resume a ideia geral do folheto cuja conclusão final é que, até quando a Egreja não resolver o contrario, o padre não poderá casar, e, se o fizer, deixará de ser padre.

Nós seguimos estas mesmas ideias, parece nos, comtudo, que por influencia do Espirito Santo, e não pelos conselhos da Physiologia, e da Economia social, a Egreja permittirá em breve o casamento aos padres, os quaes poderão dar á christandade o exemplo da familia honesta e simples, em vez do exemplo d'uma familia á turca.

Recomendâmos o trabalho de Luciano Cordeiro á Faculdade de theologia, e aos que estudam Direito Ecclesiastico.

Temos em cima da meza mais dois livros, que nos foram obsequiosamente offerecidos, — *A mulher e a vida* pelo Dr. Praça, e o *Compendio de Poetica e estylo* por José Simões Dias.

Serão em breve annunciados com os elogios que merecem.

Aquelle verso da *Alemtejana:*

« Que de ti nasce o amor, com a fragrancia »

sahiu absurdo e tolo.

O auctor escreveu-o assim:

«Que de ti nasce o amor, como a fragrancia
Nasce da flor que a brisa affaga inquieta »

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director da Folha, João Penha, Couraça de Lisboa n.º 97, Coimbra.

PREÇOS

Trimestre ou doze numeros ..... 600 réis
Para as provincias ha o augmento das estampilhas.

Vendem-se algumas collecções das series publicadas.

829

[*A Folha*. Série V (1873), n.º 4, p. 32.]

Expediente

É sobremodo interessante e digno de ler-se o *Espectro de Juvenal*, periodico scientifico e litterario, que vê a luz publica em Lisboa, e cujo ultimo numero acabamos de receber.

Os cavalheiros que o redigem são dignos do applauso dos que estimam as lettras; são: Luciano Cordeiro, aquelle infatigavel trabalhador que os leitores da *Folha* já de sóbra conhecem; Guilherme de Azevedo, o cantor melodioso e vibrante das *Radiações Nocturnas;* Magalhães Lima, um novo e convicto apostolo das modernas theorias sociaes; Silva Pinto, o rude iconoclasta que não cede a preconceitos; e Gomes Leal, o poeta que ora nos parece da escola satanica, ora da escola chineza, porque a sua voz faz lembrar a do Espirito das Trevas, e os seus desenhos os d'um pintor de rabicho em porcelanas do Japão.

(Dizemos isto em bem, e não para desconceituar o estimavel auctor dos *Bocejos*.)

Com estes elementos, podemos affirmar ao *Espectro de Juvenal*, que será bem recebido em toda a parte.

Agradecemos os exemplares que nos têm sido enviados.

A Prosa, no ultimo numero do *Espectro*, diz que não entende o Preambulo da *Folha:* é natural.

Tambem a Poesia não entende o presunto de Lamego, e come-o.

Nós comemos o *Espectro*.

Ruinas, poesia social..... 400 réis.

Compendio de Poetica e Estylo, (para o 2.º e 3.º anno de Portuguez)..... 500 réis.

Estes dous livros de J. Simões Dias vendem-se em Vizeu, Coimbra, Porto e Lisboa.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director da Folha, João Penha, Couraça de Lisboa n.º 97, Coimbra.

PREÇOS

Trimestre ou doze numeros ..... 600 réis

Para as provincias ha o augmento das estampilhas.

Vendem-se algumas collecções das series publicadas.

830

[*A Republica das Letras*. N.º 1 (abril 1875), pp. 3-5.]

Introducção

Os prologos mais curtos são os melhores, e a razão é simples. Os livros da época actual, minguados no tomo, limitados em numero, e succintos na exegese e explanação das materias, nada tem de commum com as obras prodigiosas dos theologos e jurisprudentes dos seculos passados, vastas necropoles das idéas de civilisações extinctas.

Á exuberancia prolifica dos velhos letrados, succedeu a impotencia geradora dos escriptores modernos; de sorte que, se para as obras d'uns, profundos oceanos de palavras, onde os leitores eram Colombos e Gamas, eram de necessidade extensos prologos, que fossem bussola de viagens sempre tormentosas, e raras vezes concluidas,—para as obras dos outros, obras comesinhas e pouco volumosas, essa necessidade desapparece absolutamente, pois que o prologo d'um livro conciso não é mais que a synthese d'outra synthese.

Nós porém, neophytos de religiões ainda ha pouco desconhecidas, e prégadores de theorias novas, ainda não conseguimos desprender-nos completamente da religião do passado, dos velhos costumes de nossos paes.

Quantas vezes nos não pavoneamos de rabicho!

Um d'esses costumes obsoletos é o de não publicarmos livros sem que vão adornados com a inevitavel excrescencia dos prologos; não obstante, subjugados pela força das circumstancias, reduzimol-os, quasi sempre, a proporções microscopicas: é que obedecemos ao principio incontestavel de que, na época actual, a haver prologos — os mais curtos são os melhores.

Já assim não será nas épocas futuras.

O descobrimento e applicação de novas machinas á arte typographica; e o adiantamento prodigioso das sciencias e das artes, terão por effeito necessario uma tal abundancia de livros, que nem João dos Tempos, o legendario macrobio da India, se n'essas épocas vivesse, conseguiria catalogar, em toda a sua existencia, as unicas publicações d'um anno.

Os homens futuros, obrigados a seguir o movimento do seculo em que viverem para não ficarem estacionarios em meio do caminho do progresso, terão de se entregar, logo desde a infancia, ao estudo das velhas sciencias, e das sciencias novamente descobertas; mas como sobre cada ramo dos conhecimentos humanos haverá escripto um numero portentoso de livros, será adoptado o systema logico de reduzir a leitura d'esses livros á leitura de seus prologos; — systema já hoje seguido por grande numero de eruditos officiaes e authenticos.

Os prologos, então, parasitas dos livros, ganharão em volume o que estes forem perdendo em substancia; e tempo haverá, naturalmente o das virgens-mães de Augusto Comte, em que este ideal chegará a ponto que os livros constarão de um prologo, d'umas folhas em branco... e da taboa das materias!

Distante, porém, d'essas épocas de luz, e obrigado a respeitar os costumes do nosso tempo, compete-nos executar n'este lugar a symphonia de abertura d'esta nova publicação.

Mas, — fallece-nos a coragem: a symphonia d'uma opera illimitada seria tão incomprehensivel, mysteriosa, e confusa como as harmonias cahoticas do maestro d'Hoffman, na *Re-*

beca de Cremona; e mais longa, talvez, que as noites de Lamego, que são como as noites hyperboreaes.

Diremos, comtudo, suspendendo por agora a lyra silenciosa n'uma olaia do Permesso, que novas musas da arte nos prophetisam solemnes um futuro honroso nas vastas regiões das letras.

Confiâmos n'este augurio feliz.

Livres de todos os preconceitos, e reunidos fraternalmente n'esta *Republica,* que hoje fundamos, e onde todos seremos iguaes perante a honrosa dignidade que provém do trabalho, iremos levantando, pedra a pedra, como o velho Salomão da Biblia, o templo de marmore dos nossos ideaes.

Bons e justos, procuraremos nos antros da sociedade moderna os miseraveis da fome, e os miseraveis da opulencia, e levaremos, a uns, a consolação dos nossos cantares de renascimento; e, aos outros, o fel amargo das maldições populares; —poetas do amor, e homens do seculo, nas salas dos festins ruidosos, coroadas as frontes, celebraremos a suprema formosura das Galatêas, das Julietas, e das Ophelias de nossos dias; e, erguidas as taças, entoaremos o côro turbulento das francas alegrias da mocidade.

Confiemos, por tanto, no augurio feliz das novas musas da arte.

15 de março de 75.

João Penha.

831

[*A Republica das Letras*. N.º 1 (abril 1875), pp. 43-46.]

ULTIMAS LINHAS

Hesitámos sobre o titulo que dariamos a esta publicação, mas a final decidimo-nos pelo de *Republica das letras*.

Effectivamente, se escolhessemos o de *Monarchia absoluta das letras*, diriam nos cafés que, adoptando nós um regimen que a sciencia não tolerava e a civilisação repellia, além de desfraldarmos aos quatro ventos da terra o pendão exclusivo das escólas do passado, pretendiamos, de mais a mais, transformar os bons cidadãos portuguezes em vassallos das nossas letras, obrigando-os, sob pena de forca, a lerem com enthusiasmo e reconhecimento as nossas *Monarchias absolutas*.

Ora todos sabem que odiâmos tyrannias.

Se escolhessemos o de *Monarchia constitucional das letras*, teriamos de nos sujeitar ao principio das eleições populares; e os nossos leitores bojudos mandar-nos-iam, como representantes das letras, os burguezes mais analphabetos; — e as nossas leitoras, os janotas mais bonitos.

E nós, os prosadores e os vates da *Monarchia constitucional*, seriamos, uns, — corretores de praça; outros, — cambistas d'amores.

Communa das letras, era um bom titulo. Representaria um systema, cujo principio fundamental: — « a cada um segundo a sua capacidade, a cada capacidade segundo as suas obras » — sendo a glorificação do trabalho, deveriamos aceitar. Receiamos, porém, que algum membro da escóla satanica, abusando espiritualmente da semelhança euphonica da palavra *communa* com outra, que as nossas leitoras desconhecem, nos quizesse desconceituar aos olhos dos simples de espirito, que adoram escurrilidades de baixa esphera.

Decidimo-nos, em consequencia, pelo de *Republica das letras*.

Os nossos leitores, versados na historia de quantas republicas, imaginarias e reaes, tem existido na face da terra, desde as de Lacedemonia e Creta, até ás de França e Andorra, fizeram, de certo, um confronto entre os principios que as regeram, e os que devem reger uma collectividade litteraria, e por consequencia approvaram a nossa escolha.

As nossas leitoras, porém, que sabem das theorias de Moore, Campanella, Warville, Saint-Simon, Diderot, Saint-Just, Fourier e quejandos, a respeito das mulheres, talvez se arreceiem de nós, julgando-nos sectarios d'essas theorias lamentaveis.

Aqui juramos que não. Novissimos cavalleiros da Madre-Silva, e dignos da ala historica de Mem Rodrigues, nós e os nossos collegas, seremos vistos em breve, em justas e torneios, de fraque azul e monóculo no olho, a quebrar lanças, maiores que faias, em prol das nossas damas, e dos nossos futuros amores.

Por tanto, não se arreceiem de nós.

A poesia que hoje publicamos, intitulada *Um bote,* de Guilherme de Azevedo, não póde comprehender-se claramente, sem que transcrevamos do *Cenaculo,* excellente revista de litteratura, que vê a luz publica em Lisboa, os seguintes versos:

A UM RENEGADO

DA POESIA SOCIAL

Vate, que odeias as brizas!
Não ceifes na seara alheia:
Já que sofraldas a Ideia,
Não requestes Cidalisas.

Prosa e verso tem balizas:
Tu na prosa és de mão cheia;
Explora por tanto a veia
D'essas cousas que nos guizas.

Deixa-me o velho Collares,
E as brancas musas sem tosse,
E o paio dos meus cantares.

Respeita-me a lyra e a posse
D'estes assumptos vulgares:
Respeito ao doutor Pangloss!

Mas, contemos a historia desde o principio.

Em tempos que não vão longe, vira o sonoroso poeta das margens do Tejo, em certo baile, uma criança de 18 annos, mais formosa do que nenhuma das senhoritas que Sevilha e Cadix mostram cheias de orgulho ás nações estupefactas; — e desde logo o rigido cantor da *Alma Nova,* deposta a lyra das odes solemnes, se foi para as margens do mar susurrante, e no reconcavo d'um penedo, carcomido pelas ondas, com voz melliflua e dôce cantou os olhos escuros da menina encantadora.

O poeta do sonetilho, que nos mesmos lugares divagava solitario em procura da Ursa Maior, ouvindo o cantar da nova sereia, ergueu vozes de reprovação, assumindo o aspecto de censor intemerato.

D'aqui o soneto do philosopho enamorado.

Mas um bote... falso d'um mestre d'esgrima, em verso, é como um leve sopapo, vibrado pela mão d'uma senhora gentil: são duas cousas adoraveis: se os versos são bons, se a mão é elegante e bella.

Temos em nosso poder alguns livros, que obsequiosamente nos foram enviados, e de que hoje não podemos fallar aos nossos benignos leitores, por falta absoluta de espaço.

São, entre outros: *O Crime,* do poeta satyrico, de Freixo de Espada á Cinta, Guerra Junqueiro; — os *Meteoros,* de Guiomar Torresão, a musa distincta, que sabe escrever umas prosas de poeta, sem macular os dedos perfumados na tinta das cousas vulgares; e finalmente as *Viagens* (Hespanha, e França) e os *Thesouros d'arte,* do nosso collaborador Luciano Cordeiro, uma das mais robustas intelligencias da moderna litteratura portugueza.

As *Recordações,* que hoje publicamos, farão parte do segundo livro de *Viagens,* o qual se acha em via de publicação.

Mas, silencio! que os nossos leitores já dormem.

João Penha.

832

[*A Republica das Letras*. N.º 2 (maio 1875), pp. 42-45.]

ULTIMAS LINHAS

O livro mais notavel dos que ultimamente têm visto a luz publica em Portugal, é com certeza o das *Viagens* de Luciano Cordeiro, escriptor galhardamente conhecido entre nós como um dos mais estrenuos paladinos das idéas modernas de reforma geral.

A gravidade stoica do moço philosopho, attenuada não obstante por uma generosa condescendencia para com habitos mais geralmente seguidos; e o fim proveitoso a que sempre tem mirado em suas publicações, fizeram-nos desde logo conjecturar que as suas *Viagens*, previamente annunciadas, iriam occupar um logar distincto, não entre o primitivo *Roteiro da viagem de Vasco da Gama á India*, e as phantasticas *Viagens á lua* de Lucano e de Edgar Poë (Hans Pefall) ultimamente correctas e augmentadas por J. Verne; — mas entre as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, e as numerosas *Viagens* do magnifico hebdomadario parisiense *Le tour du monde*.

O novo livro, longe de desmentir estas nossas conjecturas, veio confirmal-as amplamente, revelando-nos, de mais a mais, em Luciano Cordeiro, qualidades novas, que ninguem lhe conhecia.

Effectivamente, na viagem a Hespanha ha capitulos, onde, a par do humor genuinamente britannico de Swift, e da ironia biliosa de Byron, encontrâmos a melancolica expansão e o religioso enthusiasmo de Lopes de Mendonça nas suas *Recordações de Italia;* — e o moço viajante, novo Protheu das letras, ora se nos afigura um simples *touriste* da Regent-Street, que de volta á patria conta a John Bull maravilhado uma scena de bandidos na floresta de Viterbo, uma serenata em gôndolas nas aguas do Rialto; — ora um poeta realista, que se desempenha generosamente de obrigações contrahidas com um editor opulento; — ora um historiador, que dos factos do passado quer deduzir a lei de evoluções modernas; — ora um philosopho, que sobre as ruinas d'um burgo solitario, reconstroe, pedra a pedra, columna por columna, um templo, um circo romano, uma cidade inteira; — ora, finalmente, um artista sincero, que se extasia em face dos esplendores da natureza, e das maravilhas da arte.

Haja vista aos capitulos que abrangem toda a *Viagem* a Hespanha. São capitulos verdadeiramente admiraveis.

Entre elles, não obstante, debalde procurámos um, que nos explicasse d'um modo cabal o estado de contínua agitação, a instabilidade de idéas politicas, a ancia de mutações inesperadas; a febre de revoluções, o amor pelo garrote, a veneração pelo carrasco e o beatifico enthusiasmo da nação hespanhola por tudo que seja ruina, destruição e morte; que nos explicasse a razão incoercivel d'esta evolução cahotica, em meio da paz tranquilla das outras nações da Europa.

Essa razão, quereis saber qual é?

O abuso do chocolate.

Os hespanhoes, como todos sabemos, conquistaram o Mexico em 1520, e quando voltaram á patria trouxeram d'aquellas regiões ardentes o fructo do cacaoeiro, e conjunctamente com elle, no porão das mesmas galeras, uns principes indigenas, os quaes em meio d'uma academia de cozinheiros doutos revelaram o segredo de o preparar á mexicana.

O povo hespanhol provou do novo alimento: achou-o bom, salutar, agradavel, aromatico; — e sorriu-se de contente, e bateu as palmas de jubilo, como era de uso no seculo XVI.

Os principes indigenas, como os augures de Cicero, tambem sorriram entre si.

Dentro em pouco a nova bebida tornou-se a bebida da moda, a bebida nacional, o alimento de todas as horas, a delicia de todos os paladares; e esta substancia, apparentemente inoffensiva, mas que tomada sem conta nem medida produz effeitos mais terriveis que o gin em Inglaterra, o cognac em França e o opio na Turquia, de tal modo se consubstanciou nos hespanhoes, que muitos d'elles, vistos de longe, pareciam feitos... de chocolate!

E este demonio insidioso, dominando, como senhor absoluto, em todo o canal digestivo da nação hespanhola, transformou este povo cavalheiro e generoso n'um povo intolerante, mau, colerico e hemorrhoidal.

D'aqui os autos-de-fé que caracterisam este periodo (1559). Estes autos eram, por assim dizer, o chá de flôr de malva, de que se usava então contra as ardencias intestinaes, de que todos padeciam.

O chocolate no entanto ia proseguindo na obra de destruição que havia encetado, e sem abandonar o canal digestivo da malfadada nação, passou a atacar-lhe a viscera das paixões violentas: o figado; — e para logo os descendentes de Ruy Diaz de Bivar, possessos do liquido que rescende á baunilha, se desentranharam em actos d'uma tal ferocidade, que o sol em varios dias, seus raios apartou da vista d'elles, como da seva mêsa de Thyestes, quando os filhos por mão d'Atreu comia!

D'aqui as guerras do absolutismo, que caracterisam este segundo periodo: o bilioso.

Actualmente, a nação hespanhola vae de mal a peor: um odio figadal, terrivel, incessante; um odio por tudo e por todos; um odio vago, sem sentido, sem causa, e sem razão, eis a suprema lei que lhe dirige os movimentos, e a vae aproximando das voragens insondaveis onde desapparecem as nações maldictas.

E Portugal, que, apesar de velho, ignora o que seja medo; — assiste á lucta em que ella hoje mesmo se debate, como assistiria n'um circo romano a uma lucta de elephantes e rhinocerontes: horrorisado!

Tal é, segundo nos parece, a causa da evolução moderna do povo hespanhol.

Conhecida ella, é facil ao rei salvar a Hespanha.

Os principes indigenas do Mexico já se acham amplamente vingados: — fuzile-se o chocolate!

Este capitulo não o encontrámos no livro de Luciano Cordeiro.

Mas voltemos ás *Viagens* do nosso excellente collaborador.

Uma das maiores difficuldades de execução litteraria é com certeza a descripção de paizagens. Innumeras soluções de continuidade, a impotencia do colorido, e a indecisão dos contornos, são defeitos que a penna mais vigorosa jámais poderá vencer completamente.

Balzac e Victor Hugo, que passam por mestres no genero, no desenho de suas paizagens não vão além da photographia, que é para a natureza, como diz Fargueil, o que o realejo é para a musica.

Pois bem, esta difficuldade, que um dos primeiros romancistas, e o maior dos poetas dos tempos modernos não poderam vencer, venceu-a Luciano Cordeiro.

Os seus panoramas são verdadeiros quadros a oleo. Nitidamente accentuados, e vigorosamente coloridos, vê-os o leitor deante de si tão perfeitos e acabados, como veria uma paizagem de Claudio Loreno.

É que Luciano Cordeiro nasceu pintor, e se um phrenólogo, discipulo de Gall, lhe estudasse as protuberancias craneanas, temos como certo que lhe encontraria amplamente desenvolvida a bossa da arte do colorido e do genio da pintura.

Recomendâmos as *Viagens* aos nossos benignos leitores: livros d'estes são raros.

* * *

Os filhos de Satan, os da flôr do mal ao peito, são ainda mais ferozes que seu papá.

Ora, Eduardo Vidal, que ainda os não conhece bem, vibrou-lhes a zarguncha da innocente da *Raposa e as Uvas*.

Ao prevêrmos um lance temeroso, e receando pela existencia litteraria do sonoro poeta do Chiado, pozemos em nossa fronte a galea, embraçámos o escudo, e erguida a lança, declarámo-nos em prol do satanismo desconceituado, e vibrámos o *Novo Petrarca* á propria face do maior dos nossos poetas lyricos.

Desculpe-nos o preclaro ancião; — mas era forçoso salvar o nosso Vidal... mesmo á custa da joven Lilia.

* * *

Entre os livros que nos tem sido enviados, avulta um de João Bonança, intitulado *Reorganisação social*. Tanto d'este, como dos outros, daremos em breve a competente noticia aos nossos fleugmaticos leitores.

João Penha.

833

[*A Republica das Letras*. N.º 3 (junho 1875), pp. 42-46.]

ULTIMAS LINHAS

Um dos muitos erros introduzidos ha cincoenta annos a esta parte na lingua dos Barros, Freires e Lucenas, é o de escreverem os nossos autores os nomes proprios estrangeiros, principalmente os gregos, como os escrevem os autores francezes.

Os nomes romanos, porque o estudo da lingua latina é quasi obrigatorio entre nós, teem escapado ás mãos da necedade, e vêmol-os escriptos com certa pureza regular em autores bem conceituados.

Em quanto aos nomes proprios gregos, a hecatombe é geral. Em livros de pseudo-classicos encontrâmos a cada passo, entre mil productos quejandos, aquella formosa creação da mythologia grega, Psiche (Psíque) transformada em Psichê; — Láis e Clóe, em Laïs e Cloé!

Vem isto a pêllo do soneto *To be or not to be,* que hoje publicamos, e onde alludimos á Bella Gioconda, uma obra prima da natureza, correcta por Leonardo de Vinci.

Esta formosa italiana, cujo nome completo é Monna Lisa del Giocondo, é entre nós a *Bella Juconde,* porque assim se escreve em francez. Ora, seguindo nós uma orthographia diversa, era de recear que algum dos nossos criticos da vasconsa, imaginando que mudámos *Juconde* em *Gioconda* por causa da rima, nos lançasse ao rosto os dous versos de Lope de Vega, attribuidos a certo escriptor nosso:

«Fuerza del consonante, a quanto obligas!
«Haces que sean blancas las hormigas!»

Por esta razão, decidimo'-nos a explicar aqui o motivo do nosso commettimento.

Dissemos que a gentil mulher de Francesco del Giocondo era conhecida na Italia por Monna Lisa del Giocondo, mas não é realmente assim: os artistas e todos os que prezam as bellas cousas da Arte, chamam-lhe simples e familiarmente, segundo o costume italiano, que era tambem o dos romanos, *La Gioconda, La Bella Gioconda.*

Em Roma, as mulheres dos Sempronios, eram Sempronias, as dos Fabricios, Fabricias. Em França, o costume é outro, é exactamente o opposto. Uma franceza, mudando de estado, segundo a phrase discreta do Codigo Civil, perde, além do nome de seus paes, o seu proprio nome de mulher. Apresentamos como exemplo M^me^ Emilio de Girardin.

Este costume, segundo a nossa opinião, tem como fundamento uma hypothese inverosimil: a hypothese de que a mulher franceza, casando, de tal arte se consubstancia no espirito, na carne, e no osso de seu marido, que deixa de ser o que era, e fórma com elle uma especie de ser hermaphrodita, um ente com as duas cabeças de Platão, uma para sentir, a outra para pensar.

Ora num paiz onde a philosophia, que mais sectarios conta, não é a de Spinosa, nem a de Kant, nem a de Fichte, nem a de Comte, mas a philosophia marital; e onde a respeito de certa occorrencia lastimosa a que só o homem está subjeito, se estabeleceu o principio (tam geralmente aceito, que hoje é tido por um logar commum) de que:

Quand on le sait, c'est peu de chose;
Quand on l'ignore, ce n'est rien —

neste paiz, dizemos, o fundamento real de semelhante costume, resulta da propria constituição das familias francezas, nas quaes não ha um chefe absoluto e unico, mas dous eguaes, e tão eguaes, que usam ambos do mesmo nome, tem os mesmos poderes, a mesma independencia, e o mesmo leito... nos quartos mais oppostos da casa.

O costume romano, seguido na Italia e em outras nações neo-latinas, tinha um fundamento poetico e natural. Uma romana, casando, nem perdia o seu nome proprio de virgem, nem a sua individualidade de mulher: adoptava o nome patronymico da familia para onde entrava, dando-lhe uma terminação feminina e dôce. Nem lhe competia representar o marido como soldado, nem como tribuno, mas era do seu dever represental-o como o escolhido dos seus amores, e por isso lhe effeminava o nome, como o sabia effeminar a elle proprio, quando ao voltar do Forum ou do campo de batalha, procurava no mysterioso gyneceu da casa, pequenino templo consagrado á Venus dos amores licitos, o repouso e a felicidade.

A Italia, como dissemós, adoptou este costume, assim como nós, que ainda o conservamos nas provincias do norte, provincias onde até agora não chegou a phyloxera do gallicismo impuro.

Ainda hoje não é raro o ouvir-se em Traz-os-Montes: «as senhoras Machadas; as meninas Coelhas.»

Em Lisboa, se algum marialva ouvisse este dizer, vêl-o-iamos, apopletico de riso, cahir de batecú nos passeios do Chiado, como se o vendaval d'um sôpro lhe desconjunctasse os membros lassos e retorcidos.

D'este nosso conversar não se tire por acaso uma illação errada; ninguem supponha que defendemos a immutabilidade da lingua e da grammatica. Idéas e cousas novas requerem palavras coevas, locuções da mesma edade; — e a grammatica, pela simples razão de que deve seguir as evoluções da lingua, só póde conservar verdadeiramente immutavel o principio moderno de que — ha sempre grammatica onde ha clareza na transmissão dos pensamentos.

Aceitâmos por consequencia os chamados gallicismos [1] quando são necessarios, ou quando representam um cambiante de pensamento que debalde se procurará nos termos que lhes são correspondentes na lingua portugueza.

Abramos aqui um parenthesis.

Como os nossos phleugmaticos leitores mandaram vir novas garrafas de *pale ale* de Bass, suppomos que nos é concedida a honra de continuar este discurso. Pela nossa parte, ousamos tomar a liberdade de offerecer a tam surprehendentes cavalheiros alguns dos magnificos charutos, que Eça de Queiroz e o barão de Roussado nos enviaram, um da Havana, o outro de Bordeus. São de contrabando.

Fechemos o parenthesis, atando o fio ao nosso discurso.

Attitude, arabesco, conjunctura, finanças, cadastro, e *parque,* são por exemplo, gallicismos necessarios e indispensaveis.

Saltar aos olhos, cahir das nuvens, são expressões francezas, que não podemos substituir por outras melhores, e que por tanto devemos aceitar.

Golpe d'olho, chefe d'obra, homem de baixa extracção, côres quentes (couleurs chaudes), *bloco de marmore,* e quejandas, não podem tolerar-se por contrarias ao genio da lingua, mal soantes, e inferiores, como expressão, ás nossas correspondentes. Para substituir a primeira temos, por exemplo, *volver d'olhos,* ou, como diz Francisco de Andrade, no *Primeiro cerco de Dio,* no canto IV: *virar d'olhos:*

«Vai-se ao longo do rio passeando,
Que dos seus apartar-se determina,
Com brando *virar d'olhos* alegrando
Ora aquella clara onda, ora a bonina.»

[1] Os francezes chamam gallicismos ao que nós chamamos idiotismos.

ou, *quebrar d'olhos,* expressão ainda melhor de Mousinho, no canto VI do *Affonso Africano:*

«Quem póde resistir a um dôce e brando
quebrar d'olhos, que as almas vai roubando?»

Aos outros gallicismos que mencionámos, correspondem, como todos os nossos leitores sabem, *obra prima, homem de humilde nascimento, côres ardentes,* e *pedaço de marmore.*

Neste ponto devemos notar que muitas palavras e phrases, que são tidas como gallicismos por certos escriptores ultra-puristas, não o são realmente.

Por exemplo: *avançar proposições,* phrase que D. Francisco de S. Luiz declara gallicismo no sentido de *affirmar ousadamente,* não nos parece que o seja, porque não é empregada no sentido que o illustre academico suppõe, mas no de *apresentar proposições novas, demonstrando-as.* É por consequencia uma expressão figurada, que tem boa analogia com a significação propria do verbo portuguez «avançar».

Outro exemplo: *um outro,* que o habil director do *Cenaculo,* revista litteraria de Tondella, descobriu nas *Viagens* de Luciano Cordeiro, não deve tachar-se de gallicismo. É verdade que no adjectivo *outro* está incluido o numeral *um,* mas o que póde resultar da união d'estes vocabulos é tão sómente um pleonasmo, e nunca um dizer só proprio da lingua franceza, como sem fundamento solido o pretende o autor do *Glossario.*

Ainda outro exemplo, e será o ultimo.

O verbo *fuzilar* que ainda ha pouco era um gallicismo inutil, é hoje portuguez, academico, official... e regenerador. Tinhamos o *arcabuzar,* mas, por obsoleto, já ha muito que tinha desapparecido com os arcabuzes d'onde nascera. Era por tanto necessario um verbo novo que viesse substituir o que o seculo destruira. Esse verbo é o que acima apontamos: diz a *Historia* que o devemos ao actual presidente do conselho de ministros.

Mas, — não são realmente os maus gallicismos de palavras os que nos trazem adulterada a lingua; são os gallicismos de syntaxe os quaes lhe vão transformando a indole, confundindo os systemas de construcção das duas linguas.

E este mal não tem remedio. Como as nossas producções litterarias: dramas, romances, poemas, folhetins, livros de critica, de scien-

cia e de historia, e até diccionarios, são traduzidos quasi todos, e traduzidos em vasconso puro, adoptou-se entre nós, por decencia e economia, o costume de lêr antes os escriptos originaes; e é d'este costume, em principio bom, que resultou o haver hoje em Portugal duas linguas: a que se fala, e a que se lê.

Ora, estas duas linguas, postas sempre em contacto, de tal modo e tam subtilmente se teem confundido, ainda nas intelligencias mais robustas, que muitos escriptores, não podendo já descriminar o que pertence a uma, e o que pertence á outra, escrevem muitas vezes como lêem, julgando escrever como falam.

Por estas razões, estamos bem de assento que é inevitavel a transformação completa da lingua de Camões, e que serão os modernos faias da litteratura espirituosa os que lhe darão o ultimo golpe.

Haja vista á sua linguagem de todos os dias, só comparavel á d'um alumno de francez, traduzindo em face d'um clerigo de Moimenta da Beira, seu digno mestre, uma pagina de A. Karr ou de Méry!

•

— Mas, dirá algum dos leitores que nos escutam, referindo-se ás *Claridades do Sul,* este livro é bom!

— É admiravel, respondemos nós, só é pena que fosse escripto pelo Gomes Leal...

Além das *Claridades do Sul,* recebemos ainda o segundo livro de *Viagens* de Luciano Cordeiro; — *Lições de litteratura portugueza,* de J. Simões Dias, *Bibliographia da Imprensa da Universidade* (72 a 73) de Seabra de Albuquerque, e o *Christianismo e o progresso* de D. Antonio da Costa.

De todos estes livros, como dos anteriormente recebidos, daremos a noticia que merecem aos nossos benignos leitores.

834

[*Novos e Velhos*. N.º 5 (5 abril 1897), pp. 78-80.]

A PHARMACIA

TODO o poeta, que se présa, vive no horror dos erros typographicos, e isto não só porque d'elles pode resultar, pela alteração do pensamento, que uma poesia, trabalhada para fazer chorar, faça rir, mas tambem porque a ondulação harmonica do verso, subitamente interrompida por um som estranho, produzirá um effeito egual ao que, antigamente, na orchestra do theatro academico, produsia o rabecão grande de Mestre Luisinho, quando em meio da vibração cadenciada de todos os instrumentos, qualquer travesso estudante lhe desandava, sorrateiramente, uma caravelha: em meio, por exemplo, do melancolico terceto da *Lucia*, ouvia-se de repente, com hilariante surpreza como que o ornear de um jumento.

E' por estas rasões que os poetas, e até os prosadores, quando esse desagradavel phenomeno se dá, berram e gritam como *gralhas*.

Será esta a origem da palavra?

Responda-nos Caturra Junior, o paciente investigador dos obsoletos dizeres de nossos paes, e de muitas outras coisas preciosas, philologicamente fallando.

A esse mesmo phenomeno chamam os francezes *coquille*, concha, casca. Porque?

Seria esta palavra inventada pelos typographos d'além dos Pyreneus, por vingança contra os escriptores dubios que, de ordinario, para se desculparem dos erros que commettem, lh'os lançam denodamente aos hombros? Talvez: a *coquille encobre* sempre um animal feio e estupido: *bête comme une huître* é phrase que em França anda na bocca de todos, como o conteudo da mesma, no plural, anda em todos os estomagos,—e assim, não nos parece desarrasoada a nossa interpretação: a *ostra* seria o escriptor, a *coquille* o erro typographico que lhe encobre a estupidez.

Elucide-nos, elucide-nos a este respeito, amavel Caturra Junior, que nós, tendo, como pharmaceutico distincto que somos, de dourar a pilula que estamos manipulando para os nossos inquietos leitores, vemo-nos obrigado a abandonar, embora com pena, este importante assumpto etymologico.

Diziamos, pois, que todos os escriptores berram como gralhas, quando em suas prosas, ou em seus versos, lhes apparece qualquer erro typographico: esse berrar desabrido é um allivio que lhes distende os nervos, e que, até certo ponto, os consola, obstando muitas vezes a que um sangrento humicidio se projecte, prepare e commetta.

Imagine-se, porém, que a victima, por se achar já no Nivarna, ou em qualquer outra das regiões mysteriosas inventadas pelos philosophos, já não pode berrar. N'esse caso como deverá proceder-se?

Por humanidade, e pelo respeito devido á memoria da victima, deverão os vivos berrar por ella.

E' o que nós fazemos, n'este momento, pelo mestre, por Camillo Castello Branco.

Em todo o artista ha duas pessoas distinctas: o homem commum, o da vida externa e ruidosa, que come, bebe, fuma e se reproduz, como toda a gente; e o homem excepcional, o do silencio e da noite, que tambem come, bebe, fuma e se reproduz, mas espiritualmente; as reproducções d'aquelle só algumas vezes são feitas á sua imagem e semelhança; as d'este sempre, e é por isso que Buffon dizia que o estylo era o homem.

Ora, como em Camillo Castello Branco existiam, bem caracterisadas, estas duas naturezas, as quaes, ainda assim, não são tão distinctas ou oppostas, que não influam uma sobre a outra, não admiraria que elle, possuidor como era de um verdadeiro estomago de Gargantua, escrevesse, depois do opiparo repasto que, no castello de Riba-Cavado, lhe tinham offerecido os solarengos de Vilhena, o soneto, que sahiu no terceiro numero d'esta revista, pela forma que os nossos Gutenbergs o composeram.

E' certo, porém, que não succedeu assim, porque tendo logrado sahir do ruidoso banquete com a alma intacta, embebida no mais ideal romantismo, escreveu-o d'este modo:

Que tarde!...

Meu Deus! Que immenso amor n'esta tristeza!
Que doçuras nos dás embalsamadas
Em perfumes do céu! que magas fadas
Vestiste aqui do alvôr da Natureza!

Qual é que em ti não sente a alma acceza,
O' Palmeira gentil, nas encantadas
Visoens d'um santo amor, quando inspiradas,
De ti nascem paixoens que a alma presa!.

Quem foi que aqui não viu sorrir-lhe a vida
N'estes prados, alem n'aquellas fontes
Que murmuram canções com voz carpida?

Oh! vêde-me estes céos! Vêde estes montes!
Quem pode aqui viver que, a mente erguida,
Não vá curvar-se a Deus nos horisontes!

Paço de Palmeira,
11 de junho de 1851.

Camillo Castello Branco.

*

E eis aqui, amaveis leitores, como um pharmaceutico, mais ou menos habil, consegue dourar a pilula.

Mas, batem-nos á porta.

—«Quem é?»

Voz:—«Desejava que me aviasse uma receita».

—«Repito: quem é? Esta pharmacia não é de serviço permanente: depois de fechada não torna a abrir-se.»

—«Sou D. João de Castro.

—«Ah! bem sei: o que empenhou as barbas na India. Então voltou incommodado de saude?

—Quer disfructar-me?

—«Longe de mim tal pensamento. Emfim, o que deseja?

—«Que me doure uma pilula: no meu artigo ácerca da *Pharmacia Pires* espiritualisaram-me *nervos* por *versos*.

—«A'cerca da *Pharmacia Pires?* O que o sr. é é um intrigante que anda a fazer reclamos, por dinheiro, a favor de um collega! Pois vá ao Pires que lhe avie a receita. Boas noites!

D. João, mostrando o punho fechado para a janella;—Vai-te ao diabo, immundo boticario, encarnação grotesca da *Mãe Seigle*. Já não tornas a enganar ninguem!

Um deputado.—Appoiado!

O *Trindade Coelho*:—Demais, agora já se não escreve assim.

O Realismo, capitaneado por E. de Goncourt:—Blagueur!

Eugenio de Castro:—Enforque-se, estrangule-se com um verso livre de 20 pès: *Vanadio*, pega d'ahi n'esta ponta!

Um ventriloquo, imitando a voz do Pedro Penedo atravez de uma cabaça:—Estou satisfeito!

Ao ouvir-se esta voz terrivel todo o ajuntamento se dispersou como que por encanto.

E assim terminou este notavel episodio.

J. Rocha.

** Texto publicado sob pseudónimo.

835

[*Novos e Velhos*. N.º 9 (5 junho 1897), pp. 137-139.]

LUAR EMPALHADO

Com o mais profundo mysterio foi-nos entregue uma carta, sem endereço, que trazia no seu interior umas estrophes de François Coppée, o immorredoiro parnasiano, o maior poeta de que, actualmente, se gloría a França, e uma traducção, bastante livre, ao lado. A assignatura do traductor foi-lhe cortada, mas as letras, verdadeiras *pattes de mouche*, revelam um punho feminino.

Mais, porquoi ce mystère?

Terrores, talvez, de Julio Dantas, o qual, como Richepin sobre a carcassa do mundo, com as *Blasphemias* na mão, para as atirar ás faces de qualquer Deus que ouse apresentar-se-lhe no fim das cousas,—está, com a nossa divina collaboradora D. Guiomar Torresão nos braços *(honni soit qui mal y pense)* para a atirar ás faces de qualquer senhora que se atreva a surgir no mundo das letras patrias:

Deploravel aspecto!

Se essa foi a causa de tanto mysterio, tranquilise-se a joven escriptora, porque o poeta inexoravel, a quem Fernandes Costa já tem a barba tesa, vae perdendo terreno, e em breve o veremos despedaçado, como Orpheo, *disjecta membra poetæ*, não pelas bacchantes, mas por umas deliciosas musas, que o são nossas, como as gregas o foram d'ellas.

Mas, voltemos ao assumpto que nos occupa: os versos de François Coppée.

São estes:

Les trois oiseaux

J'ai dit au ramier: «Part, et va quand même,
Au déla des champs d'avoine et de foin,
Me chercher la fleur, qui fera qu'on m'aime.»

Le ramier m'a dit: «c'est trop loin!»

Et j'ai dit à l'aigle: «Aide moi ! j'y compte,
Et si c'est le feu do ciel qu'il me faut,
Pour l'aller ravir prends ton vol et monte !»

Et l'aigle m'a dit: «C'est trop haut !»

Et já dit enfin au vautour: «Dévore
Ce coeur trop plain d'elle, et prends en ta part,
Laisse ce qui peut être intact encore.»

Le vautour m'a dit: «C'est trop tard !»

Agora a traducção;

As tres aves

Eu disse ao pombo: «Vòa em busca d'uma flor,
Que vive além e exhala aroma inebriante,
Aroma que Ella aspire e seja o meu amor.»

O pombo respondeu: «E' mui distante !»

Pedi depois á aguia: «Ajuda-me a subir,
Espero o teu valor no arriscado assalto:
Vamos roubar ao ceo o igneo elixir.»

Mas a aguia respondeu: «Está muito alto!»

Chamei enfim o abutre, e disse-lhe: «Devora
Meu coração que ama, e já em chamma arde,
Mas, deixa alguma parte, em que ella inda não mora.»

O abutre respondeu: «E' muito tarde!»

Esta traducção, algo livre, talvez ficasse melhor com alguns retoques, cousa realmente de pouca importancia, como todos os dias voseam uns certos criticos: a idea é tudo, a fórma uma cousa insignificante, arabescos chinezes de quem não tem em que melhor empregue o seu tempo.

Por exemplo:

As tres aves

Eu disse á pomba: Parte em busca dé uma flôr,
Que me enfeitice aquella que, se chóro, zomba,
Uma flôr que ella aspire e a curve a este amor.

«E' muito longe!»—respondeu a pomba.

Disse depois á aguia: «Ascende ás nuvens rubras.
Esta angustia d'amor, atroz, cruel, esmague-a
O raio destruidor,-que lá nos ceus descubras!

«E' grande a altura!»—respondeu a aguia.

Chamei o abutre emfim: — «Devora, famulento,
Meu coração que a ama, e d'esse amor se nutre;
Mas, não toques na parte, em que elle se ache isento.

«Agora é tarde!» — respondeu o abutre!

Em todo o caso, tudo isto não passa de luar empalhado, como dizia H. Heine de poesias transladadas a outra lingua.

J. Rocha.

** Texto publicado sob pseudónimo